AS REGIÕES

AMAZONICAS

BARÃO DE MARAJÓ

AS REGIÕES AMAZONICAS

ESTUDOS CHOROGRAPHICOS

DOS

ESTADOS

DO

GRAM PARÁ E AMAZONAS

LISBOA
IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
91 — Rua do Norte — 91
1895

BELEM DO PARÁ
1890 a 1894

AS REGIÕES AMAZONICAS

CAPITULO I

A AMAZONIA

SUA POSIÇÃO ASTRONOMICA.— LIMITES DOS DOUS ESTADOS DO PARÁ E AMAZONAS COM DIVERSAS NAÇÕES E ESTADOS DO BRAZIL.— CLIMA, TABOAS METEOROLOGICAS.— HYDROGRAPHIA DO AMAZONAS.— BACIA AMAZONICA, SUPERFICIE DE SUAS AGUAS.— SUA GRANDEZA E SUA RIQUEZA.— BERÇO DO AMAZONAS E SEU CURSO NO TERRITORIO BRAZILEIRO E FÓRA D'ELLE.— SEUS DIVERSOS NOMES, LARGURA, CORRENTE E PROFUNDIDADE, MARÉS, VOLUME DE SUAS AGUAS.— ENCHENTE E VASANTE, VARIEDADE DE EPOCHAS PARA UMAS E OUTRAS.— DIVISÃO DAS AGUAS, ILHAS, DELTA.— THEORIAS GEOLOGICAS.— COMMUNICAÇÕES PELO AMAZONAS COM OUTROS PAIZES.— OROGRAPHIA.

Ainda ha bem poucos annos, os nomes das duas então provincias amazonicas, Pará e Amazonas, eram senão ignoradas, apenas conhecidas dos brazileiros e de alguns estudiosos que na Europa liam antigas chronicas e narrações de viagens; e é de notar que mesmo nos Estados do Sul da Republica brazileira ellas eram imperfeitamente conhecidas, e a maior parte dos habitantes d'elles se affiguravam estes dous Estados sómente como serras habitadas por hordas de selvagens bravios, como inhospitos e invios sertões com poucos e mingoados povoados em que abundam os animaes e aves, das quaes tão lindas amostras lhes chegam ás mãos levados nos vapores que navegam desde o Rio de Janeiro até Manáos.

Na Europa não poucas e inexactas apreciações tem sido publicadas como o provam as obras de Emile Carrey e de

Biard, e outras de escriptores mais serios francezes e allemães que até em tratados escolares de geographia tem inscriptos verdadeiros erros. É por isso que nós os filhos da Amazonia, isto é os nascidos nos dous Estados banhados pelo Amazonas, não devemos pronunciar sem reconhecimento os nomes dos que tem escripto sobre ellas, sem tocar os extremos de uma ignobil maledicencia, ou de uma benevolencia exagerada.

O verdadeiro conhecimento, a revellação do que é a Amazonia com excepção dos estudos das commissõe geographicas portuguezas é muito moderna, os seus recursos, a sua riqueza o seu brilhante futuro, só ha poucos annos tem sido descortinado ao resto do mundo, chamando a attenção do commercio e da industria, e este serviço é quasi exclusivamente devido aos que tem publicado nos jornaes e nos livros aquillo que tem visto e estudado em suas viagens n'estas regiões distantes, como são: Humboldt, Baenna, Wallace, Bates, Chandless, Brow & Lidstone, Maury, Castelnau, H. Smith, E. D. Mathews, Tavares Bastos, Agassiz, S. Coutinho, Ferreira Pena, Spix e Martius, Edward, Wienner, e outros, além da imprensa paraense que nos ultimos annos tomou a si o fazer conhecer os paizes, os rios, os productos que guardavam os nossos extensos territorios. As exposições nacionaes e mais ainda as internacionaes e as conferencias e escriptos de alguns brazileiros que a ellas concorreram acabaram a obra começada, e hoje o rio-mar é sulcado por grande numero de vapores que levam os nossos productos aos mercados de todo o mundo.

A posição astronomica dos dous Estados, é a seguinte: o do Amazonas está collocado entre 5° 10′ de latitude Norte e 10° 20′ de latitude Sul, e entre 13° 40′ e 32° de longitude occidental.

Segundo os mappas levantados em differentes epochas pelos portuguezes, e depois pelos brasileiros, este Estado de Norte a Sul, entre as nascentes do rio Mahu e o Javary tem uma extensão de 2400 kilometros, e de Leste a Oeste

desde as nascentes do Cumiary até a embocadura do rio das Tres Barras no Tapajóz 2:000 kilometros. É limitado ao Norte pelas republicas de Nova Granada e Venezuella e pela Guyana ingleza, ao Sul pela Bolivia e pela provincia brasileira de Matto-grosso, por Leste, pelo Pará e pela Guyana ingleza, e por Oeste pelo Perú e Nova Granada.

A posição astronomica do Pará se acha determinada pelas posições de 4° 10' de latitude septentrional e 8° 40' de latitude meridional; e quanto a longitude, demora entre 2° 10' e 15° 20' de longitude occidental.

É o Pará limitado ao Norte pelo Oceano atlantico, e pelas Guyanas, Franceza, Hollandeza e Ingleza; pelo lado de Matto-grosso pelos montes Gradaús e pelos rios Fresco e Caray que se lançam no Tapajóz; de Maranhão é separado pelo rio Gurupy, assim como de Goyaz o é pelo rio Araguaya. A sua area calcula-se aproximadamente ser de 1.744:000 kilometros quadrados.

A area dos dous Estados reunidos tem sido calculada ora em 3.044:732 ora em 4.617:360 kilometros quadrados, mas o maior numero dos que tem estudado este assumpto a suppõe ser de 3.050:000 kilometros quadrados.

Sobre este assumpto que tão resumidamente ennunciei, permitta-me o leitor que me alongue um pouco, não só quanto aos limites, como tambem que enumere e apresente alguns apontamentos historicos a elles relativos, e finalmente diga alguma cousa da navegabilidade do Amazonas e seus affluentes.

Começarei pela Bolivia. Não foi sem difficuldade que o tratado de 27 de Março de 1867 veio pôr ponto á velha questão de limites que nos ameaçava de nunca poder acabar, pela animosidade que parecia haver contra o Brazil, a quem attribuiam vistas ambiciosas sobre o territorio da Republica; e tambem porque os adversarios do general Melgarejo, lançavam mão do tratado como de arma politica contra o presidente que o celebrava.

Os folhetos, os livros publicados n'esse sentido são numerosos, e como se taes meios não bastassem, ainda as

nossas complicações com o Paraguay, e a guerra dos cinco annos, vieram, como que, augmentando as sympathias da Bolivia por uma nação da mesma origem que ella, accrescer á má vontade contra o então imperio brasileiro.

Os adversarios do tratado de 1867, baseavam-se no tratado de Tordesillas de 1777, e só ás suas disposições attendiam para o desenlace da questão, entretanto que a guerra entre Portugal e Hespanha annulara tal tratado, e a mesma Bolivia legislara em contrario ás disposições d'elle, no que respeita a extradição de escravos, authorisada pelo artigo 19.º; e em 1838 recusando-se á entrega de criminosos ao Brazil, de novo infringira as disposições do mesmo tratado, ainda que com honra para a sua moderna legislação.

Força é confessar que o plenipotenciario brasileiro Lopes Netto apresentando a doutrina do *uti-possidetis*, que acabando com as difficuldades dos antigos tratados das metropoles nos permittio terminar nossas questões territoriaes com varias potencias limitrophes, comprehendeu e bem que aquelle principio nem por isso devia ser tomado como barreira inquebrantavel para qualquer concessão que facilitasse um accordo equitativo, e deixando argucias que não constituem diplomacia, preferiu levar ao animo predisposto do governo da Bolivia a convicção das reciprocas vantagens, e conseguiu a ultimação do tratado de que fallamos, tendo dado posse a Bolivia nas lagôas Mandioré, Gaiba Uberaba e Caceres, que com a Bahia-Negra, a constituiram ribeirinha do rio Paraguay pela sua margem direita; e ainda nos terrenos situados na parte oriental da serra de Chiquitos, e nos terrenos situados entre Rio Verde e o Paragaú; concessões que com a navegação do Madeira abriram á Bolivia horisontes amplos para o seu commercio até então restricto ao porto de Cabija.

Por seu lado a Bolivia passando a linha do Madeira para Oeste, tirada uma parallela na latitude S. de 10° 20′ até o encontro do Javary, foi equitativa para o imperio.

A grande vantagem para a Bolivia foi vêr o seu commerció livre da imposição que por um lado lhe fazia o Perú

e por outro o Chile, pois que a navegação do Madeira lhe dá livre transito para o Atlantico e portanto com a Europa.

Este tratado felizmente, para muitos homens eminentes da Bolivia teve o seu verdadeiro valor, e o consideraram como uma era notavel para o futuro do seu paiz.

Sem me alongar sobre todas as disposições do tratado, tocarei só no que disser respeito á descripção geographica das linhas que limitam o territorio brasileiro.

« A fronteira entre o Imperio do Brazil e a Republica de Bolivia, partirá do rio Paraguay na latitude de 20° 10', onde desagua a Bahia-Negra, seguindo pelo meio d'esta até ao seu fundo; e d'ahi em linha recta á lagoa de Caceres, cortando-a pelo seu meio; irá d'aqui á lagôa Mandioré, e a cortará pelo seu meio; bem como as lagôas Gahiba e Uberaba, em tantas rectas quantas forem necessarias, de modo que fiquem do lado do Brasil as terras altas das Pedras de Amolar e da Insua.

«Do extremo Norte da lagôa Uberaba, irá em linha recta ao extremo Sul da Corixa-Grande salvando as povoações brazileiras e bolivianas, que ficarão respectivamente do lado do Brazil ou da Bolivia; do extremo Sul da Corixa-Grande, irá em linhas rectas ao Morro da Boa Vista, e aos Quatro Irmãos; d'estes tambem em linha recta até ás nascentes do Rio Verde, baixará por este nó até á sua confluencia com o Guaporé, e pelo meio d'este e do Mamoré até o Beni onde começa o rio Madeira.

D'este rio para o Oeste seguirá a fronteira por uma parallela tirada da sua margem esquerda na latitude Sul de 10° 20' até encontrar o rio Javary.

Se o Javary tiver as nascentes ao Norte d'aquella linha Leste-Oeste, seguirá a fronteira desde a mesma latitude e por uma recta a buscar a origem principal do dito rio Javary».

Houve reclamações da parte do Perú e da Columbia contra este artigo, mas as do primeiro foram destruidas pela Bolivia em um folheto do Sr. José R. Gutierrez intitulado « A questão de limites entre o Brasil e a Bolivia» 1868, publicado em La Paz.

As da Columbia foram refutadas pelo sr. Azambuja, nosso ministro, o qual mostrou peremptoriamente que todas as linhas estabelecidas no tratado se achavam exclusivamente em territorios do Brazil e da Bolivia, e que ainda mesmo concedendo aos Estados Unidos da Columbia o maximo de suas reclamações, até as que fundava nas *Reaes Cedulas*, ellas não alcançavam os terrenos alludidos no tratado.

Em relação ao Perú tambem foi demorada a definitiva solução sobre os limites do Brazil, e aqui cabe louvar os diversos ministerios que fizeram executar os trabalhos geographicos que nos deviam levar ao completo conhecimento do rio Amazonas, seu curso e inflexões, condições estas indispensaveis antes da publicação do decreto de abertura do Amazonas ao commercio das diversas nações.

O ministerio que fez promulgar o decreto de abertura foi presidido pelo Conselheiro Zacharias de Goes Vasconcellos sendo ministro de negocios estrangeiros Antonio Coelho de Sá Albuquerque. A data do decreto é de 7 de Dezembro de 1866. No seguimento d'esta obra me occuparei da abertura do Amazonas, agora porém só fallarei do que respeita aos limites do Brazil com o Perú, que foram fixados da seguinte maneira no artigo 7.º do tratado de 23 de Outubro de 1851.

«Para prevenir duvidas a respeito da fronteira aludida nas estipulações da presente convenção, concordam as altas partes contractantes em que os limites do Imperio do Brazil com a Republica do Perú, sejam regulados em conformidade do principio —*uti-possedetis*—, por conseguinte reconhecem respectivamente como fronteira a povoação de Tabatinga, e d'ahi para o Norte em linha recta a encontrar o rio Yapurá [1] defronte da foz do Apaporis; e de Tabatinga para o Sul o rio Javary desde a sua confluencia com o Amazonas».

Foram nomeados commissarios para dar começo ás de-

[1] Japurá ou Yapurá.

marcações, apresentando-se o commissario brasileiro capitão tenente José da Costa Azevedo em 1861, ao passo que o comissario peruano almirante Mariategui só em maio de 1863 compareceu, e não tendo podido o governo do Brazil concordar com as propostas d'este, foi elle substituido pelo capitão de mar e guerra Carrasco, e pela parte do Brasil outra vez mandado o mesmo official, tendo sido fixado e reconhecido o Igarapé Javary como ponto limitrophe, e a linha que d'esse ponto parte em direcção ao meio da foz do rio Apaporis e vae cortar a margem direita do rio Japurá no logar em que foi plantado o marco, de cuja collocação dou em seguida o termo de assentamento.

« Aos vinte e cinco dias do mez de Agosto do anno do nascimento de N. S. Jesus Christo, de mil oitocentos e setenta e dous, quinquagesimo segundo da Independencia da Republica do Perú e quinquagesimo primeiro da emancipação politica do Imperio do Brasil, sendo chefe supremo do Perú o Ex.mo Sr. D. Manuel Pardo, e governando o Brasil como seu Imperador Constitucional e Defensor perpetuo, S. M. o Sr. D. Pedro 2.º, reuniu-se na margem direita do Japurá, no ponto que demora ao rumo verdadeiro — 10° 20′ 30″, 2 S. O. (dez gráos, vinte minutos e trinta segundos e dous decimos sudoeste) ao meio da foz do rio Apaporis que lhe fica em frente, a comissão mixta nomeada por ambos os governos para demarcar a fronteira entre os respectivos paizes, a qual se compõe dos seguintes senhores por parte do Perú F. F... e por parte do Brazil F. F... Em virtude dos poderes de que se acham revestidos e depois de todas as observações e calculos a que previamente procederam, concordaram os ditos senhores commissarios que a linha de fronteira estabelecida nos tratados em vigôr de 23 de outubro de 1851 e 18 de outubro de 1858, partindo da nascente do Igarapé Santo Antonio em Tabatinga (já solemnemente reconhecido por ambos os estados como ponto limitrophe) e seguindo em direcção ao meio da foz do rio Apaporis no rumo verdadeiro de 10° 20′ 30″, 2 Nordeste, vem cortar a margem direita do rio

Japurá no logar onde acabam de plantar este marco que depois será substituido por outro solido e definitivo na mesma posição e logar cujas coordenadas são as seguintes:

Latitude 1° 31′ 29″, 5 Sul
Longitude 69° 24′ 55″, 5 Oeste

É facil de encontrar em qualquer epocha este marco porque do ponto em que está collocado demoram:

A ponta do Inhambú por 43°, 12′, 30″ Sueste verdadeiro, a ponta Nordeste da Ilha do Inhambú por 58° 19′ Sueste verdadeiro, e a ponta mais sul da Ilha do Veado por 68° 19′, 30″ Sueste verdadeiro, na distancia aproximada de cem metros.

O marco é construido de (1)........................

Na face de Oeste tem a seguinte inscripção:

ESCUDO DA REPUBLICA
LIMITE DO PERÚ
25 DE AGOSTO
1872
Presidente da Republica F......

Na face leste, as armas do Imperio.

LIMITE DO BRAZIL
AGOSTO 25
1872
Imperador do Brazil
o sr. D. Pedro 2.°

Na face Norte Latitude 1° 31′ 29″, 5
Longitude 69° 24′ 55″,5

«Vem da vertente do Igarapé Santo Antonio em Taba-

(1) Este periodo omittido refere-se á madeira e forma porque era construido o marco.

tinga, atravessando o Rio Içá, no ponto em que está plantado um marco identico.

N'esta occasião se fez adjudicação das ilhas comprehendidas n'esta parte do Rio, de conformidade com as regras estabelecidas, tocando ao Perú as de Saniá, Piuirs, Tambaqui e Acari, e ao Brazil as da Paxiuba, a do Veado por cuja meia extensão passa a linha da fronteira que segue d'alli até á foz do Apaporis, pelo canal principal do Japurá.

Para tornar mais solemne...[1]

Do presente termo lançado n'este livro serão tiradas quatro copias, duas em castelhano e duas em portuguez, as quaes depois de legalisadas com as competentes assignaturas do proprio punho, serão enviadas pelos commissarios aos respectivos governos.

Com fé do que fica acima consignado, assignaram todos o presente termo no mesmo dia e logar da cerimonia.

Manuel Ronan y Paz Soldan...[2]
Antonio Luiz von Hoonholtz...[3]
Froylas Placido Morales.
José Candido Gurlobel.
Gregorio Carlos Escardó.
Carlos Guilherme von Hoonholtz.
Dr. Luiz Carneiro da Rocha.
Bernardo Coronel...[4]
Carlos La Torre...[5]

Com a republica de Nova Granada foram entaboladas negociações, que ficaram infructiferas, pois que as propostas feitas pelo Brazil em 1853 (25 de Junho) foram recusadas, por isso cada uma das nações traçou os seus limites

---

[1] O periodo omittido referia-se aos festejos e salvas dadas na occasião.

[2] Chefe da commissão peruana.

[3] Chefe da commissão brazileira.

[4] Commandante do vapor Napo.

[5] Immediato do vapor Napo.

conforme julgou ser do seu direito; é assim que segundo a carta geral do imperio de 1883 organisada pela commissão de que era presidente o General Beaurepaire Rohan, e o mappa minucioso do sr. Pontes Ribeiro, que muito estudou o assumpto, temos as seguintes linhas para a demarcação «da foz do Apaporis segue elle o curso d'este rio até á foz do Tarahyras ou Taraíra, e por elle acima até ás cabeceiras que ficão proximas á serra Aracuara, segundo Pontes Ribeiro, ou Arara-Coara segundo Martius, e d'ahi na direcção Leste até encontrar o ponto em que começa a fronteira Venezuellana».

Segundo o mappa columbiano, as linhas divergem bastante das apontadas, pois que desde a foz do Javary, a linha toma a direcção do curso do rio Amazonas até o furo Auati-paraná por onde segue até á lagôa Camapi; d'ahi segue em rumo de Norte por uma recta que termina na confluencia dos rios Negro e Cababuri, e por este segue até o serro Cupi, que faz parte da cordilheira que divide as aguas entre os affluentes do Amazonas e os do Orinoco. Mesmo para delimitação completa com esta potencia seria preciso resolver a questão pendente entre ella e Venezuella sobre terrenos ao Oeste do *Mamuchi*, pois que sendo alterada a fronteira que as divide, pode isso trazer uma complicação que o Brazil terá de resolver; prudentemente o Brazil o que fez foi tratar com a potencia que estava de posse d'aquellas terras, sem dar decisão antecipada sobre os direitos eventuaes de qualquer outra potencia, como em seguida veremos pelo tratado celebrado com Venezuella.

Pelo lado de Venezuella, o tratado em vigor de 5 de Maio de 1859 prescreve em seu art.° 2.° a linha divisoria entre as duas potencias pela forma seguinte:—Art.° 2.°—1.° Começará a linha divisoria nas cabeceiras do rio *Memachi*, e seguindo pelo mais alto do terreno, passará pelas cabeceiras do Aquio e Tomó, e do Guaiacia e Iquiare ou Issaná, de modo que todas as aguas que vão do Aquio e Tomó fiquem pertencendo a Venezuella, e as que vão ao Guiacia, Xié e Issaná ao Brazil; e atravessará o Rio Negro de-

fronte da ilha de S. José, que está proxima á pedra do Cucuhy.

2.º Da dita ilha de S. José seguirá em linha recta, cortando o canal Maturacá na sua metade, ou no ponto que accordarem os commissarios demarcadores e que divida convenientemente o dito canal; d'alli, passando pelos grupos dos morros Cupy, Imery, Guay e Urucuseiro, atravessará o caminho que communica por terra o rio Castanho com o Marari, e pela serra Tapirapecó buscará os cumes da serra Parimá, de modo que as aguas que correm ao Padaviri, Marari, e Cababoris fiquem pertencendo ao Brazil, e as que vão ao Taruacá ou Yapa ou Hiaba á Venezuella.

3.º Seguirá pelo cume da serra Parimá até ao angulo que faz esta com a serra Pacaraimá, de modo que todas as aguas que correm ao Rio Branco fiquem pertencendo ao Brazil, e as que vão ao Orinoco, a Venezuella; e continuará a linha pelos pontos mais elevados da dita serra Pacaraimá, de modo que as aguas que vão ao Rio Branco fiquem como já se ha dito pertencendo ao Brazil, e as que correm ao Essequibo, Cuyuny e Carony a Venezuella, até onde se estenderem os territorios dos dous Estados na sua parte oriental».

É a mesma fronteira do tratado não ratificado de 25 de Novembro de 1852.

Foi por occasião de se reunirem em 1879 as commissões encarregadas de proceder á demarcação da fronteira, que o governo de Venezuella pretendeu que por um novo tratado se rectifique a fronteira ajustada no anno de 1859 de modo que o seu dominio se estenda por mais dous gráos e meio a Oeste da nascente do Memachi, com o que o Governo Imperial não concordou. Na acta do levantamento do 1.º marco o commissario de Venezuella declarou não abandonar elle o direito de tratar d'esta questão.

A linha estabelecida pelo tratado de 1859 não foi sómente o resultado dos estudos dos brasileiros; uma auctoridade de todos respeitada, a de Alex. Humboldt, que nos principios do seculo, depois de estudar a questão nas car-

tas originaes de Portugal e Hespanha, a estudou nos proprios logares, percorrendo os rios e territorios questionaveis, voltando novamente a estudal-a em 1854 a pedido do ministro brazileiro Miguel M. Lisboa, expressa-se da maneira mais formal sobre a proposta de limites offerecida pelo Brazil, quando procurou celebrar negociações fixando as fronteiras pelo tratado de 25 de Novembro de 1852 que não foi rectificado.

Em uma extensa carta, M. de Humboldt felicita o Brazil pela sua cordura em não insistir em engrandecimentos de territorios, e ter abandonado as incertezas que derivam das expressões vagas do tratado de 1777, adoptando o *uti-possidetis* de 1810 e termina, depois de mostrar o bom senso da convenção que depois constituiu o tratado de 1859, dizendo: «Nada achei, senhor, em vossa convenção que seja contrario ás noções geographicas que pude adquirir».

Quando um homem do valor intellectual do Barão de Humboldt, depois de viajar por aquelles paizes, estuda a questão uma primeira vez a pedido de Wellington, por occasião da paz geral, lavrando sobre ella uma memoria que foi publicada na collecção diplomatica de School, e a estuda segunda vez a pedido do Brazil por intermedio de seu plenipotenciario, e conclue pela maneira que acima transcrevi, quando elle n'essa memoria, além do que estudou *de visu*, apresenta outros testemunhos insuspeitos que confirmam a sua opinião, não pode haver mais duvida de que as pretenções do Brazil eram justas e rasoaveis, e assim o entendeu o governo venezuellano celebrando o tratado de Maio de 1859 rectificado pelo governo do Brazil em 6 de Setembro de 1859 e pelo de Venezuella em 31 de Julho de 1860.

E se alguma coisa mais é precisa para justificar as pretenções brazileiras, será a um distincto geographo venezuellano que recorrerei, o sr. Codazzi, o qual sendo encarregado de traçar os limites do territorio venezuellano assim se exprime:

«Deixamos detalhadas as fronteiras que uma longa e pacifica posse entre nações limitrophes tem acostumado

a respeitar, e n'isto seguimos a opinião do sabio Humboldt, que assegura ter tido em suas mãos os mappas manuscriptos traçados em Lisboa e Madrid, e ter feito um estudo particular da grande controversia diplomatica sobre as operações intentadas pela commissão de limites; é por isso que na demarcação das fronteiras politicas está especificada toda a linha de accordo com os mappas e a obra d'este celebre viajante, com excepção sómente quanto á emboccadura do Repununé que tomamos por limite, pois segundo as ultimas viagens de R. Shomburgk, alli está a serra de Maracapan de que falla Humboldt».

Em 1855 foi commissionado o geographo venezuellano Francisco Michelena y Rojas para fazer uma exploração official do Orenoco, Cassiquiari, Rio Negro e Amazonas, trabalho que foi publicado em 1867, e tem valor real; infelizmente na parte que respeita a limites do Brazil com todas as potencias limitrophes, a sua manifesta má vontade para com Portugal e Brazil, o fez ennunciar a proposição de que «em todos os tratados celebrados, o Brazil usando de dolo, de má fé, ou de força, arrancou a todas as nações tratados a ellas nocivos, e só ao Brazil proveitosos»; quasi toda a sua argumentação se funda, na parte que respeita a Venezuella, em querer tomar por base exclusiva de todas as negociações, o tratado de 1777 em vez do *uti possidetis* de 1810; e a sua argumentação basea-se tambem em negar as asserções de Humboldt e de Codazzi dizendo que nunca estiveram onde dizem ter estado, e em ter o primeiro d'elles feito o trajecto em 75 dias, esquecido de que as questões previamente estudadas, e o fazer a viagem depois de anteriormente disposta, podem com grande proveito reduzir o tempo de navegação effectiva a 75 dias com muito mais proveito para a sciencia, do que aquelle que colheram outros que menos instruidos e menos auxiliados, viajaram durante annos por aquellas regiões.

Guyanas hollandeza e ingleza.—Nem com uma nem com outra d'estas potencias tem o Brazil celebrado tratado algum de limites, e querendo ser verdadeiro parece-me pelo

que tenho lido e estudado que está um pouco confusa a linha de nossos limites. O que parece porém estabelecido em relação a primeira é que, ou tomemos de conformidade com o registro do forte de S. Joaquim datado de 1811 a fronteira brazileira seguindo o rio Repununi desde o rio Bacuruá até o Igarapé Coatatá, ou acceitemos a linha menos ambiciosa adoptada geralmente nas cartas brazileiras, de ser designada a nossa fronteira pelas serras do Essary ou Uassary, Acarahy e Tumúcuraque ou Tumucumaque, as pretenções inglezas marcando a sua linha pelos rios Surumú, e Tacutú entram largamente pelo territorio brazileiro, e não são sómente pretenções pois que tratão de com a posse afirmar ainda mais os seus direitos e assim o farão se nós continuarmos a deixa-los socegadamente na posse de tão grande porção de terreno como o que abrange o espaço entre as fronteiras que sustentamos e o rio Surumú desde as vertentes da serra Pacaraim até S. Carlos, rio Tacutú acima até á confluencia do Mahú e d'ahi ainda seguindo o mesmo rio até suas cabeceiras que elles reputam ser as vèrdadeiras. Já em 1836 e 1838 uma missão dirigida por Roberto Xamburgue que por alli andou estudando as localidades sem embaraço ou protesto algum, e em 1839 um missionario methodista Thomaz Yond, estabeleceram uma missão nos campos que ficam entre o rio Tacutú e as serras mais orientaes da Cordilheira, sendo compellido a abandonar a missão por uma intimação que lhe fez o carmelita Fr. José dos Santos Innocentes, missionario no Rio Branco, por ordem do governo da provincia que se transportou e situou na missão abandonada. Logo depois appareceu um novo commissario mandado por Stenry Light, governador de Dencerari, a cujas pretenções ainda o mesmo missionario brazileiro se oppoz, vindo ao Pará dar parte das occorrencias; a missão ingleza foi estabelecida na ilha chamada Camaçari, perto do rio Pirarara, do qual lhe deram o nome, e proximo ao logar em que os exploradores portuguezes, geographos da exploração mandados em 1781, Ricardo Franco de Almeida Serra, e Anto-

nio Pires da Silva Porto encontraram facil passagem para o Repunury ou Repununi, indo, das cabeceiras do Igarapé Pirarara pelos campos, ter ao outro Igarapé Coatatá de que acima fallei, d'este passando para o lago Jauaricarú de onde seguindo as aguas sahiram no Repunury. É de notar que annos depois em 1787 o illustrado governador da Capitania do Rio Negro, o coronel Manuel da Gama Lobo e Almada, tão notavel pelos seus serviços como pelas ingratidões do governo que o levaram a deixar-se morrer, descobriu outra passagem mais facil para o Repunury pelo Igarapé Saraurú.

Não quero discutir tratados, o que excederia os limites que marquei a este livro, mas sómente direi que tendo sido por actos de 28 de Janeiro e 28 de Agosto de 1842 neutralisado o territorio do Pirarara, o qual se estende para muito longe d'este ponto, deve o governo brazileiro estar prevenido de que a missão, estando collocada áquem de 4° de latitude Norte da cordilheira, limite natural que fora admittido, não é observada a letra e o espirito dos tratados anteriores. Ainda é de notar que, mesmo pelas plantas de Xamburgue, não está precisada a linha de limites que a Guyana ingleza quer, pois diversificão as opiniões entre o limite marcado pela serra Pacaraimá ou Pacarainá e Cuano-Cuano e rio Parimá do sr. Pontes Ribeiro, Pariná das cartas da demarcação de 1781. Qualquer que seja o adoptado, ficará a missão do Pirarara dentro d'elle, o que é um absurdo, pela sua posição em opposição aos limites admittidos e que nos antigos tempos foram defendidos á custa do sangue portuguez. Hoje alli existem, segundo ainda não ha muito fui informado, missionarios inglezes que cada vez se vão mais adiantando pelo nosso territorio, e espalhando o uso da lingua ingleza.

Os nossos limites com a Guyana hollandeza estão ainda por marcar, acceitando, sem acto que o assegure, as cartas do Imperio, hoje Republica, a serra Tumucuraque como linha divisoria.

Limites com a Guyana Franceza.— Seria tarefa inter-

minavel se eu quizesse aqui tratar dos nossos limites com a França; é esta creio eu a questão de limites a mais antiga das que existem sem solução definitiva e sobre a qual muito se tem escripto [1]. O mappa official do Imperio marca os limites de conformidade com os titulos e posteriormente com os tratados pela seguinte forma «a linha divisoria pelo rio Oyapoc, Japoc ou Yapoc, ou Oyapock, entre 4° e 5° Norte seguindo este até suas cabeceiras, e d'estas para a serra Tumucuraque. A França porém estende as suas pretenções hoje até o rio Araguary; em virtude da tenacidade de ambas as partes em sustentar seus direitos áquillo que julgam de sua legitima propriedade, discussão que dura ha dois seculos e ameaça ainda prolongar-se indefinidamente, os dois governos neutralisaram o territorio contestado chamado do Amapá, mas nem por isso tem deixado a França, com detrimento do Brazil, de continuar por todas as formas a fazer sentir sua influencia n'esses terrenos.

Não posso, sendo paraense e por isso mais do que os outros brazileiros directamente interessado na questão, deixar de dar uma succinta ideia d'estas discussões. A obra do sr. J. Caetano da Silva é o fecundissimo manancial em que se encontra com a maior clareza e amplidão tudo quanto a respeito se tem avançado ou escripto, mas não podendo estender-me muito, será á memoria escripta pelo conselheiro Tito Franco de Almeida em 1884, que é mais concisa, onde irei mais especialmente buscar o resumo que em seguida faço dos direitos do Brazil aos limites que sustenta, de preferencia ao que eu mesmo escrevi sobre a

---

[1] Sobre este assumpto consulte-se a obra magistral do sr. J. Caetano da Silva «*l'Oyapoc*,» em que se encontra tudo o que se tem escripto a respeito — Baena, memoria escripta em 1846 — Memoria publicada por A. de M. Vasconcellos de Drumond na Corographia de Mello Moraes. — Uma memoria pelo dr. Tito Franco de Almeida, publicada na revista Amazonica, Pará, 1884 — *Um protesto*, folheto pelo Barão de Marajó, Lisboa, 1884, refutando as ultimas pretenções da França ennunciadas por Mr. Deloncle na *Revue-Sud-Americaine*.

materia em resposta a Mr. Deloncle, por me parecer que o trabalho do sr. Tito Franco é mais methodico e completo do que o meu que foi escripto á pressa dia a dia para responder aos artigos do citado auctor, e sem ter livros que consultasse.

Na epocha anterior aos tratados encontra-se os titulos que provam o direito do Brazil ao terreno contestado. O primeiro titulo expedido, durante a dominação dos Filippes é de 14 de Junho de 1637; consiste elle na carta de doação feita a Bento Maciel Parente da capitania do Cabo do Norte com 30 ou 40 leguas pela costa do mar contadas do dito cabo até o rio de Vicente Pinson, onde entra a repartição das Indias do Reino de Castella. «Este rio chamado pelos europeus Vicente Pinson, é o que os naturaes chamam Oyapoc e demora a 40 legoas do Cabo do Norte».

Em 9 de Julho de 1645, confirma D. João IV de Portugal a doação feita a Bento Maciel Parente repetindo as mesmas palavras.

A França por seu lado tambem em 1633, em 1640 e em 1651 concede a diversas companhias que naufragam, o territorio da Guyana toda com o nome de França equinocial; na ultima concessão, concedia ella a terra firme do Cabo do Norte desde o rio Amazonas inclusive até o Orenoco.

Em 1665 a França reconhece pela bocca do governador de Cayena que a Guyana Franceza só tem 80 leguas desde o Cabo de Orange até o Maroni.

Em 1700 a França e Portugal fazem o primeiro tratado sobre as terras do Cabo do Norte entre Cayena e o rio das Amazonas, com caracter provisorio e suspensivo, para evitar discordias em quanto se não determinava definitivamente o direito das ditas corôas.

Em 18 de Junho de 1701 um tratado, tornando definitivo e perpetuo o que pelo de 1700 era provisional e suspensivo; este tratado nada adianta quanto á questão territorial, e a sua leitura mostra que dous nomes Oyapoc e Vicente Pinson continuavam a ser dados a um mesmo rio.

Em 1703, o tratado de alliança entre o Imperio romano, Inglaterra e Paizes-baixos com Portugal estipula que elles não farão a paz com a França sem que ella abandone suas pretenções ás terras adjacentes ao Cabo do Norte, e aos territorios juntos ao Maranhão, os quaes ficam entre o rio Amazonas e o de Vicente Pinson, não obstante quaesquer tratados provisorios ou definitivos.

É celebrado afinal o tratado de Utrecht em 11 de Abril de 1713 e n'esse documento se lê que *sua Magestade Christianissima desistirá para sempre como presentemente desiste, por este tratado, pelos termos mais fortes e mais authenticos, e com todas as clausulas que se requerem, de todo e qualquer direito e pretenção que pode ou poderá ter ás terras chamadas do cabo do Norte, e situadas entre o rio das Amazonas e o do Yapoc ou Vicente Pinson.*

No artigo 10.º ainda se encontra o seguinte: «*S. M. Chr. reconhece pelo presente tratado que as duas margens do rio Amazonas, assim meridional como septentrional, pertencem em toda propriedade dominio e soberania a S. M. P., e promette que nem ella nem seus descendentes, successores e herdeiros, farão jámais alguma pretenção sobre a navegação e uso do dito rio com qualquer pretexto que seja.*

No artigo 11.º «*Da mesma maneira cede todo o direito que podesse ter sobre algum outro dominio de S. M. P., tanto na America como em qualquer outra parte do mundo.*

Convem não deixar esquecer, para se não argumentar com prioridade de dominio, que havendo o tratado de 1713 reconhecido os limites marcados nos titulos de 14 de Julho de 1637 e de 9 de Julho de 1645, o governador do Pará mandou em Outubro de 1723 o capitão de infanteria João Paes do Amaral, bem escoltado para descobrir o marco ou padrão que o imperador Carlos V mandara collocar na foz do rio Oyapoc.

Dous mezes depois voltou a expedição, tendo encontrado o padrão que era de marmore branco, tendo uma legenda na parte immediata ao plinto, datada de 1543, que declarava abalisar os dominios da Hespanha dos de Portugal ao

Oeste do meridiano da ilha de Santo Antão que é a mais septentrional do archipelago de Cabo Verde, segundo a linha de demarcação determinada em Tordesillas no anno de 1494, e confirmada pelo papa Alexandre VI.

Apesar de tão solemne reconhecimento dos direitos de Portugal, em 1777 a França manda estabelecer uma missão em Mayacaré na latitude Norte de 2°, 25'; e depois em 1778, o porto do Conani em 2°, 50' de lat. N.; e em 1782 o forte Vicente Pinson no Carapaporis lat. 1°, 45'; e em 1783 o posto militar de Macari. De todos estes logares porém forão os francezes desalojados.

Em 1797 novas tentativas diplomaticas são feitas para alterar os limites marcados pelo tratado de Utrecht, tomando o Calçoene como divisa.

Em 1801 um novo tratado é feito sob mediação de Hespanha, pelo qual os limites são o Arauary (Araguary). Isto é, da parte acima do Cabo do Norte que escolhera em 1797, passa agora para a parte abaixo do mesmo cabo, aproximando cada vez mais do Amazonas, seu final *desideratum*.

A 29 de Setembro do mesmo anno ajusta-se em Madrid outro tratado em que era tomado como limite o Carapanatuba que se lança no Amazonas; ainda mais uma vez o fim que a França teve em vista é bem claro: entrar no Amazonas como possuidora de uma de suas margens.

Depois temos o tratado de paz da França com a Inglaterra do 1.° de Outubro de 1801, e é declarado no seu art.° 6.° que os territorios de S. M. Fidellissima serão mantidos na sua integridade; mas em um artigo secreto se declara que o art. 6.° não impede ou põe obstaculo aos ajustes da França e Portugal para os limites dos seus territorios da Guyana, comtanto que esses limites não excedam os do tratado de Badajoz de 6 de Junho de 1801.

Em 1808, declarada a guerra á França, manda o capitão general do Pará José Narciso de Magalhães e Menezes uma expedição contra Cayena que é tomada a 14 de Janeiro de 1809 pelo coronel Manuel Marques.

O tratado de paz celebrado em Paris em 30 de Maio de 1814 consigna a seguinte disposição. «S. A. Real o principe regente de Portugal e dos Algarves (art. 10.º) em consequencia dos arranjamentos feitos com os seus aliados, e para a execução do art. 8.º, se obriga a restituir a S. M. Chr., dentro do prazo adiante estipulado a Guyana Franceza, tal qual existia no 1.º de Janeiro de 1792». Fazendo o effeito d'esta estipulação reviver a contestação existente n'aquella epocha a respeito de limites, fica convencionado que esta contestação será terminada por um arranjamento amigavel entre as duas cortes, debaixo da mediação de S. M. Britannica.

Não sendo porém ratificado este tratado pelo principe regente, a sua attitude energica consegue que pelo 1.º art. secreto addicional ao tratado de Vienna de 22 de Junho de 1815 seja estipulado o seguinte: «S. A. o principe regente de Portugal se obriga a adoptar as medidas necessarias para realisar immediatamente o art. 10.º do tratado de Paris que estipula a restituição da Guyana Franceza a S. M. Chr.; e S. M. Britannica promette a sua mediação segundo o conteúdo do referido artigo, para obter quanto antes um amigavel arranjo da disputa existente entre S. M. Real o Principe regente de Portugal e S. M. Christianissima quanto ás fronteiras de suas respectivas possessões d'aquelle lado, em conformidade do disposto pelo artigo 8.º do tratado de Utrecht.

Depois de novos esforços para mais claramente serem garantidos nossos direitos, é obtida a convenção de 11 e 12 de Maio em que se diz:

Art. 2.º «Querendo S. A. Real manifestar do modo mais evidente a sua consideração para S. M. Luiz XVIII, se obriga a restituir, e declara que restitue á dita magestade, a Guyana franceza até o rio Oyapoc, cuja embocadura está entre 4 e 5 gráos de latitude Norte, limite que Portugal sempre considerou ser o que havia sido fixado pelo tratado de Utrecht. A epocha para a entrega d'esta colonia a S. M. Chr. será determinada logo que as circumstancias o

permittam, por uma convenção particular entre as duas cortes. Proceder-se-ha amigavelmente, logo que possa ser, á fixação definitiva das Guyanas portugueza e franceza na conformidade do sentido preciso das estipulações do art. 8.º do tratado de Utrecht».

Esta solução é lançada no art. 107.º do acto geral do congresso de Vienna de 15 de Junho seguinte.

Depois de muitas negociações, recusando a corte de Portugal a entrega de Cayena sem a fixação de limites de accordo com a França, pois que a esse tempo já o governo francez dizia que os limites ultimamente indicados no acto geral de Vienna eram provisorios, a energia do governo portuguez alcança a convenção de 28 de Agosto de 1817, em que é estipulado:

1.º «Que S. M. F. achando-se animada do desejo de por em execução o art. 107.º do acto do congresso de Vienna, obriga-se a entregar a S. M. Chr., no prazo de tres mezes, ou antes se for possivel, a Guyana Franceza até o rio Oyapoc cuja embocadura está situada entre 4 e 5 graos de latitude septentrional, e 322.º de longitude a Leste da Ilha do Ferro pelo parallelo 2º 24′ de latitude septentrional».

2.º «Que ambas as partes procederão immediatamente á nomeação e expedição de commissarios para fixar definitivamente os limites das Guyanas portugueza e franceza, conforme o sentido preciso do art. 8.º do tratado de Utrecht, e as estipulações do acto do congresso de Vienna; os ditos commissarios deverão terminar os seus trabalhos no prazo de um anno, o mais tardar, da data do dia de sua reunião na Guyana. Se expirado esse termo de um anno, os ditos commissarios respectivos não conseguirem vir a accordo, as duas partes contractantes procederão amigavelmente a um outro arranjamento, debaixo da mediação da Grã-Bretanha e sempre na conformidade do sentido preciso do tratado de Utrecht, concluido *sob a garantia* d'aquella potencia».

Excusado é dizer que apezar de tão clara e precisa de-

4

terminação do Oyapoc, as coisas permaneceram no mesmo estado, apesar de ser entregue á França a sua colonia.

De então em diante começa uma incessante propaganda da França no sentido que sempre teve em vista; as memorias succedem-se umas ás outras. Mr. de Larne em 1821, Saint Amand em 1822, Dermont em 1823, sustentam um após outro as pretenções francezas.

A par das memorias escriptas, as tentativas para se apoderarem de differentes posições, seguem-se umas ás outras, apoiadas até por declarações de differentes ministros ao parlamento francez, fazendo occupar o *Mapá* (Amapá), no que é repellido pelo presidente do Pará em uma nota clara e energica, nota que é respondida com amabilidade, mas querendo sustentar os limites do tratado de Amiens.

Os nossos diplomatas reclamam em 1838 a evacuação do territorio occupado, mas sem resultado; até que em 10 de Julho de 1840 é evacuado o forte do Amapá.

Em 1854 é declarado neutro o *terreno litigioso* como declarara o nosso pouco digno de louvor ministro plenipotenciario em Paris em 1841.

Em 1855 é nomeado nosso plenipotenciario o visconde de Uraguay, com plenos poderes para poder terminar a questão, em que com infelicidade começa por concordar com o plenipotenciario francez. «Que o art. 107.° do tratado de Vienna não prejudica a negociação, cuja base accrescenta, assenta na interpretação do tratado de Utrecht».

Para não ser prolixo, terminarei dizendo que o nosso plenipotenciario não chegou a accordo com o plenipotenciario francez, isto não obstante as concessões de terreno que proposera, taes que Portugal nunca as quizera acceitar quando propostas pela França, e muito menos propôr!

A propaganda de Mr. Carrey, Montravel, d'Avezac, Le Roy e outros continúa, chegando as pretenções da França a querer chamar a si toda a parte da margem esquerda do Amazonas e costa do cabo do Norte, de modo a asse-

nhorear-se de todo o territorio desde Cayena até o Rio Negro.

A França não manda ainda os seus commissarios, não obstante os commissarios brazileiros se conservarem nos territorios contestados, por largo tempo, do que o governo dá conta as camaras em seu relatorio de 1861, enumerando as propostas feitas pelo nosso plenipotenciario em 1855, de cessão de territorio.

Em 1866 é aberto o Amazonas á navegação estrangeira; a França pode livremente navegar o Amazonas, mas até hoje não se tem apressado a fazel-o deixando que sómente a Inglaterra estabeleça carreiras regulares de vapores entre a capital do Amazonas (Manáos) e Liverpool e New-York.

A propaganda não tem porém cessado. Em 1874 é Mr. Deloncle que a continúa, concluindo seus argumentos pela declaração que aquelles territorios ricos e extensos assegurariam á França um dominio florescente e proveitoso e que cumpria pois tomar posse d'elles.

Em 1888 apparece a tentativa de uma minuscula republica de 500 habitantes proclamada nas terras do Conani no territorio contestado e debaixo da influencia franceza. O facto é curioso: em 26 de Outubro de 1886, o capitão nomeado pelo Brazil, e que se intitulava chefe da Capitania da Guyana independente, Trajano Cipriano Benito, em seu nome e, dizia elle, em nome dos principaes negociantes do Conani e da maior parte dos habitantes, apresentou-se na *mairie* de Cayena pretendendo legalisar, ou fazer reconhecer, a sua assignatura em um documento que era escripto em papel sellado francez.

O documento entre outras coisas dizia que Mr. Julio Gros, homem de lettras, domiciliario em Vanoes (Sena), tinha sido proclamado presidente vitalicio da Republica da Guyana independente, e que esta nomeação tinha sido feita por unanimidade em mais de dez reuniões publicas.

Este grupo de gente residente no Conani a principio era formado por escravos fugidos, criminosos, desertores com quem tinham contacto alguns regatões; depois não

sendo incommodados nem pela França nem pelo Brazil, cresceu o seu numero, e alguns pequenos industriaes alli abriram casas de venda; é calculado o numero dos habitantes em 600 pessoas.

Na obra recente de Mr. Coudreau—*A França Equatorial*—elle assevera que estes habitantes do Conani queriam ser governados pela França; eu porém que conheço os nossos sertanejos tão bem como Mr. Coudreau, creio que o que elles mais estimam é não serem governados por ninguem. A nomeação ou eleição de Mr. J. Gros, cujo nome não havia motivo algum que recommendasse á população do Conani, de certo foi lembrada á boa fé d'aquella gente rustica; o mesmo Mr. Coudreau, estou inclinado a crer que não foi extranho á proclamação republicana, pois que em sua obra declara que em suas mãos plebiscitaram os habitantes; e não sou tão ingenuo que não pense que tendo elle ganho no Conani bastante influencia para ser constituida urna plebiscitaria, não desse n'este um ligeiro empurrão em favor da França, creando o presidente Gros, que, como este declara em seus escriptos, só cuidava de dar uma possessão á França, que por seu lado se não descuida de manter sua influencia n'aquellas regiões, fazendo-as visitar pelo seu *prefeito apostolico*, que alli tem chrismado.

Ultimamente algumas correspondencias publicadas por Mr. J. Gros no Boletim da Sociedade de Geographia Commercial de Paris tem mostrado que o documento de que acima fallo não foi legalisado, mas uma copia foi tirada e remettida para França ao ministerio respectivo, e o motivo do não reconhecimento foi não ser Trajano cidadão francez. Tendo porém aquelles factos cahido no dominio do jornalismo francez, tornou-se o Sr. Gros, os seus ministros, as suas ordens honorificas, e a sua republica objecto de monumental caçoada, gorando um contracto que M. Gros queria fazer com um syndicato inglez que lhe devia fornecer fundo para o estabelecimento da republica. Segundo porém assevera Mr. Gros, o syndicato, rompendo com elle, nem por isso deixou de mandar para o Conani homens

armas e dinheiro, e se isto é verdade não me causará admiração o saber qualquer dia que alli está desfraldada a bandeira ingleza o que será serio pois sabemos que a Grã-Bretanha difficilmente larga aquillo a que uma vez lançou a garra.

O actual governo da Republica brazileira em maio de 1890 mandou aos territorios contestados uma commissão de engenheiros estudar a questão da colonisação da Guyana brazileira.

Eis o estado das seculares discussões dos limites do Brazil com a Guyana Franceza.

Vê-se pois d'este resumo do muito que se tem escripto sobre os limites do Brazil pelo Norte, com os differentes paizes que lhe ficam proximos, que com a maior parte d'elles, bem longe está de ser definitivamente traçada a linha que marca as respectivas possessões, pois que com o Perú e Bolivia ainda temos duvidas, que no futuro quando definitivamente marcados os limites, terão de ser decididas ou com uma ou com ambas estas potencias. Tambem com o Equador, Columbia e Venezuella existem pontos importantes a decidir, e com as Guyanas hollandeza e ingleza a ausencia de tratados tem dado logar, especialmente com a Guyana ingleza, a duvidas que se vão traduzindo mansamente, e por suas missões terem invadido grande zona de territorio brazileiro.

Quanto á França a secular questão de limites parece interminavel pela expansão cada vez maior que ella apresenta em suas pretenções, e cabe aqui notar que ella que se queixa de que a Allemanha em seus mappas incluia nos territorios do Imperio allemão uma zona que constituia parte da França, (isto antes de 1870) não hesita usar comnosco de egual procedimento, pois que em seus mappas modernos inclue no territorio francez, toda a parte contestada e tornada neutra.

Recentemente, noticias chegadas dos territorios do Amapá e de outros pontos dizem-nos que no rio Calsoene ou Carsevene, como lhe chamam os francezes, tem sido des-

cobertos abundantes jazigos de ouro, e algum d'este metal alli recolhido tem sido vendido na Vigia e no Pará; este facto tem occasionado como em todos os pontos em que se encontra ouro affluencia de gente de toda a qualidade. Das informações que tenho obtido o numero de pessoas que para alli affluiram é de cerca de trez mil, sendo a maior parte gente de Cayena; mas além d'estes tambem alli se encontram inglezes e hollandezes, assim como brazileiros dos que habitam aquella costa, ainda que em pequeno numero.

Das informações que colhi sube que não são propriamente minas de ouro que existem no Calsoene, o ouro acha-se com a areia a grande distancia da costa, e parece que com os trabalhos que alli tem feito a parte das areias em que se encontrava o ouro apenas forma uma camada pouco espessa que está quasi esgotada. Fallam em um outro rio interior chamado Sirene ou Serene onde tambem encontraram ouro mas tão insalubre que os que iam em procura do ouro o abandonaram. De Cayena estabeleceram já para o Calsoene um serviço de embarcações; mas tambem brazileiros alli tem ido com barcos e tem negociado, e o Governo do Pará já para alli estabeleceu uma linha mensal de vapores. Convem porém dar maior incremento aos elementos brazileiros alli existentes, em compensação á maneira porque os jornaes *Figaro* e *Debates* publicados em Paris tratam d'este assumpto, por forma que dir-se-hia que taes terrenos são propriedade exclusiva da França e que nem mesmo lhes é contestada.

Limites entre o Pará e Amazonas.—Embora este meu trabalho se refira a ambos os Estados Amazonicos não posso deixar, hoje que elles administrativamente estão separados, de dar noticia de quaes os limites que actualmente os separam; e são elles os seguintes:

O rio Nhamundá, Jamundá ou Yamundá, a serra dos Parintins de onde parte uma linha recta até a margem do Tapajós em frente á confluencia do rio das Tres Barras são os limites pelo lado do Pará; e pelo lado de Matto-

Grosso o rio Giparaná ou Manhado, affluente do rio Madeira, o Tapajós desde a emboccadura do Tres Barras até á confluencia Uruguatás ou Oreguatús conforme a carta de Martius, affluente da margem esquerda do Tapajós, e que em algumas cartas mesmo portuguezas como em uma do Brazil em 1816, embora exacta em muitos pontos, vem marcado como affluente da margem direita do Madeira.

Estes limites são os mesmos que eram dados á Capitania de S. José do Rio Negro, quando ella fazia parte da provincia do Pará.

O clima n'estas duas provincias pouca differença offerece; ambas estão cortadas por um sem numero de rios importantes offerecendo uma vasta superficie á evaporação de suas aguas e por isso um forte gráo de humidade que entretanto não dá os resultados perniciosos que lhe poderiam ser attribuidos, porque o calor do sol lança logo para as camadas superiores esses vapores que são transportados para longe pelos ventos dominantes de Leste e Nordeste.

Maury com sua aguda observação e prolongados estudos fixa bem as condições climatologicas da Amazonia e as razões que as determinão. Diz elle «que não ha paiz tropical algum que na região dos ventos geraes, tenha a barlavento tão grande extensão de mar; assim as costas dos Estados Unidos, da China, e a oriental da Nova Hollanda tem os ventos em direcção parallela á sua; a costa de Africa ainda que offerecendo em sua disposição alguma analogia com a de que tratamos, não tem uma tão grande extensão de mares de onde lhe venha uma grande massa de vapores que possão alimentar rios poderosos, nem os ventos geraes, que sobre ellas actuão, tem a duraçãoc onstante que tem na America do Sul; por estas considerações, conclue o sabio geographo, ha sempre um tempo agradavel, apesar de em certas epochas haverem frequentes aguaceiros».

De facto a existencia de inumeros e importantes rios, e suas cheias periodicas mantem uma humidade que re-

fresca, e depois é attenuada pelo ardor do sol, que os ventos geraes vem a seu turno modificar. As grandes cheias fertilisam grandes porções de terreno em suas margens, e a humidade que d'esses terrenos cobertos pelas aguas se levanta impellida pelos ventos, vae refrescar os terrenos mais elevados.

A saude publica nas duas provincias tanto quanto se pode ajuizar em um paiz no qual quasi não ha estatistica de genero algum que possa servir de guia, é boa, e Baena na sua muito util e ieteressante obra, *Ensaio chorographico sobre o Pará*, assevera que em 1831, as listas parochiaes das villas de Ourem, Collares, Oeiras, Arraialos, Mazagão, Pombal, Monte-Alegre, Santarem, Villa Franca, Obidos, Souzel da comarca de Belem, da villa de Monforte comarca da Ilha grande de Joanes, e das villas de Serpa, Silves, Moura, Olivença e dos logares de Manés, Villa Nova da Rainha, Barra, Alvarãas da comarca de Rio Negro e das freguezias da cidade, de Bemfica de Abaeté, de Bojarú, do Capim e de Igarapé-mirim, todas offerecem um total de 36 homens e 30 mulheres cujas idades variam entre 90 e 100 annos.

Sendo formado o primeiro grupo por 12 indios 11 brancos, 8 escravos pretos, 2 mamelucos, 2 carofuscas ou carafuses, 1 mulato; o segundo grupo por 15 indias, 7 brancas, 3 pretas, 3 mamelucas, 2 mulatas; e no livro dos obitos da Igreja de Cajari, filial da de Mazagão, se acha consignado o obito de uma india com a edade de 200 annos.

Ora attendendo ao pequeno numero de habitantes que então tinham e ainda hoje tem a maior parte dos logares indicados, não deixam aquelles numeros de depor em favor da salubridade d'aquellas regiões, sem que comtudo eu queira dizer que algumas localidades, devido isso talvez ás disposições peculiares d'ellas, são mais ou menos insalubres.

A fama que se tem espalhado especialmente no Sul do Brazil do geral mau estado de saude no Pará me obriga a

mais algumas palavras, e ao testemunho de Baena a que acabo de recorrer accrescentarei os de H. Smith, Brown, Lindstonne, Bates e Agassiz, que recentemente em suas obras combatem essa infundada crença.

Bates formúla a sua admiração pelo facto observado de que nas proximidades de um estuario como o do Amazonas, em um clima tropical, as doenças não tomem muito mais largas proporções, e adduz o testemunho de estrangeiros que, diz elle, apezar de uma residencia, conservam as suas boas côres; quanto ao calor, elle é forte mas todos e eu com elles affirmam que nunca elle é tão opressor como no verão em Nova York, e accrescento eu, que tanto tenho viajado, nem como os mezes de Janeiro, Fevereiro e Março no Rio de Janeiro em que o thermometro marca 38° e 39°, nem como Julho e Agosto em Portugal e Hespanha, onde os segadores cahem abafados pelo calor, em que mesmo os passaros cahem em seu vôo e em que o thermometro chega a 37° centigrados como observei em 1857 no mez de Agosto.

Sustento, sem me deixar influenciar pela predilecção que tenho por estas duas provincias, que se não pode lançar sobre ellas um anathema de insalubres por que alguns pontos d'ellas apresentem effectivamente molestias persistentes; e affirmo-o por que vejo 10 ou 12 jornaes de todos os *credos* politicos afirmarem n'aquellas provincias que taes molestias são devidas mais ao pouco cuidado que tomam as classes menos abastadas em algumas medidas hygienicas elementares, e a pouca sollicitude dos poderes geral, provincial e municipal em remover por meio de medidas adquadas essas causas de insalubridade de todos conhecidas, do que á insalubridade das provincias.

Da mesma forma no interior da provincia, as molestias que mais communs se apresentam são todas de origem palustre e não podem deixar de apresentar-se, attentos os habitos da maioria da população.

Estabelece ella moradas que realisam o dito do poeta, *omnis ventis aperta*, collocam-nas á beira do rio sobre o es-

paço que na maré cheia é invadido pela agua, e que na maré vasia com o calor, é um vasto local em que se determinam fermentações putridas de materias organicas de origem vegetal e animal; entretanto, a pouca distancia tem terrenos seccos em que se não reunem estas circumstancias prejudiciaes. O costume de procurar habitar a margem do rio, sobre elle até se é possivel, é inherente a toda a nossa gente do interior, especialmente aos que tem sangue indio. É inutil dizer-lhe que os nevoeiros que se levantam de noute sobre o rio são nocivos, que o excesso de humidade o é egualmente; o costume, a tendencia natural, podem mais do que tudo, e as molestias que os acabrunham, por sua culpa, são lançadas á conta de insalubridade do paiz.

Hebert Smith diz em sua obra: « Percorri o Amazonas durante quatro annos e nunca tive uma febre, apanhei-as porém em tres dias que estive no Ohio, nos Estados Unidos».

Em geral pode-se affirmar que as provincias do Pará e Amazonas não merecem a fama de insalubres que lhe tem feito; sómente nas proximidades dos terrenos baixos em que a agua fica estagnada, ou d'aquelles espaços em que a vasante annual dos rios deixa terrenos alagados com muitos vegetaes em maceração, é que apparecem as febres com caracter endemico, mas sua manifestação raras vezes toma o caracter pernicioso. Para as molestias que atacam os filhos ou habitantes d'estas provincias, concorrem além da pessima escolha de local para residencia, o beberem agua tirada ás vezes de lagos, cujas aguas, cada vez diminuindo mais pela evaporação e tendo muitos vegetaes em fermentação dentro de si, são forçosamente uma *causa* de doenças, além da má alimentação que os não fortifica.

As molestias dos pulmões são relativamente raras, e não poucos casos se apresentam de individuos tuberculosos nos quaes as cavernas parecem ter estacionado ou cicatrisado e que vivem depois dez, quinze e vinte annos.

O Tápajós offerece a observação de serem frequentes em suas margens os casos de pessoas atacadas de morphea, quasi sempre da que tem o aspecto leonino, havendo

porém alguns casos da que chamam lepra secca, mas fóra d'este só poucos casos apparecem de tal molestia.

Na provincia do Amazonas uma outra molestia se apresenta em algumas nações de indigenas e que é conhecida com o nome de purú-purú, o que quer dizer pintado, e é de notar como diz o sr. J. E. Wappaeus, que o estudo d'esta singular molestia vem mostrar a identidade entre algumas tribus indigenas do Amazonas, sob o ponto de vista nosologico, e os antigos habitantes do Mexico, pois comparando-se a purú-purú, com a molestia que ainda hoje alli existe com o nome de *mal del pinto* e a que foi encontrada pelos europeus no Mexico em epochas muito distantes [1]; vê-se ser ella a mesma que descreve Polanco no seu Diccionario Encyclopedico, Mexico, 1760, e Hernandes na sua *De historia plantarum Novæ Hispaniæ*, pag. 374. Nos estados de Tobacco, e Chiapas, é chamado *tinha*, e nos de Michoacan e Jalisco *Jiricua;* na Columbia lhe dão o nome de *carate* e o doutor Leon a denomina *Syphispyloria thelodermica.*

O meu comprovinciano o estudioso Dr. Francisco da Silva Castro diz a este respeito em carta que dirigiu ao sr. Dr. José Lourenço de Magalhães, o seguinte: «O purú-purú não é mais do que uma alteração do pigmento cutaneo. A pelle de amarellada que é entre os indios, vae-se pouco a pouco tornando embaceada, acizentada, como suja, até que por fim fica cinzenta azulada. Isto opera-se em toda a peripheria do corpo, porém mais pronunciadamente no rosto, pescoço, peito, mãos e pés, geralmente nas partes mais expostos ao ar, á luz e ao calor. A doença não se manifesta logo nos primeiros annos. Dos quatro para cinco annos começam a pintar de cinzento ligeiras ephelides, até que por ultimo, annos depois, ficam cinzentos, e assim vivem sem incommodo algum apreciavel, nem ao menos embaraço na secreção do suor».

[1] Todo este trecho é tirado da obra do sr. J. E. Wappaeus que n'este ponto foi refundida como elle diz pelo sr. Dr. A. Martins Costa.

Quando ella se vae tornando antiga, e ás vezes mesmo em começo, depois de cinzenta torna-se a pelle branca alphoide, de preferencia nas mãos, pés, pescoço e labios.

Pensam alguns que esta molestia é contagiosa, mas eu creio o contrario. Tenho n'esta capital (Belem) observado muitos casos em casas de familia, onde tem existido indios e indias domesticadas, com essa doença e por muitos annos, sem que todavia ella se tenha communicado a pessoa alguma. Quanto a mim, a transmissão na economia animal faz-se por hereditariedade, e tanto isto deve assim acontecer, quanto é sabido que os indios selvagens não crusam sua raça nem casam senão com os da mesma tribu, ou da mesma maloca. Com os tripulantes das canoas, barcos e vapores, que navegam pelo Amazonas e seus affluentes, andam a bordo muitos indios domesticados, de pura raça, affectados do purú-purú, sem que tenham contagiado seus companheiros de embarcação.

Nas minhas viagens pelo Amazonas tenho encontrado alguns individuos, em pequenissimo numero, que, sem pertencerem áquellas raças ou tribus, (entre outros o meu amigo capitão Firmino que esteve comandando a fronteira de Tabatinga por bastante tempo) tinham contrahido esta molestia, a qual especialmente atacara este senhor nas mãos; e passados alguns annos o encontrei curado d'ella.

Chandless assevera que vira alguns indios de outras tribus e um viajante branco, que tinham contrahido o purú-purú entre os Paumarys, mas observa que de certo não a contrahiram com o contacto ordinario.

O beri-beri é a molestia que actualmente mais estragos faz na população, supposto que vae sensivelmente declinando, sendo de notar que nos bairros mais baixos de Belem, é onde se apresentam mais numerosos os casos d'esta doença, assim nas quadras mais chuvozas do anno. O remedio quasi sempre proveitoso para ella é uma viagem para fóra da provincia.

Como complemento ao que deixo dito, apresento as tabellas das observações meteorologicas feitas por mim desde

o mez de Fevereiro de 1856 até Março de 1858 para o thermometro, barometro e udometro. Estas observações foram deduzidas das observações feitas em quatro thermometros centigrados ás 7 horas da manhã, ás 2 da tarde e ás 10 da noute, das quaes deduzi as medias. Nas observações thermometricas só houve interrupção nos mezes de Maio e Junho em que estive ausente de Belem; da mesma forma para as barometricas e udometricas.

Pelas observações do thermometro á sombra, se vê que as medias não chegam a 27° centigrados, numero que muitos escriptores tem dado como media; e creio que a serie de observações que eu apresento é a mais extensa das que tem sido feitas n'estas regiões.

Quanto ás observações dos 2 barometros de Fortin, a taboa dá o meio de poder tirar a media para qualquer epocha do anno e a qualquer das horas escolhidas para observação.

Notei que dividindo o dia em 4 porções de 6 horas ha dous maximos e dous minimos; a amplitude d'estas variações é muito pequena, mas extremamente regular como observei em todo o mez de Dezembro de 1856.

Quanto ás quantidades de chuva observadas no udometro de Babinet. os numeros mostram bem que a antiga regularidade das chuvas no Pará, tão repetida por muitos escriptores, deixou de existir. e para o provar basta ver o numero de dias e noutes em que choveu nos differentes mezes. assim como a quantidade de agua recolhida.

É de notar que tão grande é a differença do estado actual para o de antigos tempos. que não me parece bastante para a explicar a razão que a muitos basta, das derrubadas feitas em mattas nas cercanias da cidade, pois a variação entre as duas epochas é sobretudo notavel na regularidade que mais não existe. pois que a quantidade, antes como hoje, é sempre consideravel.

Ainda aqui devo consignar uma observação. Diz o notavel meteorologista Kaentz que em uma só pancada de chuva nunca cahem mais de 56 m/m. de agua e isto só-

mente na zona intertropical; entretanto eu tive occasião de marcar no dia 21 de Dezembro de 1856, em uma só pancada de agua, uma columna de 66^{mm}, 5 de altura; e no dia 6 de Março de 1857, em uma só pancada que durou das 6 da manhã á 1 da tarde sem interrupção, uma columna de 102^{mm}.

Medias mensaes deduzidas de tres observações thermometricas feitas ás 6 horas da manhã, 2 da tarde e 10 da noute em dous thermometros

Anno 1856

Mez	Media	
Fevereiro	25°,36	
Março	26°,67	
Abril	26°,57	
Maio } Faltam	—	
Junho } Faltam	—	
Julho	26°,89	Media para o anno: 26°,77
Agosto	27°,52	
Setembro	27°,07	
Outubro	27°,50	
Novembro	26°,93	
Dezembro	26°,50	

Anno 1857

Mez	Media	
Janeiro	26°,54	
Fevereiro	26°,36	
Março	26°,29	
Abril	26°,74	
Maio	26°,64	
Junho	26°,61	
Julho	26°,96	Media para o anno: 26°,87
Agosto	26°,60	
Setembro	27°,74	
Outubro	28°,16	
Novembro	27°,18	
Dezembro	26°,75	

Anno 1858

Janeiro	26°,67	Media do trimestre: 26°,36
Fevereiro	25°,80	
Março	26°,62	

Medias mensaes deduzidas das observações de 2 barometros

Anno 1856

Mez		Hora	Valor	Media mensal
Março	media ás	7 h.	762mm,3	Media mensal: 762mm,32
»	» »	2 »	762mm,1	
»	» »	10 »	762mm,56	
Abril	» »	7 »	762mm,05	Media mensal: 762mm,13
»	» »	2 »	761mm,89	
»	» »	10 »	762mm,37	
Maio	faltam as observações			
Junho	idem			
Julho	media ás	7 h.	762mm,00	Media mensal: 761mm,78
»	» »	2 »	761mm,89	
»	» »	10 »	762mm,33	
Agosto	» »	7 »	761mm,67	Media mensal: 761mm,59
»	» »	2 »	761mm,4	
»	» »	10 »	761mm,7	
Setembro	» »	7 »	760mm,21	Media mensal: 760mm,00
»	» »	2 »	760mm,17	
»	» »	10 »	760mm,17	
Outubro	» »	7 »	761mm,12	Media mensal: 760mm,64
»	» »	2 »	760mm,20	
»	» »	10 »	760mm,60	
Novembro	» »	7 »	760mm,16	Media mensal: 760mm,47
»	» »	2 »	759mm,70	
»	» »	10 »	761mm,63	
Dezembro	» »	7 »	759mm,80	Media mensal: 759mm,76
»	» »	2 »	759mm,70	
»	» »	10 »	759mm,80	

Anno 1857

Janeiro	media	ás	7	h.	760^{mm},90	
»	»	»	2	»	760^{mm},40	Media mensal: 760^{mm},62
»	»	»	10	»	760^{mm},50	
Fevereiro	»	»	7	»	760^{mm},69	
»	»	»	2	»	760^{mm},14	Media mensal: 760^{mm},30
»	»	»	10	»	760^{mm},17	
Março	»	»	7	»	760^{mm},59	
»	»	»	2	»	759^{mm},90	Media mensal: 760^{mm},24
»	»	»	10	»	760^{mm},30	
Abril	»	»	7	»	761^{mm},10	
»	»	»	2	»	760^{mm},30	Media mensal: 760^{mm},76
»	»	»	10	»	760^{mm},90	
Maio	»	»	7	»	761^{mm},40	
»	»	»	2	»	762^{mm},01	Media mensal: 761^{mm},59
»	»	»	10	»	761^{mm},37	
Junho	»	»	7	»	761^{mm},60	
»	»	»	2	»	759^{mm},60	Media mensal: 760^{mm},90
»	»	»	10	»	761^{mm},50	
Julho	»	»	7	»	762^{mm},10	
»	»	»	2	»	761^{mm},50	Media mensal: 761^{mm},91
»	»	»	10	»	762^{mm},13	
Agosto	»	»	7	»	763^{mm},07	
»	»	»	2	»	762^{mm},38	Media mensal: 762^{mm},89
»	»	»	10	»	763^{mm},23	
Setembro	»	»	7	»	762^{mm},40	
»	»	»	2	»	762^{mm},05	Media mensal: 762^{mm},33
»	»	»	10	»	762^{mm},54	
Outubro	»	»	7	»	761^{mm},83	
»	»	»	2	»	761^{mm},40	Media mensal: 761^{mm},64
»	»	»	10	»	761^{mm},70	
Novembro	»	»	7	»	761^{mm},00	
»	»	»	2	»	760^{mm},70	Media mensal: 760^{mm},66
»	»	»	10	»	760^{mm},30	
Dezembro	»	»	7	»	761^{mm},30	
»	»	»	2	»	760^{mm},50	Media mensal: 760^{mm},76
»	»	»	10	»	760^{mm},50	

Anno 1858

Janeiro	medias ás	7 h.	760mm,62	Media mensal: 760mm,56
»	» »	2 »	760mm,68	
»	» »	10 »	760mm,40	
Fevereiro	» »	7 »	761mm,60	Media mensal: 761mm,38
»	» »	2 »	761mm,10	
»	» »	10 »	761mm,46	
Março	» »	7 »	760mm,60	Media mensal: 760mm,48
»	» »	2 »	760mm,60	
»	» »	10 »	760mm,50	

Observações udometricas

Anno 1856

				Dia	Noute
Março	30 dias	30 noutes	....	483mm,54	132mm,43
Abril	27 »	19 »	....	123mm,04	103mm,60
Julho	13 »	13 »	....	124mm,7	56mm,30
Agosto	8 »	5 »	....	59mm,0	19mm,80
Setembro	6 »	6 »	....	20mm,10	33mm,30
Outubro	10 »	3 »	....	47mm,5	15mm,10
Novembro	15 »	5 »	....	147mm,3	51mm,5
Dezembro	16 »	6 »	....	105mm,1	98mm,7
				1110mm,28	510mm,73
			Total.....	1621mm,01	

Anno 1857

				Dia	Noute
Janeiro	13 dias	9 noutes	....	133mm,4	92mm,5
Fevereiro	9 »	10 »	....	180mm,1	81mm,6
Março	17 »	9 »	....	171mm,3	30mm,7
Abril	15 »	10 »	....	137mm,6	135mm,2
				622mm,4	340mm,0

					Dia	Noite
				Transporte...	622mm,4	340mm,0
Maio	16	»	10	»	118mm,5	85mm,8
Junho	14	»	10	»	106mm,0	127mm,2
Julho	9	»	10	»	94mm,2	146mm,8
Outubro	7	»	2	»	46mm,4	2mm,6
Novembro	4	»	2	»	10mm,8	3mm,6
Dezembro	5	»	5	»	65mm,2	26mm,0
					1063mm,5	732mm,0
				Total....	1795mm,5	

N. B. No dia 6 de Março uma só pancada d'agua medio 102mm,5, das 6 da manhã e 1 hora.

Anno 1858

				Dia	Noute
Janeiro	9 dias	5 noutes....		93mm,7	44mm,1
Fevereiro	23 »	7	»	357mm,0	82mm,1
Março	14 »	6	»	357mm,0	151mm,7
				807mm,7	277mm,9
			Total....	1085mm,6	

O professor M. T. Draenert, que observou por muitos annos a distribuição de chuvas no Brazil, calculou para diversas localidades a quantidade de chuva annual, e eis o resultado a que chegou para a capital do Pará:

Janeiro	165mm,4	Julho	82mm,9
Fevereiro	269mm,9	Agosto	77mm,6
Março	294mm,4	Septembro	52mm,3
Abril	307mm,3	Outubro	17mm,8
Maio	256mm,4	Novembro	72mm,2
Junho	133mm,9	Dezembro	58mm,6

Á Repartição de Obras Publicas, Terras e Colonisa-

ção do Pará, que ha pouco tempo começou os seus trabalhos, depara o anno de 1892, a partir do mez de Maio, os seguintes resultados relativos á chuva e á evaporação:

	Chuva	Evaporação
Maio	153mm	91mm
Junho	249mm	84mm
Julho	228mm	119mm
Agosto	91mm	109mm
Septembro	186mm	106mm

N'estas regiões amazonicas pouco estudo se tem feito de phenomenos meteorologicos, e por isso, apezar de me não ter na conta de meteorologista, devo aqui consignar uma observação que tenho feito e que só aqui tenho encontrado, e é a da coexistencia de duas trovoadas manifestando-se na mesma localidade, mas uma d'ellas caminhando rapidamente, como é commum, em uma dada direcção, emquanto que a outra é estacionaria por um certo espaço de tempo como meia hora, mais ou menos. Tenho observado n'estas occasiões uma trovoada que se affasta rugindo, e os trovões tornando-se cada vez menos distinctos, e a outra que persiste, tornando-se sobretudo notavel e sensivel pela rapida successão de relampagos que se seguem de modo a poder-se contar 40 ou 50 clarões por minuto. No dia 26 de Julho de 1886 este estado permaneceu cerca de 3 quartos de hora sem cahir chuva, até que uma forte pancada de agua o terminou; no dia seguinte dizia-me um amigo fallando d'este phenomeno, que tambem o impressionara, que os relampagos eram tão seguidos, que quasi se poderia ler á luz d'elles.

A theoria geralmente seguida, que qualquer nuvem que se transforma em chuva é uma origem de electricidade não me parece explicar satisfatoriamente este phenomeno. A explicação que tambem tem sido dada para a electrisação das nuvens das trovoadas, de movimentos giratorios e de

translação que as acompanham, dando logar á precipitação continua do ar das camadas superiores para essa nuvem, procura dar a razão do facto observado de serem as camadas de ar superiores ao solo, de ordinario electrisadas positivamente em relação a elle.

Se houvesse chuva durante o largo espaço de tempo de que fallei, poderia adoptar-se a explicação que tem sido dada para as trovoadas estacionarias acompanhadas de chuva, que é o suppor-se que em uma nuvem de trovoada cada gotta de chuva determina uma pequena corrente de ar vertical, a qual é tanto mais forte quanto mais violenta tambem é a chuva; assim cada pancada de chuva determina uma ventania descendente, de modo que se a zona de chuva for consideravel e elevada, determinar-se-ha um movimento, de cima para baixo, do ar d'essas zonas superiores para as nuvens mais baixas; este movimento será acompanhado de uma certa quantidade de electricidade que pela sua continuidade explicará a forte electrisação positiva; mas no nosso caso o phenomeno é diverso, durante meia hora a tres quartos de hora, houve a conservação de uma carga electrica consideravel, denunciada pelo scintillar intermittente dos relampagos quasi sem ruido, repetindo-se 50 vezes por minuto e trazendo, como me aconteceu, um mal estar proveniente de certo de condições atmosphericas tão anormaes em que me achava. No fim d'esse tempo começou a chover abundantemente por um consideravel espaço de tempo e cessaram os relampagos.

Declaro que não sei explicar este phenomeno que varias vezes tenho observado dar-se com maior ou menor intensidade. Por ultimo: sabemos que os Estados Unidos da America Ingleza, não poucas vezes tem sido visitados por torbilhões aereos a que chamam *tornados muito semelhantes aos cyclones* dos mares das Indias, especialmente na sua parte central. Este terrivel phenomeno não se tem feito sentir nas regiões de que me occupo; apenas me consta que na Vigia passou ha bastantes annos uma tempestade de tal violencia que na direcção que tinha derrubou uma

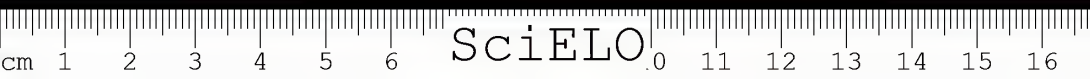
porção da floresta annosa que existia, até o mar. O Commandante Jackson, que navega ha 30 annos para o Pará fazendo ao menos 6 viagens por anno, me disse que n'esse largo periodo apenas soffreu um furacão no mez de Setembro, não me recordo de que anno, o qual apresentava todas as apparencias de um cyclone, que na extremidade de seu terrivel giro se fizera sentir nas proximidades da linha equatorial onde fica situado o Pará, isto é em regiões ordinariamente calmas.

Hydrographia. — No correr dos differentes capitulos d'este trabalho, teremos occasião de ver a importancia d'estes paizes amazonicos sob differentes pontos de vista; debaixo de nenhum porém elles se ostentam tão opulentos como quando se lhes estuda a hydrographia. Dissemos atraz, que as áreas dos dous estados do Pará e Amazonas reunidos eram no minimo de 3.050:000 kilometros quadrados, a superficie calculada para o seu systema hydrographico é não menos assombrosa, pois lhe attribuem 100:000 kilometros quadrados, e á do principal rio sómente a de 24:000 kilometros quadrados, pois só em territorio brazileiro corre elle em uma extensão de 3280 kilometros.

Maury calcula a área da bacia do Amazonas em 2.048:480 milhas quadradas: entre os grandes systemas hydrographicos que apresenta o Brazil, como o do Prata, o do S. Francisco, e outros, o do Amazonas se lhes avantaja extraordinariamente, e não só a elles como aos de todos os rios do mundo. Assim o Mississipi, o maior de todos, tem apenas uma bacia de 984:000 milhas quadradas; todos os outros como o Prata, o Nilo, o Ganges lhe são inferiores.

O grande geologo e naturalista Agassiz quando em 1865 percorreu estas vastidões, dizia em sua viagem scientifica: «Estas mesmas aguas em que nós apenas encontramos tres barcos em seis dias, no futuro os barcos a vapor e os navios de todos os lotes as subirão e descerão, e a vida e a actividade animarão estas margens hoje desertas».

Quando aquelle homem notavel dizia isto, era o Ama-

zonas apenasc ortado por doze ou quinze vapores; hoje, que 25 annos tem passado, é elle sulcado por mais de cem vapores de todas as lotações, e as bandeiras de muitas nações diversas tremulam em seus mastros, pois a navegação do Amazonas e seus affluentes, espontaneamente concedida pelo Brazil a todas as nações, as tem convidado a virem utilisar-se de suas riquezas inumeraveis. Entretanto ainda podemos dizer que está deserto o grande valle, pois para que a navegação de todos os rios da bacia Amazonica esteja em um pé regular e harmonico com a extensão dos territorios banhados, com os numerosos paizes a que por si e por seus affluentes dá accesso, com o numero e riqueza de seus productos naturaes, e com o desenvolvimento que podem ter suas culturas, é preciso que os vapores se contem por milhares e os habitantes por muitos milhões.

É um problema digno da attenção de um philosopho o prescrutar entre as brumas dos seculos vindouros qual o futuro reservado a estas regiões, tendo em attenção sua extensão, as differentes nações que n'ellas tem parte ou entre si communicam, a sua distancia dos grandes centros populosos, as ideias politicas que parecem dominar na America (¹), as indoles das differentes raças. O problema parece impossivel de resolver, ha porém algumas considerações que se ligam á propria grandeza e collocação d'estas terras e especialmente ás do Valle do Amazonas, que por si e naturalmente se apresentam ao pensamento.

Que influencia, que poder não estará ligado no futuro a esta parte do mundo que mede 4.000:000 de milhas quadradas e que offerece desde já á industria, ao commercio, á navegação productos tão variados e abundantes que tem causado espanto nas diversas exposições nacionaes e internacionaes. No reino mineral o ouro (²) a prata (³) o enxofre.

(¹) Isto foi escripto em 1888 e apenas revisto em 1890.
(²) Em muitos pontos e em muitos rios, nas areias e em minas.
(³) Perto da Prainha, no Estado do Pará.

o carvão de pedra (1), os cristaes mais variados (1), os marmores os mais finos (1), as nascentes sulfurosas (1), nos mais variados gráos de composição, o sal, os kaolins os mais finos (2), as ardosias (1) o mercurio (3), e mil outros productos mineraes.

Se o reino mineral é rico, o vegetal o deixa a perder de vista, as madeiras as mais numerosas, as mais bellas, as mais resistentes, os leites ou gomas, os oleos, os fructos os mais variados, enriquecem suas florestas ainda hoje exploradas apenas nas proximidades das margens de seus rios.

Sua fauna não é menos rica do que a flora, e desde os representantes das raças já perdidas, desde as formas colossaes até aos mais infimos seres, até ás organisações mais imperfeitas, tudo se encontra em seus bosques seculares e lagos enormes.

Mas se alguma coisa valem para aquilatar o que é o extenso Valle do Amazonas as suas riquezas mineraes, vegetaes e animaes, aquellas que dimanam de sua hydrographia e orographia mais assombrosas ainda são. Extensões enormes communicando por centenares de canaes que são outros tantos grandes rios, que deixam esquecidos o Rheno, o Volga, o Danubio, o Tibre, o Tejo e os proprios rios da China e a maior parte dos da America Ingleza, asseguram em um porvir não muito distante a possibilidade de um desenvolvimento agricola e commercial, como nunca ainda se tenha visto.

Algumas considerações applicadas a differentes partes d'este immenso todo, nos levaram á convicção da verdade do que acabo de asseverar, produzindo admiração por esta prodigiosa obra do creador.

Uma extensão de quatro milhões de milhas quadradas de terras proprias a todas as culturas, e offerecendo desde

---

(1) Em Monte Alegre, no Estado do Pará e outros pontos.
(2) Em Cametá e outros pontos.
(3) Em Cametá.

já uma multidão de productos naturaes de grande valor; esta grandiosa área cortada por um canal magestoso que se estende por 3:000 milhas ou 5:556 kilometros; este rio, rei dos rios, recebendo tributarios aos milhares caudalosos, profundos, podendo ser navegados por grandes vapores; tudo está indicando que este valle será um dos grandes centros da civilisação humana, que este será o emporio, não de uma só nação, mas de muitas raças, cujas populações se contaram por centenas de milhões, pois que a superficie que occupa a bacia do Amazonas equivale a cinco sextos da superficie total da Europa, isto é, calculando hoje a população europea em 300 milhões, só a bacia do Amazonas poderia conter 250 milhões de almas; devemos porém advertir que este numero é inferior á verdade, pois que na bacia Amazonica todo o territorio é favoravel á existencia humana, ao passo que a Europa contém immensos terrenos que pela sua posição proxima ao pollo são inhabitaveis. Se ainda nos lembrarmos que a Russia, a Scandinavia, a Turquia, a Hespanha, a mesma Italia, tem uma população muito pouco densa, e terrenos incultos, podemos, sem temor de errar, affirmar que os territorios da bacia amazonica podem conter, sendo mediamente povoados, uma população superior á de toda a Europa e poderá attingir a 400 milhões, que é hoje a população do Imperio chinez.

O berço d'este gigante dos rios, segundo o testemunho de Martius, Herndon, Wiener e muitos outros exploradores, é a lagoa Lauricocha, nos Andes peruanos, a 10°30′ de latitude Sul, e a uma altura de 5:500 metros acima do nivel do mar, deslizando até as boccas do Amazonas, pelo Cabo do Norte ou pelo rio do Pará, por uma extensão que seg .ndo uns, é no primeiro caso pela bocca do Norte de 5:288 kilometros, e no segundo 5:571 kilometros; auctores ha porém que elevam este precurso até 7:000 kilometros. Comprehende-se que nem uns nem outros faltam á verdade pois que a medição varia conforme a navegação que tiverem feito por este ou aquelle canal mais ou menos tortuoso.

Da mesma fórma varía a avaliação feita pelos diversos navegadores sobre o seu percurso em territorio brazileiro, que uns elevam a 4:000 kilometros, outros sómente a 2:880, e a 3:165 muitos, até cada uma de suas boccas, deixando para o espaço percorrido antes de chegar á fronteira brazileira em Tabatinga uma distancia avaliada em 2:400 kilometros por uns, em 3:000 por outros.

Antes de passar adiante, convem notar que se a origem do grande rio é attribuida por varios e competentes escriptores á Lagoa Lauricocha da qual sahe o pequeno rio que depois toma o nome de Tunguragua, não é comtudo esta opinião unanime, e transcreverei um trecho do trabalho feito pelo estudioso engenheiro Henrique de Santa Rosa, em que no livro *Estado do Pará*, publicado por occasião da Exposição de Chicago em 1893, resume as differentes opiniões sobre a origem do Amazonas, diz elle.

Rio Amazonas.—É o maior rio do mundo. A opinião mais seguida sobre a sua origem é a dos que fazem-no nascer na lagoa ou laguna de Lauricocha no districto de Huanaco do departamento de Tarma em 10°30′ de Lat. Sul, a 32 leguas N. N. E. de Lima.

Desde Christovão d'Acuna, que provou a improcedencia da supposição de Humboldt em attribuir a formação do Amazonas á reunião dos dois pequenos rios Aguamiros e Chavanillos, dando este como vindo do Lago Lauricocha, tem sido esta origem a adoptada geralmente pelos geographos. Com ella descrevem-no Bernardo Berredo, Martinho de Albuquerque, Ayres do Cazal, Orbigny, Francis de Castelnau, James Orton, Levasseur, H. Smith, Costa Azevedo, Maltebrun e muitos outros.

O illustrado viajante Consul Weiner faz a narrativa d'esta nascente nos seguintes termos:

«Tenho visto em 1876 o lago Lauricocha nas alturas de Huanaco-viejo, berço do rei dos rios. Ahi, sob o céu inclemente de Puna, vi sair um delgado filete de agua de uma fria lagoa, e atravessar serpeiando a alta planice de arbustos definhados e murchos. Mais para o Norte, vi-o sob o

nome de Tunguragua, já torrente, fertilisando o ridente valle de Huantar. E via-o agora no Pongo, no ultimo degráo d'essa gigantesca escada hydraulica, que desce das alturas inhospitas de 5:500 metros a esses planos exhuberantes de riquezas vegetaes...»

Outros, porém, attribuem ao Nupe a origem do grande rio, em resultado dos estudos e explorações do sabio naturalista Antonio Raimondi, que procurou «rectificar tamanho engano em que elle proprio cahira annos antes, guiado pela escripta alheia».

Eis o que a tal respeito diz H. Benites em sua *Geographia del Perú:* «A origem do Amazonas não é o rio que sáe da lagoa de Lauricocha, sim o Nupe que vem de mais longe e tem o seu começo no Cordilheira de Huayhuash. Na provincia de Huamalies juntam-se-lhe o Queropalca e o Choula. Observando-se o seu curso e a sua reunião com o rio que sáe da lagoa, conclue Raimondi, o primeiro é muito mais caudaloso que o segundo; é pois o Nupe, e não este, que é a nascente do Amazonas».

O seu primeiro nome ao sahir em suas cabeceiras ao pé dos Andes peruanos, é o de Tunguragua, e logo depois Maranou, tomando na fronteira brazileira o de Solimões que conserva até a sua confluencia com o Rio Negro; e d'este ponto até o Oceano é chamado Amazonas, ou na linguagem significativa dos indios hoje fugidos para longe d'essas suas margens, a de Paraná-assu.

A sua largura e a sua profundidade é muito variavel, e sendo segundo Wiener, no logar conhecido pelo nome de Porta do Rio no Pongo de Mauseriche apenas de 25 metros, um pouco adiante em Bracamores já apresenta 400 metros; em Tabatinga a sua largura é avaliada em 2:775 metros, e junto á bocca do Madeira 5:000 metros; no estreito de Obidos apenas mede 1:911 metros, ou, segundo as medidas tomadas cuidadosamente pelo engenheiro J. Sequeira Aguiar Lima, 1:892 metros; nas proximidades de Gurupá se espraia elle por forma a mais parecer um vasto mar do que um rio.

É cerca d'esta ilha de Gurupá que elle divide suas aguas em dous ramos, o meridional e o septentrional; o primeiro divide-se em numerosos canaes, vindo banhar a parte meridional da grande ilha de Marajó, que separa os dous braços, indo depois desemboccar entre as pontas de Maguary e Tijoca com uma largura de cerca de 70 kilometros. O braço septentrional, que é o maior, ainda que o menos frequentado, banha tambem a parte septentrional e occidental da ilha de Marajó lançando-a no Oceano em frente ás ilhas Cavianna, Mexiana e Fréchas. É, vendo a largura das duas enormes bacias pelas quaes se lança este gigantesco caudal no Oceano, e o tamanho da ilha que as divide, que se pode bem fazer ideia de sua grandeza, pois a distancia d'uma á outra costa, isto é a largura dos dous braços e da ilha está avaliada entre o cabo do Norte e a pontada Tijoca em 180 milhas.

Quanto á apreciação da velocidade de sua corrente tem ella variado segundo os differentes escriptores; nem podia deixar de assim ser, desde que as avaliações foram feitas em epochas diversas e em differentes mezes do anno. Baena calcula a sua velocidade em 4:645 braças por hora, Lyell suppõe-na de 5:553 kilometros a 200 milhas da costa. Na obra «*A Amazonia*» publicada no jornal Gram-Pará pelo fallecido José Gualdino, escripta sómente por elle, mas ainda não editada em volume, encontro além de muitas noticias e observações de muito valôr, por judiciosas a respeito d'este rio, uma citação de Forshey, que vem aqui de molde, é ella a seguinte. Segundo elle, a velocidade média da corrente do Missîssipi, na superficie, excede a 2 $^{1}/_{4}$ de milha por hora, e os srs. Hamphry e Abott encontraram em frente a Natchez a velocidade de 3 milhas por hora na profundidade de cinco pés. — Guardadas as proporções entre o Amazonas e o Mississipi, computadas as massas de aguas que ambos derramão no Oceano, a superioridade do rio brasileiro accentua-se em todos os terrenos de comparação, e se calculando pela espessura dos depositos foram precisos 67 mil annos para a formação do leito d'aquelle

rio, quantos milhares de annos não terão sido precisos para a formação do mar de agua doce de Vicente Yanez Pinson ?

Herndon calcula a corrente d'este rio em 1 $^1/_2$ milha por hora; quanto a mim porém a média de sua corrente deve ser superior a isto, pois que entre Santarem e Monte Alegre a umas cem legoas da bocca, na maxima força da vasante, nunca achei menos de 3 milhas, e quando o rio está inteiramente baixo, isto é na terminação da vasante, nunca encontrei menos de uma milha, e nem é para admirar esta grande corrente, quando é facto comprovado que a 300 kilometros da bocca ainda as aguas amarelladas do rio abrem caminho atravez as verdes aguas do Oceano, com tal violencia, que nas horas tranquillas da noute o ruido da lucta de sua corrente com as aguas do mar que se lhe oppõem se faz distinctamente ouvir.

Ainda em sua profundidade é elle muito variavel, e a simples inspecção dos mappas de Tardy, de Montravel e outros o demonstra. N'esse bello trabalho assim como nos da commissão dirigida pelo sr. José da Costa Azevedo, vemos que o rio tem profundidade bastante para a navegação de grandes vapores, pois seu fundo se encontra a 30, a 40, a 60 e mesmo a 80 metros, como na garganta de Obidos; e hoje a navegação transatlantica que existe alli, conduz semanalmente vapores de 1:800 e 2:000 tonelladas em qualquer epocha do anno. Até Tabatinga mesmo podem navegar vapores grandes, e Herndon affirma que ahi ainda ha uma profundidade de 20 metros.

O volume das aguas do Amazonas não pode bem ser determinado, e sempre haverá divergencia nos resultados obtidos conforme as epochas em que forem feitos os estudos. Martins calcula ter a garganta junto a Obidos 1911 metros, dando uma profundidade de 132^m no meio d'ella, e de 44^m nas margens, e chega ao resultado, com uma velocidade de corrente de $1,^m34$ por segundo, de $18:734^{m3}$ para o volume de agua dispendido em cada segundo.

A influencia das marés, parece, que em vista da grande

massa e velocidade com que são lançadas a penetrar no Oceano as aguas do rio, pouco se deveria sentir; entretanto assim não acontece: o fluxo e refluxo do Oceano, auxiliando e retardando alternativamente a corrente das aguas do Amazonas, fazem que muito clara e periodicamente se faça sentir o effeito da enchente e vasante da maré; mas esta influencia é variavel segundo as epochas de enchente e vasante do rio.

Hebert Smith affirma que no tempo da enchente do Amazonas elle reconhecia perfeitamente as marés no rio Xingú, e eu durante tres annos em que seguidamente viajei no Amazonas, reconheci bem visivelmente na costa das Cueiras, proximo ao Tapará, o fluxo e refluxo. Cumpre porém observar que nem por isto as aguas se tornão salgadas e nem mesmo salobras, apenas nas proximidades das boccas do rio é que no verão as aguas doces se tornão muito ligeiramente salgadas.

Um estudo ha que está inteiramente imperfeito, é o das enchentes e vasantes do rio. Não é possivel obter a altura media das enchentes senão por uma serie de observações que comprehenda um certo numero de annos; só tendo esta serie de observações se poderá estudar e marcar as variações maximas e minimas para as enchentes e vasantes. O que porém é indubitavel, pois que os signaes que ficão nas arvores o indicão, é que as subidas das aguas acima de algumas vasantes chega até 17 metros no Amazonas, como Martius o observou pelo lodo que fica preso nas arvores até áquella altura.

A epocha de enchente tambem não é a mesma nos differentes pontos do grande rio; o numero de seus affluentes, a sua enchente mais ou menos rapida em relação ao declive das serras de onde se alimentam, são outras tantas causas de adiantamento ou atrazo relativo na epocha de enchente; assim observa-se que além de Tabatinga a enchente tem logar de ordinario em Janeiro, ao passo que na parte chamada Amazonas, em Março ou Abril, seguindo-se a vasante.

Este facto encontra, creio, natural explicação nas epochas differentes em que cahem as chuvas nos differentes pontos que atravessa o rio em seu immenso trajecto; assim como tambem a maior ou menor quantidade de aguas evaporadas e arrastadas pelos ventos para as regiões elevadadas dos Andes e outras cordilheiras em que pela diminuição de temperatura se precipitam, vem influir n'este complexo problema, e augmentar ou diminuir a enchente.

Tem este rio disposições muito especiaes que nunca vi em algum outro rio, como seja a que se nota em grande numero de seus braços, que se dividem para a pouca distancia tornarem a unir-se, formando um espantoso numero de ilhas; é tão grande o numero de canaes d'este facto originados, que um mappa do Amazouas e de seus affluentes tem semelhança com uma rede de malhas irregulares.

Em suas ilhas tambem ha curiosas observações a fazer: assim, umas parecem devidas á errozão das aguas em terrenos preexistentes, e quasi sempre estas são de maior extensão do que as outras que mostram ser formadas pelo transporte de detritos effectuado pelas aguas. Nos logares menos profundos basta que uma arvore desarraigada das margens encalhe, para que as aguas venham transportando novos despojos que, como formando um dique, dentro em algum tempo se consolida e cobre de uma vegetação especial de gramineas que com suas extensas raizes prende estes elementos uns aos outros, e que em pouco tempo avoluma e se cobre de arbustos e arvores cujas sementes foram trazidas pelo rio e, depostas sobre o lodo, germinaram. Estas agregações ou ilhas, como lhes chamam, tem uma grande influencia no regimen do rio, dando novas direcções ás correntes, formando rebojos e novos depositos de lôdo. Estas ilhas porém, nem sempre são duradouras, e nas epochas de grandes enchentes do Amazonas bem como de outros rios, estes, violentados em seu curso, as despedaçam, arrastando as terras e a vegetação que as aggregava.

Acontece não poucas vezes que a formação de uma

ilha traz como consequencia que, desviada a corrente do rio, encontra em um ponto do seu curso um fundo menos consideravel, ou uma restinga [1] e alli se vão depositando arvores, terras, areia, elevando-se um baixo ou augmentando a restinga. D'isto temos tido um exemplo no rio do Pará onde o desapparecimento de algumas ilhas fronteiras a Val-de-cães e Penacova tem trazido a formação de bancos de areia, que pouco a pouco se elevado.

Para terminar esta breve noticia que tenho dado do Amazonas, devo ainda dizer alguma cousa sobre ter ou não este rei dos rios um verdadeiro delta; mas esta questão vai ligar-se aos mais transcendentes problemas de geologia, relativos á formação do mesmo valle amazonico, e tão pouco completos são os estudos feitos, que não pude formar opinião segura a este respeito. Contentar-me-hei com apresentar algumas considerações sobre as hypotheses que se tem formado para explicar e historiar geologicamente a formação d'elle.

Agassiz pensa da seguinte maneira sobre este problema geologico. Subordina a sua theoria amazonica á sua theoria geral das immensas geleiras, e tanto em sua obra *Voyage au Brésil* como em uma conferencia que em Julho de 1866 fez no Pará; e da qual sendo eu um dos ouvintes formulei um extracto que publiquei pela imprensa depois de visto por aquelle professor, se exprimiu pouco mais ou menos pela seguinte forma: admittindo-se para a Europa um inverno, um periodo glacial, o valle do Amazonas como o resto do globo, devia n'este periodo de frio ter as suas geleiras enormes, preenchendo seu enorme vacuo, e cada vez augmentadas pelas neves que se accumulavam nas cordilheiras e que vinhão para o valle pelos valles secundarios, os quaes se estendiam até muito longe, pois que a Amazonia segundo a theoria d'este professor se

---

[1] *Restinga*—Baixio proximo ás costas, as mais das vezes em direcção transversal a ellas, a pouca profundidade, mas coberto pelas aguas, o que as torna perigosas á navegação.

estendia a enorme distancia pelo Atlantico dentro, e os rios do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, que hoje se lançam no Oceano, eram então tributarios do Valle Amazonico.

O movimento d'esta incommensuravel geleira deve ter sido determinado de O para E., já pela impulsão das neves dos Andes, já porque essa era a direcção do valle; este movimento, arrastando, esmagando, triturando todas as variedades de depositos, devia ter formado na extremidade inferior uma *moréa* collossal, como um enorme dique, gigantesca barragem obstruindo a embocadura da enorme bacia.

Aqui a theoria de Agassiz se acha em perigo porque se não encontram os vestigios que acompanham a marcha das geleiras, isto é, strias, superficies polidas etc; mas elle se defende dizendo que hoje é impossivel encontrar nenhum d'estes vestigios quando a natureza friavel das rochas as torna facilmente attacaveis já pela acção ardente do sol, já pelas aguas quentes e torrenciaes d'estas regiões. Entretanto julga elle ter encontrado vestigios indubitaveis d'este transporte nas rochas que elle chama *moutonnées* e que em varios pontos viu serem em tudo eguaes ás da Suissa; assevera ainda o ter encontrado *blocos erraticos* nas montanhas do Ereré, junto a Monte-Alegre. Estas eu as vi tambem e offerecem analogia com os blocos erraticos da Europa.

Ainda defende Agassiz a sua theoria pela analogia que encontra nos materiaes do valle do Amazonas, cujo caracter é em tudo analogo ao dos materiaes que se encontram no fundo das geleiras. Ainda argumenta com a completa semelhança entre o *drift* do Rio de Janeiro, que, segundo elle julga, é incontestavelmente obra do periodo glacial, e a terceira formação amazonica, a superior.

A destruição d'este enorme dique ou barragem, dá passagem ás aguas, precipitando-se impetuosas, e forma essas espantosas denudações, que para uns são devidas ás aguas de um enorme lago de agua doce que rompeu o seu

dique, para outros ás do Oceano, cujo fundo se elevara acima do nivel que as aguas tinham.

Continuando com a theoria do sabio professor sr. New-Cambridge, teriamos que este mar de gelo, quando a temperatura se foi tornando menos fria, se despegou do fundo transformando-se em vasto lago tranquilo no qual nadavam os immensos pedaços de gêlo e no fundo do qual começou o trabalho de accummulação das materias, que se acharam trituradas pela marcha das geleiras, dando uma estratificação regular. A estas causas é devida a primeira formação amazonica, que na parte inferior é formada por calháos e areias, e nas camadas superiores por argilla fina lamellar.

A formação da segunda camada é explicada pela seguinte forma. Os gêlos fundiram-se na maxima parte, e esta collossal bacia servia de recipiente aos vapores e orvalhos que se precipitavam; esta grande quantidade de aguas lançava-se para a parte mais baixa do rio, seguindo o seu eixo, procurando o seu nivel e expandindo-se por uma superficie muito mais consideravel do que a superficie actual, até á epocha em que, separada em rios diversos, constituiu differentes leitos.

A collossal corrente arrastava comsigo uma massa de materiaes assaz finos para serem transportados, os quaes pouco a pouco se foram precipitando no fundo, formando camadas horisontaes apenas interrompidas por uma stratificação torrencial nos pontos em que os remoinhos a alteram.

Emquanto este era o estado das cousas acima do dique formado na extremidade do valle pelo lado exterior d'este, uma nova causa perturbadora se apresentava; era esta a acção do mar, que, batendo a barragem constantemente, com o perpassar dos seculos abriu n'elle uma brecha, pela qual impetuosas sahiram as aguas accumuladas. Tambem esta sahida podia ser determinada por qualquer acção interior violenta, ou ainda a elevação successiva do fundo, a accumulação cada vez maior de aguas, fizeram que estas transbordassem e abrissem uma brecha no dique que

cada vez maior se tornou; qualquer que seja a hypothese preferida, a consequencia é sempre a mesma, a sahida violenta das aguas produzio a denudação do valle, os depositos formados foram transportados para o mar e apenas persistem hoje alguns monumentos para attestar a enorme espessura do deposito que chega a 250 metros.

D'esta denudação são provas incontestaveis as montanhas de Monte-Alegre, Almeirim, Obidos, Cupaty.

Ainda para explicar algumas irregularidades da stratificação, julga Mr. Agassiz que esta precipitação de aguas se repetio mais de uma vez, já pela acção do mar constantemente corroendo o dique, já abaixado pelas precedentes, já porque as aguas novamente accumuladas determinaram uma nova errupção contra o dique, arrastando n'ella uma grande parte dos recentes depositos excavando-os até o grês subjacente, conservando-se depois tranquillos nos seus leitos que elle suppõe pouco mais ou menos os mesmos da actualidade. E crê elle achar a prova d'esta sua asserção, por ser n'esta argila côr de ocre, e tambem no grês subjacente, que estão abertos os leitos não só do Amazonas mas tambem os dos seus tributarios, e dos *furos* que ligam seus ramos entre si.

O que se deduz da hypothese de Agassiz, como tambem se deduz do aspecto que mesmo a distancia offerecem as barrancas do rio na vasta extensão que vai das serras de Almeirim até ás da Velha-pobre, as barreiras do Cussary, as barrancas do Madeira, as do Purús, as collinas de Tabatinga, é que a principal feição, a que domina *no facies* geologico do valle do Amazonas, é uma vastissima formação cretacea composta de rochas friaveis em todos os grãos em que se encontram as argillas as mais variadas nas côres e nas granulações, os pudingues e as márgas, os grês os mais numerosos, formações estas que, parecendo querer justificar a theoria do geologo suisso, se estendem até o extremo da ilha de Marajó, ao mesmo tempo que algumas ilhas de alluvião bem distinctas por sua formação e vegetação, vem dar a contraprova á hypothese formulada.

Os córtes que se podem observar na Ilha de Marajó mostram pela superposição das camadas que esta grande ilha quasi egual em area á do reino de Portugal, não era senão uma parte do valle principal; a mesma estratificação a mesma espessura e disposição nas camadas mostra que ella é formada pelos mesmos depositos que tinham em epochas remottas formado o que é hoje o continente; posteriormente a força das aguas rasgou dois canaes que são as duas chamadas boccas que circundam por um e outro lado a ilha de Marajó que pôude resistir á força errosiva das aguas, e que se vão reunir depois e lançar no mar em um ponto situado mais ao Oeste do que aquelle em que em outras epochas se fazia a juncção.

Diz Agassiz que na ilha de Marajó, no seu extremo, no corte formado pelo rio chamado *Igarapé-grande*, encontrou elle as provas as mais evidentes para justificação da sua historia geologica do Valle Amazonico, assim como das acções do mar corroendo as costas, que elle julga como já fica dito ter sido uma das causas que concorreram para a denudação do valle, ajudando e começando talvez a destruição do enorme dique que o separava do valle, pois que ainda ella dura e se faz vêr.

Eis suas palavras: «Dir-se-hia que o córte aberto no solo por este curso de agua, o Igarapé-grande, foi feito para apresentar-se uma secção geologica, tão claramente elle põe em evidencia as tres formações caracteristicas do Amazonas. Na sua emboccadura, junto a Soure, na margem opposta junto a Salvaterra, podem bem ver-se, na parte inferior o grês bem stratificado, sobre o qual está deposta a argilla finamente laminada coberta por uma crosta vitrea; mais acima o grês muito ferruginoso com stratificação torrencial com calhaos de quartzo dispersos aqui e alli, finalmente acima de tudo isto, a argilla arenosa ou siliciosa ochracea sem stratificação, disposta sobre a superficie ondulada do grês denudado, seguindo suas ondulações e enchendo suas depressões. Abrindo assim o seu leito n'estas diversas formações até uma profundidade de 46 metros como

pude medir, o Igarapé-grande, ao mesmo tempo abrio caminho ás invações das marés, e a seu turno o Oceano ganhou espaço sobre a terra, como de sobra o prova o córte abrupto do leito do Igarapé-grande, fazendo contraste com a suave inclinação de suas margens pelo lado do mar, de de modo que a denudação é feita não por uma, mas por duas causas combinadas.

Accrescenta o sabio geologo, ainda para provar a acção do mar, que elle encontrou uma floresta submergida n'estes terrenos pantanosos, a qual evidentemente crescia n'estes logares em que a inundação é constante, pois que entre suas raizes e troncos se acha a turfa alluvial disposta como o feltro, tão rica em materias vegetaes como em humus, o que caracterisa estes terrenos. Ora esta floresta, cujos fragmentos de troncos ainda subsistem de pé na turfa, foi destruida nos dous lados do Igarapé pelas marés do Oceano e nem ha negar que isto seja obra do mar, quando observamos que as pequenas depressões e indentações da turfa estão cheias de areia do mar, e uma franja de areia deixada pelas marés separa a floresta destruida d'aquella que ainda hoje vive. Ainda mais: em frente a Soure no outro lado continental do rio do Pará, na Vigia, onde o rio encontra o mar, egual facto é observado, uma turfeira com innumeraveis raizes é invadida pela mesma forma pelo mar e suas areias. É bem visivel: infalivelmente estas duas florestas formaram uma só que cobria todo o espaço que occupa hoje o braço do Amazonas chamado rio do Pará.

A theoria do Sr. Agassiz, engenhosa como é, comprovando os vastos conhecimentos do talentoso observador, nem por isso deixa de offerecer algumas difficuldades, especialmente em elle dar como causas efficientes a acção do Oceano e a errozão produzida pelas aguas de um immenso deposito, quando o dique que o separava do Oceano foi aberto. Sem ter habilitações pará apresentar uma theoria geologica, parece-me comtudo que na formação amazonica deve tambem ter sido um agente poderoso a acção volcanica, que, talvez ao mesmo tempo que as causas apontadas, produ-

ziu não menores effeitos, e d'isso encontramos testemunhos nos granitos que em muitos pontos surgem elevando-se além das regiões occupadas pelas florestas continuas.

A existencia do granito no valle do Amazonas se torna muito mais digna de nota, porque elle é encontrado em quasi toda esta immensa formação. Darwin e Gardner o encontram no Brazil, no Prata e no Chile. O principe Adalberto da Prussia o achou no Xingú; as montanhas da Guyana abundam n'elle, e na parte superior do Rio Negro elle se apresenta. São de notar as formas originaes que offerecem estas rochas graniticas, contendo mica e quartzo em quantidade, ás vezes purissimo; outras vezes na mesma rocha se encontrão granitos de varias côres.

As escorias volcanicas são tambem encontradas em Baião no Tocantins, nas proximidades da bocca do Tapajós, em Villa-nova, no Rio Negro e no Uaupés. O Sr. Pinks, que bastante se demorou no Amazonas especialmente no rio Madeira, diz em uma memoria publicada na Revista da Sociedade Geographica do Rio de Janeiro de 1887: «As cachoeiras do Madeira e Mamoré são exclusivamente formadas por filas ou blocs emergentes de rochas feldspathicas primitivas ou metamorphes.» Em *Santo Antonio* e *Morrinhos* pode observar-se um granito bem accentuado com caracter porphirico... No *Caldeirão* do Inferno apparece um granito porphiroide.

No Tocantins na parte superior abundam as rochas cristallinas stratificadas, os conglomerados volcanicos e as ardozias de grão mui fino; e nas cachoeiras abundam as ardozias metamorphicas, na serra de Monte Alegre os quartzos conglomerados, as rochas cristallinas quartzozas conhecidas pelos inglezes com o nome de *Sandstone*, ás vezes de côr amarella ás vezes vermelha. Estas formações ou leitos parecem primitivamente terem sido horisontaes, e depois fendidos, partidos verticalmente; são alternativamente duros ou brandos, e pela sua desigual desagregação formaram essas pedras penduradas que Wallace descreve.

Diz este intelligente escriptor, que a impressão que causa o aspecto geral do paiz, é que elle está passando pela ultima phase de uma formação, que tem durado em todo o periodo da elevação dos Andes e das montanhas do Brazil e Guyana. No começo d'este periodo a maior parte do valle do Amazonas, do Orenoco, e do Prata fez parte do Oceano, separando-se em grupos de ilhas que estas terras elevadas formaram em sua primeira apparição.
As rapidas correntes deslisando ao longo das vertentes das montanhas trouxeram sedimentos que encheram a parte inferior e a mais irregular d'este mar, que são os vastos depositos alluviaes que se encontrão nos logares em que achamos os granitos. Ao mesmo tempo, as forças volcanicas em acção trabalhavam, como o mostram os picos graniticos que sobresahem como ilhas no pleno mar da verdura florestal, porque os seus pequenos declives e os valles intermediarios foram cobertos com depositos sedimentares. Este effeito simultaneo da acção volcanica e da acção aquosa, de correntes marinhas, e de tremores de terra, nivellando a massa sedimentar, produzio essa maravilhosa regularidade de superficie, em gradual e quasi imperceptivel declive que se nota em tão enorme superficie.

Continua ainda Mr. Wallace. Nos pontos de união das montanhas da Guyana com as ultimas vertentes dos Andes, tornam-se ainda mais salientes os effeitos volcanicos. e parece ter feito especialmente sentir a sua acção fazendo surgir as numerosas montanhas de pequena grandeza, como a de Curicuriari, Tumihay e as pequenas montanhas do Uaupés de formação granitica, formando a terra alta que hoje divide as aguas do Orinoco e Amazonas. Na parte Sul do continente acontecia o mesmo; aqui as montanhas do Brazil e as ultimas linhas montanhosas dos Andes bolivianos pelo lado de E. deram-se a mão, e o deposito sedimentar parece n'esta parte ter sido elevado debaixo das aguas. fixando os limites da bacia amazonica pelo lado do Sul. Em vista d'este phenomeno geologico, o valle do Amazonas devia então formar como um golpho enorme, ou um mar

interior de cerca de duas mil milhas em comprimento e oitocentas em largura.

As montanhas com suas aguas torrenciaes, assim como os rios derramando-se por todos os lados, pouco a pouco tendiam a encher esta enorme bacia, e a acção volcanica, ainda hoje tão visivel nas escorias do Tapajós e Tocantins, e nas rochas de Monte-Alegre, foram outras tantas forças combinadas em nivellar a vasta area, e em determinar os leitos dos differentes rios. Este trabalho lento, mas incessante no decorrer dos seculos, trouxe como consequencia o estreitamento d'este mar interior, até pouco mais do que o espaço que hoje chamamos *igapó* ou terras baixas...

Esta maneira de explicar a formação do valle amazonico, tal como o vemos, salva duas difficuldades que se encontram na theoria de Agassiz, é a primeira não entrar na questão da epocha glacial que é preciso admittir com a theoria que elle acceita; e a segunda que a theoria do professor de New-Cambridge quer que durante o incommensuravel numero de seculos, que devia decorrer para se formarem os enormes depositos, cuja espessura elle mesmo admira, a acção volcanica se não fizesse sentir: seria preciso admittir que em uma tão vasta região em que os estudos vão mostrando a parte consideravel com que tem contribuido para o seu estado a acção volcanica, esta estivesse morta, não se manifestasse nem perturbasse a grande operação sedimentar.

Convem porém lembrar a seu turno que a theoria que acabo de apresentar tambem não se concilia facilmente com a acção do mar que tão palpavel e inegavel é, como Agassiz bem claramente mostrou de maneira bem clara nas proximidades de Soure, Vigia e Igarapé-grande.

Agora que mais ou menos tenho dado ao leitor conhecimento do Amazonas, e da formação da grande ilha de Marajó que lhe occupa a bocca, poderia elle formar a sua opinião sobre a existencia de um *delta* amazonico, se não fosse a circumstancia que se dá n'este rio, e é que sendo pouco mais ou menos na situação da ilha de Marajó que o

delta devia achar-se, vê-se pelo estudo geologico que ella não pode ser considerada como tal; mas nem por isso se pode dar como resolvida a questão, pois que a existencia de um enorme numero de ilhas, muitas de recente formação, separadas entre si por inumeros rios e canaes, desde Breves até ás ilhas do Vieira-Grande, Vieira, Porcos, Jaburei e um grande numero de outras, formadas pelos canaes do Itiscura, Tajipurei e suas bifurcações, fazem lembrar a hypothese provavel de que estas regiões estão ainda em um estado de transição, e que um verdadeiro *delta* se está formando atraz e aos lados da grande ilha de Marajó.

Este ligeiro estudo sobre a historia geologica d'estas regiões, occupadas pela bacia amazonica, talvez a mais vasta do globo, mostra as grandes difficuldades que n'ella se encontram e hão de encontrar ainda para a constituir.

No 2.º volume do Archivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, de 1877, em uma bella memoria escripta pelo sr. Orville A. Derby, companheiro do chorado professor C. Fr. Hartt, de certo aquelle que maior luz lançou sobre o assumpto de que me occupo, encontro o seguinte trecho publicado pelo sr. Hartt em New-York no 8.º volume do *Journal of de American Geographical Society:*

«O valle do Amazonas, ao principio appareceu como um largo canal entre duas ilhas, ou grupos de ilhas, das quaes uma constituiu a base e o nucleo do planalto brasileiro, e a outra ao Norte do planalto da Guyana. Estas ilhas appareceram no principio da idade siluriana, e um pouco depois d'ella. N'aquella epocha os Andes não existiam ainda.

«N'este canal foi depositada uma serie de camadas representando os terrenos siluriano superior, devoniano, carbonifero, e cretaceo, as quaes apparecem successivamente de um e outro lado, em terra firme, estreitando assim a passagem entre as duas ilhas. O levantamento dos Andes, é posterior á deposição d'estas camadas.

«Antes da apparição dos Andes, continúa o professor Hartt, o valle do Amazonas consistia simplemente em dous golphos unidos por estreito canal. Os Andes irromperam

na entrada do Oeste, convertendo-o em uma verdadeira bacia, posto que com sahidas tanto ao Norte como ao Sul. Todo o continente foi depois deprimido de modo tal, que as aguas cobriram amplamente os planaltos da Guyana e do Brazil, e as camadas terciarias foram alli depositadas, variando em espessura e constructura, conforme as condições em que foram formadas.

«É de suppôr que estas camadas se tivessem adaptado em nivel, com o fundo sobre que tenham sido depositadas, conservando-se mais altas nas mais baixas margens da bacia e emergindo das margens para o centro.

«Quando o continente surgiu outra vez sobre as aguas, primeiramente levantaram-se os planaltos, nivellados por sua nova acquisição de depositos; porém logo depois, os actuaes divisôres das aguas, ligando os grandes planaltos com os Andes, vieram acima da agua, e o valle do Amazonas tornou-se um mediterraneo, communicando a Leste com o Atlantico por um apertado canal. As camadas terciarias da provincia do Pará, sendo pouco coherentes, foram rapidamente desnudadas pela acção do mar, durante o levantamento do continente. Provavelmente, emquanto a Guyana existiu como uma ilha, o Amazonas sentiu a acção da corrente equatorial que muito devia ter influido nos transportes dos detritos de desnudação. No fim, as camadas terciarias foram varridas sobre uma immensa extensão de territorio, conservando-se a serra do Pará, e as montanhas semelhantes, ao Norte, como monumentos de sua existencia. Em Monte-Alegre, em Santarem e perto do Alter do Chão (no Tapajós), os monticulos largos, arenosos e arredondados, parecem representar hoje nada menos que restos das collinas terciarias que foram derrocadas e em parte reestratificadas, até que appareceram como enormes bancos de areia. Emquanto o manto terciario se desnudava, as correntes das terras altas foram rasgando por si mesmas numerosos valles atravez das camadas, e estes formando estuario, dilataram-se em maior extensão do que teria sido possivel fazêl-o ás proprias correntes. Durante esta

epocha de desnudação, foram deixados varios depositos não só no fundo do mar interior, mas tambem no golpho em que elle se abria, a Leste.

«Continuando a sublevação, o mar interior, agora pouco fundo em virtude da deposição de muito sedimento, e ao mesmo tempo salôbro pelo tributo de milhares de correntes, estreitou-se rapidamente quanto á sua area, e o rio Amazonas que antes desaguava em um lago, ao pé dos Andes, começou a estender o seu curso, seguindo as aguas que se retiravam. Por fim, o canal que communicava com a bacia interior foi-se estreitando entre a linha de montes que se estende de Obidos a Almeirim, e os altos do lado de Santarem, em uma distancia de não menos de trinta a quarenta milhas. Este ponto foi o que mais se estreitou. Devo accrescentar que o curso do rio acha-se apertado presentemente em Obidos, pela extensão das planicies alluviaes no lado Sul.»

Esta exposição da theoria apresentada pelo sr. Hartt está de accordo com um facto que se dá no Amazonas e é, que as tres secções do rio, a que os indios ou os primeiros navegadores deram os nomes de Marañon, Solimões e Amazonas, pouco mais ou menos coincidem geologicamente com tres secções do valle distinctas por seus caracteres phisicos e que parecem differir em sua historia geologica.

Do que tenho dito resulta que apenas as primeiras paginas estão lidas dos estudos geologicos da Amazonia, e nem é para admirar que em tão extensas regiões, em que a solidão domina, para estes inumeros e extensos rios affluentes em que só navega a ubá do indio, ou a montaria do regatão, e só de dias a dias se ouve o sibillar dos vapôres, não bastem trinta ou quarenta volumes de algum valor escriptos por homens de sciencia, como Wallace, Humboldt, Hartt, Martius, Herndon, etc., que se não contentam em narrar episodios, ou factos e tradições, mal observados, mal comprovados, como as obras de Emile Carrey, Biard, etc., que rivalisão na imaginacão inventiva com o cavalheiro de Monkausen.

Antes de concluir o que julguei dever dizer sobre o Amazonas, e passar a tratar dos seus principaes tributarios, permitta-me o leitor algumas reflexões geraes sobre as regiões banhadas por aquelle canal, que terão em vista mostrar que os territorios que constituem os estados do Pará e Amazonas desde já deveriam começar a chamar a attenção dos emigrantes, e entretanto são elles dos mais desconhecidos e abandonados, e isto devido tanto á ignorancia no estrangeiro, como á culposa indifferença dos naturaes e á dos povos limitrophes, que pela sua posição geographica tem interesse no desenvolvimento da Amazonia.

Aonde se encontrará um trato de terras de todas as composições com um declive tão suave, com tantas e tão abundantes riquezas naturaes, que como este offereça uma superficie computada em cerca de 4.000:000 de milhas quadradas cortadas pelos rio mais consideraveis do mundo, que facilitão a navegação até os extremos limites, e concorrendo todos com suas aguas a formar um canal gigantesco, essa communicação internacional destinada a transportar quasi de um a outro oceano as producções da Europa assim como a levar a esta as producções inumeras e immensas de todos os pontos da America central e do Brazil, para fornecer os productos das frigidas encostas dos Andes e das ardentes planuras das Guyanas? A extensão d'este canal avalia-se, e a sua importancia comprehende-se, vendo que elle tem um curso de 3:000 milhas a contar de Pongo de Mausseriche até o Oceano, e que pode ser navegado por qualquer navio.

Se porém os terrenos que elle domina com os seus tributarios espanta pela extensão, não menor admiração causa pela variedade e riqueza de productos em qualquer dos reinos da natureza; assim alli encontramos o cacáo, o café, o algodão, o memdobim, a borracha, o sassafrás, os oleos diversos, mais de 400 especies de madeiras utilisaveis, o ourucú, o cauchu, a coca, o marfim vegetal, o cumarú, o umiri, o milho, o feijão, as farinhas, os grudes, as castanhas de tantas especies, as féculas, o cravo, a canella, a

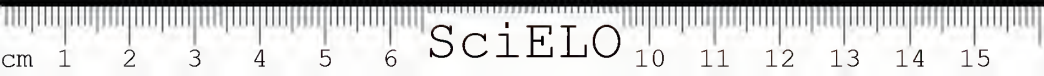
quina, a copahyba, as resinas variadas, o guaraná, as fibras desde a estopa ás que são eguaes á seda mais fina, as painas quasi impalpaveis, a ucuúba para vellas, os venenos mais energicos, a par de medicamentos preciosos que Spix e Martius consignaram em seus escriptos.

Mas se tudo isto não bastasse para demonstrar a these que enunciei, ella tem a sua completa prova no estudo d'essa séde de rios que se crusam, cortam, enredam, trazendo todos as suas aguas para um centro commum, e promettendo um futuro desenvolvimento commercial para o interior d'estas regiões quando habitadas como em nenhuma outra parte vemos. A uberdade parece ser a partilha de todas as terras regadas por estes rios, desde os Andes peruanos até á sua entrada no Oceano.

As cheias periodicas inundando largas extensões em todas as suas margens, n'ellas depõem os nateiros que dão a abundancia das colheitas.

A facilidade de communicações fluviaes ainda vem robustecer mais a these que enunciei; assim tanto nos territorios das nações visinhas como no do Brazil, estas estradas que se movem, cortam as vastas extensões, e sem pertender enumeral-as todas, enumerarei algumas como o Callaga ou Guallaga a 11° N. e 75° long. O. com 600 milhas de curso, o Ucayalle com 1:400, o Morona navegavel por mais de 300 milhas, o Gavary situado a mais de 600 legoas do Atlantico com um curso de 380 milhas, o Jutahy, o Juruá correndo parallelos, um com um curso de perto de 400 milhas, o outro com mais de 700; o Purús com um curso proximo a 1:000 milhas; o Madeira com um curso desempedido de obstaculos até perto de 480 milhas de sua foz, e tão extenso é elle, que se não fôra o obstaculo das cachoeiras, elle levaria o viajante até os pontos mais centraes da Bolivia, pois tem o seu *terminus* junto ás serras nevadas do Sorata.

Muitos outros poderia enumerar como o Tigre, o Pastaza e o Napo, que nos levam ao Equadôr, o Japurá e o Caquetá, que nos conduzem a Nova Granada, o Rio Ne-

gro que percorre a Nova Granada, Venezuella e Brazil, tendo tributarios como o Uaupés, Padaviry, e Branco, com um curso de 1:500 milhas, navegavel em mais de 1:000.

Para que enumerar os centenares de outros affluentes que cada vez comprovariam mais a admiravel divisão de tantos canaes, dos quaes o maior numero é superior ao Rheno, Rhodano Tibre, Danubio, por aquella superficie de 4.000:000 milhas quadradas, divisão que permitte, que promette, que assegura, o mais facil e collossal commercio entre todas as nações, que mediata ou immediatamente communicam com o Amazonas?

Esta disposição unica, singular no mundo inteiro, devia assegurar a imigração, a facil colonisação, a união politica, e estreitar as relações sociaes, facilitar o conhecimento, estudo e união de toda a America Meridional, e entretanto esta união, este desenvolvimento commercial, esta fraternidade americana, não passa de ser um sonho, e de tudo isto nada existe senão os elementos dados por Deus, que tanto deviam surgir se a intelligencia humana viesse fecundar este mundo morto e inerte.

O sr. Rojas no seu importante trabalho sobre o Norte da America do Sul, melhor do que eu traçou em um quadro synoptico as communicações que fariam de toda a America meridional um todo grande e poderoso ligado pelos seus rios. Diz elle: «O negociante do Pará tomando a direcção Norte sobre o rio Negro, penetra nos valles do Orinoco pelo Cassiquiari, ou pelo isthmo de Pimichim, baixa pelo Atabapo até o Orinoco, e seguindo depois seu curso, ou chega até Angustura, ou até o Atlantico; ou subindo o Apuré ou o Guarico, visitando as provincias interiores de Venezuella, ou tomando pelo Meta, chega até o interior da Nova-Granada, até Bogotá; e pelo Casanave ou pelo Meta acima chegará ao Rio-Negro. Ao que vier de Demerara ao NE. n'aquelle continente, subindo o Esequibo até Repununi, limite com Venezuella, e o Avaricurú, tributario, d'este atravessando o isthmo que communica os valles, baixa até o Pirarara, tributario do Rio Branco, e todos que se lhe

juntam até o Amazonas. Se quizer percorrer os paizes do Oeste, irá até Cuzco pelo Ucayalle, até Pasco e Lima pelo Huallaga, até Quito pelo Napo, e pelo Madeira e seu tributario Mamoré até á propria capital da Bolivia (Chuquisaca).

«Para completar a communicação fluvial interior com todos os pontos do continente, dirijamo-nos agora até os estados do Prata, tão admiravelmente situados para poderem alcançar seus respectivos governos, á sombra de instituições regulares, um alto gráo de prosperidade e um bem estar invejavel, (1) e examinemos ao mesmo tempo a possibilidade de communicar aquelles valles com os do Amazonas, Orinoco e Esquibo.

«Cumprindo este proposito, indicaremos primeiro as localidades por onde precisamente existem essas vias de communicação, e direi o que até agora consta acerca de sua praticabilidade.

«Entre 8° e 21° lat. Sul, e 44° e 65° long. Oeste, existe uma cordilheira de montanhas situadas de Leste a Oeste, a qual atravessa aquelle espaço fazendo grandes inflexões, desde Piranga, em Minas Geraes, até quasi encontrar o rio Madeira na lat. 8.° Sul. Esta serra com differentes nomes, segundo suas inflexões, ora é chamada Serra Marcella, ora Tabatinga, Pirinéos, Sacco, Campos do Parecis, semelhante á Serra Parimá, ao Norte, que separa os valles do Orinoco dos do Amazonas ao NO., e dos do Esequibo ao NE., que dá aguas por sua vertente septentrional ao Orinoco e Esequibo, e pela meridional ao Amazonas por intermedio do rio Branco e outros mais a Leste, exercendo as mesmas funcções que esta, repartindo as aguas N. S. e formando com ellas os grandes rios que cahem no Amazonas, o Madeira, o Tapajós, o Xingú, Araguay e Tocantins, e ao S. os principaes que levam as aguas ao Prata, Paraguay e Paraná.

«Pois é n'esta serra, toda pertencente ao Brazil, que podem operar-se as communicações entre as aguas do Ama-

(1) Isto era escripto em 1867.

zonas e as do Prata, Paraguay e Paraná, e aperfeiçoar-se as que existem ainda em seu estado natural, particularmente entre as latitudes 13° e 16° S., e as longitudes 50° e 60° O., situadas nas provincias do Matto-Grosso e Goyaz.

«Quatro são até agora os pontos indicados para realisar tão importante união, pelos rios Sumidouro e Avinos, tributarios do Tapajós com o Paraguay, tributario do Prata; com o Avinos egualmente por meio do Cuyabá, tributario do Paraguay; pelo Xingú, tributario do Amazonas, com o mesmo Cuyabá; e em quarto logar finalmente pelo Pilombo, tributario do Araguay, com o Piquiry, tributario do Cuyabá, os tres primeiros nas serras dos campos dos Parecis, o ultimo na serra do Sacco.

«Das communicações indicadas, a mais facil é aquella que, subindo o Tapajós até quasi a sua origem, toma por um outro de seus tributarios, o Avinos ou Sumidouro, que nasce por 13°40'; este caminho é o mais frequentado por estar situada, um pouco acima da bocca do Tapajós, uma povoação importante (Santarem).»

....

Se eu tivesse os conhecimentos precisos, ou tivesse os materiaes necessarios para um estudo desenvolvido da estructura geologica do Brazil, seria aqui o logar apropriado para tratar da sua orographia mas não os possuo nem o quadro que tracei a este meu trabalho comporta um tal desenvolvimento; estes meus estudos limitam-se aos estados do Pará e Amazonas, e só do que a elles disser respeito me occuparei.

Poucos são os estudos feitos sobre este ramo de conhecimentos applicados ao Brazil, Humboldt, d'Orbigny, Agassiz, Martius, A. S.t Hilaire, e um ou outro mais, são os que d'elle se tem occupado, e com razão diz H. Smith, que quanto á geologia, bem como á geographia, o valle do Amazonas apenas em um ou outro ponto foi prescrutado.

Os que o tem tentado, tem reconhecido a natureza geologica das diversas formações amazonicas na direcção a que os levou o seu plano de viagem, mas não poderam re-

conhecer nem a extensão nem os limites d'essas formações; assim os grês, os schistos argilosos, são os que mais apparecem simultaneamente com as rochas metamorphicas; a formação devoniana, assim como a carbonifera são largamente representadas, e d'Orbigny as referiu á idade carbonifera; mas por outro lado temos que a stratificação da epocha secundaria que se apresenta na linha divisoria das aguas do Tocantins forma tambem uma parte da planura amazonica; no planalto Guyanez tambem o grês figura em larga escala e na sua margem meridional as rochas cristallinas se apresentam inferiores a estas fachas sedimentares.

Vemos pois quantos elementos de estudo faltam para o conhecimento perfeito da orographia amazonica.

Na obra publicada no *Diario do Gram Pará* com o titulo *Amazonia*, como devida a tres cavalheiros, mas que ao certo, a primeira parte, a unica publicada, é só devida ao talentoso escriptor José Gualdino, encontrei reunidos systematicamente muitos elementos sobre este assumpto, colhidos como elle diz em uma serie de numerosos e extensos documentos publicados em diversas epochas. É d'este trabalho pois que tirarei parte do que se segue, lamentando que um trabalho tão rico de estudos fosse interrompido pela morte do auctor (1890). Alem d'este, tenho consultado muitos outros auctores para este meu trabalho, a elles irei buscar muito do que escrever, referindo-o com lealdade.

Divide elle o systema orographico brazileiro nas seguintes cordilheiras com differentes inclinações de S. a N. A principal, *Cordilheira central*, tambem chamada da Mantiqueira ou do Espinhaço, que se estende do 10° ao 28° parallelo, atravessando as provincias da Bahia, Minas-geraes, S. Paulo, e a extremidade septentrional da de S. Pedro do Sul, terminando na do Rio de Janeiro. N'esta cordilheira tem suas vertentes os rios S. Francisco, Jequitinhonha e Paraná.

Cordilheira Oriental — Demora em uma direcção parallela á cósta e em uma extensão comprehendida entre 16°

ESTADO
DO
AMAZONAS
Republica de
Venezuela
Republica de
Nova Granada
Republica do
Peru
Guyana
Ingleza
Estado do
Pará
Estado de
Matto Grosso
Republica da
Bolivia
MANÁOS
Castanhas
Borracha
Baunilha
Couros
Cacáo
Copahyba
Salsaparrilha
Anil
Tabatinga
Teffé
Barcellos
Moura
Itacoatiara
Parintins
Borba
Serra Jacamim
Serra Pacaraima
Serra Araraquara
Serra Cucuhy
Escala de 1:11110000
MANÁOS
Rio Negro
L. Saracá
Ilha de S. Vicente
Amazonas
L. Maracary
L. Poratury
Escala de 1:2775000

e 30° de lat. Esta linha de montanhas é geralmente conhecida pelo nome de *Serra do Mar;* atravessa as provincias do Rio Grande, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, S. Pedro do Sul, e é ligada á serra do Espinhaço pelas montanhas das Esmeraldas, Negra e Escavada. N'esta cordilheira tem sua origem o Parahyba do Sul, Tieté, Paraná-panema, Uruguay.

A Cordilheira Occidental — Estende-se desde a fronteira meridional do Ceará até a extremidade occidental de Matto-Grosso, descrevendo um enorme semi-circulo que corta as provincias de Piauhy, Pernambuco, Minas, Goyaz, Matto-Grosso, com os nomes de Serra Ibiapaba, Tabatinga, Arara, Pirineos ou das Vertentes, de S.ta Martha dos Bororós, dos Parecis e Urucumaque. A serra Borborema é um braço que sahe da das Vertentes na parte que é chamada Serra Ibiapaba e atravessa a Parahyba, dirigindo-se ao Cabo de S. Roque. A O. da zona das Vertentes, a contar da serra Tabatinga, nota-se uma serie de montes que, dirigindo-se ao Norte e ramificando-se para Este, separam as aguas que regam o Maranhão das dos affluentes orientaes do Tocantins. Entre muitos outros rios o Tocantins, Araguaya Parnahyba, Xingú e Tapajós tomam a sua origem nas serras Negra, dos Crístaes, da Canastra e Marcella que se unem com a cordilheira occidental.

Cordilheira Septentrional — Esta é constituida pela serie de montanhas que, seguindo-se umas ás outras não formam uma verdadeira cordilheira, pois entre si são separadas por grandes planuras e extensas florestas; é a linha d'estas montanhas que separa no grande continente a parte que constitue as Guyanas Franceza, Hollandeza, e Ingleza, e a Columbia e ainda uma parte que é do Brazil.

Os principaes de entre os numerosos rios que tomam suas aguas em uma ou outra das vertentes d'estas montanhas, são o Orinoco, o Maroni, o Esequibo, o Surinam, que desaguam no mar, e todos os outros que trazem suas aguas ao Amazonas e Rio Negro na outra vertente.

As serras mais notaveis são a Tumucuraque, Acaray, Pacarainá, que se vão ligar á serra Parimá, e a primeira d'ellas vem perder-se proximo ao mar pelo lado do cabo de Orange, é esta serra, que em uma de suas ramificações vai constituir a serra do Pará e as pequenas serranias de um caracter original pelo seu isolamento, conhecidas com os nomes do Velha-pobre, Almeirim, do Parú, do Outeiro, e as do Paituna, Tajury e Ereré, junto a Monte-Alegre.

A altitude media do systema diminue de N. a S. de 756 até 400 toezas; a dos pontos maximos de 1:350 a 1:000 e a 900 toezas. A cadêa mais elevada é a do littoral de Venezuella, que se liga aos Andes. Se estudarmos o Norte, encontramos nas Americas Centraes (lat. 12° e 30°) e boreal (lat. 30° e 70°) a E. dos Andes de Guatemalla do Mexico, da Alta Luiziania, a mesma regularidade de abaixamento que se nota no Sul.

Não me alongarei mais, acompanhando a obra que citei, em seus desenvolvimentos; o meu fim foi dar facilidade aos que bem quizerem conhecer a bacia amazonica, em seguir o contorno das serranias, tanto na Cordilheira Occidental como na Septentrional que formam as grandes vertentes em que vão tomar origem os principaes affluentes do Amazonas.

CAPITULO II

OS TRIBUTARIOS DO AMAZONAS

MARGEM DIREITA

Huallaga. — Ucayali. — Javary. — Janaiatuba. — Comatiá. — Iniaté. — Acurui. — Patiá. — Maturá. — Jutahy. — Icapé. — Mujuitiba. — Manaruá. — Puruini. — Gurumati. — Campina. — Umanapiá. — Cayaras. — Jurahy. — Juruá. — Acaricuara. — Teffé. — Cayamé. — Jitica-paraná. — Catuá. — Coary. — Mamia. — Quenarú. — Camará. — Purus e seus affluentes. — Uautás. — Madeira e seus affluentes. — Tapajós e seus affuentes. — Andirá. — Curuá. — Uruará. — Aquiqui. — Xingú. — Tajipurú. — Anapú. — Pacajá. — Jacunda. — Tocantins e seus affuentes. — Capim. — Guamá. — Guajará.

Não tenho a presumpção de enumerar e menos descrever todos os affluentes do Amazonas, e nem isso me seria possivel porque de grande parte d'elles apenas se conhece a embocadura e o nome, ignorando-se portanto se elles serão rios distinctos ou ramificações de um mesmo tronco com diversas sahidas e indo ligar-se ás vezes bem longe; alguns não ennumerarei pela sua pouca importancia, não tendo quasi curso algum, outros um pequenissimo volume de agua não passando de ribeiros ou riachos pelos quaes não se póde estabelecer navegação, e contentar-me-hei em lhes indicar os nomes.

Dos mais importantes, á proporção que d'elles fôr tratando, direi o que souber sobre seus affluentes e condições favoraveis que offereçam para communicações com as differentes nações visinhas ou com outros estados da Republica.

O titulo que dei a este livro parece que me não obriga

a fallar de alguns grandes affluentes do Amazonas que n'elle desembocam em territorio que não é brazileiro, taes como o Huallaga, o Ucayalle, na margem direita, e o Mormo Pastaja, Tigre, Yacú, Hambira e Napo na margem esquerda, mas tratando do grande rio, parece-me que este trabalho ficaria incompleto, se d'elles não dissesse alguma coisa sendo importantissimos pelo volume de suas aguas e pelo seu extenso percurso, e por isso os encontrareis nas seguintes paginas enumerados.

Huallaga — Tambem conhecido com o nome de Gualaga. Os quatro viajantes que mais estudaram este rio foram Th. Haenke, em 1790, Smith, entre 1810 e 1820, o tenente americano Herndon, em 1857, e o viajante Charles Wiener, em 1879.

O volume de suas aguas, a extensão de sua carreira fizeram que antes de ser melhor explorado muitos o tomassem pelo tronco principal do mesmo Amazonas. A primeira secção do seu curso é cortada por corredeiras e cachoeiras, que talvez sejam as ultimas ramificações das serras em que elle toma origem nas vertentes orientaes dos Andes.

Segundo Herndon o ponto de onde começa a navegação do Huallaga, é em Tingo-Maria; é n'essa encosta que mais abunda a coca, essa planta de tão notavel acção no systema nervoso; só n'esta quebrada são colhidas annualmente 700 cargas de coca, ou 182:000 libras; d'este ponto (Tingo-Maria) para baixo o rio começa a offerecer maior fundo e é desimpedido dos obstaculos que até ahi apresentava.

Tingo Maria, que é o ultimo ponto navegado a vapor n'este rio, dista 610 kilometros de Tabatinga e 5:387 kilometros de Belem, segundo Herndon. Além de Yurimaguas, o Huallaga só é navegavel a canôas até Tingo-Maria.

Nas differentes obras que consultei, assim como nos mappas e roteiros, nada encontrei que me désse as distancias parciaes entre estes dois pontos; só pude colher os seguintes dados:

Distancia no rio Huallaga de Tabatinga a differentes pontos

Loreto	9	leguas
Camucheros	21	»
Peruate	27	»
Maucallacta	30	»
Cochiquinas	32	»
Pebas	38	»
Corocoche	51	»
Pisco-Alpa	55	»
Tinicuro	57	»
Iquitos	62	»
Omaguas	70	»
Nauta	75	»
S. Regis	81	»
Parinari	93	»
Urarinas	119	»

Distancia de Lima a Tingo-Maria

De Lima a Chiclocaio	18	milhas
» Chiclocaio a Sant'Anna	10	»
» Sant'Anna a Surco	18	»
» » a San Mateo	18	»
» » a Achalmasco	13	»
» » a Morocoche	12	»
» » a Oroia	17	»
» » a Tarma	16	»
» » a Palcamaio	15	»
» » a Junim	18	»
» » a Carhuamayo	15	»
» » a Cascamarguilla	15	»
» » a S. Rafael	15	»
» » a Ambo	20	»
» » a Huanuco	15	»
» » a Acomaio	14	»
	249	milhas

Transporte........	249	milhas
De Sant'Anna a Chinchao..................	16	»
» » a Chihuangalla..............	20	»
» » a La Cueva................	20	»
» » a Tingo-Maria...............	10	»
	315	milhas

Esta distancia pode ser encurtada de 28 milhas, vindo directamente de Lima a Serro de Pasco em vez de vir por Tarma. As ultimas 30 milhas são feitas a pé, por não haver caminho aberto para mulas.

Diz Herndon que de Tingo-Maria até Chacuta, pontos em que o rio até á sua foz pode ser navegado mesmo na epocha da vasante por barcos de cinco pés de calado de agua, contou tresentas e vinte cinco milhas, e de Chacuta até á foz ainda se contam 285 milhas, ou total de extensão navegavel 610 milhas, com uma inclinação de seu leito de quatro pés e vinte centesimos por milha.

Este rio que nasce na provincia de Janin, perto de Huanico, só toma o nome de Huallaga em Muna, sendo até ahi conhecido pelo nome de Huanico.

Herndon gaba muito os terrenos por elle banhados, não só por suas numerosas producções, como pela boa qualidade d'ellas.

O UCAYALI

Na obra do Sr. José Gualdino se faz menção do rio Lameria, e diz elle que, segundo o que a respeito escreve Carlos Wienner, tem um curso por elle navegado de cerca de 400 kilometros com affluentes consideraveis, e é rico em Hevacas [1]. Entretanto Herndon que percorreu estas pa-

---

[1] *Hevaca guyanensis*, uma das arvores com cuja seiva é feita a borracha que entra no commercio. Como ella, *a Syphonia elastica*, *a Jatropha elastica*, *a Syphonia cabuchú*, *a Syphenia rythidocarpa*, servem para o fabrico de borracha; as melhores porém são obtidas de Hevaca guyanensis e da Syphonia elastica, peculiares ao valle do Amazonas.

ragens não em lancha a vapôr mas em canôa, lentamente, estando em demorado contacto com os habitantes, informando-se com elles, nem uma palavra diz sobre elle, nem com um traço o assignalou em seu mappa; pela mesma forma, Martius no seu atlas, que é um dos melhores, o não marca. Acredito porém a asserção de Wienner, pois que de muitos outros rios importantes n'estas regiões sei que ainda não foram navegados, sendo porém para admirar que a *Geographia do Perú*, de Paz Soldan, tratando miudamente do Ucayali e do Huallaga, não falle d'elle.

Feita esta observação, para que me não chamem leviano, tratarei do Ucayali.

De todos os rios que concorrem no Perú para formar o Amazonas, é este o mais importante, e tão importante que ainda hoje se dividem as opiniões entre ser elle ou o Marañon que dá origem ao Amazonas. Os geographos Paz Soldan e Raymondi opinam que deve ter esta honra o Marañon; entretanto parece a outros erronea esta opinião, fundados nas seguintes fortes razões: o Marañon tem menor extensão, traz menor volume de agua e não pode ser navegado em todo o anno, o Ucayali porém trazendo maior massa de aguas, pode ser navegado em todas as epochas por barcos de 600 toneladas, como o vapor *Morona*, até uma distancia muito maior, isto em todo o anno como se acha confirmado pelo *Diario* das duas expedições feitas pelo tenente Raygada. O Ucayali tem a sua origem nos Andes, nas montanhas de Sica, departamento de Cusco, aos 10º-40′ de latitude Sul e ao 74º-40′ de long. Oeste de Paris; é desde a sua juncção com o Marañon, a cinco milhas de nauta, que o Amazonas se torna verdadeiramente o collosso dos rios. Este ponto de juncção em que termina a bacia superior Amazonica, dista da foz do Huallaga 180 kilometros, e 420 de Pongo de Mauseriche.

Tem elle numerosos affluentes dos quaes os principaes são o Sant'Anna ou Urubamba, o Apurimac, o Pachitea, alem de outros. O seu curso é aproximadamente de 2:400 kilometros. Entre os affluentes que notei, merece especial

menção o Pachitea, pelo seu affluente o Mairo, que é navegavel até Mairo a 100 legoas do Pacifico e a 180 de Iquitos, no Amazonas.

O Ucayali é de suprema importancia para o Perú, pois por si e por seus affluentes leva o commercio e a vida social a enormes distancias. O Perú vê-se obrigado a dar seus productos ou a vapôres que levam a navegação ao longo da costa dobrando o cabo de Hornos, ou entrando no Estreito de Magalhães, ambos os caminhos arriscados, e indo até o Rio de Janeiro e d'ahi para a Europa; ou seguindo o isthmo de Panamá e sendo baldeado duas vezes, o que os deteriora e sobrecarrega com despezas. Ao passo que ficando os ultimos pontos navegaveis pelo Ucayali e seus affluentes a distancias relativamente pequenas de muitos pontos productores, por este rio os productos teriam facil conducção e animariam este transito as industrias que se lhe tornariam inherentes, ficando o dinheiro e o resultado do seu giro no paiz.

Quando tratarmos do Madeira e da Bolivia, onde elle vai buscar parte de suas aguas, veremos uma questão analoga, mas como ella diz respeito ao Brazil, eu serei mais extenso do que n'esta, que é particular ao Perú.

JAVARY

O Javary fica situado, segundo os mappas do Sr. J. da Costa Azevedo, a 4°-15′ de lat. S. e a 26°-46′-24″ de long. O. do Rio de Janeiro. D'este rio, assim como de todos aquelles a que o commercio não tenha dado especial attenção, como acontece com o Madeira, Purus e Içá, as noções que tenho não são satisfatorias; direi porém aquillo que a respeito pude colher. Este é um dos pontos que, como já atraz fica dito, foi reconhecido como fronteira, e d'ahi deve partir a linha divisoria a encontrar o Japurá ou Yapurá; e não só por isso, como porque na parte hespanhola até o Javary, tem o grande rio o nome de Marañon, e d'ahi aguas abaixo até á confluencia do Rio-Negro é chamado

Solimões e deve despertar a attenção como formando o termo de uma das duas grandes secções que atraz enumerei.

As nações indicas, que percorrem estas regiões, eram no tempo e segundo a narrativa de Christoval da Cuña, Chamitá, Chimaauá, Colino, Marauá, Momauá, Pano, Tapaxana, Tucuma, Uaraicú, Yames e Mayurunas; em 1768, já o padre Dr. José Monteiro de Noronha, vigario geral da capitania do Rio Negro, occupando-se das nações de indios, que habitam este rio, não falla nas nações Colino, Momauá, Tapaxana, e Tucuna, e em nossos dias quasi que só se falla dos ferozes Mayrunas, aos quaes por corrupção chamam Mangeronas, que parecem ter adquirido o quasi exclusivo dominio d'estes logares, conservando-se bravíos, e dando provas de que não querem o contacto dos brancos, aos quaes attacam, como fizeram á expedição exploradora de que faziam parte como chefes, o distincto hydrographo da marinha brazileira Soares Pinto e o escriptor e geographo peruano Paz Soldan, perecendo o primeiro a frechadas dos indios, e o segundo tendo perdido uma perna que lhe foi amputada; além de outros mortos e feridos. A causa d'este morticinio é attribuida a terem os exploradores, para facilitar a marcha dos escaleres, cortado as pontes formadas por grandes arvores, que os indios tinham lançado de uma a outra margem, o que elles tomaram como uma aggressão.

Poucos dados encontro para com exactidão marcar a extensão de seu curso e sua direcção; assim Herndon apenas percorreu n'elle uma extensão de 183 kilometros, Castelnau dá-lhe um curso de 270 milhas, e como direcção dá-lhe a de Leste-Oeste; outros dão a de N. E.

Segundo a carta citada por Castelnau em sua obra e que elle suppõe levantada pelos commissarios portuguezes, subiram estes o rio pelo seu ramo principal, o Jacaraná, 210 milhas em linha recta; elle é comtudo, segundo affirma Castelnau, em extremo sinuoso e tanto que elle calcula a sua extensão seguindo as sinuosidades de seu curso em 525 milhas.

Possuo um mappa d'este rio, que foi de meu pae, que

por muitos annos fez parte da ultima commissão portugueza; esse mappa é dos primeiros commissarios de 1778 e dá a linha N. E. como a direcção do Javary; não traz porém senão uma parte de seu curso.

O valle em que corre o Javary não offerece a largura d'aquelles em que correm o Juruá e o Purus, é comtudo mais agradavel pois que as suas margens não são tão baixas e alagadas; é rico de producções naturaes, taes como o cacáo e a salsa parrilha.

Acontece que a margem peruana d'este rio é pouco abundante das árvores que produzem a borracha, ao passo que na margem brazileira ellas crescem numerosas; entretanto a maior parte da goma elastica d'estas regiões vem apresentar-se nos mercados de Manáos e Pará como vinda do Perú, graças á criminosa conivencia das autoridades brazileiras que auxiliam este commercio em vez de o fiscalisar; quasi toda a borracha que n'aquellas proximidades se fabrica em territorio brazileiro, atravessando o Javary, vai baptisar-se peruana na outra margem com a benevola assignatura de funccionarios brazileiros. Em uma das occasiões em que tive a honra de administrar as provincias amazonicas, remetti ao governo central uma guia em branco já assignada pelos funccionarios que a deviam legalisar, antes de se inscrever os generos a que ella se referia, e o funccionario, em vez de ser castigado, foi removido para melhor logar.

Dizem as chronicas de tempos passados que os indios Mayurunas usam uma corôa aberta no alto da cabeça, tem furos nos beiços que ornam com penas de côres, mettidas n'esses furos; eguaes ornatos, contas e conchas usam pendentes das orelhas e labio inferior. Dos seus costumes, dizem que são mui barbaros, sendo mesmo authropophagos não só para com os inimigos, como para com os de sua propria nação que estão doentes ou muito velhos, tomando parte nos banquetes os proprios filhos e paes dos que foram mortos. Isto tem sido repetido pelos chronistas e viajantes fundados na affirmativa dos que os precederam. Que

elles são ferozes, que matam seus inimigos sem perdão e que com os ossos das canellas fazem ornamentos, não ha que duvidar, pois que as viagens feitas pelos commissarios peruanos o tem provado, e eu já tenho tido em minhas mãos alguns d'estes ornamentos, mas quanto a canibalismo, ainda não obtive provas para mim indiscutiveis, antes em contrario para esta e outras nações de indios.

Este foi o local escolhido pelo missionario Samuel Fritz para uma das aldeias, que, como missionario da corôa de Hespanha, tratou de fundar, até que em 1691 foi preso por ordem do governador geral Antonio de Albuquerque. Este missionario bastante illustrado é o auctor de um trabalho sobre o rio Amazonas intitulado: *El gran rio Marañon e Amazonas*, em que discrimina a questão do territorio das Guyanas que tão discutido tem sido. Esta obra existe, segundo affirmam diversos e entre elles Joaquim Caetano da Silva, em original na Bibliotheca Nacional de Paris, (vide l'Oyapoc no § 2005).

Segundo o dizer do J. Caetano da Silva e a asserção de D. Antonio de Ullôa, o jesuita veio ao Pará em 1689, tendo descido o Amazonas; ahi foi retido, não como espião, mas por ter fundado missões hespanholas nos territorios a Leste do Javary, e permaneceu no Pará 22 mezes e d'ahi partiu a 8 de julho de 1691 no tempo do governador geral do Maranhão, Albuquerque. O jornal de Fritz, lido por La Condanime, attesta que o mappa foi organisado no Pará, e gravado depois em Quito. O trabalho foi corrigido em 1693 pelo seu auctor, e publicado em 1707.

RIO JANAIATUBA

D'este rio apenas é conhecida a embocadura, nunca tendo sido objecto de uma exploração.

No mappa de Spix e Martius, em seguida ao Javary descendo o Rio, se acham designados os rios Capacete, Jurupary, Tapera, Manapurá (segundo Baena, Macapuaná), Pacuti, e só depois é que se encontra o Jandiatuba; se-

gundo Baena porém na enumeração dos tributarios do Amazonas do seu *Ensaio Corographico*, em seguida ao Javary-se encontra o Janaiatuba, e depois d'este é que elle enumera o Jarupary, Tapera, Macapuaná e Pacuty, todos de muito pouca importancia. Segundo o testemunho do Dr. José Monteiro de Noronha, o Pacuty é um riacho, e a meia legoa de distancia d'elle foi estabelecida a povoação de Olivença depois mudada para outro logar.

Por estes logares vagavam os indios Umacas ou Cumbebas, Tocunas, Passés e Turis. O Padre Noronha, que é minucioso bastante, falla do Jandiatiba mas não do Janaiatuba.

CAMATIÁ

Pequeno rio não explorado habitado por indios Colinos; é gabada esta situação pelo contraste que offerecem suas margens uma alta outra baixa. Para aqui foi mudada a povoação de Olivença com o nome de Aldeia de S. Pedro.

Só encontrei este rio marcado na carta de Spix e Martius, com um curso bastante grande e desembocando acima da povoação de Castro de Avelans, que no mappa de Mr. de La Condamine é apontada com o nome de Eviratiba, e por outros com o mesmo nome na margem septentrional do Amazonas, pois que esta povoação por algum tempo alli persistiu, e depois nos outros logares: um proximo ao riacho e outro entre os riachos Maturá e Maturapacá; depois junto Aruti, ao Tonantins ou Caianá na margem Norte; e finalmente onde hoje está seis leguas acima da bocca do Içá, sendo em 1833 elevada a freguezia com o nome de Maturá.

ACURUI OU GORDI, PATIÁ E MATURACUPACÁ

Todos de pequeno curso e pequeno volume de aguas; habitadas suas margens até o fim do seculo passado por indios *Uaraicú*, *Marauá*, *Colinos* e *Cayuricenas*. D'estes tres pequenos rios o primeiro é o que tem maior curso.

MATURÁ E COPATANA

Junto ao primeiro d'estes rios esteve uma missão das que fundou o Padre Samuel Fritz de que atraz fallei e que em 1750 foi elevada á cathegoria de *Logar de Castro Avelãas*. É n'esta missão que se deu o facto de que, sublevando-se os indios Cayuvicenas contra o seu missionario Fr. Mathias Diniz, religioso carmelita, o trucidaram, abandonando a aldêa, mas o governador do Pará M. de Souza poz em seu alcance uma força commandada pelo capitão Freire, José R. Santarem, que os alcançou e puniu.

O Capatana é um insignificante riacho.

JUTAHY OU HYUTAHY

É um dos principaes rios d'esta secção amazonica, nas quaes, como pondera Heb. Smith, se nota que os tres grandes rios da s a parte inferior, o Tocantins, o Xingú e o Tapajós, são cortados a cada passo, já por correntezas impetuosas, já por verdadeiras cachoeiras, que difficultam e interrompem a navegação; depois d'estes appareceu Madeira, como limite entre os planaltos de Matto-Grosso, e a vasta e interminavel planura occidental que conserva o mesmo aspecto por centenares de milhas.

O Madeira já navegavel francamente até Santo Antonio, só offerece a sua zona encachoeirada d'ahi em diante, tendo depois espaços consideraveis de navegação livre.

Os quatro grandes rios porém da parte superior do Amazonas, isto é, o Javary o Jutahy, o Purús e o Juruá offerecem todos elles, um caracter especifico, commum e em tudo correlativo com a disposição do terreno que elles regam. Toda esta immensa região plana, na qual nem um accidente de terreno, parece vir alterar a monotonia de um constante e quasi completo nivellamento, tem nas aguas dos seus rios quasi a mesma imobilidade da fraquissima corrente; os barcos e vapores os percorrem sem ter que receiar outra cousa que não seja algum baixio na sua

parte extrema, ou algum tronco cravado no fundo; o seu percurso é geralmente sinuoso e não se encontra o pittoresco de uma margem abrupta que parece ir cortar a passagem ao rio; aqui é sempre a margem alagada por largo espaço, formando o extremo das terras com seus canaes e lagos pouco profundos, as aguas argilosas, amarelladas ou esbranquiçadas, correndo sem ruido. Eis o aspecto geral d'este grupo de rios.

O Jutahy, podemos dizel-o, ainda não foi explorado scientificamente; o que d'elle se conhece é o que tem marcado os *seringueiros* (fabricantes de borracha), e esses trazem para o commercio a prova da sua riqueza, na borracha e salsa que alli abundam. A excursão que por elle fizeram Brown e Lindstone, navegando em uma lancha a vapor mais de 700 kilometros, não teve caracter scientifico; é apenas uma descripção de viagem, pobre de observações geologicas, botanicas ou zoologicas. A bocca d'este rio é situada, segundo Baena, a 2°-36′ lat. Sul e 310°-46′-30″ de longitude. Seu curso tortuoso tem como tributarios os rios Upiá, Mutum, pela margem direita, e Coroem e Macarary pela margem esquerda.

O sr. Barrington Brown em sua narrativa diz que viajou durante dez dias a vapor desde a sua foz, que elle colloca a 2° 43′ 24″ lat. Sul e 66°, 43′, 39″ Oeste, e que apresenta 1 ½ milha de largura. A duas milhas de distancia da foz, já o rio tem só uma milha de largura, e vai esta gradualmente diminuindo até a 424 milhas da foz, ponto extremo a que elle chegou; na parte inferior apresenta 6,7 até 10 braças de fundo.

No espaço que percorreu achou os seguintes affluentes importantes:

Upiá que se une ao Jutahy pelo lado SSE. a cerca de 150 milhas da foz, com uma largura egual á do Jutahy, cerca de ⅓ de milha com cinco e meia braças de fundo.

O rio Mutum que conflue pelo rumo SE. a 300 milhas da foz com duzentas jardas de largura e 5 ½ braças de fundo.

O Coroem, a cerca de 424 milhas com 100 jardas de largura e 6 braças de fundo.

Foi elle informado por um sertanejo morador no Jutahy que a E. ha um outro affluente com o nome de Flecha ou Frecha, e antes d'este um outro bastante grande chamado Euajá cujas aguas são pretas.

Até o rio Mutum a navegação é facil, com fundo para um vapor de 200 a 300 tonelladas, e d'ahi para cima só tem duas braças na estação da secca; a navegação torna-se incommoda pelas muitas tortuosidades.

Apenas encontraram indios das tribus Marawás, Cataquinos e Bauás, mas foi informado de que no alto Jutahy se encontram as sete seguintes tribus: Moxarimas, Periquitos, Jucanas, Caiararas, Macacos-pregos, Porcos e Bauás, as quaes são quasi selvagens.

No seu percurso encontram-se barreiras córadas de branco e de côr de rosa, de pouca altura acima das aguas na epocha de cheia; no tempo da vasante tomam bastante altura, assim aquella que chamam *barreira alta*, entre todas as mais elevada, offerece a medida de 120 pés; é de côr branca na parte superior, mudando para côr de rosa na parte inferior até tocar a agua.

Estes depositos, segundo Brown, são de recente formação.

Segundo Christoval de Acuña as nações que habitavam este rio eram denominadas Tepumas, Guamurús, Oruanás, Moruás, Naunas, Canomonas, Marianás.

Em 1762 são citadas como habitando aquelle rio as nações ou tribus Tapaganas, Uaraicú, Maranás (talvez os mesmos que Acuña chama Moruás.)

A sua foz é de pouco mais de milha; até onde vai elle buscar suas origens, com certeza não é sabido, sabe-se entretanto que quasi parallelamente ao Juruá, vai com suas ramificações até perto de Curco.

Acuña falla em uma tribu de indios chamados Omaguas que ornavam as orelhas e nariz com enfeites de ouro, e eram poderosissimos. Já em meio do seculo passado os

navegantes não fallam n'ella, e hoje egualmente nem d'ella fazem menção os regatões que sobem aquelle rio.

Diz-se que foi por este rio que Pedro Orsua passou do Perú ao Amazonas; Pedro Simon porém affirma que foi pelo Huallaga e Ucayali que elle fez sua descida; pelo Jutahy parece ter elle passado ao Juruá. Em epochas remotas diz a tradicção que por elle descera um jesuita hespanhol, o qual depois subiu pelo Amazonas.

MUJUITIBA, IÇAPÓ, MAMARUÁ, PURUINI, GURUMATI, CAMPINA, UMANAPIÁ (OM AMAMAPIA) CAIARÁS (OU CAIARAHY, DE SPIX E MARTIUS) E JURAHY

Todos são riachos de pouca importancia. No rio Içapó estiveram aldeados os indios Tecumas, depois mudados para o ponto designado por La Condamine, isto é, duas legoas abaixo do Jutahy. O riacho Campinas toma o seu nome da extensa campina em que elle se espraia.

O JURURÁ OU HYURUÁ

Não é muito o que poderei dizer sobre este rio, porque assim como acontece a tantos outros, nem elle nem seus tributarios estão devidamente estudados, apenas tem sido explorados pelos fabricantes de borracha; sem um estudo regular foi feito o seu precurso, e ainda menos tem sido estudadas suas riquezas botanicas, zoologicas ou mineralogicas.

A sua foz está situada a 2° 45' lat. Sul e 311° de long. Segundo as cartas das explorações portuguezas, a bocca d'este rio terá meia milha de largura, e em frente a ella no Amazonas, existe uma ilha bastante grande que é marcada por Herndon sem lhe dar nome, mas parece dever ser a que na carta de José da Costa Azevedo (Barão de Ladario) é marcada com o nome de Taiassutuba, alem da qual offerece ainda o rio largo canal; a sua corrente marcada em Dezembro era de 1 3/4 de milha por hora, e sua

profundidade era de 66 pés. Segundo as informações colhidas dos que como negociantes tem percorrido o rio, pode ser navegado por uma extensão de 700 a 800 milhas e parece communicar-se com o Jutahy; pelo menos, affirmam que as canôas no tempo da enchente passam facilmente de um para outro.

Sobre a extensão d'este rio diz Castelnau que um indio que residia no rio Tarauacá, affluente do Juruá, trazia pendurado ao pescoço uma medalha que elle reconheceu por um quarto de peso hespanhol.

O Juruá, a pouca distancia acima do Tarauacá, divide-se em dous braços, o principal que é o da esquerda tem as aguas de uma côr branca, e os indios que o navegam, affirmam que perto das cabeceiras d'elle existem aldeias de brancos. E' n'este rio que Baena e o Vigario-geral Noronha, que percorreu estes logares em 1768, affirmam ser alli crença geral a existencia n'este rio de uma nação de indios cuja altura não excedia cinco palmos, conhecidos pelo nome de Cananás, e outra conhecida pelo nome de Uginas ou Coatátapuias que ainda mais notavel se tornava pelo appendice caudal que tinham estes indios, com 2 a 3 palmos de comprimento. Noronha, homem illustrado, diz que além da affirmativa geral dos que por alli transitavam, o missionario Fr. José de Santa Thereza Ribeiro, residente em Castro de Avellãas, logar proximo, lh'o declarou e affirmou por escripto sob juramento de sacerdote.

Castelnau repete o mesmo, sem comtudo ter visto taes indios, e accrescenta, assim como Noronha, que tal facto era attribuido a copula dos macacos Coatas com as indias, e Castelnau accrescenta que perto de Fonte-Boa (não muito distante d'estes logares) tendo visto um enorme coatá em casa de uma india, lhe'o quizera comprar, mas que ella recusou rindo ás gargalhadas, e que outra india lhe dissera: «Não teime que ella não o vende, que é o seu marido.»

Apesar d'estas affirmações, eu que conheço o Amazonas desde meus mais verdes annos, que tenho fallado com milhares de pessoas que teem viajado por estes rios que

hoje estão devassados pelos regatões até seus extremos, nunca ouvi um só d'elles affirmar a existencia de taes anomalias, affirmando comtudo a existencia das tribus com aquelle nome, como se encontra no mappa de Martius.

Nem as indias nem os Coatás se acabaram, e navegando Castelnau estes rios em 1847, desde esse tempo que foi tambem aquelle em que subiu o Amazonas pela primeira vez até hoje, nunca ouvi referir taes factos. Ainda mais: meu pae, tenente de artilheria, tendo antes pertencido á marinha, viveu nove annos na então Capitania do Rio Negro, empregado nas commissões demarcadoras, ou governando diversos pontos militares, convivendo com os differentes commissarios como Victorino da Costa, Simões e outros por largos annos, fallando-me continuamente de suas viagens no Amazonas, Madeira, Purús, Rio Negro, e seus affluentes, de seus indios, de seus habitos, nunca me referiu estes factos que forçosamente deveriam, se existissem, ser d'elle sabidos ao menos por tradição d'aquelles exploradores, que tão até o intimo prescrutaram e estudaram todos estes rios, todas estas regiões, seus habitantes e seus costumes.

Dos modernos viajantes do Amazonas o que mais estudou o Juruá foi Chandlers, que muito conheci e tratei em casa de meu tio Campbell onde esteve doente, e que deu no *Journal of Geographical Society*, *1867*, a descripção d'elle.

As nações de indios que percorriam o Juruá antigamente eram muito numerosas; das seguintes tenho noticia:

Cauaxi	Uacarauá	Marauá
Catuquina	Urubá	Gemiá
Dachinará	Matiá	Chibará
Bauari	Arauary	Mutuniá
Marnuacú	Carináo	Parocó
Paipumá	Baibiri	Buibaguá
Toquedã	Puplepá	Pumacaa
Guibanã	Bugé	Apenari

Sutã	Canamari	Arunã
Yochinauã	Chiribá	Cauaná
Sarridanuy	Uginas ou Coatatapuias	

Abaixo da foz do Juruá conta-se que houve uma poderosissima nação india mais civilisada do que as outras, a que a qual domina uma extensão enorme; chamavam-lhe os Curiciaris. Conta-se que primavam em obras de ollaria; a primeira parte de seu nome o parece indicar, pois *curi* é um barro fino vermelho que dá a côr encarnada que os indios empregam em seus artefactos.

Alem da bocca principal por onde lança suas aguas no Amazonas, tem este rio outros tres canaes que tomando origem no rio, vão desaguar mais abaixo na ordem seguinte: Furo Guará, Furo Araricoara, Furo Comadre; este ultimo communica e creio que forma o lago Cupacá, que tem o seu desaguadouro no Amazonas logo abaixo dos tres mencionados furos ou boccas. D'estes, o Araricoara é descripto por Baena como independente do Juruá, mas as explorações modernas e frequentes teem mostrado que é elle um dos canaes pelos quaes o Juruá escôa suas aguas. São em verdade notaveis os canaes ou furos, que, tomando origem em um ponto do rio, terminam em outro ás vezes bem distante no mesmo rio; d'estes os mais importantes são o Furo Berea, Furo Tucuman, Furo Comadre; ao Juruá affluem os rios Mú, Gregorio, e o Taruacá, a mais importante, o Chimana, o Banana Branca, Banana Pixuna e Jaraqui. O Tarauacá recebe as aguas dos rios Jatuaraná-Paraná, e Embira, cujo curso ainda se prolonga bastante.

Na parte superior do seu curso, entre as boccas do Tarauacá e do rio Gregorio, está a moderna povoação de Marary.

Foi por este rio que Pedro Orsua subiu para a capital do Perú, sendo n'elle morto.

TEFFÉ, CAYAMÉ, JETICAPARANÁ,
CATUÁ, COARY, MAMÍA, QUEMARÚ E CAMARÁ

Na Europa seriam grandes rios todos os que acima enumero, na America do Sul elles merecem ser collocados em terceira ou quarta grandeza; entretanto alguns pelas suas riquezas não deixam de ter alguma importancia.

O Teffé tem a sua foz segundo os exploradores portuguezes a 2° 16′ 30″ latitude Sul e na longitude de 312° 39′ apresentando 150 braças de largura e uma profundidade do 4 braças e meia, sendo navegavel ás canôas grandes por um espaço que ellas percorriam em dous mezes, mas d'esse espaço para deante ainda são navegaveis por uma grande extensão a canôas pequenas. A sua direcção geral é do Sul para o Norte; sua corrente tem a velocidade de 1 milha por hora, as aguas são negras mas com praias de alvissima areia. É em suas margens que estão situadas as duas povoações de Nogueira e Ega, esta a legoa e meia da sua foz na margem oriental, aquella na margem occidental a duas legoas e meia da embocadura. Os indios que habitam suas margens, e eram mais ou menos aldeados n'estas povoações, pertenciam ás tribus Uayupi, Coretú, Sorrimão, Coeruna Arubua, Yauaná, Cyrú, Uarupi, Catauixi, Mariarama. Do Teffé se pode passar no tempo da enchente ao Amazonas por um canal que fica ao Norte de Nogueira e sahe entre a barra do Teffé e o logar de Alvarães abaixo Oeste.

Cayamé — Cerca de cinco legoas abaixo do Teffé, caudaloso e dizem que muito abundante.

Jeticaparaná — Pequeno rio de pequeno curso quasi parallelo ao precedente.

Catuá — Rio bem situado entre risonhos outeiros, nos quaes abunda a salsa parrilha; nada a respeito d'elle encontrei que possa illucidar o leitor; é situado entre os ribeiros Cuanú e Taruá.

Coary — É um dos rios reputados mais abundantes do Alto Amazonas, sua foz é situada a 4°,3′ latitude Sul e na

longitude 314°,18'; corre de S. ao Norte; além da foz, cuja posição indiquei, tem uma outra um pouco mais acima e de menor largura. Logo nas proximidades da bocca é bastante largo, pois lhe dão perto de duas legoas; estreita porém rapidamente; é navegavel em canôas por mais de um mez; é n'este rio em uma planura elevada da sua margem direita, quatro legoas acima da foz, que está situado o povoado de Alvellos; junto a este logar o rio forma uma bella bahia na qual desaguam tres rios. D'estes, o mais oriental é a continuação do Coary, o segundo é o Urucuparaná, e o terceiro é o Urauá ou Arauá ou Cuamé, pois pelos tres nomes é conhecido; suas terras abundam em salsa, oleo de cupahyba, as suas aguas são piscosas e suas praias das mais abundantes em tartarugas.

Outrora foi habitado pelos indios Catauixis e Iumas, hoje porem os indios que mais abundam são os Muras e os Miranhas; muitos dos ultimos se empregam em serviços diversos.

A sua extensão ainda não é bem conhecida, nem as suas nascentes; teem alguns regatões caminhado em canôas por 40 dias e calculam a extensão percorrida, até áquelle ponto ao qual podem chegar igarités, em cerca de noventa legoas.

Até o ponto a que teem chegado, é livre de cachoeiras, e dizem os indios que em suas cabeceiras ha bellas campinas na margem direita; parece provavel que estas campinas sejam aquellas que os exploradores do Purús noticiam existir muito no interior a 63 legoas, mais ou menos da foz.

Rio Mamiá—Tem um curso extenso, ainda que menor do que os do precedente e do Teffé; corre quasi parallelo á parte inferior do Purús, formando a alguma distancia da bocca uma grande bacia; abunda em cacáo, salsa e cupahyba.

Não mui distantes da bocca se encontram algumas ilhas importantes onde habitaram outrora os indios Jurimanas que muito bom acolhimento fizeram a Pedro Teixeira na sua volta de Quito ao Pará.

A foz d'este rio é na enseada do Paricatuba entre os rios Coary e Camará.

Quemarú e Camará—Dous rios proximos um do outro; lançam-se ambos no Amazonos na enseada do Camará; o curso do segundo é muito maior do que o do primeiro, embora não sejam muito consideraveis.

PURÚS

Incontestavelmente é este um dos mais importantes affluentes do Amazonas ou Solimões, como é chamada esta parte do grande rio, e foi percorrido em parte pelos commissarios de Portugal e mesmo antes d'elles; só foi porém estudado em quasi toda a sua extensão, por W. Chandless, não tendo porém chegado até ás nascentes; posteriormente a elle só me conta que fosse visitado pelo practico Manuel Urbano, um dos nossos mais atrevidos sertanejos. Estas viagens noticiaram que alli abundavam a *Haevea guyanensis*, a *siphonia elastica* de que é extrahida a gomma elastica, e tanto bastou para que milhares de emigrantes cearenses, fugidos ás seccas do Ceará, fossem reunir-se aos fabricantes amazonenses e paraenses alli existentes. O rio dentro em pouco estava povoado; o que ao principio fazia a necessidade, o interesse pecuniario continuou, e hoje este rio conhecido, habitado e explorado até alem do ponto que alcançara Chandless, tanto quando explorou o ramo principal como quando viajou pelo affluente Aquiri (por corrupção Acri, ou Acre) conta mais de cincoenta mil moradores, tendo elles obrigado não sem luctas e morticinios os pobres indios a ceder-lhes o campo. D'esta emigração tem resultado a creação de muitos centos de população como Berury, Aruman, Boa Vista, Arimari, Canotana, Nova Colonia, Labria, que é a mais importante no Purus propriamente dito, e além d'estas, outras menos importantes nos affluentes: Pauimim, Ynauinim, Hyuacú, Aquiri, Sepatinim, Seruynim, Curiuhá etc. Hoje que cartas e roteiros mais modernos do que o de Chandless, de Raymundo Nery etc. e descripções mais

minuciosas permittem conhecer bem as sinuosidades do rio, parece elle em verdade um caminho da natureza com suas voltas e tortuosidades duplas e triplas, que fazem que ás vezes, depois de longo caminho percorrido, em vez de ter avançado se acha o viajante em realidade mais atrazado quanto á sua posição geographica pois que as curvas do rio em sentido inverso á primeira o fizeram por assim dizer desandar.

Ainda outra particularidade offerece este rio, e que sem lhe ser exclusiva é digna de nota: é a existencia de estensos canaes largos e navegaveis, tendo a sua entrada e sahida em pontos do rio muito distantes, de modo que quem n'elles navegar, estando separado do rio por largas extensões de terra, acompanha comtudo os que seguirem pelo rio propriamente dito.

Não é menos digno de reparo o grande numero de lagos que se ligam ao Purús; avaliam o seu numero em cerca de quinhentos, alguns muito grandes. Os principaes são os lagos, Ananaz, Berury, Caná, Yapú, Paricatuba, Pyraiauara, Jary, Tapyra, Macaco, Supiá, Tauá-mirim, Ariman, Maguary, Mapixi, Paripy, Macaca-poá, Jamanduá, Madabiry, Janary.

Ainda farei mais uma vez notar que a semelhança entre este rio e os outros tres que pertencem a esta secção do Amazonas é muito notavel, como affirmam os que os conhecem; todos offerecem analogas differenças entre as epochas de enchente e vasante que chega a 60 pés, o que dá bem idéa, attenta a largura d'este, assim como dos outros e o seu curso, da grandeza do valle em que serpenteiam. Esta consideravel differença entre as duas epochas de enchente e vasante permitte n'esta ultima fazer um estudo geologico sobre as diversas formações então bem patentes.

Ao viajante, ainda aquellas duas epochas offerecem á vista uma differença saliente, e é que na vasante são numerosos os barracões, e cabanas em que habitam os fabricantes de borracha, assim como *tijupares* (casas de pa-

lha) dos indios, que se sustentam de alguma mesquinha roça, e da abundante caça e pesca; ao passo que na epocha de enchente do rio, cobrindo as aguas quasi todo o espaço occupado por aquellas construcções, ellas desaparecem. A inundação, cada vez augmentando, chega quasi á terra firme; grande numero de legoas parecem ter então desapparecido, e só se encontra de um e outro lado a interminavel linha de arvoredo, cuja parte inferior se banha no rio. No tempo da vasante, é o quadro um pouco mais variado em sua constante uniformidade, como bem o descrevem Brown e Lindstone em sua obra: *Quinze mil milhas no Amazonas.* Resumindo o que elle escreveu, direi que a largura do rio, que a principio é de cerca de $^3/_4$ de milha ou 750 braças, vai pouco a pouco diminuindo, até que a uma distancia de 1:000 milhas do Solimões tem diminuindo a ponto de não ter mais de $^1/_6$ de milha ou 166 braças. A largura media do valle parece não ser menor de 20 milhas, e o canal por onde corre o rio em suas tortuosidades, ora é junto a um dos lados, ora junto ao outro.

Durante a estação da cheia, elle tem uma elevação de 60 pés mais do que na epocha do rio baixo, o que dá idéa do volume de aguas na enorme enchente, e tambem da espantosa quantidade de chuvas n'estas regiões; n'esta epocha, toda ou quasi toda a largura do valle é occupada pelas aguas, e as marcas de sua maxima altura ficam impressas nos troncos das arvores 5 e 6 pés acima do solo. Na epocha da vasante, este assim como os outros rios seus congeneres, offerece o mesmo aspecto, nas suas curvas na parte convexa, vê-se uma barreira ou parede de base de argila de 40 ou 50 pés de altura, e sobre ella um muro perpendicular formado pela floresta de cerca de 100 pés de elevação. No lado opposto, com uma forma de crescente, um banco de areia, uma praia, atraz da qual seguem as linhas regulares de determinadas especies de arvores como os amieiros, e atraz d'elles as cecropias, succedendo-lhe a sombria floresta enorme com a sua constante linha quasi nivellada; em um ou outro raro ponto acontece que a bar-

reira vem até á margem da praia ou que uma casa de seringueiro anima a paisagem quebrando sua constante monotonia. Ás vezes um enorme estrondo echoa em todo o valle, sendo acompanhado de uma vasta ondulação das aguas: é um grande pedaço da barreira que se desprendeu da massa, arrastando comsigo uma larga parte de arvoredo que o coroava indo lançar-se no rio.

Eis o aspecto geral d'este grande affluente do Amazonas.

O Purús lança-se no Amazonas por cinco boccas; a primeira ou principal que está a 3° 45′ de latitude Sul e 316° 30′ de longitude fica duas legoas acima do logar chamado Guajaratiba. A segunda chamada do Paratary fica duas legoas acima do rio Manacapurú na margem ou costa fronteira. A terceira chamada Cochinára, que é affastada seis legoas da primeira; este canal é semeado de pedras. A quarta do Coyuaná, oito legoas distante da barra principal. O quinto canal chamado Aruparaná situado na enseada do Camaré.

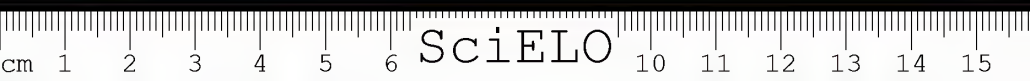
D'estas cinco barras a principal fica a 90 kilometros ao N. de Manaos e 65 da confluencia do Rio-Negro. Como já disse, ainda não está estudado, entretanto é um d'aquelles sobre o qual maior copia de conhecimentos ha, graças aos trabalhos de Gibbon, Bates, Orton, Browm & Lidston, Chandless e o nosso compatriota Labre, e pena é que sobre a sua ligação com o Madre de Dios, bem como sobre o ponto em que começa o seu curso não se tenha dito a ultima palavra, não obstante muitos dados já obtidos. Chandless, a quem irei buscar o que disser sobre a parte superior do seu curso, dá como provavel que suas nascentes não estejam em um nivel inferior a 1:088 pés acima do mar, em uma latitude de doze gráos (12°), visto que até 11°-2′ Sul, chegou aquelle viajante.

Outros como Macklan, davam o Madre de Dios como a origem do Purús, o que, dizia Chandless, lhe não parecia provavel. e com razão, pois os rios que dariam essa ligação os quaes elle viu, teriam um volume muito pequeno para crear um tão poderoso caudal. Esta previsão de

Chandless acha-se completamente verificada. A união do Madre de Dios com o Beni e depois com o Mamoré, dando origem ao Madeira, hoje já nem é discutido, e com razão lê-se em uma memoria escripta pelo sr. J. Pinkas o seguinte: «Hydrographicamente pois, tem o Madeira suas cabeceiras nos affluentes do Madre de Dios para o qual a denominação de Alto Madeira devia prolongar-se, sendo-lhe tributarios o Beni e o Mamoré, que topographicamente conserva essa denominação.

O curso d'este rio é em verdade espantoso. Chandless o percorreu pelo espaço de 3:140 kilometros e suppõe que elle irá até 3:500 kilometros. Junto á foz do Aquiry isto é, a 1:753 kilometros da foz, ainda elle é bastante largo, e diz Chandless no seu relatorio sobre o Aquiry que é o maior affluente do Purús, trabalho este muito curioso, que a confluencia dá-se a 958 milhas da sua foz na latitude de 8°45′ Sul e longitude de 24° 16′ Oeste do Rio de Janeiro; alguns o julgaram egual em curso e largura ao Purus, mas isto não é exacto.

O estudo geologico de suas barreiras mostra serem de formação cretacea, encontrando-se ossos fosseis que, segundo affirma Agassiz, comprovam aquella opinião. Encontram-se como que lages de barro endurecido, e muita pedraria; comtudo a sua formação primitiva apresenta algumas differenças d'aquella que se encontra no rio Purús entre o Aquiry e o Hyuacú (por corrupção moderna Yaco). Encontra-se abundante sal efflorescente de que o explorador Manuel Urbano trouxe boas amostras.

A tribu de indios Hypurinás, que é a mais poderosa do Purus, tambem se encontra até 10 dias de viagem pelo Aquiry; esta offerece a singularidade de que até o parallelo de 11° Sul não temos a contar de sua bocca um só affluente na margem direita, nem mesmo um grande igarapé, o que com razão fez suppôr a Chandless que as aguas a pouca distancia da margem do Aquiry, cahem para algum outro rio, que bem pode ser o Ituxi a julgar pela sua posição relativa.

Acima de 9º 45′ de lat. S. dominam os indios Capechumas, que se acham situados muito no interior; em vez de canôas usam de jangadas em geral de taboas, segundo Manoel Urbano; são de bella estatura e guerreiros. Referem os indios Hypurimás que na parte superior do Aquiry se encontram os indios Canamarys que dominam no rio Hyuacú, o que parece mostrar que estes dous rios se approximam.

No Purús em pequena quantidade, no Aquiry em grande proporção, se encontra o tabaco silvestre; e a flora d'estes dous rios á proporção que por elles se sobe, se vai tornando differente da do Solimões, e assemelhando á da Bolivia em palmeiras que n'esta são communs. O Aquiry é pouco piscoso, em compensação suas margens são abundantes em caça.

Da foz do Aquiry até cerca de 260 milhas a navegação é franca; acima do Rio das Pontes, lat. 10º-36′ S.; cinco ou seis milhas, o rio Aquiry se torna estreito; depois alarga, tornam-se maiores suas praias e mais numerosas, mas como é natural, o rio se torna razo e na vasante de difficil navegação por causa dos páos encalhados e cravados ás vezes por extensões de 200 e 300 braças.

O que n'estes logares substitue a pedra é o barro endurecido; em alguns logares encontram-se como umas lages formadas pela aglomeração de areia, muito semelhantes ás pedras chamadas de amolar, tambem se encontram os mesmos pseudo-conglomerados que se acham no Alto-Purús, e os fosseis que Chandless encontrou, os suppõe exististir n'estes conglomerados, que desmanchados pela agua, os põe a descoberto; tambem no Purús, Chandless observou o mesmo e uma tartaruga fossil que elle trouxe do Aquiry trazia ossos dentro do casco.

No parallelo de 11º S. se encontram malocas de indios de mais de uma nação, timidos, mas que com pouca difficuldade vem ter com os brancos; na sua linguagem fazem soar quasi indistinctamente as ultimas syllabas, pelo que é difficil julgar as letras de que se serviram; a pronuncia é

um pouco gutural. Não roubam nem tentam roubar; usam ubás (especie de canôas) feitas de pachiuba [1]. As frechas tem pontas de osso e usam para sua defeza de taquaras. [2]

Um pouco acima encontrou Chandless o rio que chamou das Pragas, que parece ter ²/₃ da largura do Aquiry, mas entrando n'elle o achou tão obtruido de páos que não poude proseguir.

Em uma tribu que encontrou na long. de 27° do Rio de Janeiro achou outra nação de indios mais civilisados, menos altos, cultivando, como os da parte baixa do rio, a canna de assucar, a mandioca, o mamão, a banana, o algodão, o milho, e além d'isto o tabaco que usam como rapé. Os dous chefes usam camizolas e capuz como os Maneterys do Alto-Purús, com os quaes negoceiam passando por terra para as cabeceiras do Aracá, e lá se encontram com elles. Estes indios conduziram Chandless para uma outra maloca em um novo affluente, mas estava deserta e do commercio com os Manetenerys obtem elles alguns objectos de ferro.

D'ahi em diante, o rio estreita bastante e tem pequenas cachoeiras na vasante, de tres e quatro palmos; mas tomando Chandless a largura do rio na enchente e por isso no nivel mais elevado e mais largo, apenas achou setenta e dous palmos inglezes de largura e seis palmos mais de agua para o rio na enchente acima da que encontrou, que era apenas de palmo e meio escasso.

Pelas observações de Chandless, d'este ponto que foi o ultimo de sua exploração, não só pelas difficuldades que offereciam as differentes cachoeiras e pela falta de agua como pelo estado em que estavam as tripulações, maltratadas pelos ferimentos produzidos nos pés pela argila endurecida do leito do rio—suppõe elle haver apenas a distancia de 60 milhas até á margem do Purús; e lhe parece

---

(1) Palmeira de madeira muito rija: Iriartea exorrhiza.

(2) Frecha comprida cuja ponta tem a forma em ponta de lança, mas comprida e cortante por ambos os lados, feita de um bambú.

provavel que os rios Aquiry, Aguacú e Acaré nasçam na mesma terra alta.

Em seu regresso, tendo chegado a um ponto determinado por 11°-2′ de Lat. S. e 24°-47′ Long. O. internou-se Chandless pelo matto viajando uma semana ao rumo do sol, encontrando porem matto, muito sujo voltou, calculando a distancia percorrida em 25 milhas, e não muito menos em linha recta, abundando o matto em seringueiras, cacoeiros silvestres, castanheiros. A 5 ou 6 milhas da margem do Aquiry se atravessa uma terra alta que naturalmente divide as aguas d'este rio das de algum outro.

Lamenta Chandless o não possuir na epocha de sua exploração o mappa do Perú que depois alcançou é conforme o qual elle, continuando sua exploração outro tanto espaço no mesmo rumo, teria cortado o rio Madre de Dios.

Do seu relatorio tiro os seguintes dados:

	Distancias da foz do Aquiry	Altura sobre o nivel do mar
	Milhas	Palmos
Rio Endimary	28	—
» Mariapé	120	430
» das Pontes	214	—
Igarapé grande (Long. 26°35′)	263	—
Rio das Pragas	341	980
» do Eclypse	366	1:096
Ponto extremo da viagem	406	1:338

Ainda em seu relotorio se encontram as seguintes posições geographicas no Purús.

Barreira do Umahan no ponto mais acima	5°-36′-13″ lat. S.
Rio Mamoriá Grande	7°-30′-52″
Rio Panquim (foz)	1h-35′-50″
Igarapé Anamy	1h-36′-59″
Rio Inanquim	1h-57′-10″
Rio Aquiry (Acre)	1h-37′-3″

A distancia que pode haver entre as duas posições do rio Aquiry não pode ser maior de 2 milhas, o que em longitude pouco é.

No Aquiry determinou as seguintes posições:

Rio das Pragas...	Lat. S.	10°-56'-40"	Log. O.	1h-45'-43"
» dos Eclypses.	» »	10°-55'-30"	» »	1h-47'-13"
» da Maloca...	» »	11°-3'-17"	» »	1h-48'-55"

Costumam dividir o Purus em tres secções, o baixo, o medio, e alto Purus. O baixo comprehende da foz até ao rio Tapauá ou 935 kilometros, o medio vai do Tapauá até ao rio Mamoriá-Assu, comprehendendo 715 kilometros, o alto Purús finalmente do Mamoriá até ás cabeceiras, distancia que é aproximadamente avaliada em 1:000 kilometros ou na totalidade seu curso terá 2:650 kilometros, menos do que suppunha Chandless.

Os affluentes mais notaveis da margem direita são:

Paraná-Pixina..	milhas inglezas	306	Seruimim.	951
Jacaré.........	» »	360	Aquiry...	1:104
Mucuim.......	» »	590	Hiacú....	1:241
Mary..........	» »	653	Aracá....	1:445
Paciá ou Pacihá	» »	665	Iapaba....	
Ituxi..........	» »	692	Urbano...	1:745
Sepatinim.....	» »	762	Patos.....	1:785
Aycuinan......	» »	875		

D'estes os mais importantes são o Hyacú, Aquiry, Sepatinim, Ituxi e Mucuim.

Da margem esquerda os principaes são os seguintes:

Tapauá.......	milhas inglezas	505	Tarauacá.	1:494
Mamoriá-mirim.	» »	745	Richalá...	1:618
Mamoriá-assu..	» »	870		
Pauinim.......	» »	978	Corinaha..	1:648
Inauynim......	» »	1:073	Corimaahu	1:660

D'estes, os principaes são, o Pauidim, Inauynim e Mamoriá-assu.

Este immenso rio tem sido conhecido por differentes nomes, que tem cedido o passo ao de Purús pelo qual é geralmente conhecido; assim os indios Pamary lhe chamam Wainy, outros Pacaya e Cuchiquara, nome que dá Ch. d'Acuña e que ainda é conservado a um dos canaes por onde communica com o Solimões; hoje é elle um dos de mais importancia commercial do Estado do Amazonas, e conta mais de cincoenta mil habitantes espalhados até aos pontos mais longiquos do seu curso e dos seus affluentes Aquiry, Puinim, Ituxi e outros; o seu producto commercial de mais importancia é a gomma elastica.

O numero de ilhas semeadas na vasta facha de agua occupada, é enorme, mas não sómente são muitas em numero, mas tambem pela sua grande área, algumas d'ellas são importantes, e para não cançar o leitor apenas mencionarei a maior d'ellas, a Ilha Uajaratuba, que com uma largura media de quatro milhas, offerece a extensão de 18 a 20 milhas.

A epocha da cheia e da vasante não é exactamente a mesma em toda a sua extensão, mas aproximadamente pode dizer-se, que ella começa em Outubro e attinge o maximo em Março, pois que a estação mais abundante em chuvas e em chuvas torrenciaes, é a dos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março. A baixa das aguas começa em Abril e vai até Setembro. Alli só se distinguem duas estações, verão e inverno, conhecidas pela presença e ausencia das chuvas. O fluido electrico se faz muito sensivel na athmosphera especialmente no começo e fim da enchente pelos inumeros relampagos e trovões. Ha frequentes nevoeiros n'estas paragens, o thermometro desce até 17° 1/2 cent. no dia, e de noute vai a 16° cent.

Os indios conhecidos não excederão nove ou dez mil divididos nas seguintes nações:

Mura	Huamandahy
Pamarys ou Paumarys	Camijós

Catanixi	Carumady
Caripuna	Cipós
Hypurinãa	Canamary
Manatenery	Pamanás
Itatapyaia	Caxarary

Estudando o Purús no relatorio de Chandless que o percorreu na extensão de 1:620 milhas geographicas, contadas da foz ás barreiras de Hyutanahan, segundo Chandless 705 e segundo o engenheiro J. da Silva Coutinho 715, encontram-se preciosas informações. Da foz do Purús ao ponto extremo do Aquiry o limite navegavel fica a 1:058 milhas; seguindo porém o Purús propriamente dito, a navegação estende-se até 1:620 milhas.

O Purús, até é desembocadura do Corumbá, que desagua na margem esquerda na distancia de 1:430 milhas da foz, tem largura de 60 a 100 braças com 2 a 2 ½ de profundidade, d'ahi para cima nota-se que a sua corrente toma grande velocidade em consequencia da consideravel differença de nivel, pois que entre esse logar e aquelle em que o rio se divide, a 125 milhas de distancia a differença de nivel é de 470 palmos, isto é mais de 3,5 palmos por milha de declive; notando-se que a altura das aguas no ponto de bifurcação attinge a 1:088 pés acima do nivel do mar; esta forte inclinação explica a rapidez com que o rio enche por occasião de fortes chuveiros; foi Chandless testemunha de um chuveiro que começou ás 8 ½ horas da manhã e correu rio acima; ás 2 horas da tarde começou o rio a encher, ás 2 ½ crescia 4 palmos por hora; mais tarde a força da corrente se tornou tal, que não permittia o navegar. No dia seguinte pela manhã começou a vasante e ao meio dia tinham as aguas baixado de 12 a 13 palmos; de tarde estava o rio tão baixo como antes, sendo ás vezes preciso arrastar as canôas.

A consequencia a tirar d'este facto é que os aguas do Purús vem de terrenos muito elevados, embora Chandless pense que elle não vem dos Andes, baseando esta sua

crença em não encontrar em seu leito ou em suas margens pedaços de rochas graniticas ou volcanicas, ou mesmo de schistos silurianos.

Ainda tira como consequencia que sendo o rio que elle seguiu indubitavelmente o Purús (o que hoje está plenamente confirmado) não pode elle ser o Madre de Dios que com maior probabilidade parece sahir para o Madeira. (¹)

Que o rio que Chandless seguiu é o verdadeiro Purús, é provado, não só pela differença das aguas, pois que as do Aquiry são mais frias e claras, como tambem pelo pequeno percurso d'este que termina a 1:058 milhas da foz no Amazonas, emquanto que o Purús, seguido por Chandless como sendo o verdadeiro, vai até 1:620 milhas; esta differença de 562 milhas exclue toda e qualquer duvida.

De Hyutanahan em diante o rio estreita e suas curvas se tornam menores e mais numerosas.

A grande extensão de igapós, (²) especialmente no baixo Purús, mostra quão grande tem sido a mudança do leito do rio mesmo em tempos recentes. A varzea mal resiste á força das correntes nas enseadas, além d'isto as aguas superficiaes da varzea alagada penetram no tempo da vasante até ás camadas estratificadas de barro pouco permeavel e por isso passam sobre ellas para o alveo, e vão erroindo e desprendendo grandes massas de terreno com vegetação de pé que ficaram excavadas pelas aguas; assim o rio vai sempre augmentando as praias até chegarem pela sua elevação a altura propria á vegetação, e se convertem em igapós, com o que vai augmentando a tortuosidade do canal.

Segundo Chandless, a formação geognostica d'esta região do Purús, pertence á epocha terciaria. Em geral as barreiras em que se pode observar a disposição das camadas, mostram na parte superior abaixo de uma camada de terra vegetal (humus), uma camada poderosa de barro co-

---

(¹) Esta asserção está hoje plenamente confirmada.

(²) Terreno baixo e alagado, geralmente coberto de matto pouco forte.

rado, em verdadeira estratificação regular, abaixo d'esta e ordinariamente abaixo da linha superior da enchente do rio camadas diversas de areia e barro estratificado. Na base das barreiras nos regos abertos pelas aguas, encontram-se ás vezes pedaços arredondados de *quartzo*, mas nunca encontrou Chandless rochas de origem ignea.

Já atraz fallei de uns pseudo-conglomerados compostos de concreções de barro em que se encontram pedaços de madeiras petrificadas, e tambem ossos fosseis; não consta porém terem alli sido encontradas conchas fosseis o que seria de muito auxilio para o estudo geologico d'este terreno.

Acima de Itabituriá, encontra-se a ultima maloca da tribu india Jubiry. A grande tribu Hypurinã estende-se pelo Purús e mais ou menos por todos os seus affluentes desde o Sepatinim até ao Hyuacú em um prolongamento de 250 milhas não contando as voltas do rio. Entre o Mamoriá-Grande e o Pauynim, vivem não muito distantes do rio os indios Jamamadis, na margem direita só dominam os Hypurinás, mas estes mais amigos da terra do que da agua, tem as suas malocas no interior das mattas, mesmo os que o sertanejo Manoel Urbano conseguiu habituar ao contacto dos brancos, vivem a mais de meia legoa da margem do rio.

Vem porém todos ás praias nas epochas em que as tartarugas alli vão desovar. Guerreiro, nunca anda sem as suas armas, e tem frequentes guerras; mas nunca ataca os brancos; é de um caracter cavalleiroso, docil e delicado.

A polygamia que em muitas outras tribus é só permittida aos *tuxanas* (chefes das tribus) nos Hypurinás é geral. A sua catechese seria de grande importancia não só pelas suas boas qualidades como pelo seu grande numero. Do rio Hyacú ou Yaco em diante, são os indios Maneteneryś que habitam, encontrando-se a seis ou sete dias de viagem por aquelle rio a estrada por onde elles passam para o rio Juruá, ou segundo a etimologia india Hyuruá, que desem-

boca no rio Solimões (alto Amazonas); a mesma travessia tambem elles fazem pelo pequeno rio Tarauacá.

Esta tribu habita mais tempo nos rios, nas suas canôas, do que em terra, onde comtudo tem algumas culturas; anda em quasi continuados passeios, colhe a salsa e o algodão, fia e tece este com admiravel delicadeza, tingindo-o de diversas côres, e fabrica com elle as camizolas que usa e os capuzes com que resguarda as cabeças, o que tudo parece mostrar que os antigos missionarios alli entraram. Vendem os seus productos de ferro que muito apreciam. Dão-se bem com os brancos que procuram com alegria, são mesmo mais mansos do que os Hypurinás, mas mais prevertidos do que estes, pois são ladrões, e mercadejam sem escrupulo com suas mulheres.

Pelo que diz Chandless, verificou elle que é erronea a supposição de Manoel Urbano, de pelo Purús ter chegado ás proximidades de Sarayaco, pois a determinação geographica dos dous pontos torna impossivel essa asserção.

Refere Chandless que viu e fallou com um velho indio Manetenery que lhe disse que gastava dous dias em passar as canôas, e que navegava dez dias rio abaixo pelo Ucayale até Sarayaco, onde conhecera o Padre Antonio, e vira fazendas de gado.

Do rio Coryuá até o Rixalá não se encontram indios, d'este ultimo rio em diante se encontram os Canamarys, de muito boa indole, menos activos do que os Maneterys, mas mais doceis e moralisados; a raça não é bonita, são tão industriosos como aquelles, usam tambem camisolas, mas não capuzes e sim ornatos de pennas. Entre elles o Purús é conhecido com o nome de Pacayá.

Alem da bocca do Camahã existem os indios Catianás em tudo parecidos com os Maneterys, cujos trajos usam; são porém de menor estatura, e a phisionomia não é parecida com a d'aquelles; cultivam o algodão, fumo, milho, fabricam borracha a qual acceza lhes serve de facho.

D'este ponto em diante encontram-se aquellas extensas

regiões completamente deshabitadas, supposto que parece que no interiòr das terras outras tribus existem que não vem ao rio, senão quando ha grandes seccas a buscar agua. Esta supposição parece comprovada pelos trilhos que se encontram e que se internam pelas mattas.

UAUTÁS

Pouco pude encontrar escripto sobre este rio, mas do que achei concluo que este rio tão pouco conhecido, é entretanto digno de nota por algumas particularidades; communica com o Amazonas ou Solimões por duas boccas; uma, a inferior, dista apenas duas legoas mais ou menos da bocca do Madeira, pela sua parte occidental, a outra a 28 legoas da primeira.

Este segundo canal acha-se pelos mappas e memorias e escriptos que consultei, ligado ao lago Maraquiry que alimenta. Acima da Villa de Borba, no Madeira, no logar em que o rio se liga com o grande lago Autáz ou Uautás, d'este parte um canal chamado Furo dos Autáz que o põe em communicação com o rio Madeira, ligando-se tambem este lago pelo rio Paratary com o lago Paratary, que a seu turno por dous canaes se liga ao Amazonas. O mappa recente da provincia do Amazonas pelo sr. Raymundo A. Nery traz esta disposição que eu conhecia pelos escriptos, bem patente.

Os que tem percorrido aquellas paragens, infestadas pelos selvagens Muras, referem que no espaço que vai do Purús ao Madeira ha um grande numero de vastos lagos dos quaes o rio Uautás ou Autáz é o desaguadouro.

«A estas paragens, segundo diz o *Diccionario Historico e Geographico* de Araujo Amazonas, levou Antonio Ayres Bararoá toda a gente de Manaos capaz de pegar em armas, e alli deixando-a, e voltando sobre a villa, sómente com a gente de sua parcialidade, com intenções que ainda hoje se interpretam horrorosamente, foi em um dos ditos lagos

surprehendido pelos cabanos[1] que o assassinaram com a mais revoltante barbaridade»

RIO MADEIRA

Se não temesse que as minhas expressões fossem attribuidas a um mal entendido amor ás provincias que me foram berço, diria que n'este mundo amazonico aos espantos de um dia segue-se maiores espantos nos dias seguintes, as maravilhas de hoje são eclypsadas pelas maravilhas de ámanhã, a um rio immenso succede um outro ainda mais collossal; no nosso caso as grandezas do Purús cedem o passo ás magnificencias do Madeira que a sessenta milhas da foz do Rio-Negro se lança no Amazonas, depois de um curso de 2:000 milhas, com uma força e abundancia de aguas que parece a quem encara a sua foz não ser inferior ao proprio rei dos rios.

Quatro enormes caudaes, além de centenares de outros de menor volume, reunem suas aguas para formar o Madeira; são elles o Beni, o Madre de Dios, o Mamoré e o Guaporé ou Itenez, um partindo das longinquas regiões do lago de Titicaca, o segundo das proximidades de Curco e Potosi, o terceiro indo até quasi ás nascentes do Paraguay, e o ultimo espraiando suas aguas pelas vastidões de Matto-grosso formando innumeros rios.

O que vou dizer d'este rio não é trabalho meu, antes na sua maior parte será emprestado do trabalho alheio; pouco será devido a mim, a não ser o ter lido muito e exa-

[1] Cabanos—Insurgentes que em 1835, na provincia do Pará ainda não separada da do Amazonas, se tinham revoltado contra o governo regular do Imperio, e que sustentaram uma lucta que ensanguentou a provincia durante dous annos, tendo assassinado logo em começo o presidente Lobo, e posteriormente o coronel Felix Clemente Malcher, o qual, ficando a presidencia da Provincia acephala, tomara conta d'ella e contrariando em parte as vistas dos revoltosos d'elles foi uma das victimas. O general Andréas só com uma repressão violenta poude terminar a insurreição.

minado memorias mappas e roteiros que de meu pai obtive assim de suas conversações com que desde menino me acostumei, e levaram aos quinze annos pela primeira vez ao Amazonas com meu pai que me serviu de guia e piloto, indo depois mais quatro vezes ao Rio-Negro, ao Solimões, e ao Madeira. Este rio foi particularmente visitado por meu pai, que acompanhava os exploradores J. J. Victorio da Costa e Simões, e que, como official de marinha, tomava parte nos trabalhos. D'elle é um trabalho descriptivo que transcrevo sobre as cachoeiras.

Aos trabalhos do meu amigo sr. J. Maria da Silva Coutinho, ao relatorio sobre este rio, do conego F. Bernardino de Souza, aos artigos publicados no Pará pelo sr. José Gualdino que leu e reuniu quasi tudo que no Pará, no Imperio e no estrangeiro se tem escripto sobre o assumpto, ao diario dos demarcadores de 1781, e outros auctores fui eu buscar os materiaes para este meu trabalho pois que n'estas materias não se pode inventar nem dar largas á imaginação.

A foz do Madeira, segundo as observações do sargento mór de engenheiros, Ricardo Franco de Almeida Serra, acha-se a 3°, 23', 43" de latitude Sul e 319°, 52' de longitude E. cinco legoas acima da villa de Serpa, e a 275 de distancia do mar. A sua largura por uns elevada a 4:500 braças, por outros a 1:000, parece, segundo o maior numero dos observadores, dever ser avaliada em 2:000 braças. A sua profundidade junto á bocca e até 25 legoas para dentro d'ella, regula por 6 braças, d'ahi até ao logar da aldeia dos Muras 5 braças; a velocidade de sua corrente é de 3 ½ milhas, isto junto ao lago dos Baetas onde o rio tem 200 braças de largura, e de 1 milha junto a Borba. Com estes elementos se pode fazer idéa do enorme volume de aguas que este rio lança no Amazonas; segundo os practicos, a profundidade até á cachoeira Santo Antonio conserva-se a mesma, senão maior, nas proximidades.

O rio divide-se em tres partes bem distinctas: a 1.ª

desde a foz até á cachoeira Santo Antonio que é a primeira;—a 2.ª secção que é a parte dominada pelas 17 cachoeiras ou segundo outros, 18, ou ainda na opinião de alguns 15 cachoeiras e tres corredeiras;—a 3.ª finalmente a região acima das cachoeiras.

A bacia d'este rio é uma das maiores do mundo. Gibbon na sua obra: *Exploration of the walley of the Amazon*, a avalia em 960:000 milhas quadradas de superficie, o que, como bem diz o sr. José Gualdino, a torna egual á bacia do Nilo e superior á do Danubio. Tomando o rio na sua altura media entre a enchente e a vasante, pode suppor-se que elle lança 14:642 metros cubicos de agua por segundo, com a inclinação de $^{1m}/_{26:00}$.

No *Diccionario Topographico* da comarca do Amazonas pelo capitão tenente Araujo Amazonas encontro o seguinte resumo historico-geographico do rio de que trato, e que achei digno de ser transcripto, e que começa em 1716, supposto que o rio já era conhecido desde a existencia das Bandeiras de resgate por occasião da subida de Pedro Teixeira até Quito.

«Em 1716, uma expedição sob o mando do capitão-mór do Pará, João de Barros Guerra, subiu o Madeira até ao rio Mahiei em perseguição dos indios Torás, cujas reliquias se encorporaram á missão de Abacaxis.

«Em 1725, outra expedição sob as ordens de Francisco de Mello Palheta, mas só no intento de explorar o rio, subiu-o até á foz do Beni, e d'esta ainda até á povoação hespanhola *Exaltação*.

«Em 1737, estabeleceram os jesuitas uma missão nas immediações da primeira cachoeira, a qual assim como á missão chamaram de Santo Antonio, e subindo até á confluencia do Mamoré, e n'elle entrando, passaram a tratar com os seus correligionarios do Perú.

«Em 1743, o aventureiro Manoel de Lima, desceu de Matto-Grosso pelo Guaporé e Madeira até ao Amazonas, entregue á discreção da corrente, e ignorante do termo que levava sua derrota, tempo este em que o mercador do

Pará, Joaquim Ferreira subia pelo Amazonas, Madeira e Mamoré até Exaltação.

«Em 1748, o cuyabano José de Souza Azevedo, tendo descido pelo Arinos, Tapajós e Amazonas até ao Pará, voltou a Matto-Grosso pelo Guaporé e Madeira, e ao mesmo tempo effectuavam egual viagem os mercadores maranhenses Manoel da Silva e Gaspar Barbosa, o que tornou o Madeira e o Guaporé mais conhecido itinerario do que o Tapajós e Arinos, a despeito do excesso de 150 legoas por aquelles.»

Cumpre accrescentar ao que copiámos do sr. Araujo Amazonas que no seculo VI, de 1560 mais ou menos em diante, era conhecido o rio de que fallo; davam-lhe porém anteriormente o nome de Cayari, segundo affirma o Padre Juan Patricio Hernandez, pois por elle descera n'essa epocha Nuflo de Chaves, indo sahir no Oceano, tendo vindo de Santa Cruz de la Sierra, e descido pelo Baurés e Mamoré.

Desde a expedição de Palheta em 1725, é que, causando-lhe admiração a quantidade de madeiros que o rio trazia em sua corrente, lhe começaram a dar o nome de rio da Madeira, ou rio Madeira, que conservou.

Em 1760, o capitão general governador de Matto-Grosso Luiz de Albuquerque Pereira Caceres, que em 1752 visitava o Guaporé, fundou no logar em que pouco antes existia a missão hespanhola de Santa Rosa, um forte, a que Deu a invocação de N. S. da Conceição, o qual achando-se em 1766 bastante arruinado foi substituido pelo forte chamado do Principe da Beira, talvez a melhor fortificação da fronteira que possuimos, começado em 2 de Junho de 1776 e acabado em agosto de 1783.

É construido em uma collina com declive suave para todos os lados, collocado na margem direita do Guaporé, livre das inundações que alli crescem até 45 palmos de altura, e proximo a uma lagôa que apenas dista 27 braças da extremidade da explanada.

Apresenta elle uma fortificação regular, quadrangular

com 60 braças de frente, do systema Vauban, com fosso, estrada coberta, quatro praças d'armas e explanada; cada uma das quatro monta 14 peças de artilheria; a sua posição astronomica é de 12°, 23′, 47″ lat. Sul e 21°, 17′, 19″ long. Oeste do Rio de Janeiro, posição tomada do baluarte N. O.

Durante a construcção do forte, sendo os petrechos de guerra transportados pelo Madeira e Guaporé, tomou este itinerario grande desenvolvimento, que se alimentava com os generos de consumo geral, como sal, louça, obras de ferro, bebidas que alli obtinham prompta venda; o que determinou a creação de algumas pequenas povoações por aquellas margens. Era finalmente por aquelle itinerario que tinham logar as communicações com o governo de Lisboa.

De 1780 a 1790 foi o Madeiras explorado scientificamente por uma commissão de engenheiros e astronomos mandados pelo governo portuguez que para ella escolheu alguns dos seus mais abalisados mathematicos, como José Joaquim Victorio da Costa e José Simões de Carvalho.

A commissão composta da 3.ª e 4.ª partida, assim denominadas por que a 1.ª e 2.ª tinham egual incumbencia no Sul do Imperio, então colonia, eram compostas da seguinte maneira: General Plenipotenciario João Pereira Caldas, governador e capitão general de Matto-Grosso; Commissario subalterno o tenente-coronel de artilheria Theodosio Constantino de Chermont. A 3.ª partida, para operar em Matto-Grosso, era composta dos engenheiros Ricardo Franco de A. Serra e Joaquim José Ferreira, e dos astronomos Antonio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Almeida e Lacerda. A 4.ª para trabalhar no Rio Negro formada do commissario Chermont, dos engenheiros Henrique João Wilkens, Euzebio Antonio Rizeiro, Pedro Alexandrino Pinto de Souza e dos astronomos José Simões de Carvalho e José Joaquim Victorio da Costa, isto alem de um secretario e um provedor, e officiaes de officio e duzentos homens de tropa com sua officialidade.

Ao engenheiro Ricardo Franco coube a exploração do Madeira, para a qual, aproveitando e corrigindo antigos trabalhos e addicionando-lhe novos, organisou o trabalho mais completo que a tal respeito existia; rectificando o erro então introduzido de suppor-se pela asserção do geographo José Gonçalves da Fonseca que o Madeira era formado pela confluencia do Guaporé com o Mamoré, (erro que se acha até no tratado de 1750 e de 1777) reconhecendo que era o rio Beni que devia ser considerado como berço do Madeira, que era a continuação d'elle.

Modernamente tem sido explorado por muitos geographos e viajantes entre os quaes merecem ser collocados em primeira linha, Orton com o seu trabalho *The Andes and the Amazon*, L. Gibbon, *Exploration of the walley of the Amazon*, Chandless com os seus numerosos trabalhos publicados em opusculos sobre o Purús e o Madeira nos jornaes geographicos inglezes, e João Maria da Silva Coutinho com seus relatorios minuciosos e veridicos escriptos em 1861.

Se compararmos os mappas antigos, ou mesmo o excellente mappa de Spix e Martius, publicado em Múnich em 1825 com os modernos mappas de Paz Soldan, de Edward D. Mathews *Up the Amazon and Madeira rivers*, vemos que hoje o rio está devassado e percorrido no interesse do commercio pelos regatões até quasi seus ultimos recessos, achando-se resolvidas muitas duvidas sobre pontos em relação aos quaes ainda ha poucos annos não havia opinião assentada.

Como atraz disse, o rio divide-se em tres secções e por isso começarei pela mais inferior, isto é pela que vai da foz até á primeira cachoeira. Esta secção offerece uma extensão de 186 legoas de 20 ao gráo, segundo Ricardo Franco, o que corresponde a 1:033 kilometros, e está o ultimo ponto a uma differença de 250 pés de nivel do mar.

Como todos os rios affluentes do Amazonas, e que tomam suas origens nas terras mais elevadas do Perú e Bolivia, até ás escarpas dos gigantescos Andes, as suas aguas

tomam enorme elevação na epocha de enchente, em que se espraiam por uma ou duas legoas por cada lado para o interior das terras que na baixa offerecem um aspecto muito differente.

Entre as curiosidades que o Madeira tanto ou mais do que o Amazonas offerece, sobresahe a das ilhas fluctuantes. Durante o decrescimento das aguas vão ficando encalhados por não pequeno espaço junto ás margens um grande numero de grossas e annosas arvores mortas de ha muito, outras recentemente arrancadas pelas ultimas enchentes, e por entre este amontoado de páos vão correndo as aguas das beiras da terra menos impetuosas que os grandes caudaes, transportando pequenos arbustos, plantas herbaceas, e sementes, que, detidas pelas madeiras encalhadas quando as aguas baixam, dão logar a uma vegetação em que predomina a chamada *canarana* que com suas multiplas raizes enlaça, amarra e liga estes páos todos, e com sua virente vegetação encobre as arvores e troncos que lhe servem de esqueleto; durante todo o periodo das vasantes crescem as plantas, depõem-se novas sementes que germinam sobre aquelle solo ficticio, até que de novo vem a enchente, e quando em toda a sua força esta levanta as madeiras e as despega das margens, ilhas enormes ou divididas descem pelo rio abaixo, e por tal forma está ligada e entrançada aquella vegetação toda, e tão viçosa é ella, que as canoas que transportam gado ás vezes se encostam a ellas e mandam gente que, andando sobre estas ilhas, cortam os olhos da canarana para alimento do gado. Estas ilhas fluctuantes, encontrando ás vezes barcos a vapor pela sua massa, lhes detem a carreira.

É curioso no tempo da vasante ver o rio aqui e alli coberto por numerosas ilhas todas invariavelmente correndo rio abaixo e partindo-se em alguma ponta de terra, ou encalhando em alguma restinga, girando sem avançar em algum remanso junto ás margens.

Este rio, que das madeiras que transporta, cedros muitas vezes seculares e outras, tomou o nome, offerece este

espectaculo em elevado gráo; assim tambem em alguns logares em que as costas offerecem menos fundo, vemos largas extensões occupadas por troncos encalhados emaranhados uns nos outros e encravados no fundo, para onde algum desvio da corrente os leva constantemente, offerecendo grande perigo para os barcos que alguma trovoada contra elles atire. No Amazonas tambem isto se encontra, como na costa do Cataú, em frente ás barreiras do Cussari.

A primeira secção do Madeira offerece um crescido numero de ilhas, rios e lagos, e para dar d'elles uma idéa seguirei senão rigorosamente, ao menos proximamente a ordem estabelecida pelo engenheiro J. M. da Silva Coutinho no seu relatorio. Enumera elle na margem direita do rio os seguintes:

Lago do Sampaio, distante meia legoa da margem. Em uma carta do Amazonas recentemente publicada, encontro este lago figurando na margem esquerda o que decerto é erro.

Furo ou canal Uarariá ou Tupinabaranas, que, sahindo da margem direita do Madeira no rumo de Oeste, vai lançar-se no Amazonas a uma grande distancia muito abaixo da foz principal d'aquelle rio, já abaixo de Villa-Bella; este canal ou rio como lhe chama Martius, forma a ilha de Tupinabaranas, muito extensa, pois se calcula seu comprimento em mais de 290 kilometros. Desde o Madeira desaguam n'este furo do Uarariá ou dos Abacaxis, como lhe chamam Spix e Martius, os seguintes rios enumerados por J. M. da Silva Coutinho: Canuman, Macaxis, Paracury, Apocuetaua, Maués, Andirá e Mamurú. Em alguns outros mappas antigos, como o de Martius, modernos, como o de Nery, encontro mais os rios Maués-mirim, Maçary, Apiuquiribó, Maguaraddá, e o rio Tupinabaranas propriamente com cujo nome designam esta bocca inferior do Madeira.

A maior parte d'estes rios tem um curso bastante extenso, pois alguns só no fim de 20 dias de navegação se lhe encontra a terminação em vastas campinas; entre elle os

de menor curso são os rios Paracury e Apocuetaua. Nas cachoeiras do Canuman, Abacaxis, Paraucry e Apocuetaua vagavam os indios Mundurucús, e nos rios Maués, Andirá e Mamurú os indios Maués; todas estas tribus estão extinctas ou muito reduzidas.

Os Mundurucús em geral dão-se bem com os brancos; os Maués tambem commerceiam com os negociantes da localidade. No principio do nosso seculo, além dos indios que mencionei, se encontravam os indios das tribus Sapupés, Comauy, Acaricuara, Brauará Uarupá, Muturucú e Curitiá hoje extinctas.

Lago do Anuman ou Canuman.
Lago Guariba.
Lago Cauintaú.
Lago Taboca.
Lago Macacos.
Lago do Jacaré.
Lago Cauá.
Lago Matamatá.

Rio Aripuaná — Segue no rumo do Sul; na foz é tão largo como o Madeira, mas estreita pouco acima, e vai com 50 a 60 braças de largura até ás cachoeiras que são cinco e distam da foz 40 legoas; em canôa são precisos mais de 6 dias para as alcançar; o seu curso ainda se estende até muito mais longe, e pode ser navegado durante seis ou oito mezes do inverno por barcos de 8 a 10 palmos de calado d'agua. Abunda em copahybeiras; ainda segundo o escripto de Coutinho, ha poucos annos alli habitavam os indios Araras, assim como outras tres tribus, denominadas Hyaxaretes-tapui, Anerá-tapui e Matanaris, que alguns praticos suppõem que são ramificações da primeira.

Rio Mariaipauá que supponho ser o mesmo que em algumas cartas encontro com o nome de Ariupaná, que fica a 53 legoas da foz do Madeira, tendo 30 braças na bocca; foi já navegado em montaria por quinze dias, o que lhe dá

30 legoas [1] de curso pois a viagem foi um pouco demorada; a agua d'este rio é preta, e elle abundante em castanha e copahyba.

Rio Mataurá—Segue no rumo de S. 1/4 de S. O., tem quarenta braças de largura e dá navegação a barcos de oito palmos de calado d'agua. Diz Serra em seu diario que este rio se communica com o rio Canuman; os practicos a quem J. da S. Coutinho consultou a tal respeito, em nada o puderam exclarecer; diz elle que lhe parece isto pouco provavel, pois seria preciso que as cabeceiras do Canuman fossem tão distantes que ficassem além das do Aripuaná. Esta objecção porém não me parece importante, pois os conhecedores d'aquelles logares concordam todos que tanto o Mataurá como o Canuman tem um extenso curso de mais de 150 legoas, e ambos tem identicas producções, e as mesmas dos rios já descriptos.

Anhangatini — Hoje dão-lhe vulgarmente o nome de *Uangatiminga*, pequeno rio de agua preta, sete legoas acima do Mataurá a 67 legoas da foz do Madeira.

Rio Manicoré — Demora este rio a sete legoas de distancia do precedente, tem cerca de 50 braças de largura, é tambem de agua preta, com um extenso curso, sendo a primeira parte de cerca de 25 legoas, livre de obstaculos, e a superior, que é a mais extensa, toda cortada de cachoeiras.

Lago Morucutuba—De mediana grandeza, abundante em peixe e tartarugas, tambem é conhecido pelo nome de Lago Murucututú (Diccionario topographico). A carta levantada pelo sr. R. Nery chama-lhe L. Manicutuba Lat. 6,° 3′ S.

Rio dos Marmellos—Tambem chamado Araxiá, situado na mesma margem direita e a 105 legoas da foz do Madioré segundo Araujo Amazonas, a 90, segundo S. Coutinho;

[1] Não me parece isto exacto pois daria para a navegação em montarias, canoas pequenas e ligeiras, em um dia só duas legoas, quando eu sem exforço tenho feito 4 e 5 legoas de caminho n'estas pequenas embarcações.

tem 80 braças de largura, e no inverno dá passagem a barcos de 20 palmos de calado de agua; no verão porém apenas tem de 4 a 6 palmos de agua. Logo á distancia de 30 legoas da bocca se encontram cachoeiras em numero de 7, uma das quaes em tempo de enchente offerece uma queda de 50 palmos; as outras dão uma passagem mais ou menos facil. Acima das cachoeiras, a não grande distancia das margens, se encontram serras de pequena altura. Depois o rio entra em grandes campos com pouca vegetação e que se estendem pela direita e esquerda. Esta informação, assim como as notas que colhi sobre a vegetação d'estes campos, concordam com o que me tem sido narrado sobre os campos da parte superior do Tapajós, Canuman, Aripuaná, Abacaxis, e isto parece mostrar que na parte mais interna d'estes territorios se encontram extensos campos. As cabeceiras d'este rio são pouco conhecidas, pois a existencia dos indios Turas, Muras, Matanaris, e sobre tudo da nação guerreira dos Araras tornam perigosas as expedições. As producções vegetaes são as mesmas dos rios já descriptos.

Rio Uruapiára—Desemboca no Madeira junto a duas ilhas conhecidas por ilhas Uruapiáras. Diz Silva Coutinho no seu relatorio que o que desemboca no Madeira não é propriamente o rio Uruapiara mas sim o lago d'este nome formado ou alimentado pelo rio Uruapiara. O lago fica a 4:500 braças de distancia da margem do Madeira e prolonga-se parallelamente a elle por uma distancia de quatro legoas; communica-se com outros rios, o que torna suas proximidades humidas e abundantes em seringueiras. Em suas margens vaga a indomavel e feroz tribu dos Parintintins que tantas vezes tem atacado os brancos e obstado á navegação dos ultimos braços d'estes rios.

Lago Miriti—A meio legoa da margem é de pequeno curso; de inverno communica-se com o Uruapiára.

Lago do Antonio grande—Situado a 200 braças do rio Madeira.

Lago das Tres Casas.

Lago da Pupunha.

Lago do Rei.

Todos estes lagos são grandes e piscosos, e em geral a uma distancia de cerca de 250 braças da margem do Madeira.

Lago Maici—Formado pelo rio do mesmo nome, onde existem aldeias de indios Parintintins.

Rio Machado—Tambem chamado Giparaná, com uma largura de 130 a 140 braças na foz; a seis legoas de distancia d'ella tem de 400 a 500 braças e bastante fundo. Foi explorado por muito tempo quasi que só na primeira parte do seu curso cerca de 30 legoas; hoje tem sido todo ou quasi todo percorrido. E cortado por numerosas cachoeiras. Estas regiões são percorridas pelos indios Turás, Arararas, Matanauis, Murucujas, Parintintins, Araras, e Acará-pirangas. A pouca distancia de sua foz, a existencia de uma ilha forma dous canaes. A distancia de 3 kilometros recebe o rio Preto; diz-se que é este um dos mais ricos em drogas. Elle separa as provincias do Pará e Amazonas em duas regiões mais internas: Mundurucania e Juruema, a primeira pertencente ao Pará, a 2.ª a Matto-Grosso. Está a foz d'este rio cerca de 22 legoas abaixo da 1.ª cachoeira chamada de Santo Antonio. Em sua foz foi a 3.ª situação da povoação de Araretama de onde foi transladada para Paraxiaú.

Lago Mururé—Que parece ser o mesmo que Serra no seu diario denomina *Jacaré* desaguando em um igarapé; o lago dista meio legoa do Rio.

Lago Curicaca—Este desagua por um canal que Serra denomina *Macacipé*, erradamente, na opinião de S. Coutinho.

Lago Tucunaré—Coutinho diz que lhe não deram noticia d'este lago, mas que o menciona na sua obra por vir elle consignado no minucioso diario do Major Serra; accrescentarei que em recentes trabalhos, como o de Nery, vem designado o lago Tucunaré na posição indicada por Serra, e communicando com o Madeira por um canal ou rio do

mesmo nome, e no mappa de Spix e Martius de 1895 encontro o rio Tucunaré formando a pouca distancia do rio Madeira um lago que se denomina Lago Tamanduá.

Rio Hyamary ou Jamary — Maior do que o dos Marmellos; muito fundo, pois de inverno tem de 35 a 40 palmos de agua com um curso que tem sido percorrido em canôas até grandes distancias, encontrando-se aos doze dias de viagem grandes campinas. Martius o figura como indo até ás faldas da cordilheira geral e serra dos Parecis, bifurcando-se em dous rios chamado das Candeias um, e o outro Camararé; este traçado concorda com a asserção de Baena de que este rio vai terminar proximo ás vertentes do rio Mequem tambem figurado no mappa a que me refiro, e que desagua no Guaporé.

Os que tem penetrado até suas cabeceiras affirmam que por duas vezes alli tem sido encontrada uma tribu de indios de côr clara e cabellos ruivos, que não se dão nem com os outros indios e são em extremo bravios.

Os affluentes da margem esquerda do Madeira são a contar da foz os seguintes:

Furo do Autaz ou Uautás — Canal que liga o Madeira com o rio Autaz de que já fallei e cuja foz está situada a duas legoas ao Oeste da foz do Madeira. Este rio deriva de um grande lago do qual, além d'este, dimanão outros canaes que tambem vão ao Amazonas e ao Purús. O canal de que fallo afflue ao Madeira cinco legoas acima de Araretama (Borba). Na carta na provincia do visconde de Villiers, este lago está marcado com o nome de *Lago dos Araras;* no mappa de Martius vem com o nome de *Lago dos Autás ou Catanixis* com as particularidades que enumerei. Apresenta este canal quarenta braças de largura e durante a vasante é reduzido a pequena profundidade.

Lago Arary — A trinta e quatro legoas da foz segundo Nery.

Lago Hyaury.

Rio das Araras — Com 14 braças de largura e pequeno curso.

Lago Matapi—A 86 legoas da foz. Não o encontro em varias cartas.

Lago Marassutuba—Pela distancia de 71 legoas da foz a que o collocam, parece-me ser elle o mesmo que na carta de Spix e Martius é chamado Miura-Paraxiá. E' de notar que entre o Canal do Autás ou Uautás e o lago de que estou fallando, Martius figura oito lagos bem claramente, e encontro acima d'este lago que elle chama Murassutuba um outro denominado Cayaá. Eu dou grande credito a esta carta de Martius porque quando andei em 1845 pela primeira vez pelo Amazonas ainda fallei com muitas pessoas que o conheceram e me narraram quaes os bastos recursos de que elle estava provido e dispunha, e o numero crescido de annos que elle empregou n'este seu trabalho.

A quem conhece os pilotos e vaqueanos do Amazonas, não deve causar admiração não enumerar Silva Coutinho alguns lagos, pois a sua viagem não foi de grande demora; alem d'isso aquelles practicos, se não são interrogados miudamente, nada dizem.

Rio Capanam—E' de agua preta, tem cincoenta braças de largura, e um fundo de dez palmos. O major Serra affirma que este rio communica com o rio Purús ao cabo de uns doze dias de viagem.

No mappa de Martius encontro este rio com a communicação mencionada por Serra, e no mappa recente de Nery o encontro com o nome de Cupanã; em ambos estes mappas vejo figurado a grande distancia da bocca um lago do qual vai uma communicação com o Purús, de onde resulta, como diz Araujo Amazonas no seu diccionario, o espaço encanado pelo Madeira, Purus, Capanam e Solimões com 65 legoas de N. a S. e 50 de E. a O.

Supponho ainda que esta discripção que faço é exacta por que na copia que possuo do mappa de 1778, que aliás é falto de muitos rios e lagos indicados em mappas modernos, encontro com o nome Capanã um canal com um lago no meio e communicando com o Madeira e Purús.

O sr. Coutinho, fallando d'este rio e suas communica-

ções, se occupa da possibilidade de haver communicação breve e sem obstaculos entre o Madeira e o Purús além das cabeceiras d'aquelle e aquem das d'este, e opina que isto é impossivel porque o terreno a partir do Amazonas se eleva para o interior; embora desigualmente distribuido, a differença de nivel sempre existirá; e, diz elle, «o braço que do alto Madeira vem confluir no Purús, sendo franca a navegação d'este até á foz, ha de forçosamente correr sobre um plano inclinado tanto quanto é o do Madeira na extensão das cachoeiras com pouca differença. A queda tornar-se-hia insensivel, se por ventura o caminho percorrido fosse muito grande, e n'esse caso nada se ganharia com a navegação do Purús. A' distancia entre elle e o Madeira, pelo contrario, é pequena, segundo alguns practicos, e pelo que se pode concluir da disposição hydrographica d'esta parte do valle do Amazonas; por consequencia para chegar-se ao ponto superior das cachoeiras do Madeira tem-se de vencer mesmas difficuldades, quer por um, quer por outro lado.»

Posso porém affirmar que meu pai que esteve durante 9 annos n'estas regiões já ao serviço das ultimas demarcações, e depois como governador ou commandante militar em differentes pontos d'esta capitania, me affirmou sempre que havia uma localidade a que davam o nome de *Trajecto do Purús* pelo qual em poucas horas se passa de um para os affluentes do outro.

Modernamente, em 1887, o sr. A. R. P. Labre tentou estabelecer uma communicação entre os dous rios pelo Acre ou Aquiry, e o trajecto seguido foi o que vamos ver.

O tenente-coronel Labre entrou pelo Madeira, passou ao Beni e ao Madre de Dios até ao ponto chamado *Maravilha*, depois por terra foi ao rio Orton no ponto Budha e seguiu o mesmo rio por terra por uma distancia de 66 kilometros, mas no traçado que elle indica do Madre de Dios, ao Aquiry ou Acre, encurta toda esta parte que é desnecessaria e traça o caminho de Porto Amapo ou Porto Capa no Rio Orton ao rio Acre com o rumo de SSE. a

NNO. com variações. O porto Capa é situado 12 kilometros abaixo da foz do rio Manuripi. Foi elle alcançar o Acre ou Aquiry no logar Flor do Ouro.

Resumindo, eis o que elle diz:

«Terminando na Labrea a minha excursão exploradora no dia 10 do precitado outubro, percorri em oito mezes uma circumferencia de 5.002 kilometros, em grande parte arrostando perigos e difficuldades superados pela força da vontade.

«E' assim delineada, por pontos, a linha de excursão:

«Da Flor do Ouro á bocca do Acre, 360 kilometros; da bocca do Acre á foz do Purús, 3.000 kilometros; da foz do Purús, descendo o Amazonas, á bocca do Madeira, 500 kilometros; da foz do Madeira á confluencia do Beni e Mamoré, 1.400 kilometros; da bocca do Beni á foz do rio Madre de Deus, 104 kilometros; da barra do Madre de Deus, subindo sua corrente até ao porto Maravilha, 260 kilometros; até aqui a linha fluvial; e a terrestre, do porto Maravilha, do rio Madre de Deus, ao porto Flor do Ouro, no rio Acre, 278 kilometros.

«Segundo se vê do itinerario terrestre, a projectada estrada tem uma extensão de 278 kilometros.

«Asseguro, porém, que não excederá de 186, assim descriminados: 161, do Acre a Orton, porto Capa; de Orton á Madre de Deus, em porto Amápo, 25 kilometros; ao todo 186 kilometros; tiradas as curvas e melhorada a direcção de viabilidade, poderá ficar com uma extensão de 149 kilometros, com duas pontes: uma, no rio Abuná; e outra, no rio Orton.

«A ponte d'este rio poderá ser dispensada por uma barca de passagem, emquanto não se fizer uma linha ferrea, ou quando um grando transito commercial não o exigir.»

Lago Hyanary.

Lago dos Baetas, a 99 legoas da foz, uma legoa abaixo da aldeia dos Muras. No mappa de Martius vem designado o rio Jabahyra entre o Baetas e o Crato. No mappa recente de Nery encontro figurado o lago Jurupary-pira.

Lago Acará, a 100 legoas da foz.
Lago do Rei.
Lago Juruá.
Lago Carapanatuba.
Lago Purus.
Lago João Behem, que dista 200 braças do rio e é grande; a povoação do Crato fica entre elle e o Purús.
Igarapé-Mirary.
Lago Conikahim.
Lago Capitari.
Lago Tamanduá.
Lago Jatuarana.

No mappa de Nery do anno de 1886, em que o Madeira contava mais de 40 mil habitantes, em que 15 ou 20 vapores sulcavam suas aguas, encontro designados os dous lagos do *Punca* e do *Tamanduá* proximos á cachoeira de Santo Antonio. No diccionario de Araujo Amazonas encontro mencionado o 1.º com o nome de Pemcão, na margem esquerda do Madeira e proxímo á cachoeira de Santo Antonio immediatamente abaixo, entre os rios Maparaná e Ipanamena: do primeiro d'estes rios assim como do lago encontro menção no mappa de Mathews.

N'este mesmo mappa encontro o rio Arraias e Macassipé; do ultimo não achei outra menção; do primeiro porém encontro noticia no diccionario de Araujo Amazonas na seguinte forma: «Rio da margem esquerda do Madeira abaixo do Giparaná entre o rio Mangaramy e o lago Uanany» Tambem o mappa de Martius o aponta na posição indicada, mais ou menos, pois o colloca mais distante da cachoeira de Santo Antonio do que indica o diccionario.

No mappa de Martius ainda encontro entre o rio dos Baetas e a primeira cachoeira, os seguintes rios Mogurany, Cuyaná, Auará, Yaruvá, Aponiá, Extarai, Cacheary, Chaurary; de todos estes rios apenas faz menção o diccionario de Araujo Amazonas do Aponiá, e pela seguinte forma: «*Aponião*, Ribeira do Solimões na margem esquerda do Madeira entre o rio Ipanema e a Ilha do Tucunaré, aci-

ma da foz do Gi-paraná. Foi o primeiro assento da actual freguezia de Araretama com invocação de Santo Antonio; do qual se trasladou para proximidades do Jamary.»

Não devem causar admiração estas faltas de designação em muitos mappas, não só pelo numero enorme de rios, como sobre tudo pelos diversos nomes que dão ao mesmo rio, ilha ou lago.

Continuando a seguir a memoria escripta pelo sr. Coutinho, apresento a lista das 52 ilhas que elle encontrou entre Santo Antonio e a foz, e transcrevo o quadro que no mesmo escripto encontro.

Relação nominal das ilhas do Rio Madeira

Numeros		Grandeza	Distancia á foz
1	Capitary	ignorada	
1	Urucurituba	100 braças	
1	Sebastião	1:500 »	
1	Rosario	600 »	
2	Valentim	100 »	
1	Maracá	1:200 »	
1	Aximim	1:000 »	
1	Mangericão	50 »	
1	Goiaba	100 »	
1	Trucaná	200 »	
1	Borba	450 »	
1	Guajará	70 »	
2	Mandihy	3:000 »	
2	Carapanatuba	200 »	
1	Sapucaia ou Jacaré	300 »	
1	José João	80 »	
1	Aripuaná	70 »	
1	Araras	12:000 »	
1	Uruá	4:500 »	
1	Miriti	1:500 »	
1	Genipapo	3:000 »	
1	Matapiri	3:000 »	

Numeros		Grandeza	Distancia á foz
1	Murassutuba..........	1:500 braças	
2	Jacuarana............	1:500 »	
2	Onças...............	200 »	
1	Jurará...............	100 »	
1	Marmellos............	4:000 »	
1	Uruapiara............	2:500 »	
1	Baetas...............	9:000 »	
1	Muras................	1:500 »	96 legoas
2	Santo Antonio.........	1:500 »	
1	Pagé.................	ignorada	
1	Periquitos............	»	
1	Pirahyanára..........	»	
1	Pirahybas............	»	
3	Arrraias..............	»	
1	Frechas..............	»	
3	Sem Nome...........	»	
2	Puncan...............	»	
1	Mariahy..............	»	
1	Guaribas.............	»	
1	Mandiahy.............	»	

Povoações do rio Madeira—O Madeira, hoje, segundo as informações, notas de generos alli consumidos, conta pelo menos 70 mil habitantes em suas margens, mas os seus habitantes não estão como era de esperar disseminados formando pequenas povoações, mas sim espalhados em numerosos pequenos grupos isolados. Centros de população, apenas podem ser contados Borba e Manicoré como importantes.

Borba, conhecida por muitos escriptores com o nome de Araretama, antiga freguezia de Santo Antonio na margem oriental do rio, 25 legoas acima da foz, teve a sua origem em uma missão creada em março de 1728, pelo jesuita João de Sampaio, perto da bocca do lago Aponião abaixo da cachoeira Santo Antonio. D'este ponto foi ella mudada para a foz do rio Jamary ou Hyamary, perseguidos os

moradores pelos indios Muras foi mudada para Baeta onde teve o nome de Trocano[1] Alguns ainda dão a este logar o nome de Borba-Velha; d'alli é que, trasladada para a foz do Araretama, tomou d'elle o nome que depois em 1753 foi mudado no de Borba quando a aldeia foi elevada á cathegoria de *Villa;* contava então 650 fogos.

Os jesuitas fizeram grandes exforços pelo engrandecimento d'este local e ainda hoje os vestigios do seu passado engrandecimento são visiveis, tiveram alli uma ollaria bem montada, e ainda estão patentes os robustos alicerces para a igreja que tencionavam alli elevar. Tambem ainda existem os restos de dous canos de esgoto subterraneos que partiam do antigo hospicio, e parece, segundo diz o diccionario topographico de Araujo Amazonas, que alli queriam fortificar-se, pois em 1756 se encontraram duas peças de artilheria em cujo manejo eram adextrados os indios. Foi n'este logar que residiu a terceira partida de demarcadores em 1781.

O clima de Borba, no dizer de todos os que alli tem habitado, é salubre e agradavel, e bem como em quasi todo o Madeira, não é tão quente como se devia esperar. Infelizmente em outros pontos deixa o Madeira a desejar quanto á salubridade, por isto se torna notavel a povoação de S. João do Crato, fundada em 1802 a distanciade 30 legoas da foz na sua margem esquerda; antes fora situada por occasião da sua fundação em 1797 com degradados portuguezes na foz do rio Jamary. Está situada actualmente entre os rios Baetas e Arraias, proximamente ao ribeiro Maguarani e o igarapé Purús; esta nova situação porém parece ainda peior do que a primeira.

Em 1828 foi abandonado, largando o destacamento ao retirar-se fogo, ao que ainda restava, pois parecia ser alli o foco de todas as molestias, como ictericia, camaras de

---

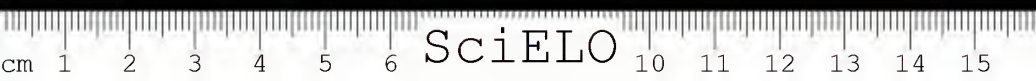
[1] Trocano é o instrumento de guerra de que usam parte dos indios bravios do Amazonas para convocar sua gente.

sangue, febres intermittentes, erupções de pelle, escorbuto, devido quasi tudo á pessima agua que bebiam.

Em notas que me deixou meu pai, encontro ainda que esta colonia de S. João do Crato, com um forte destacamento, foi creada não só para livrar os moradores das correrias dos indios Jumas, pois tão repetidas eram, que os homens moradores n'ella não eram como os das outras povoações chamados a serviço, mas tambem porque era alli que se achava estabelecido o registro do ouro para as canôas que desciam de Matto-Grosso. Este destacamento, assim como outros espalhados em differentes rios da provincia, serviam para fazer, como correios, chegar as ordens do governo até Matto-Grosso, pois não só por este rio como por outros e em diversas direcções, eram pelos commandantes militares transmittidas quaesquer ordens ou providencias. Alli, diz meu pai que em uma das tres vezes que subiu o Madeira, estava estabelecida um grande deposito de sal e outros generos, formado por negociantes do Pará para abastecimento da população de Matto-Grosso que descendo o rio alli vinha comprar o que lhe era preciso.

Com desintelligencias havidas entre o governo do Pará e do Amazonas, e com a retirada do destacamento tudo feneceu e os habitantes se retiraram.

Outro ponto de alguma importancia outrora e muito importante hoje é a Villa de Manicoré, cabeça de comarca do Rio Madeira, creada por lei de 14 de Outubro de 1878 tendo logar sua installação em 1881 no mez de Dezembro. E' situada na margem direita entre os rios Manicoré e Matаurá, junto á foz do primeiro. Segundo refere José Gualdino, teve predicamento de villa nos tempos coloniaes, em 1756.

Mas embora estes dous, Borba e Manicoré, sejam os mais importantes dos centros de população do rio, em que as boas edificações começam a ostentar-se, outros ha de menor importancia que são: Camemã, Sapucaia, Tabocal, Santa Rosa, Baetas, Junas, Tres Casas, Missão de S. Pedro, Crato, Missão de S. Francisco, Cavalcante, Jamary e Santo Antonio.

Alem dos 15 logares que tenho enumerados e nos quaes os vapores das duas linhas subsidiadas pelos governos provincianos são obrigados a tocar tanto quando sobem como quando descem o rio, ha muitos outros pequenissimos centros, formados cada um d'elles por um negociante que alli estabelece o seu barracão com suas mercadorias, ao qual concorrem os seus freguezes, onde habitam seus familiares, tripulações das canôas em que vai negociar. Alli são estabelecidos depositos de generos e na epocha da colheita da borracha, os vapores tocam não em quinze logares mas em oitenta ou noventa.

Santo Antonio abaixo da cachoeira do mesmo nome. e junto á foz do rio Jamary ou Hiamary a 164 legoas da bocca do Madeira, tem tomado grande incremento, pois sendo o logar em que pode dizer-se termina a navegação do baixo-Madeira e começa a navegação da região encaichoeirada, alli o deposito de cargas que vão ou vem, e o numero de vapores particulares ou fretados que navegam aquelle rio já é bastante consideravel para que anime aquelle ponto de espera.

A população espalhada por este rio até á primeira cachoeira sóbe a 70 mil pessoas; só o municipio do Manicoré tem 3:500 almas nas quaes se encontram 700 estrangeiros; de modo que se o numero de habitantes do Madeira pode estar dividido em oito ou dez localidades, isto representaria alguma cousa, mas espalhados em mais de trezentos logares não só na orla do rio principal como nas de seus mil affluentes, o rio offerece um aspecto de solidão e de tristeza.

Entretanto a sua população cresce rapidamente, e hoje differe muito do que era em 1861 quando foi visitado pelo sr. Coutinho; então elle computava-a em 20 mil, e em 375:000 kilogrammas a gomma elastica alli manufacturada. Hoje a população tem mais do que triplicado, e a producção de borracha varía entre 1.500:000 e 2.000:000 de kilogr. o que dá um coefficiente de perto de 300$000 réis, isto é superior áquelle que é dado pelos paizes mais ricos e mais abundantes em materias primas.

O Purús, cuja população ainda mais rapidamente tem crescido, offerece ainda maior riqueza; são estes dous rios as grandes arterias da vida commercial da provincia do Amazonas. Pela descripção que tenho feito, pelos seus numerosos affluentes pelos canaes que communicam uns com os outros, é de ver quanto será difficil a fiscalisação administrativa; o derramamento da instrucção publica e entretanto é com prazer que consigno que o estado do Amazonas é um dos que mais rapidamente tem progredido e continua a crescer.

O sr. Coutinho, já em seu relatorio, conhecendo bem a Amazonia lembra em 1861 a conveniencia de crear um forte destacamento militar junto ao rio Baetas a 96 legoas da bocca, no centro da zona manufactureira da borracha. A vinda por occasião da secca do Ceará, em 1879, de muitos milhares de cearenses, que não eram de certo a melhor parte dos habitantes d'aquella provincia, para estes rios, todos desejosos de ganhar com que possam regressar rapidamente á sua patria, tem trazido ao Madeira e ao Purús, especialmente onde a grande parte da população é d'estes emigrantes, as lutas á mão armada por causa de terras onde existe a preciosa planta, o que tem por muitas vezes ensanguentado aquellas margens. O destacamento militar, como elemento de força proximo áquelles logares, acabando com as frequentes desordens, ao mesmo tempo serviria para reprimir e intimidar a audacia de algumas tribus de indios como o Parintintins, os mais audazes de todos os que vagam entre o Madeira e o Purús. Com excepção d'estes e dos Araras tão indomaveis como elles, os esforços de bons missionarios, como o foi Fr. Egydio de Garezio, poderiam attrahir aos aldeamentos grande numero de tribus, pois a catechese, quando bem conduzida, tem dado bons resultados como vimos no Xingú, e em Itaituba, no grande aldeamento Bacabal, no qual foi preciso que viesse um missionario tão discolo como Fr. Pelinio de Castro Valva, auxiliado pelas decisões iniquas do governo central garantindo-lhe a posse pacifica do que roubara aos indios,

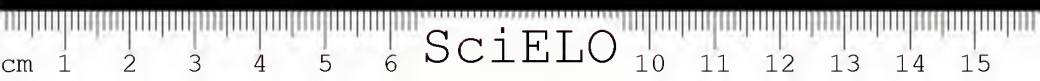
para que tudo se desmembrasse fugindo os indios a quem queriam ter como em escravidão, e hoje nada existindo. O sr. Silva Coutinho em sua constante solicitude pelo serviço publico, indica os logares que elle julga mais convenientes para pequenos centros de colonisação, que, depois de estabelecidos com menos difficuldade, encontraria um grande numero de povoadores, e serviriam de nucleos para a grande emigração. São elles os seguintes:

Sapucaia-oroca a......	14 legoas de Borba e a		39 da foz	
Barreiras do Aripuaná.	26	»	»	51 »
Barreiras em frente á ilha dos Araras.....	28	»	»	53 »
Barreiras em frente á ilha do Uruá........	31	»	»	56 »
Barreiras do Anhangatini................	42	»	»	67 »
Barreiras do Manicoré .	50	»	»	75 »
Barreiras do Capanan..	57	»	»	82 »
Barreira dos Marmellos	65	»	»	90 »
Barreira do Uruapiara..	68	»	»	93 »
Aldeia dos Muras, 1 legoa acima da foz do lago Baetas.........	71	»	»	96 »

A alimentação n'esta parte do Madeira é o peixe secco chamado *pirarucú*, algum peixe fresco e as tartarugas; alem d'isto recebem do Pará e de Manaos carne secca, bacalhau, bollacha, pão torrado, conservas, feijões, farinha e bebidas diversas.

Na epocha do começo do inverno apparecem ás vezes nos moradores incommodos intestinaes, febres intermittentes, devidas em grande parte a estarem as aguas do rio n'essas epochas carregadas de materias vegetaes mais ou menos decompostas, inconveniente este que com alguns cuidados seria facil diminuir ou extinguir, fazendo poços em que ella penetrasse filtrada naturalmente ou usando-se depois

de fervida ou filtrada, e sobre tudo tendo mais cuidado em suas moradas e mais cautella nos excessos a que se entregam.

A taboa meteorologica seguinte, que é copia da que formulou o sr. Coutinho, offerecerá interesse aos curiosos.

METEOROLOGIA

Observações feitas na viagem ao rio Madeira em julho de 1861

Dias	H.	Ther. C.	Diff	Ther. hum.	Temperatura d'agua dos rios	Aspecto do Céu, e vente	Logares
1	6 t.	27. 6	3.4	24. 2	27. 2	Ceu limpo, aragem de E	Foz da Solimões.
2	6 m.	24. 6	2.0	22. 6	26. 8	» »	Porto de Serpa. Amazonas.
	4 t.	29. 5	5.3	24. 2	27. 2	» »	»
3	6 m.	23. 6	0.8	22. 8	26. 8	Encob.º, chuva. Grande trov.ª de E. a noite p.	»
	12	25. 4	1.7	23. 7	26. 8	» agora é que cessou a chuva.....	Furo de Saracá.
	9 t.	24. 6	1.3	23. 3	26. 9	Encoberto, vento E....................	Villa de Silves.
4	6 m.	24. 0	1.4	22. 6	26. 8	» »	»
	12	28. 0	3.9	24. 1	27. 2	» calma	»
	6 t.	24. 3	2.1	22. 2	26. 8	Meio nublado, E. brando..............	»
5	6 m.	23. 4	1.4	22. 0	26. 8	Encoberto, ameaça chuva	»
	12	27. 2	2.0	25. 2	27. 0	» choveu das 8 em diante, continua c.^{ma}	»
	6 t.	24. 0	1.0	23. 0	26. 7	» aragem de E. Choveu até ás 2 horas	»
7	6 m.	23. 9	1.6	22. 3	27. 6	Limpo, ar nevoado, aragem de E.........	Porto de Serpa. Amazonas.
	12	28. 8	2.9	25. 9	28. 6	» vento SO. regular. Bello dia...	Fóz do Madeira.
	6 t.	27. 0	2.1	24. 9	27. 5	» » E. brando............	8 legoas da foz. Madeira.
8	6 m.	22. 1	0.9	21. 2	26. 6	» » » calma	Porto de Borba. »
	12	29. 7	4.1	25. 6	27. 0	» » SE. regular	28 leguas da foz. »
	6 t.	27. 4	3.6	23. 8	27. 6	» » E. calma	Porto da ilha Mandihy Mad.ª

9	6 m.	22. 5	1.3	21. 2	26. 2	» » »	Porto da Boa Vista. »
	12	29. 5	4.1	25. 5	27. 1	» » SE. regular	Perto da ilha das Araras. »
	6 t.	27. 2	2.9	24. 3	26. 4	» » » calma	Perto da ilha do Genipapo »
10	6 m.	23. 0	1.2	21. 8	25. 8	» aragem de E	Perto do Capanã. »
	12	32. 8	7.5	25. 3	26. 5	» calma.	Perto da ilha Jacuarana »
	6 t.	26. 2	2.9	23. 3	26. 1	» aragem de E	Perto da ilha das Onças »
11	6 m.	26. 6	4.0	22. 6	25. 6	» » »	» »
	12	32. 3	6.1	26. 2	26. 6	» calma.	Perto da fóz dos Marmellos.
	6 t.	26. 4	1.9	24. 5	25. 8	» vento E brando	Porto dos Baetas. Madeira.
15	6 m.	23. 4	0.9	22. 5	25. 2	» » » regular	»
	12	29. 4	3.6	25. 8	26. 0	Encoberto, » O regular	Perto da ilha das Onças. »
	6 t.	26. 2	1.7	24. 5	26. 2	» » E fraco	Foz do Manicoré. »
16	6 m.	24. 5	1.9	22. 6	25. 8	» » calma	»
	12	31. 5	6.9	24. 6	26. 5	Limpo, vento ENE fresco	Perto das Araras.
	6 t.	26. 8	2.4	24. 4	26. 7	Encoberto, calma	Porto da Boa Vista.
17	6 m.	23. 0	1.0	22. 0	26. 2	Limpo, aragem de E	» »
	12	28. 9	5.7	23. 2	26. 8	» calma	» »
	6 t.	27. 2	3.1	24. 1	26. 6	» »	» »
18	6 m.	20. 1	0.5	19. 6	26. 1	» »	Porto do Mandihy. »
	12	32. 8	8.2	24. 6	27. 8	» »	Porto de Borba. »
	6 t.	26. 3	2.8	23. 5	27. 0	» »	10 leg. abaixo de Borba. »
19	6 m.	25. 0	0.6	24. 4	26. 2	Encoberto, calma	Amazonas.
	12	29. 6	4.4	25. 2	27. 6	Limpo, calma	»
	6 t.	27. 2	3.4	23. 8	27. 0	» »	Furo do Carero, ag.as do Soles

Observações feitas na aldeia das Muras, logar dos Baetas

MEZ DE JULHO

Dia	H.	Ther. C.	Diff.	T. hum.	Temper.ª d'agua	Aspecto do Ceu e vento
Dia 12	6 m.	22. 6	8.0	21. 8	25. 6	Encoberto, calma.
	10	25. 9	2.3	23. 6		» »
	11	26. 3	2.4	23. 9		» »
	11 1/2	26. 7	2.7	24. 0		» SO regular.
	12	27. 0	3.3	23. 7	26. 0	» »
	t. 1/2	27. 0	3.4	23. 6		» »
	1	27. 3	4.8	22. 5		Pouco nubl. em cirrus, SE fr.
	1 1/2	27. 8	4.6	23. 2		» em cumulus, SE »
	2	28. 0	4.3	23. 7		» » »
	2 1/2	28. 6	5.0	23. 6		» » »
	3	28. 8	4.9	23. 9		» » »
	3 1/2	29. 0	5.0	24. 0		» » »
	4 1/2	28. 0	3.7	24. 3		» » »
	5	27. 4	3.3	24. 1		» » »
	6	25. 8	3.2	22. 6	25. 5	» » »
Dia 13	6 m.	22. 6	1.0	21. 6	25. 3	Limpo, SE fresco.
	2 t.	29. 9	5.6	24. 3	26. 0	» » Bello dia.
	3	29. 8	5.7	24. 1		» » »
	4	30. 1	5.9	24. 2		» calma
	4 1/2	30. 2	5.8	24. 4		» »
	5	30. 0	5.6	24. 4		» »
	5 1/2	27. 7	3.2	24. 5		» »
	6	26. 6	2.6	24. 0	25. 4	» »
Dia 14	6 m.	21. 8	0.8	21. 0.	25.º 1	Limpo, vento S. fresco.
	10	26. 4	3.8	22. 6		» SE. fresco. Bello dia.
	11	27. 7	4.1	23. 6	em casa	» »
	12	28. 4	4.4	24. 0	23. 4	» »
	1/2 t.	27. 7	3.3	24. 4		» calma.
	1	29. 3	4.8	24. 5		» »
	2	29. 5	4.5	25. 0		» »
	3	29. 4	4.4	25. 0		» SE. fresco.
	4	29. 2	5.3	23. 9		» calma.
	5	30. 4	6.1	24. 3		» »
	6	26. 4	2.5	23. 9	25. 0	Encoberto, calma.

A existencia de grandes campos proprios á creação de gado aponta qual o meio de melhorar a alimentação e já em campos em diversas localidades existem algumas pequenas fazendas; é de esperar que assim como a extracção da borracha se vai tornando cada vez menos nomada, assim como a cultura e fabrico da farinha vai cada vez mais augmentando, tambem a creação de gado se desenvolverá.

Tem-se notado uma grande mudança n'este rio. No tempo em que alli estiveram os demarcadores, era aquelle rio tão mortifero que me contava meu pai nas suas conversas sobre o Amazonas e seus affluentes, que com cincoenta annos de intervallo ambos tinhamos percorrido, que quando pela primeira vez n'elle penetrou, o vigario em Manáos lhe aconselhou que fizesse o seu testamento. Quando em 1861 ou 1862 alli entrou com a sua gente uma senhora, D. Victoria, que, ficando viuva com grande familia, e querendo pagar seus debitos á praça do Pará, resolveu ir alli explorar a borracha, e tentar com arrojo varonil o restaurar sua fortuna, ainda, segundo ella me contou, era difficil habitar aquelle rio não só pelas muitas febres, como pelos indios que vinham atacar a intrepida pioneira. Entretanto o seu exemplo e a bravura com que alli se sustentou, batendo-se com os indios, com as molestias e as feras, animou outros a tentar o desbravar o rio até pontos distantes; e hoje que o rio tem cerca de 70 mil habitantes, que as margens estão mais ou menos arroteados, que já n'elle se encontram alguns confortos, é elle considerado sadio. Vagueando os indios a grandes distancias, e muitos d'elles tendo-se tornado mansos, negociando com os brancos, devemos confessar que por vezes as atrocidades praticadas por elles, são nascidas nas crueldades, exacções, enganos e injustiças, que com elles praticam os regatões e os siringueiros, raça cupida e grosseira que só quer o lucro, e que não contente de roubar aos indios a terra que elles olham com razão como sua que é, os maltrata, roubando-lhe as mulheres e escravisando-lhes os filhos.

Região das Cachoeiras — Esta secção do Madeira tem

o seu começo em Santo Antonio e estende-se até á cachoeira Guajará-Mirim, sendo em numero de 17 segundo Baena, e de 18, segundo outros, conforme consideram ou não as duas quedas de uma cachoeira como duas cachoeiras distinctas. Tambem nos nomes se encontra alguma divergencia: assim a cachoeira a que Baena e outros chamam Giráo, José Gualdino e alguns outros chamam Gião.

Os primitivos nomes eram, subindo: Aroaya, Gamon, Natal, Guará-assu, Cuati, Arapacoá, Paricá, Maiari, Tamanduá,, Mamorini, Uainumú, Tapioca, Tijuca, Javalis, Papagaios, Cordas, Panella. Estes nomes foram abandonados pelos que lhes deram os demarcadores, que até ao anno de 1790 trabalharam na organisação do mappa da provincia e suas fronteiras; estes nomes são os que n'este meu trabalho indíco.

O espaço occupado pelas cachoeiras, segundo o major Serra e Baena, é de 70 legoas, segundo outros 75; J. e F. Keller attribuem-lhe uma extensão de 66 legoas, segundo a corda tirada entre os dous extremos da curva que faz o rio n'esta parte. Orton calcula em 180 milhas este espaço, que por Church, que estudou minuciosamente estas distancias para o projecto da estrada ferrea que devia salvar a região encachoeirada, foi estimada em 229,38 milhas. Esta medição que se approxima da que dá o demarcador Serra parece-me merecer credito.

A cachoeira Santo Antonio, a primeira subindo o rio, está, segundo as observações dos demarcadores portuguezes, na Lat. de 8.º 50' Sul e 313º 49,'30 de Long.

Segundo os mesmos exploradores, teremos:

	Latitude	Long. O. Rio de Janeiro
Cachoeira Santo Antonio.....	8º,49', 2"	21º,29', 8"
» Guajará-Mirim.....	10º,44',32"	22º, 3',42"
Differença	1º,55',30"	0º,34',34"

Os seguintes dados são devidos aos trabalhos do coronel Church.

Cachoeiras	Altura da queda	Extensão de agua quebrada
1.ª Guajará-mirim........	3,94 pés..	4920 pés
2.ª Guajará-assú.........	5.58 » ..	1476 »
3.ª Bananeiras...........	—	—
Parte superior......	3,93 » ..	1312 »
Parte central.......	19,68 » ..	1640 »
Parte inferior.......	4,92 » ..	4920 »
4.ª Páo-grande...........	6,56 » ..	1312 »
5.ª Lages...............	8,20 » ..	2460 »
6.ª Madeira.............	8,20 » ..	2952 »
7.ª Misericordia..........	1,97 » ..	328 »
8.ª Ribeirão.............	—	—
Salto principal......	13,45 » ..	1312 »
1.ª corrente a baixo.	4,92 » ..	902 »
2.ª »	8,86 » ..	3280 »
3.ª »	2,95 » ..	820 »
4.ª »	4,92 » ..	2952 »
9.ª Periquitos...........	2,62 » ..	984 »
10.ª Araras..............	4,59 » ..	2296 »
Corrente abaixo....	1,64 » ..	820 »
Na foz do Muná....	3,60 » ..	820 »
11.ª Pederneiras..........	—	—
Corrente abaixo....	2,95 » ..	1148 »
12.ª Paredão.............	—	—
Salto..............	5,58 » ..	1804 »
1.ª Corrente abaixo.	4,92 » ..	2460 »
2.ª » » .	3,93 » ..	2296 »
3.ª » » .	1,64 » ..	820 »
13.ª Tres irmãos..........	1,97 » ..	492 »
1.ª Corrente abaixo.	0,98 » ..	229,6 »
2.ª » » .	1,64 » ..	492 »
3.ª » » .	2,29 » ..	656 »
Total.........	136,43 » ..	45.903,6 »

Cachoeiras	Altura da queda		Extensão da agua quebrada	
Transporte......	136,43	pés..	45.903,6	pés
14.ª Girão (Gião).........	—		—	
Salto principal........	26,24	» ..	2296	»
1.ª Corrente abaixo...	1,97	» ..	656	»
2.ª » » ...	1,97	» ..	656	»
15.ª Caldeirão do inferno...	7,22	» ..	1312	»
1.ª Corrente abaixo...	6,23	» ..	3837	»
2.ª » » ...	2,29	» ..	820	»
3.ª » » ...	1,31	» ..	492	»
4.ª » » ...	1,64	» ..	988	»
5.ª » » ...	0,98	» ..	393,6	»
16.ª Morrinhas...........	3,60	» ..	1476	»
1.ª Corrente abaixo...	0,98	» ..	393	»
2.ª » » ...	1,31	» ..	328	»
3.ª » » ...	1,97	» ..	820	»
4.ª » » ...	0,98	» ..	196	«
5.ª » » ...	2,30	» ..	492	»
17.ª Salto do Theotonio...	24,60	» ..	984	»
1.ª Corrente abaixo...	0,98	» ..	984	»
2.ª » (Macacos)..	1,48	» ..	492	»
18.ª Santo Antonio........	3,93	» ..	984	»
Total...........	228,41	» ..	64.505,2	»
A totalidade das quedas nas partes limpas e navegaveis do rio entre os pontos quebrados pelas cachoeiras é de.......	43,95			
	272,36			

É esta a differença de nivel entre a primeira e a ultima cachoeira.

A extensão total do rio na secção encaixoeirada é de 1.218:127 pés ou em milhas.......... 229,38

Transporte................	229,38
A extensão das aguas quebradas ao longo da linha é de 64.505 em milhas..............	12,21
	217,17

Isto é 217 milhas de um canal perfeitamente navegavel com uma corrente no meio, de cerca de uma milha por hora e profundidade de 10 a 120 pés em aguas baixas. A variação na altura das aguas é de 10 a 23 pés.

1.ª Cachoeira, Santo Antonio — Esta cachoeira é formada de pequenos ilhotes que se acham proximos á margem orientel do rio, sendo o ultimo formado de penedos soltos, bem como o immediato; o que se acha mais no centro do rio, é formado de penedos muito maiores, e entre estas ilhas e as grandes pedras se tem formado dous canaes por onde se navega, um dos canaes proximo á margem quasi que evita os riscos d'esta navegação, o outro porém, passa pelo meio das pedras e só a altura das aguas serve de regra aos praticos para preferirem este ou aquelle caminho.

Diz o relatorio da commissão do Madeira pelo conego Francisco Bernardino de Souza que mesmo transporta esta cachoeira, e navegada uma legoa no rumo SO., se encontram uns grandes penedos que embaraçam o rio chamado *Macacos*, formando violentas correntezas que é difficil vencer, caminhando-se depois até uma extensa praia onde se descança, a duas e meia legoas de distancia da cachoeira Santo Antonio.

2.ª Cachoeira, Salto do Theotonio — Lendo os differentes auctores que modernamente tem escripto sobre este assumpto, sinto prazer em ver a exactidão da descripção d'esta navegação feita por meu pai, empregado por muito tempo na commissão das demarcações, a qual copio. Diz elle: «É muito grande esta cachoeira, o seu aspecto é imponente; é ella formada por uma corda de penedias que atravessam o rio, não obstante ter elle ahi cerca de uma mi-

lha; por entre essas penedias, jorra a agua por quatro canaes com uma altura de cerca de 40 palmos.»

A queda das aguas é tão forte e violenta, que forma cachões e remoinhos horrorosos, levantando-se constantemente um nevoeiro que de longe parece fumaça. Além d'esta primeira fila de penedos encontra-se uma outra, e ainda que mais baixa tambem toma toda a largura do rio, ficando este eriçado de cachopos. Diz o dr. Severiano da Fonseca: «Uma saliencia de um morro, forma a ponte em que são aliviadas as canôas, e transportadas até onde já não dominam as penedias; o morro, terá uns 15 metros de altura, e o vasadouro uma extensão de 550 metros.»

Passada a cachoeira, se navega com prôa de Sul encontrando a uma legoa de distancia muitos penedos dispersos na largura do rio o que difficulta a viagem e a torna enfadonha. A tres legoas de navegação se encontra a cachoeira dos Morrinhos.

3.ª *Morrinhos* — São algumas ilhas lançadas entre penedias que formam esta cachoeira, estando a maior ilha no centro do rio; existem tres canaes dos quaes o do meio é geralmente preferido pelos navegantes; passada a cachoeira ainda ficam duas fortes corredeiras a passar, diz o Relatorio da Commissão [1]. Deixando esta cachoeira e navegando uma legoa com prôa de O. e mais tres e meia com prôa de SO., encontra-se uma grande ilha, e em suas proximidades fortes correntezas, e na margem oriental do Madeira a bocca do rio Yassy-paraná; d'ahi em diante toma o rio a direcção de O; navegando um pouco mais, se encontram tres ilhas conhecidas pelo mesmo nome do rio, e proximas novas correntezas; finalmente continuando a navegar, a dez legoas da cachoeira dos Morrinhos, se encontra a cachoeira do Caldeirão.

---

(1) Este relatorio da commissão do Madeira é muito interessante em si, e relativamente ao Madeira muito mais, pois transcreve o diario astronomico da commissão portugueza de 1781 do qual copio o que accrescento ao manuscripto de meu pai.

4.ª Caldeirão do Inferno—Esta cachoeira é formada pela ilha chamada dos Padres, e além d'esta, por outras que não tem nomes; tem tambem muitos penedos e ás vezes com rumos oppostos; ha um entre todos mais saliente a que chamam Caldeirão pelo enorme rebojo que alli formam as aguas; tem esta cachoeira tres correntezas ou corredeiras de quasi uma legoa de extensão. O rio junto a esta cachoeira tem uma forte inflexão sobre a direita, espraiando-se muito, de modo que offerece uma largura muito mais consideravel do que aquella que trazia; as quatro ilhas que formam o grande embaraço do rio, estão quasi em perfeita linha. Segundo o dr. Severiano da Fonseca, é formosissimo o quadro que offerece esta queda, ainda mais bonito pela marcha de ilhas de plantas que vivem á flor de agua e que as correntezas fazem descer no rio, ao passo que os remansos e rebojos as fazem subir e girar no mesmo logar. Esta cachoeira, para ser transposta, é preciso que os barcos ou botes sejam aliviados até meia carga. O canal que preferem é o do meio, apesar de o denominarem: *Dos perdidos*. O canal junto á margem esquerda do rio, quando as aguas tem baixado muito e ha pouca agua sobre a lage enorme que forma o *canal dos perdidos*, offerece boa passagem, mas cumpre serem descarregados os botes.

5.ª Salto de Girau—Antes de chegar a esta cachoeira em distancia menor de meia legoa, se encontra uma fortissima corrente, e logo depois começa o rio a estreitar tanto que as suas aguas se lançam perceptivelmente por um salto bastante alto por diversos canaes, e d'esse ponto em diante uma espantosa quantidade de penedos e muitas ilhas constituem diversas correntezas todas trabalhosas para serem vencidas. Torna-se preciso descarregar as canôas e transpôr um varadouro de cerca de 400 braças, além de escabroso na subida e descida. Acrescenta o dr. Severiano da Fonseca, em concordancia com o que levo dito, que na margem esquerda do rio se elevam quatro ou cinco collinas, e outras duas á direita; na direita do rio é que existe a maior d'ellas, e acima e abaixo é que estão collocados os dous pon-

tos que servem de varadouros ou portos. Este é de perto de 800 metros, aspero e difficil na subida, perigoso na descida. As embarcações tem de ser descarregadas e puchadas á sirga.

N'este varadouro encontram-se vestigios de antigas aldeias, como a de Balsemão, creada em 1768 com indios *pamas* por Luiz Pinto. Seguindo da cachoeira rumo SO. por duas leguas, vencendo-se fortes correntezas, e depois seguindo por mais cinco e meia, no rumo de S, encontra-se a cachoeira chamada.

6.ª Tres Irmãs — Esta cachoeira tem pouco mais ou menos meia legoa de extensão, e é precedida por duas fortes correntezas que tem de ser vencidas á sirga; a cachoeira propriamente dita é formada por successivas penedias que surgem á flor d'agua, a partir da margem austral, defronte de uma ilha com o mesmo nome. Esta cachoeira offerece dous aspectos complectamente differentes, pois se no tempo da vasante pouco differe a corrente d'ella da corrente ordinaria do rio, no tempo da enchente é inteiramente diversa.

Passada ella para chegar a outra cachoeira denominada do Paredão, temos de andar 4 legoas com o rumo de O. pelo rio acima, o qual aqui se estreita bastante, sendo a margem Sul formada por collinas, cuja inclinação vem terminar nas margens, ao passo que a margem Norte é toda de terras altas, e navegando, não obstante novas e incommodas correntezas formadas pelos penedos que aqui e alli emergem das aguas, chega-se á 7.ª cachoeira distante da precedente segundo o dr. Severiano da Fonseca 40 kilometros, e segundo o *Diario Astronomico* cinco legoas e meia, ou 31 kilometros approximadamente.

7.ª *Paredão* — O aspecto d'esta cachoeira é o de uma velha muralha. Tem duas pontas de pedra, uma encostada á margem direita, outra ao lado esquerdo na extremidade de umas ilhas, umas maiores, outras menores, por onde se formam dous canaes onde a impetuosidade das aguas não dá passagem ás canôas; esta cachoeira pelo lado esquerdo tem uma linha recta de penedos, que terá umas 14 braças

de extensão. Junto ao paredão que como disse representa a muralha de que acima fallo, vai um canal de uns 20 palmos talvez de largura, pelo qual entram as canôas á força de braços vencendo a correnteza impetuosa. Diz o dr. Severiano da Fonseca que é em extremo semelhante ás duas cachoeiras seguintes de Pederneiras e Araras, que é a mesma crista de penhascos atravessando o rio, a começar da grande lage da direita que vai quasi até meio rio; na margem opposta elevam-se bem fronteiros á cachoeira dous morretes. A grande lage da margem direita apresenta uma largura de 126 metros e é um dos mais magnificos specimens de rocha com suas camadas sobrepostas reveladoras do estado de liquefação em que foram ahi depositadas, semelhando assim, humidas do rio, a um grande derramamento de mel espesso e quasi a cristallisar, que vai lentamente escorrendo em largos pannos sobre camadas já salidificadas, o que parece revellar ou que a cristallisação foi muito rapida ou mui demorados os jorros de materia em fusão. Mais proximo do rio perde este aspecto, e em vez de sua lisura e polimento torna-se geralmente anfractuosa; sobre ella elevam-se diques de diorito, penhascos de 3 a 6 metros, emquanto que proximo afundam-se abismos, ou patenteia a rocha errozões largas e profundas, que serão bons canaes quando as aguas as cubram sufficientemente. A lage termina no rio por um d'esses rochedos de 4 metros de altura que a vão orlando em toda a sua extensão.

Na porção vasada encontram-se os caldeirões circulares, com um metro e mais de diametro e de fundo, e as pequenas excavações ellypticas observadas em outras cachoeiras. Algumas das lages são coradas de vermelho lusente, talvez devido ao tritoxido de ferro; outras negras lusidias, devendo sua côr ao oxido d'aquelle metal, ou ao peroxido de manganez. Apparecem aqui e alli blocos fendidos longitudinalmente e guardando um parallelismo notavel entre as faces da fenda, onde as saliencias de uma correspondem ás reentrancias da outra.

Abaixo da cachoeira uns 50 metros, menciona o mesmo

viajante, um paredão formado de rochas sobrepostas de gneiss e de grez, affectando a forma de *trapps* com tanta naturalidade que se assemelha a uma *velha muralha em ruinas*, a textura do seu gneiss assemelha-se á do basalto, mas a fractura é mais conchoide. Naturalmente é esta linha de rochas que evocou em meu pai a mesma comparação e talvez fosse ella que deu o nome de Paredão a esta cachoeira. Vencida esta cachoeira, navega-se com rumo de O. até á oitava cachoeira.

8ª. Pederneiras — Dista esta cachoeira tres legoas da precedente. São infinitas as pedras que a compõe de um a outro lado do rio, quasi todas cobertas de agua, e por entre ellas fazendo-se sentir espumosas correntezas tão variadas e entrecortadas entre si, que difficil senão impossivel é reconhecer um canal. As canôas tem de ser descarregadas. e as cargas levadas por terra cerca de 250 braças.

Dá começo a esta cachoeira, formada por uma crista de penedos que vai de um a outro lado do rio, uma grande lage na margem direita; diz o dr. Severiano que nas aguas baixas passa esta queda por perigosa; entre o canal do centro e o da margem encostado á lage, a passagem parece ser preferivel.

A navegação da cachoeira d'ahi em diante é feita com o rumo de SSO, deixando na margem occidental distante quatro legoas a bocca do rio Abuná ou Rio-preto, do qual, segundo uma nota do manuscripto a que me tenho referido, é considerada a foz como o ponto mais occidental do rio Madeira; d'este ponto em diante segue-se o rumo SE., e tendo vencido 4 ½ legoas chega-se á nona cachoeira.

9.ª Araras — Por alguns é chamada *Figueira*. A distancia d'esta á precedente é de nove legoas, é ella formada de muitos ilhotes de pedra, entre os quaes se precipitam as aguas com força, formando diversos canaes susceptiveis ou não de ser navegados conforme a quantidade de agua que leva o rio. A posição astronomica d'ella, segundo Keller, é de 9°-55′-5″,8 de lat. e 22°-15′-20″ de longitude.

Deixando-a, encontra-se a cachoeira do Ribeirão, a 27 ki-

lometros, segundo o dr. Severiano, ou a tres legoas, segundo o *Diario Astronomico.*

10.ª Ribeirão — Antes de chegar á cachoeira propriamente dita, a uma distancia de uma legoa, já se encontram numerosas as penedias e correntezas, sendo principalmente de notar quatro d'ellas; as tres primeiras vão-se vencendo á sirga com as canôas carregadas; a quarta, porém, que pode ser considerada, só ella, como uma forte cachoeira, só pode ser transposta, descarregando as canôas e levando as cargas por terra por um espaço de tres mil passos. Passado este ponto, deitam-se as canôas mais para o meio do rio, por entre muitas correntezas, ilhotes e penedias, sustentando-as com sirgas, até que vencidos estes obstaculos, se chega á extremidade do varadouro, onde de novo são embarcadas as cargas nos barcos, e são estes levados á força de braço e de varejão nas corredeiras menos fortes, ou com as espias de piassava, que são preferiveis aos cabos de linho não só porque se não ensopam como estes, que por isso se tornam pezadissimos, como porque se não cortam tão facilmente, e mais do que tudo porque a espia de piassava é mais elastica, condições estas muito para attender em trabalhos feitos sobre penedias que são sempre mais ou menos cortantes.

Depois d'este primeiro trabalho rude e enfadonho, seguem-se duas grandes corredeiras que só se transpõem e difficilmente á sirga, e outras menores, até chegar ao Ribeirão, onde se descarregam pela segunda vez as canôas, passando as cargas por terra, por um trecho de cerca de 300 passos, emquanto as canôas são levadas á sirga e ao varejão até terem transposto o que chamam a cabeça da cachoeira, acontecendo não poucas vezes que as mesmas canôas tem de ser levadas por terra. Esta cachoeira do Ribeirão é de todas as d'esta navegacão não só a mais trabalhosa, como uma das mais perigosas, tanto pelas quatro correntezas de que primeiro fallei e que são por si cachoeiras respeitaveis, como sobretudo pela quinta. N'este logar estava estabelecido um destacamento onde havia um

certo numero de soldados dos chamados pedestres, os quaes desde que as canôas se aproximavam d'esta cachoeira ajudavam a passar cargas e canôas. Diz o sr. Severiano da Fonseca que esta cachoeira é á margem direita, sendo a parte de cima á esquerda de um morrete. É dividida em cabeça e cauda, aquella formada por grandes lages cobertas de blocos de diorito soltos, outros formando dikes, alguns partidos, outros prismaticos. Nota-se ahi a existencia de caldeirões e buracos ellypticos de que já tenho fallado.

Não dá passagem em tempo algum, havendo sempre necessidade de varar as canôas; mas não se torna difficil a operação, pois com dez homens e em outras tantas horas foi realisada na viagem de que tiro estes apontamentos.

Passava este logar antigamente por aurifero, e sem duvida foi esta a razão que levou Caetano Pinto a n'elle estabelecer em 1799 um posto militar destacado do forte do Principe, e tambem um aldeiamento de indios e escravos da corôa, talvez para plantar e fornecer mantimentos aos navegantes e garantir o recebimento dos quintos do ouro. Era este destacamento chamado de S. José do Ribeirão, e durou até 1832; vem consignado em alguns mappas, como no Atlas do senador Candido Mendes, mappa de Ponte Ribeiro, e mappa de Martius. Ricardo Franco demarcou o começo da cachoeira aos 10°-11' S. e a cauda em 10°-10'. Da cabeça á cauda gastam-se perto de quarenta minutos, pois fica tres kilometros abaixo d'aquella; as cargas tambem passam por terra.

Segundo o *Diario Astronomico*, esta cachoeira tem duas legoas de comprimento; logo porém á distancia de meia legoa se encontra a 11.ª cachoeira.

11.ª Misericordia — É de pequena extensão esta queda, e formada por um grande penedo que está junto á terra no lado oriental; tem defronte outros tres penedos por entre os quaes e a extremidade do penedo de que primeiro fallei, passam as canôas; é mais perigosa durante a cheia do rio do que na vasante, pois ha o risco de ser levado sobre os tres penedos menores.

Diz Severiano da Fonseca ser tal sua impetuosidade nas enchentes que ha risco de as canôas serem precipitadas pela corrente na outra cachoeira, como tem acontecido.

A da Misericordia apresenta-se como uma enorme lage á margem direita, estendendo-se triangularmente para o rio, onde se entremetia quasi até ao seu meio. Na margem fronteira existe outra menor.

O rio vai perfeitamente canalisado entre ambas, a nosssa gente só teve que forçar o remo e raspar duro para aguentar a rapidez da corrente e os balanços dos bauseiros. Esta cachoeira pouco menos terá do que meia legoa de extensão, e offerece alguma semelhança á do Ribeirão; faz-se conhecer por uma grande corredeira e salto, e além d'isto tem outras duas sirgas; tem de ser feita a descarga das canôas, tendo o caminho por terra cerca de 300 passos, depois continúa a viagem até dobrar uma ponta que é onde acaba a cachoeira. Diz o dr. S. da Fonseca: «Esta cachoeira é na margem direita; entre uma ilha chamada da Confluencia e o porto superior da cachoeira, fica um canal que passa entre duas ilhas, nós porém passámos por fóra da mais externa, tomando a face N. do morrete que avistámos de Guajará junto á qual é o porto.

«A cachoeira occupa toda a largura do rio desde a entrada do Mamoré, e segue por mais de meia legoa. Nos pedregaes de syenite notam-se buracos ovaes e ellyptico de um palmo de longo em grande numero, ás vezes em grupos.

«As rochas d'esta cachoeira são de formação plutonica, e revelam á primeira vista a sua formação volcanica, modificada talvez pelo metamorphismo; difficeis algumas de classificar, pelo duvidoso dos signaes de apresentação, em outras o *facies* mineralogico designava-as satisfactoriamente. As grandes lages trachiticas, de côr ferrea ou de negro lusidio de alcatrão, são formadas em muitos logares de camadas sobrepostas mais ou menos onduladas, com rebordos curvilineos, como se proviessem de uma materia em fusão, espessa e derramada em grandes jactos, formando lençóes, os quaes esfriavam antes de alcançarem os ultimos

o espaço em que os primeiros se estenderam. Grandes penedos uns prismaticos, outros arredondados, ora dikes de *diorite* e de *elvan*, ora blocos soltos....................
do mesmo modo que grandes caldeirões, boracos perfeitamente redondos abertos na lage, cuja existencia se explica pelo attrito de seixos rollados em pequenas depressões, as quaes com o correr dos seculos e movimento das aguas vão augmentando.

«Não é porém tão facil achar explicação para os boracos ellypticos de algumas d'essas lages, todos das mesmas dimensões e quasi dispostos em direcções uniformes, uns após outros em duas ou tres fileiras....................

«Essas lages, apezar de como que envernizadas pelo attrito das aguas, e brilhantes de negro polido metallico, não são difficeis de classificar pela sua textura e aglutinação. São porphiros amphibolicos, obsidianas, syenites, *petrosilices*, todas rochas feldspathicas. Nos grandes caldeirões a secco, não são raros os conglomerados de seixos dioriticos, especialmente de diorite negra, pequenissimos e que parecem aglutinados a ajudas do hydrato de ferro.»

Vadeada que seja esta cachoeira, diz o *Diario Astronomico*, do S. até á bocca do rio Mamoré que fica duas legoas acima da cachoeira, se prosegue ávante com o mesmo rumo de S. ficando por bombordo um pequeno rio de agua negra, meia legoa superior á decima terceira cachoeira.

O rio Madeira, como já disse, é formado pelo concurso das aguas do Beni e Mamoré reunidas. O Beni é um caudal muito abundante ao qual attribuem um curso de 1:200 kilometros, e que a seu turnó é formado pela confluencia do rio Madre de Dios ou Amarú-Mayú com o Beni, propriamente dito; o primeiro d'estes tem as suas origens nas proximidades de Cuzco, recebendo em seu curso pela margem esquerda os rios Cuetraras, Muyana, Pini-pini, Merury, Babasoti e Tonno, e pela direita o Avuyana, Muypaná e Ynambary, e quando se une ao Beni tem uma largura de cerca de 800 metros, com mais de treze de profundidade; este rio por muito tempo se suppoz ser a con-

tinuação do Purús ou do Hyutahy. Estas supposições foram partilhadas por alguns dos viajantes que tem escripto sobre o Madeira; com as explorações mais modernas e com as viagens dos regatões que tem penetrado até aos mais intimos recessos d'estes logares desconhecidos, sabe-se muito mais sobre este rio que é formado, como já disse, pelo concurso de outros rios menores do departamento de Cuzco, e confunde suas aguas com as de Paucartambo e toma o nome de Mano ou Marcapatá, (Paz Soldan, *Geog. do Perú*). Gibbon, que o percorreu desde Cuzco, determinou em 12° 32′ latit e 70° 26′ OW. o ponto do seu curso até onde chegou. Paz Soldan julga que elle corre entre 13°,50′ e 12° de latitude S. a leste do departamento de Cuzco, a leste do valle de Paucartambo, e não lhe dá a continuação além de 12° de latitude Sul. A cerca de 200 kilometros de Cuzco perde suas ramificações nas florestas virgens. Até onde chegou Gibbon o rio largo e profundo offerecia accesso facil até ás fraldas dos Andes ás mais alterosas embarcações empregadas na navegação fluvial.

Antenor Vasques o navegou até 300 kilometros de sua foz no Beni; é mais consideravel do que este, que a seu turno rola em seu leito maiores massas de agua do que o Mamoré e o Guaporé reunidos.

Entre o curso inferior só recentemente conhecido, e a parte superior d'este rio minuciosamente explorado, entre o valle do Amazonas e as planuras do Titicaca, fica uma região de opulencias lendarias por onde se dilatava o imperio de Manco-Capac, em que a natureza accumulou a maior parte dos seus dons fabulosos e que as populações de Bolivia e Perú vão palmo a palmo conquistando.

O outro rio, o Beni, é formado pela reunião do rio La Paz com o Altamarchi; recebe muitos affluentes, como são, pela margem esquerda, o Tambopata, Tiquijá, Tuich, Apocobamba, Cacá e Huamaï, e pela margem direita, o Altamarchi e o Negro, desaguadouro do Lago Rogagua. Dão-lhe uma extensão de 1.200 kilometros, e suas aguas portanto provém das abas dos Andes, junto a Potosi, Cuzco e

e Ilimani. Sua confluencia com o Mamoré tem a posição geographica de 10° 22′ 30″ de latitude e 312° 10′ 3″ de longitude da Ilha do Ferro; sua foz, segundo Keller, é de 1:000^{m}, mas Southey dá-lhe 800 braças.

Na confluencia dos dous rios ha uma ilha que tem sido citada pelos que tem escripto sobre estes rios, sob o nome de Ilha da Confluencia da foz do Beni, e segundo os irmãos Keller sua posição é a 10° 20′ de lat. e 22° 12′ 20″ de longitude do Rio de Janeiro, a uma altura de 122,45 metros sobre o nivel do mar; a extensão d'ella é superior a 600 metros.

Supposto que o trabalho que me propuz escrever se refira sómente aos estados do Pará e Amazonas, o leitor desculpará se alguma cousa disse sobre territorio que lhes é extranho mas que lhe é intimamente ligado, e que quasi preciso era dizel-o, para que se fizesse mais completa idea de um espaço que seria dominado pela via que foi projectada para salvar a região das cachoeiras e da qual adiante me occuparei. Continuemos porém com a descripção das cachoeiras que já pertencem ao Mamoré.

13. Lage — Não é grande esta cachoeira nem é das mais perigosas, mas é bastante trabalhosa na occasião da baixa das aguas, e na enchente tambem não deixa de o ser. pois só á sirga pode ser vencida; tem uma ilha junto á margem oriental e o canal passa costeando essa ilha.

Segundo o dr. Severiano da Fonseca, esta cachoeira apresenta-se como uma corredeira de cerca de 1:500 metros, inçada de penhascos e lagedos, e, conforme o gráo da vasante e da enchente, assim varia o canal, de modo que é preciso sondal-o antes de lançar a canôa; estas sondagens são feitas pelos pilotos, saltando pedrouças, galgando penhascos, atravessando logares difficeis, ora ajudando-se de uma vara, ora de uma corda passada na cabeça de um penhasco segurando ambas as pontas, uma das quaes soltam puchando a outra a si quando já não precisam firmar-se n'ella, trabalho este difficil e perigoso.

Passada esta cachoeira, proseguindo por espaço de legoa e meia, encontra-se a cachoeira seguinte.

14.ª Pau Grande — Tem ella meia legoa de extensão, e ainda sendo das menos perigosas, é uma das que mais trabalho dá obrigando a descarregar as canôas, sendo assim mesmo difficultosa de passar.

O caminho que é preciso percorrer por terra levando as cargas ás costas não é de menos de 360 metros; encontra-se na visinança o *canamby* (phyllantus) narcotico empregado pelos indios, e o *jambú* (spilanthus oleracea) tão preciso para a confecção do *tucupy* (1) conhecido tambem com o nome de agrião do Pará, apezar de com esta planta não ter semelhança alguma.

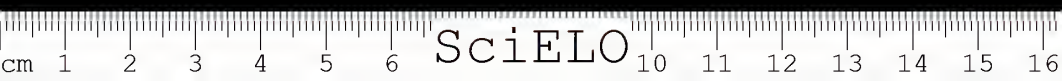
Na distancia de duas legoas encontra-se, navegando rio acima, a cachoeira das Bananeiras.

15.ª Bananeiras — Esta cachoeira reune tudo quanto a pode fazer temida, pois é muito extensa, muito trabalhosa, e perigosissima; gastam-se alguns dias para a passar, tendo de ser descarregados os volumes e varadas as canôas, taes são as difficuldades das correntezas, as dos canaes, e as dos saltos que se encontram.

A descripção feita no livro do dr. Severiano da Fonseca é muito mais completa que a que é feita por meu pai em seu manuscripto; eis como aquelle descreve a descida d'esta cachoeira.

«Ás 7 horas e 40′ passamos por dous pequenos arroios á direita e á esquerda, aos quaes foram dados os nomes de Clemente e José Pires, em honra dos nossos excellentes auxiliares, o piloto e o proeiro manejador do rêmo grande. Uma hora depois, com uma velocidade de nove milhas por hora, abordámos ao porto superior da cabeça da cachoeira a 3 1/2 legoas do Guajará.

---

(1) Tucupy—Môlho usado no Pará e Amazonas para n'elle pôr de ensopado os assados, como leitões, patos, pacas, gallinhas, etc; é feito com a manipuera ou succo da raiz da mandioca, o qual depois de exposto ao calor do Sol ou do fogo, além de perder pela evaporação suas qualidades venenosas, é, sendo convenientemente temperado com pimenta *jambú* e outros condimentos, um dos mais saborosos môlhos que conheço, senão o mais saboroso.

«Esta estende-se por perto de 10 kilometros, apenas separada por um pequeno trato despido de rochas e parceis, o que a fez considerar como uma só, distinguindo-se as divisões com o nome de cabeça e cauda.

«Ricardo Franco demarcou a cabeça (isto é, o porto da parte superior aos 10°-37′, e o porto inferior aos 10°-33′ S.) Keller dá-lhe a altura de 137,m3 acima do mar.

«É a cachoeira das Bananeiras, uma formidavel corredeira com saltos e passos difficilimos umas vezes, e outras impossiveis de transpôr; na cabeça ha necessidade de varar as embarcações, isto é de conduzil-as por terra do porto superior ao inferior, á cabeça da cachoeira, qualquer que seja o estado do rio; e a cauda tambem offerece muita dif ficuldade, sendo todavia vencida quasi sempre á sirga.»

O varadouro da cabeça tem 220m de extensão, o da cauda é um pouco maior; segundo o *Diario Astronomico*, esta cachoeira e a do Ribeirão são as mais escabrosas de vencer.

Vencida esta cachoeira, navegando no rumo de Leste durante uma legoa e com rumo de Sul durante legoa e meia, chega-se á 1.ª cachoeira.

16.ª Guajará-assu—Tem pequena extensão, mas é formada por umas grandes penedias que estreitando muito os canaes, dão grande violencia ás aguas; é ordinariamente preciso aliviar as canôas de meia carga, e passal-as á sirga emquanto as cargas descarregadas vão pelo varadouro que tem uns 500 passos.

Segundo o dr. Severiano da Fonseca, a distancia a transpôr para chegar á ultima cachoeira é de 9 kilometros.

17.ª Guajará-mirim—É esta uma cachoeira pequena e facil de transpôr, mas é muito variavel o seu regimen; o dr. Severiano exprime-se pela maneira seguinte sobre esta cachoeira:

«É esta uma das que mais variam, desapparecendo quando as aguas do Mamoré se avolumam.

«O seu trajecto é breve mas perigoso, por ser o canal muito estreito, e fica este á margem esquerda logo encostado á grande lage que a borda.

Uma parte das cargas tem muitas vezes de ser descarregada e levada por um camingo de 250 passos.»

Poderia entrar agora em uma descripção minuciosa do Mamoré, mas não é esse o meu intento por ser elle um confluente do Madeira. Apenas em geral tratarei d'elle, assim como do Guaporé.

O Mamoré—Vem das vertentes dos Andes dos departamentos de Oruro e Cochambamba e no territorio que percorre antes de chegar á fronteira brazileira é conhecido por nomes differentes d'aquelle que o Brazil lhe dá; é denominado Guapahy e Rio Grande no curso superior da enorme curva que descreve e na qual recebe differentes affluentes, entre os quaes os mais notaveis são, pela margem direita ou meridional, o Ibaré, Soterio, e Pacahas Novos, correndo ou confluindo o Ibaré na parte em que o Mamoré já não é brazileiro; a direcção dos outros dous faz suppôr que tem elles suas origens nas vertentes das serras dos Parecis.

Na outra margem, a esquerda ou septentrional, o numero dos affluentes é mais consideravel, sendo os principaes o Pirahy, o Japacani, o Ximaré, o Xaporé, o Securé, o Tramuxy ou Tijamuxy, o Aperé, e o Yacuman.

O Guaporé ou Itenez — Que limita o Brazil com a Bolivia, conflue com o Mamoré, segundo as mais modernas observações dos commissarios brazileiros, aos 11°-54′-12″,83 de Lat. e 21°-3′-6″,45 de Long. O. do Rio de Janeiro. Ao lançar-se no Mamoré traz a largura de 700^{m}, ao passo que o Mamoré o recebe em suas ondas violentas apenas tem 140 metros de largo. Entretanto o volume de suas aguas é muito mais consideravel, devido isto á sua grande profundidade que é decupla da do Guaporé, cujas aguas reprime mudando-lhe a direcção por mais de cem metros. Os srs. Kellers dão a altitude de 150 metros acima do nivel do mar ao local d'esta confluencia.

Este rio, que entra pela provincia brazileira de Matto-Grosso, tem um grande curso, e tão grande, que quando passa pela cidade de Matto-Grosso, já tem 250 kilometros

de curso. O principio de sua carreira dista poucas legoas de Jaurú, e tem o nome de Mequenez, aos 14°-40′ de Lat. S. e a 318°-39′ de Long. do meridiano occidental da Ilha do Ferro; logo em seu inicio corre na direcção O. e depois de NO.; recebe varios affluentes dos quaes o principal antes de chegar a Matto-Grosso é o rio Alegre, navegavel, e depois de passar por Matto-Grosso, tomando a direcção NO. e depois a do O. recebe pela margem esquerda o Paragahú; toma então a direcção que tem até chegar ao Mamoré, isto é a de NE.

Não são porém sómente estes os seus affluentes, pois que o Sararé, o rio Verde, o Baurés e o Itunamá tambem n'elle vem precipitar-se.

A accreditar-se nas descripções ás vezes apaixonadas dos viajantes, o Guaporé em quasi todo o seu curso é de uma belleza excepcional, augmentada ainda pela tranquillidade de sua corrente e pela limpidez de suas aguas; o seu nome diz-se ser o de uma das numerosas tribus que vagavam por suas margens. São ellas povoadas por muitas nações de indios, sendo as principaes as dos Baurés, dos Mojos e dos Cayobas, e na parte inferior acima e abaixo de suas cachoeiras, ainda não ha muitos annos vagavam os Araras, Ariquenas, Baetas, Catuxis, Jumas, Muras e Torás, além das tribus de Amicorés, Aponarias, Curuaxiás, Itatapuias, que hoje parecem estar extinctas, e força é confessar pelo que se vê hoje que a parte hespanhola tem sabido ou podido tirar mais proveito d'estas tribus do que a parte occupada pelo Brazil, onde nada se tem feito quanto á catechese e civilisação dos indios, e onde os poucos pontos em que pequenos nucleos de indios domesticados se apresentavam, tem sido abandonados, depois de com elles se ter gasto crescidas sommas, como aconteceu no Xingú e em Itaituba.

A enumeração, ainda que imperfeita, que tenho feito do Madeira, e dos differentes rios que, como o Beni, Mamoré Guaporé e Madre de Dios e seus affluentes, concorrem para o avolumarem, tornando-o o maior dos affluentes do

Amazonas, o rei dos rios, com as enormes distancias a que levam suas aguas, e as consideraveis extensões que sem embaraço podem ser percorridas em barcos a vapor de maior ou menor porte,—tem de certo dado uma approximada idéa da extensão territorial a que estes caudaes podem levar as riquezas e os productos de que até hoje tem estado privada, trazendo em troca os generos que expontaneamente se encontram n'estas vastidões, que pela sua solidão e silencio incutem ao mesmo tempo curiosidade e pavôr aos que as prescrutam.

As suas aguas vem de uma distancia aproximadamente de 2:000 milhas, ou, por outras palavras, as aguas d'estes rios com as do Amazonas banham, dando navegação desimpedida, uma superficie que occupa 15 gráos de longitude e 10 de latitude.

O Beni leva-nos até o lago de Titicaca, banhando ferteis territorios, como os de Apollo, e chegando a La Paz, Potosi e Illimani. O Madre de Dios leva-nos até Cuzco, a vetusta capital da monarchia dos Incas, por territorios em que abunda a gomma elastica, o cacáo, a quina, a castanha, o sassafraz e o ouro; o Mamoré, que lança suas aguas até pequena distancia do Paraguay e o Guaporé ou Itenez, levando-nos pela provincia de Matto-Grosso, por essa immensidade tão pouco estudada, pela sua outra margem, põe o Brazil em intimo contacto com grande parte da Bolivia, que perde seus productos por falta de consummo e de communicação.

Este rio que tem uma bacia de perto de 960:000 kilometros quadrados, quasi egual á do Nilo, que lança na epocha do seu nivel ordinario 16.000:000 de litros de agua por hora no Amazonas, só por isto mostra sua importancia.

O sr. J. Maria da Silva Coutinho, tão cedo roubado pela morte aos seus constantes estudos, calcula a superficie occupada pelo Madeira e seus principaes affluentes pela seguinte forma, em legoas quadradas:

Do Guaporé e seus braços........ .... 12:000

Transporte..................	12:000
De todo o Mamoré..........................	8:000
Do Beni ás cabeceiras do Mamoré.............	8:000
Do Madeira até á foz.........................	16:000
	44:000

Do que levo dito deduz-se quanto interessa a solução de uma facil navegação d'estes rios ao Brazil e á Bolivia e particularmente aos Estados de Matto-Grosso, Amazonas e Gram Pará.

Os estadistas bolivianos, como os brazileiros, bem o tem comprehendido, e por isso, ligados por um commum interesse, um e outro governo se exforçaram, máo grado as difficuldades que se tem apresentado, em chegar a resolver o problema que merece ser estudado sob os pontos de vista commercial, politico, administrativo e estrategico, e que todavia foi abandonado com detrimento de uma grande parte dos Estados da Republica, então Imperio.

Já atraz disse qual a vasta area comprehendida pelo sector que abrangesse os pontos a que mais directamente se refere a influencia d'esta estrada: envolveria a Bolivia no centro o Brazil a E., o Perú ao O.; a primeira com seus departamentos de Santa Cruz, Benî, Cochambamba, Chuquisaca e La Paz; o Brazil com o seu vastissimo estado de Matto-Grosso e parte do Amazonas; o Perú com os departamentos de Puno e Cuzco. Mois de um milhão e quinhentos mil habitantes povoam estas regiões remotas, em que se encontram todas as temperaturas, desde os gêlos nas altas cumiadas das montanhas, até á media temperatura de suas faldas e a ardencia tropical na zona mais inferior. Dos seus productos, inumeros podem ser aproveitados, pois com tão diversas temperaturas, todas as culturas podem ser utilisadas, isto além dos productos espontaneos de cada uma, das quaes já tenho fallado.

Todos estes recursos, todas estas riquezas, podem ser transportados aos centros industriaes, agricolas e manufa-

ctureiros; uma vez que esta estrada ferrea, que salve a região encachoeirada do Madeira, permitta a livre navegação e transporte dos productos que já hoje accodem, com muito maior quantidade affluirão então elles ás margens dos quatro rios Beni, Madre de Dios, Guaporé e Mamoré, tornando necessaria uma esquadrilha de vapores que da ultima cachoeira os transporte até ás margens do Atlantico.

Não são vãas estas promessas que aqui exponho, não; as producções e as condições de navegação e população, são as mesmas que existiam nos sertões do Pará e Amazonas, quando se creou a Companhia de Navegação do Amazonas; então a totalidade do giro commercial entre as duas provincias era representado em 1851 por 5 mil contos, em 1864 subia a 15 mil, e hoje sobe a talvez 100 mil contos em seu valor official. Em 1851 apenas tres pequenos vapores de commercio sulcavam as aguas do rio mar; em 1860 este numero subia a 12; hoje é talvez superior a cem de todos os tamanhos, pertencentes a duas companhias brazileiras e a particulares; afóra estes temos os grandes vapôres da linha brazileira que vai até o Rio de Janeiro em numero de 4 por mez, e as duas linhas inglezas de Booth e Red-cross com séde em Liverpool, e transportam os productos da Amazonia a Lisboa, Havre, New-York, e Liverpool; tres vezes por mez cada uma d'ellas.

A linha ferrea, que ha annos foi começada, tinha um desenvolvimento de 329,6 kilometros, e o seu custo foi orçado em 8.736:716$312 réis, e seus juros em 524:200$978 réis, e se o baixo Madeira na epocha dos estudos para a estrada com os seus 25 mil habitantes tinha um commercio representado por 15 mil contos, a quanto não ascenderia a producção pelos exforços de 1.500:000 habitantes? E se não bastam estas considerações para mostrar a vantagem, e direi necessidade indeclinavel, d'aquella estrada, lembremo-nos de que a superficie territorial da Bolivia entre os Andes e o Amazonas eleva-se a 400:000 milhas quadradas; e a dos districtos peruanos, que pelos affluentes do Madeira depen dem tambem d'esta estrada, attingem a 150:000

milhas quadradas, e que a esta immensa extensão para facilitar o commercio e a industria a generosa natureza prouve conceder 60:000 legoas de rios navegaveis que a cortam e fertilisam.

No que tenho dito no decorrer d'este trabalho, tenho enumerado as riquezas do Brazil; agora tomarei a liberdade de transcrever de um trabalho de um distincto diplomata o que elle disse a respeito das da Bolivia:

«Na vasta zona das terras que se extende entre o Madeira e os Andes, até ás orlas do Oceano Pacifico estão reunidas todas as riquezas da natureza, riquezas mineraes e vegetaes. Chegam a ser lendarias as minas de ouro, prata, cobre, estanho, chumbo, mercurio, da Republica: as minas de prata do Potosi e Caracoles produziram só em 1872 sem machinismos que methodisassem a exploração, feita do modo mais grosseiro, e portanto improductivo, a enorme somma de $6.750:000, ou 13.500:000$000 réis, ao cambio par. De Janeiro a Agosto de 1881, entraram na alfandega do Rosario, procedentes da Bolivia, 817:000 kilogrammas de mineraes, dos quaes o valor official, aliás inferior ao real, elevou-se a 4.200:000 patacões ou réis 8.400:000$000. Não é menos importante a riqueza vegetal; no Beni ha cerca de 3 mil pessoas empregadas no fabrico da borracha que produzem 25:000 arrobas d'este genero, transportadas em batellões até o ponto de Santo Antonio (Baixo Madeira) ao frete de 4 pezos ou 8$000 réis. Só n'isto estão 50 por cento do capital que fôr invertido na estrada ferrea. Não é possivel prevêr e indicar o ponto culminante de um commercio, que tem para alimental-o, além do producto das minas, além da borracha, a quina, o café, a canna, a coca, o tabaco, o milho, a copahyba, a lã de lama e alpaca, o algodão, a cera, o cacáo, a castanha, o cumarú, etc.

«Todo este commercio ha de ser feito pelo Amazonas. Apezar das cachoeiras passam todos os annos da Bolivia para o Amazonas 700 tonelladas de carga, que representam um valor de 6.000:000 de pezos, somma que, como diz

Gibbon, será, uma vez aberta a estrada com as facilidades de communicações, elevada a 75.000:000 pezos ou réis 150.000:000$000 em moeda brazileira ao par.

«Para levar seus productos á Europa ou aos Estados Unidos, tem a população cisandina da Bolivia de fazer o seu trafego pelos Andes, transpondo a altitude 18:000 pés (o mais alto pico do Monte Branco apenas tem 15:700 pés) sobrecarregando os generos de seu commercio com pesadas commissões pelos portos de Arica e Tacna, com a difficuldade de subirem o difficil passo de Sorata para descerem até á bacia do Titicaca. Não é menos difficil o trafego pelo Paraguay. Noventa dias de viagem e frete de réis 1:032$000 por tonellada metrica, é o que custa actualmente pelo Mamoré, Guaporé, Cochambamba, ou pelo cabo do Hornos, Pacifico, Arica, La Paz, cada expedição para a Europa: vencidas com uma estrada de ferro as cachoeiras do Madeira, ir-se-ha do centro da Bolivia á Europa em 16 dias e o frete de cada tonellada metrica não excederá 265$000 réis.

«Não ha na America estrada de ferro com tão auspicioso futuro, e é incrivel como o governo brazileiro tem addiado sua construcção, a que aliás se obrigou pelo tratado de limites celebrado com o governo boliviano em 27 de Março de 1867. Representa entretanto a projectada ferrovia a conquista do Oeste d'este continente, a região das riquezas mythicas da America Austral, e a manifestação da influencia decisiva que deve ter o Brazil na politica da America do Sul.»

Eis as idéas expendidas em uma conferencia na Sociedade Geographica do Rio pelo sr. Valarde, ministro da Bolivia no Brazil o qual ao terminar a conferencia dizia:

... «Em conclusão senhores, creio que todo este vasto e riquissimo paiz encerrado pelas cachoeiras, e todos esses rios caudalosos que o banham, tem um alto papel a desempenhar no futuro.

«Esse mundo ignorado, com espaço para abrigar muitos milhões de homens, e elementos naturaes para alimen-

tar um enorme trafico, só espera para ser utilisado em bem da humanidade, a construcção da ferro-via ao largo das cachoeiras do Madeira, afim de evitar os obstaculos, e ligar os rios superiores com a parte inferior navegavel.

«Trabalhar pela resolução d'esse bello programma é não só dever de patriotismo, como até de humanidade e civilisação...»

Estas palavras, que aqui transcrevo levado não pelo amor que tenho ao Pará e Amazonas de onde sou filho, mas pelo amor á verdade e desejo do engrandecimento da Republica brazileira, tem uma completa confirmação na demonstração mathemathica que apresentou o dr. Julio Pinkas, em outra conferencia nas sallas da mesma Sociedade Geographica do Rio de Janeiro, o qual concreta nas seguintes palavras o que se pode dizer em favor d'esta empreza.

Diz elle: «As vantagens d'ella são de caracter politico, estrategico, administrativo e commercial.

«Politico, porque creando para a Bolivia sahida aliás unica natural que ella tem, essa via será o laço visivel, palpavel das duas nações. Politico, porque desvia o golpe com que a Republica argentina vai ferir o commercio do Amazonas o Pará com a abertura do Rio da Prata para os productos bolivianos. Politico porque conquistará para o Brazil a alliança offensiva que a Bolivia terá que contrahir com aquelle Estado que lhe garantir uma sahida viavel para o Atlantico.

«Essa estrada será estrategica, porque, sendo toda collocada em territorio brazileiro, torna possivel o movimento de tropas em caso de necessidade, facilita a prompta defeza da fronteira Matto-Grossense, e acção combinada e união de corpos de exercito do Sul e Norte com as forças navaes do Alto Paraguay, independente de passagem no Rio da Prata.

«Ella é administrativa, porque, além de pôr mais ao alcance do governo central a provincia fronteira de Matto-Grosso, restitue a esta grande porção de seu territorio actualmente administrada pelo Estado do Amazonas.

«Ella é de vantagem commercial porque constituirá o

commercio de Manáos e do Pará, emporio do commercio boliviano, que attinge a 15 mil contos annuaes, e, dando passagem á maior parte das cargas da Bolivia, apresentará uma receita que largamente compensará no futuro os capitaes n'ella empregados.

«Todas essas vantagens, e outras, offerecerá o conjuncto de rios navegaveis de que a Bolivia e Matto-Grosso dispõem, uma vez eliminada ou transposta a região do Alto-Madeira e Baixo Mamoré, e que cobrem um milhão de kilometros quadrados para a navegação a vapor...»

O que é certo é que a Bolivia procura incessantemente obter uma sahida facil para os seus productos, e quer assim, como o Estado de Matto-Grosso, libertar-se das prisões que impossibilitam seu desenvolvimento; ainda ha pouco o mostrou aquella nação com a concessão feita ao emprezario Arana para a abertura de uma pisada desde Santa Cruz de La Sierra até Porto-Pacheco no Paraguay, na sua margem direita, e o rebaixamento de impostos para as mercadorias importadas ou exportadas pela Republica argentina, em contraposição da elevação d'estes importes para as mercadorias de passagem pelo Pacifico.

O que não pode ser contestado é que se não melhorarmos a navegação do Madeira e Mamoré, a Bolivia com detrimento nosso procurará os mercados do Prata.

A linha tem sido atacada pelo lado da inexequibilidade, mas os estudos hoje completos e effectuados em uma pequena parte (sete milhas executadas), tanto os que foram feitos pelos engenheiros americanos inglezes, como os realisados pelos brazileiros, posteriormente, tem de sobra provado que não ha difficuldades importantes pelo lado technico da obra, havendo sómente a estudar-se as epochas melhores, e as precauções que pelo lado sanitario convem serem tomadas para debellar as febres de caracter palustre que alli tem apparecido entre os trabalhadores.

Pelo lado do resultado pecuniario reproduzirei o que diz o sr. Pinkas, ex-engenheiro em chefe da commissão de estudos da viação ferrea do Madeira-Mamoré. Diz elle:

«Para a avaliação do futuro trafego, temos de abandonar as normas geraes seguidas, para estabelecer raciocinios por meio da comparação dos fretes actuaes pelo Pacifico, e dos futuros pela ferro-via do Madeira.

«Julgar o futuro trafego pelas cargas que actualmente transitam pelo Madeira seria um gravissimo erro. Essas mil tonelladas, que subiam e desciam nos ultimos annos pelas cachoeiras do Madeira, só podem servir de symptoma de vitalidade d'essa via, porque apezar das despezas que actualmente fazem no seu transporte em canôas, e das perdas a que estão sujeitas nas cachoeiras, conseguem apresentar-se em linha com o preço das mercadorias importadas na Bolivia pelo Pacifico. Mas claro é que, se por um meio commodo de communicação, ficarem reduzidos os fretes, e esta a um terço do que actualmente paga, o commercio, que não conhece sympathias senão as do seu interesse, affluirá para a nova via, que, como já vimos, interessa dous terços da Republica da Bolivia, a parte mais povoada, mais commercial e mais susceptivel de desenvolver-se.

«A tabella em seguida, foi calculada em vista dos fretes que hoje se pagam, por mar e por terra para chegar ao caminho da Bolivia, e dos que se pagarão pela futura estrada de ferro, e navegação fluvial, servindo-me para esse fim do padrão adoptado pela Companhia do Amazonas, e a base de 300 réis por tonellada metrica sem tarifa differencial.

Ponto de partida	Frete por tonellada metrica	
	Via do Pacifico	Via do Madeira
Santa Cruz de la Sierra.....	1:032$000 réis	352$000 réis
Sucre....	1:032$000 »	632$000 »
Misque.	986$000 »	586$000 »
Cochambamba.............	840$000 »	490$000 »
Huachi....................	580$000 »	265$000 »
La Paz....................	440$000 »	405$000 »

Note-se que nos fretes pelo Pacifico ainda se não acham incluidos os direitos que o Chili actualmente manda cobrar nos portos de Arica e Cobija, e que augmentam mais réis 120$000, termo medio, o preço de tonellada de mercadorias que por este porto transitam, emquanto pelos tratados em vigor todas as mercadorias em transito passam livres de direitos no territorio brazileiro.

Muitas outras considerações apresentou o sr. Pinkas em sua conferencia; d'ella extrahirei ainda as duas tabellas, uma comparando o quadro que acabo de apresentar com as que formularam os engenheiros A. Rebouças e Church, e que o comprovam; a outra sobre os productos que seguirão pela projectada estrada nos primeiros tempos.

Localidades	André Rebouças			Church			Pinkas		
	Via Madeira — Pesos	Via Pacifico — Pesos	Proporção entre ambas	Via Madeira — Lbs	Via Pacifico — Lbs.	Proporção entre ambas	Via Madeira — Réis	Via Pacifico — Réis	Proporção entre ambas
Santa Crauz.........	112,00	333,00	0,3 %	16,5	51,5	0,3 %	332$000	1:032$000	0,3 %
Sucre..............	168,00	277,00	0,6 %	24,10	38,7	0,6 %	682$000	1:032$000	0,6 %
Cocambamba........	124,00	229.00	0,5 %	20,0	33,5	0,6 %	490$000	849$000	0,6 %
La Paz.............	188,00	165,00	1,1 %	33,10	19,15	1,7 %	405$000	410$000	0,9 %

N. B. — Church calcula os preços, suppondo via-ferrea entre Arica e La Paz, e A. Rebouças não calcula com a navegabilidade do Beni, então desconhecida. Pinkas calcula com os fretes de hoje em vigor, em vias ferreas similares, contando com a navegação do Beni, o que explica as differenças para La Paz.

Nota dos materiaes que nos primeiros tempos se deve suppor sejam transportados pela via ferrea

1.057:000 tonelladas kilometricas a 300 réis	317:250$000
De 1:000 cabeças de gado com 320:000 tonelladas kilometricas a 100 réis	32:000$000
Segue........	349:250$000

Transporte................	349:250$000
De 500 passageiros sómente, que representam 397:500 viajantes kilometricos......	39:975$000
Portanto uma renda bruta de réis.........	389:225$000
Não devendo a despeza exceder a........	360:000$000

Como questões connexas com estas, temos as que o mesmo sr. Pinkas apresentou em sua terceira conferencia e versam sobre a comparação entre a linha do Madeira com a linha de viação em barcos a vapor e via ferrea pelos rios Araguaya e Baixo-Tocantins, ou com a linha de Antofogasta até á fronteira boliviana, e com a linha ferrea de bitola estreita, que, partindo da foz do Bermejo no rio Paraná, passe em Oram, e termine em Quiaca na fronteira boliviana.

A 1.ª d'estas linhas divide-se nas seguintes secções:

1.ª—Navegação de Belem a Alcobaça no rio Tocantins.

2.ª—Na via-ferrea de Alcobaça a Santo Anastacio.

3.ª—Na navegação de Santo Anastacio, no rio Araguaya, até Araes no Rio das Mortes.

4.ª—Via-ferrea transpondo as cachoeiras do Rio das Mortes.

5.ª—Navegação do Alto Rio das Mortes ou Rio-Manso.

6.ª—Via-ferrea ou estrada de rodagem das cabeceiras d'este rio até Cuyabá.

Segundo os estudos do Dr. Lago, unico professional que estudou o assumpto nos logares a percorrer, haveria a fazer 876 kilometros de via-ferrea, ligando-a a 1:400 kilometros de navegação livre entre Belem e Itacaiú em Goyaz.

Verdade é que o emprezario da navegação do Alto-Araguaya, faz uma apreciação differente da que apresenta este profissional, pois avalia a extensão em via-ferrea sómente em 123 kilometros de via deixando o resto para ser melhorado por meio de regularisação das cachoeiras, avaliando esse serviço em 800 contos.

Esta opinião, quanto a mim, é gratuita e essencialmente

opposta ao que diz em sua memoria o mesmo dr. Lago, fallando da regularisação das cachoeiras, que reputa uma tentativa muito arriscada e excessivamente cara, talvez inutil em muitos casos, e sobre tudo onerosissima. Quanto a mim, pelas informações que tenho obtido pelos que por alli tem transitado, esta avaliação de 800 contos tem o mesmo valor que se elle a avaliasse em 10 ou em 10 mil contos. Segundo o dr. Lago, o primeiro trecho terá 103 kilometros de via-ferrea.

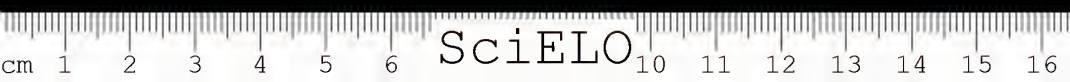
Quanto ao ramo que deve conduzir a Matto-Grosso e Rio das Mortes, diz ainda o sr. Pinkas que «houve grande facilidade em arvoral-o em via de communicação, n'esse rio, segundo o manuscripto do mestre de campo João Paes Falcão das Neves, datado de 1803; depois de nove dias de navegação franca a pequenas canôas, João Alexandre transpoz 123 cachoeiras, antes de chegar a Araes, sendo 83 de sirga sem desembarque de carga, 28 de sirga mas sem carga e 12 tendo de ser varadas as canôas, um dos varadouros com meia legoa, tres de quarto de legoa, e oito e meio quarto de legoa.»

Este numero espalhado nos 123 kilometros, que diz o emprezario ter a porção total encaichoeirada, daria a esta extensão o aspecto de uma unica cachoeira.

Além das considerações sobre o preço kilometrico calculado, diz Pinkas que, além de tudo, tem a attender-se á extensão entre o Rio-Manso e Cuyabá que, além da extensão de 130 kilometros, tem a difficuldade da subida para o chapadão, que, como centro do systema hydrographico do Guaporé, Tapajós, Xingú, Araguaya e Paraguay, deve achar-se a 1:000 metros acima do mar.

A vasta extensão de navegação livre de Belem a Santo Antonio, no Madeira, e as vastissimas extensões nos rios Guaporé, Mamoré, Madre de Dios, Beni e seus importantes affluentes, permittindo vasos de muito maior calado, do que permittem os rios do acanhado Araguaya na sua parte superior ás cachoeiras, e sobre tudo a quantidade e o subido valor dos productos que virão pela linha do Madeira,

não acham nem de longe na outra linha termo de comparação; e ainda mesmo admittindo que a via Madeira e Mamoré custe 10 mil contos, e que a do *Rio das Mortes* custe 8:000 contos, o que não é possivel attendendo á extensão das linhas e difficuldade em uma e outra linha nos transportes de materiaes, poder-se-hia hesitar entre uma e outra; estudada porém a questão pelo lado politico e estrategico, a linha do Madeira dará ao Brazil elementos que augmentariam sua importancia e influencia, e que a outra linha nunca lhe poderá dar.

A linha patrocinada pelo Chile, que tem em vista não só augmentar o rendimento para o fisco, mas fazer crescer sua preponderancia sobre a Bolivia, deixará o campo livre ao Brazil para identicos fins, se for levada a effeito a estrada Madeira-Mamoré, que além d'isto nunca pode servir de ameaça á Bolivia, como será a linha chilena quando prolongada até ás minas bolivianas. Esta via porém difficilmente se fará, pois o seu custo não será de menos de 60 a 80 mil contos pelas difficuldades a vencer no terreno, eguaes ás da linha do Mollendo-Pimo (no Perú) por cujo preço kilometrico deve ser calculada. A via ferrea argentina pela sua extensão de 230 legoas tambem exigirá enormes capitaes, e não só por isso como porque a subida na parte boliviana terá de vencer até a altura do Potosi, partindo das terras baixas do Bermejo e Pilcomayo, o que elevará o seu custo a sessenta mil contos, emquanto que do mesmo ponto, Potosi, ao porto mais proximo do Chimoré, affluente do Mamoré, e passando por Oruro e Cochambamba, terá uma via ferrea de 140 legoas, que com as do Madeira darão um total de 190 legoas, menos 200 kilometros do que a outra; alem de que, comparando as vias fluviaes e maritimas, teremos do lado da via-argentina 6 mil milhas de navegação e do lado do Amazonas 3 mil; a consequencia d'isto será que, sendo a distancia a metade, os productos das minas do Sul da Bolivia chegarão pela via-brazileira com fretes muito menores, e é aqui o caso de dizer-se que a producção d'estas minas é tal, que só a de

Huanaca garante um transporte *mensal* de 30 mil tonelladas de metaes de exportação e combustiveis de importação; as suas acções vendem-se a 224 por cento acima do par.

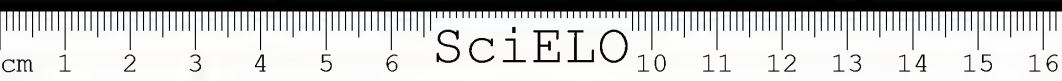
No mesmo caso se acham as minas de Lipy, Tomo, Calquechaca e Amigos.

Em vista de tantas razões, de tão diversas naturezas, e todas tão importantes, parece-me que este é o emprehendimento mais importante que hoje pode chamar a attenção do Brazil, e desde já deve elle ser tratado; antes que o commercio acceite o habito do transporte pelas outras linhas, praza ao Ceu que as conveniencias partidarias, e as concessões de uma politicagem mesquinha não façam abandonar esta empreza em que se acha envolta em grande parte a grandeza não só commercial como politica do Brazil.

TAPAJÓS

Entre o Amazonas e o Prata a linha divisoria das aguas é bem clara e difinida; entre o Paraná e o Araguaya e em sequencia a este o Tocantins, é ella assignalada pelas serras chamadas antigamente geraes e que são as serranias do Sul de Goyaz. Depois para o Occidente, entre o Paraguay e os rios Xingú, Tapajós e Guaporé, tambem a divisoria é marcada pelo extremo do chapadão amazonico. Estes tres ultimos rios correm quasi parallelos uns aos outros e ao Araguaya e quasi na direcção Sul e Norte. Aquelle de que agora me occupo, o Tapajós é formado pelos dous rios Juruena e Arinos; tem as suas fontes nas vertentes das serras dos Parecis, ao Occidente das do Guaporé, e a sua foz, segundo os demarcadores portuguezes, é situada a 2°-29′ Lat. S. e 322°-15′ de Longitude, medindo de largura 3:000 braças.

É este rio conhecido de longa data, e digno de maior attenção não só por sua extensão e volume de aguas, como pela importancia que elle apresenta pelas communicações entre o Pará e Matto-Grosso, e ainda pela riqueza e abundancia de seus productos naturaes. Dos que o tem estu-

dado, merecem especial menção o engenheiro portuguez Ricardo Franco de Almeida Serra, que tanto percorreu e estudou a Amazonia, e que publicou uma notavel *Memoria Geographica do Rio Tapajós.*

O sr. Chandless, com quem muitas vezes conversei a este respeito e que publicou, quando doente regressou á Europa para restabelecer-se, as suas *Notes on rivers Arinos, Juruena, and Tapajós*, Castelnau na sua obra, *Expedition aux parties centrales de l'Amerique du Sud*, e o capitão Benedicto José da Silva França, que o desceu, tomando notas, e escrevendo o seu itinerario desde o porto do Rio Preto até Itaitúba, datado de 1854.

O trabalho do sr. Chandless é como que a verificação d'este itinerario, pois seguiu elle precisamente o mesmo caminho.

O trabalho porém, talvez o mais completo sobre o Tapajós, é aquelle que em 1869 foi escripto pelo sr. Domingos Soares Ferreira Penna, pois dispunha dos trabalhos acima citados, dos documentos dos archivos da provincia, e de uma memoria descriptiva do sr. Affonso Maugin Desincourt, engenheiro francez que residiu longos annos no Tapajós, a qual abrange o territorio de Santarem e as duas ordens de cachoeiras até ás *malocas* centraes dos indios Maués.

Além da seriedade do escriptor com quem convivi, e da minuciosa investigação que lhe merecia tudo que escrevia, este trabalho parece-me reunir todas as condições precisas em escriptos d'esta natureza; é por isso que a este trabalho mais do que a nenhum outro irei buscar materiaes para este meu estudo, no qual não posso dar sobre cada rio, como desejava, o desenvolvimento que é natural se encontre em memorias especiaes a elles.

Tanto o Arinos como o Juruena tem as suas fontes nos campos e nas cadeias de montanhas chamadas dos Parecis; com suas ramificações, abrangem mais de cem legoas de E. a O. Cruzam-se ellas com as que correm para o Paraguay e seus affluentes, mas a fonte principal está a 15 legoas a E. da Villa do Diamantino.

Diz Castelnau, chamando a curiosidade sobre este facto, que a poucos passos uma da outra se encontram as fontes dos grandes rios Amazonas e Prata. «A fonte do rio Estivado, verdadeiro tronco do Arinos, acha-se na anfractuosidade da chapada, cuja inclinação é voltada para o Norte, a duzentos metros a E. da casa da fazenda (do Estivado); e em um buritisal a oitenta e quatro metros a O. da mesma casa apparece a fonte de um affluente do Tombadôr, tributario do rio Cuyabá.»

O mesmo acontece perto da fazenda do Macú, onde durante as grandes aguas, um corrego que alli existe quando chega a certo ponto, divide suas aguas, umas descendo para o rio Cuyabá, outras para o Tapajós, e em tempos, no dizer do fazendeiro do Estivado, já de um para outro rio foram passadas canôas por um caminho de quatro legoas.

Chandless diz sobre este assumpto:

«As diversas correntes que descem da provincia de Matto-Grosso para o Norte em direcção do Amazonas, ou para o Sul em direcção ao Rio da Prata, nascem todas d'aquella parte do paiz, onde aquillo que se chama Serra não tem caracter algum montanhoso.

«É simplesmente um alto taboleiro ou chapada variando apenas um pouco em sua elevação geral, bem que profundamente rasgada pelos valles dos rios.

«Nas proximidades d'estes, encontra-se mais ou menos mattas-virgens; tudo o mais é campo, terras de pastagens salpicadas com maior ou menor densidade de arvores annosas, inclusivamente a da quina, que é, segundo me disseram, a mesma do Perú e Bolivia, posto que pouco uso se faça d'ella.

«A chapada em geral descamba ingreme e ás vezes precipitadamente para a região inferior, apparecendo a planicie em baixo como um mar com bahias e entradas ou enseadas fundas.

«Ao pé da chapada, em uma d'essas enseadas, está a villa do Diamantino.

«O rio Paraguay nasce a cerca de dez e meia milhas ao S. e quatro e meia a O. do Diamantino; mas o seu curso ao principio NE., entra na planicie duas ou tres milhas a E., e gradualmente curvando-se para O. passa tres milhas ao S. da villa, sendo este o seu porto mais septentrional.

«O rio Diamantino pelo contrario vem do Norte, e passando junto da povoação, cahe no Paraguay cinco ou seis milhas abaixo; toda a sua extensão, omittidas as menores voltas, não excede, segundo penso, quinze milhas.

«O rio Preto nasce mais ou menos dez milhas a E. da villa e o seu porto fica cousa de quinze ou deseseis milhas ao N. d'ella.

«De vez em quando na occasião das aguas grandes tem por alli transitado canôas; quando estive no Diamantino, uma com carga de 1:500 arrobas e que tinha vindo de perto de Santarem atravessou e desceu o Paraguay até Villa-Maria.

«O rio Preto, desde o porto até á foz, é uma corrente estreita e tortuosa como um regato de campinas, nunca tendo de largura mais de 14 a 18 metros e ás vezes completamente entupido por páos de uma a outra margem.

«Poucas milhas abaixo da bocca do rio Preto está o Porto-Velho do Arinos quasi exactamente ao N. do Diamantino.»

Tomando por ponto de partida o porto do rio Preto, a quatro e meia legoas da Villa do Diamantino e descendo este rio, em duas horas de viagem chega-se á sua foz no Arinos, que n'esse ponto tem sessenta metros de largura.

Um pouco abaixo, na latitude de 13°-57', e longitude de 56°-9' (Greenwich) acha-se o logar chamado Porto-Velho. Distancia do Diamantino a Porto-Velho, dez legoas. A uma hora de viagem chega-se á bocca do rio da Prata, assim chamado pela limpidez de suas aguas; segue-se a ilha do Taquaralsinho; em seguida encontra-se uma como cachoeira formada por páos cahidos, dos quaes tira o seu nome de Cachoeira dos Páos, mas que não offerece perigo.

Continuando á esquerda, encontra-se o barranco das Pitas, logar em outro tempo habitado, por alli se encontrarem minas de diamantes, mas do qual as constantes sesões não tem permittido a exploração.

Encontra-se á direita o rio dos Patos, onde habitam os indios mansos Bacairis, depois o logar chamado Paredão, depois o Arraial Velho que já foi habitado, e onde existiram fazendas de creação de gado; segue-se á esquerda a barra do rio Sumidouro, cuja posição é de 13º-23′-30″ de Lat. e 56º-17′-30″ de Long.; d'aqui até ao ponto do Rio Preto vão 20 legoas. O rio offerece curvas repetidas; a largura de sua foz é de 36 metros, corrente rapida e agua clara. Este rio é habitado pelos indios Paricys, mais conhecidos pelo nome de Peneireiros. Segue-se uma pequena cachoeira sem perigo.

Passa-se pouco depois por um campo situado ä direita onde habitam os indios bravios Tapanhonas ou Nambiuaras. Atravessa-se depois uma grande bahia e depara-se-nos pela direita o rio dos Tapanhonas com 20^{m} de largura. Do Sumidouro a este ponto medeiam 30 legoas. As margens vão-se tornando planas e cobertas de um capim branco.

Barranca vermelha é a ultima que se encontra, depois Pouso-Alegre, distante do rio Tapanhonas vinte e cinco legoas. D'este ponto em diante, descendo, o rio começa a ser semeado de pedras formando estreitos, canaes e cachoeiras a começar da cachoeira da Figueira, que é a primeira com alguns rebojos com facil passagem pelo lado direito.

2.ª cachoeira, do Boqueirão; com canal com ondas e rebojos.

3.ª cachoeira, do Rebojinho; sem grande importancia.

N'este ponto pela simples lavagem se tem obtido signaes da existencia de ouro e diamantes.

Continuando a viagem, avista-se a serra do Rio do Peixe; continúa o rio semeado de pedras; em um ponto encontra-se no meio do rio uma grande pedra de 6 metros de altura e 30 de circumferencia; depois de um estivão de rio limpo, chega-se á bocca do Rio do Peixe que se lança no

Arinos com uma largura na foz de 90 metros, pois é elle o maior tributario do Arinos; junto da sua foz sahe um travessão de pedras que encosta ao lado esquerdo do Arinos; este já então mede 230 metros de largura. Da foz do rio do Peixe em diante as cachoeiras são maiores, como a do *Reboquinho* e *Meia Carga;* n'estas só passam as canôas á sirga, e tendo aliviado de metade da carga que é transportada por terra. O rio ahi é muito cheio de curvas, de modo que uma grande serra que apparece, ora figura estar á direita ora á esquerda.

Segue-se uma extensa ilha que leva hora e meia a passar; o rio continúa largo e baixo.

Apresenta-se pela esquerda a barra do Juruena.

De Pouso-Alegre até este ponto temos quarenta legoas.

A largura do Juruena é de 450 metros, e a do Arinos é de 270, as aguas de ambos reunidos um pouco abaixo dão ao rio que ambos formam, e que toma o nome de Tapajós, a largura de meia milha. A posição da foz do Arinos é a seguinte: Latitude 10°-24′-30″ e longitude 58°-2′-45″.

O Juruena é, como já fica dito, o rio que com o Arinos forma o Tapajós; as suas nascentes ficam, uma d'ellas da qual sahe o ramo principal, a vinte legoas da cidade de Matto-Grosso, a outra, de onde nasce o outro ramo menor, a trinta legoas do Diamantino, e ambos vem do Parecis. É o rio Juruena engrossado e augmentado em sua corrente até á sua confluencia com o Arinos por differentes rios, alguns de certa importancia, elle mesmo a pouca distancia de suas nascentes já se apresenta bastante fundo; os rios que o augmentam são o Jurubamba, Jaburana, rio Turvo, Juina, Camararé, Juina-Mirim, Salinas e Temeuinas; é depois de os receber que tem logar a confluencia com o Arinos, continuando o rio com o nome de Juruena até á foz do rio S. Manoel das Tres Barras, que fica na posição geographica: Latitude 7°-21′- 0″, Longitude 57°-47′-30″.

O curso do Juruena é um pouco maior do que o do Arinos, mas traz menor volume de aguas.

No espaço que vai de sua confluencia com o Arinos até

ao rio S. João da Barra, começa-se a notar o grande numero de cabeços pedregosos que sahem fóra da agua, de natureza granitica, ás vezes constituindo como que ilhas; outras são massas de uma forma mais plana que chamam lages; passa-se por um grande aldeamento de indios Apiacás, chamado Taquaralsinho na Latitude 9°-2'-0", e Longitude 58°-16'-40". Chega-se á bocca do rio *S. João da Barra*; aqui ha uma cachoeira consideravel formando dous canaes separados por uma ilha central; as duas correntezas tem a velocidade de 10 a 12 milhas por hora; as cargas tem de ser passadas por terra e tambem em canôa se o rio está cheio.

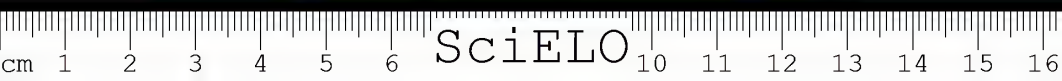
Tres milhas abaixo d'esta primeira cachoeira e tendo passado uma pequena cachoeira ou corredeira, chega-se á cachoeira conhecida pelo nome de Salto Augusto, ou Salto Grande, cuja posição é Lat. 8°-53'-15", e Long. 58°-15'-0".

Dista 35 legoas da barra do Juruena.

A cachoeira é formada por tres grandes saltos formando dous canaes. O salto da esquerda é o de maior altura, mas o maior volume de aguas despenha-se pelo da direita com enorme estrondo, o outro tem 10 metros, e o terceiro é menos alto.

O rio tem dous canaes, mas pelo da direita com a largura de 90 metros estreitando até 70, é que passa a maior massa de aguas. O salto immediato é de 10 metros mais ou menos, como um segundo, menor e situado 140 metros abaixo.

É este ponto geralmente olhado pela população como limite natural entre os dous Estados, e, cousa singular, os peixes d'esta cachoeira para cima são na maior parte de escama, e da cachoeira para baixo de pelle; e segundo afirma Chandless, segundo o dizer dos Apiacás, indios que negoceiam com os brancos, para cima não se encontra salsaparrilha, e as mattas de baixo são mais ricas.

Esta cachoeira obriga a descarregar as canôas e a passar cargas e embarcações por um varadouro muito ingreme de 600 metros.

D'aqui até á cachoeira de S. Simão encontram-se as seguintes cachoeiras:

Taquarisal.	S. Gabriel.
Furnas.	S. Rafael.
Salssal.	Santa Iria.
Rebojo.	Santa Ursula.
Banquinho.	Canal do Inferno.
Lage de S. Lucas.	Misericordia.
S. Lucas.	S. Florencio.
Sauval.	Labirintho.
Dobração.	Salto do Simão.

N'estas 20 cachoeiras, a contar da que fica na bocca do Rio de S. João, algumas são pouco importantes, mas as de S. João da Barra, Salto Augusto, S. Lucas, S. Gabriel, S. Rafael, Misericordia, S. Florencio, S. Simão, são perigosas e algumas exigindo immenso trabalho para serem vencidas.

Chandless dá a medida d'esses trabalhos dizendo:

«Pode-se fazer uma idéa da difficuldade d'estas cachoeiras pelo facto de nos occuparmos seis dias em viajar de S. João da Barra ao Salto de S. Simão, distancia que não excede a 20 legoas, seguindo a corrente do rio, sem outra carga além de mantimentos e bagagens.»

Ainda tres milhas abaixo, passa-se pela cachoeira de Todos-os-Santos, que é a ultima da secção do Juruena chamada *as cachoeiras de cima*.

Segue-se o rio de S. Thomé, que com a cachoeira de Todos-os-Santos, diz Ferreira Penna, parece marcar a separação das terras do Tapajós; d'ahi para cima abundam as riquezas mineraes, o ouro, o diamante e boas madeiras de construcção; d'ahi para baixo o cravo, a salsa, o guaraná, a castanha e a mandioca. (1)

---

(1) Parece aqui ter esquecido a principal producção vegetal, a Borracha ou Gomma elastica que desde o Taquaralsinho já se apresenta, ainda que menos robusta do que para baixo, sendo em Itaituba este genero o principal ramo de commercio. *(Do auctor.)*

O rio S. Thomé fica na Lat. 8º-9'-30" e Long. 57º-57'-45".

Pouco abaixo, entre este rio e o de S. Manoel, muda de côr a agua do rio, passando de verde escuro para uma côr negra e triste, o que talvez désse origem á denominação geralmente usada para o Tapajós, que é chamado Rio Preto.

Na posicão de Lat. 7º-21'-0" e Long. 57º-47'-30" encontra-se pela margem direita o S. Manoel, grande e vasto rio; a sua largura é de 500 metros, dando com o Juruena ao rio que ambos formam depois de unidos uma largura de uma milha ou 2:060 metros.

Este rio *S. Manoel* é tambem conhecido com o nome de *Rio das Tres Barras*, que em uma parte já no extremo do seu curso em Matto-Grosso, proximo á Serra Azul, é conhecido pelo nome de Paranatinga, segundo o Barão de Melgaço. Nasce nas serras Bacaurys, a NE. da villa do Diamantino; a totalidade do seu curso parece alcançar a 1:200 kilometros aproximadamente; outros como Arlincourt lhe attribuem 189 legoas. Foi este rio explorado por Souza Azevedo em 1746, o qual descobrindo-o em 31 de Dezembro lhe deu o nome de Rio Bacaurys ou das Tres Barras, não porque ellas effectivamente existissem, mas porque a existencia de uma ilha, que divide as aguas do Juruena em sua confluencia, assim as faz parecer.

Ricardo Franco faz notar um facto que pela raridade lhe mereceu particular menção, e é o de existirem em meio do largo e caudaloso rio cinco elevados montes distantes uns dos outros muitas legoas.

É nas regiões do Tapajós, acima e nas proximidades das nascentes do S. Manoel, e pelas suas margens que essas terras teem fama de muito auriferas, sendo um pouco proximo ás suas nascentes que eram collocadas as minas maravilhosas dos Martyrios. Como quer que seja, verdade ou ficção, o que se sabe de certo é que em differentes pontos as areias são auriferas, e o mesmo Souza Azevedo, em um riacho 12 kilometros abaixo de sua foz, achou ouro.

O rio, que d'ahi em diante toma o nome de Tapajós, seguindo por elle abaixo conforme o roteiro de Benedicto França e o trabalho do sr. Ferreira Penna, offerece uma grande bahia, ou, segundo Chandless, igarapé pelo qual navegando-se seis dias se encontra o porto de desembarque; e d'ahi em distancia de 4 a 5 legoas as malocas dos indios Mundurucús, chega-se ao baixio do Xacorão que secca no verão e offerece duas pequenas cachoeiras com canal no meio; perto d'este ponto tem o rio mais de 3:000 metros de largo.

Encontram-se ainda: O Lago das Piranhas, o Rio das Tropas á direita, o Rio Crepury de 70 metros de largura, que por largos estirões corre tranquillo, até que estreitando-se corre em um canal chamado os Feixos, apenas com 160 metros de largura; além dos Feixos alarga-se e divide-se em varios braços; encontra-se ainda o Rio Jauaxim á direita com 100 metros de foz, e depois o Igarapé-Assu com 34 metros de bocca, e logo depois de um baixio as 6 ultimas cachoeiras do rio chamadas: Apuhy, Coatá, Furnas, Bacaba, Maranhão-Grande e Maranhãosinho.

A primeira, a do Apuhy, fica na Lat. de 4°-32'-0" e Long. de 55°-54'-23".

Segundo Mr. Maugin Desincourt, a do Coatá é difficil de vencer, pois que os dez homens que lhe tripulavam a conôa, levaram quatro horas, ora suspendendo-a sobre os rochedos, ora agarrando-se a estes, e rebocando a canôa sem risco.

A do Maranhão-Grande tambem é consideravel e trabalhosa, mas as canôas pequenas passam sem perigo por um canal da direita, encostado á terra. N'esta região das cachoeiras, o peixe abunda, a ponto de os remeiros o irem matando a frecha e a tiro.

Abaixo d'estas cachoeiras não ha mais obstaculos, e, deixando á esquerda o igarapé Traquepor, e depois o do Jacaré, chega-se á povoação de Itaituba, cuja posição é Lat. 4°-16'-47" e Long. 55°-38'-0".

É n'este ponto que termina o itinerario do sr. França e

a narração de viagem do sr. Chandless; d'aqui em diante serão as viagens e excursões de Ferreira Pena que me darão material para este meu trabalho.

Abaixo de Itaituba encontra-se no Tapajós, vindo do N.: o seu confluente Arapium, e o Arapixuna; passa pelas aldeias de Ixituba á direita, e a do Cury á esquerda; o Rio Cumpary á direita; a freguezia de Aveiro do mesmo lado; a aldeia de Santa Cruz á esquerda; a tapera da extincta freguezia de Pinhel, no mesmo lado a freguezia de Boim; a bahia de Villa-Franca; e finalmente a cidade de Santarem uma das mais bem collocadas das do Amazonas.

O minucioso e escrupuloso viajante Chandless, que tanto conheci e com quem tanto conversei, apresenta um quadro de distancias intermedias que tem real interesse e foi publicado nas suas *Notes on rivers Arinos, Juruena and Tapajós*.

			Milhas inglezas
Do Porto Velho á		Bocca do Sumidouro......	80
»	»	Bocca do Rio Tapanhonas.	120
»	»	Alto das cachoeiras do Arinos..................	100
»	»	Bocca do Arinos..........	120
»	»	Salto Augusto............	140
»	»	Bocca do Rio São Thomé.	65
»	»	Bocca do Rio São Manoel.	80
»	»	1.ª aldeia do Mundurucús..	80
»	»	Bocca do Crepuri....... .	100
»	»	Cachoeira Apuhy.........	120
»	»	Itaituba..................	25
»	»	Santarem...	170
		Total.............	1:200

Estas 1:200 milhas inglezas correspondem a 348 legoas brazileiras de navegação; mas em linha recta não excede-

rão 216, de modo que entre o Diamantino e Santarem a distancia em linha recta será de 220 legoas.

Curuá — Por mais de uma vez entrei com pescadores n'este rio, não para explorar, pois tinha então 16 annos, mas sómente para pescar peixes bois; nunca foi, que me conste, objecto de uma exploração regular, e parece-me não ter grande importancia; é conhecido pelo nome de Curuá do Sul ou Curuá de Santarem para o differençar do Curuá de Alemquer que é muito mais importante; o curso d'este rio não é muito extenso, sendo formado por dous braços, um que é o Curuá propriamente dito, o outro que é o rio Una; este tem muito pouco fundo e o seu curso é cortado por cachoeiras; antes de chegar á ponta do Panoval, unem-se os dous e depois de uma certa extensão bifurca-se, vindo um dos ramos desembocar no Amazonas, perto do logar chamado Ituqui, quasi em frente da bocca do Tapará, e o outro muito mais abaixo, junto ás barreiras do Cussary, quasi em frente á costa do Cataú.

Uruará — É um rio de bastante extensão, cuja foz fica fronteira ao rio Urubuquara, a uma distancia de oito legoas da posição de Monte-Alegre, na margem fronteira perto do morro chamado da *Velha-Pobre*; reune as aguas de varios lagos, como sejam o Camapú e Arará, e na ultima parte do seu curso, vão ambos os braços cahir no Amazonas, acerta distancia um do outro, passando como rico em productos.

Aquiqui — Segundo Baena, não é elle um verdadeiro rio, mas sim um braço do Amazonas, que dez legoas abaixo do canal Mauari-Ajurapará se introduz pela terra firme, e vai sahir na margem occidental do Xingú, fronteiro á villa de Porto de Moz; n'este Aquiqui deflue o rio Jarauú que corre parallelo ao Xingú, o qual é cortado por cachoeiras.

XINGÚ

É ainda este um dos collossaes affluentes do Amazonas, correndo quasi parallelamente aos rios Tapajós e Tocantins, e entre elles. Baena marca a sua posição determi-

nada pelos commissarios portuguezes na Lat. de 12°-42′ e Long. de 323°-0′; quanto ás suas nascentes, ao N. das vertentes do Cuyabá, e quanto á sua foz, em 2°-7′ de Lat. S. e 325°-30′ de Long. Suas aguas parecem ferruginosas mas tiradas em um copo são cristallinas; lança-se com pujança no Amazonas, apresentando em sua embocadura uma largura superior a quatro kilometros.

O Barão de Melgaço, illustrado geographo, que muito se occupou da carta do Imperio, colloca as nascentes d'este rio mais para o Norte do que Baena, situando-as ácerca de 11°.

Não era este um dos rios mais conhecidos; ultimamente a viagem dos srs. Carlos Von Stein e Othon Clauss, de Berlim, o fez mais conhecido, sendo por elles percorrido em toda a sua extensão; mas antes d'estes exploradores, já tinha sido visitado por uma commissão de que fizeram parte os srs. Domingos S. Ferreira Penna, e Miguel F. Lisboa, da marinha brazileira. Esta commissão nas condições em que fora organisada não poude ir além da parte inferior do seu curso; posteriormente, como d'elle ouvi, voltou o sr. Ferreira Penna ao Xingú, subindo as cachoeiras, mas não seguindo além da parte media do rio.

O sr. Adriano H. de Oliveira Tapajós, em 1872, explorou o rio até á Lat. de 3°-30′.

O principe Adalberto da Russia, subiu e desceu este rio em 1843, desde a foz até Piranhaquara, a 4°-30′; foi acompanhado n'esta viagem pelos condes de Oriolla e de Bismark (1). O mappa levantado por esta expedição é um

(1) Convem não confundir, como se tem feito, este conde de Bismark com o celebre principe de Bismark. Este, como já o explicou um jornal allemão, nunca viajou pela America central, e o prologo da obra publicada pelo principe *Prince Adalbert Travells*, o mostra, pois diz que foi um dos seus companheiros o conde de Birmark; ora este documento é de 1847, e n'essa epocha o actual principe de Bismark não era conde, pois o titulo foi-lhe dado em 1865 com o dominio de Lauenburg; além de que o principe de Bismark nunca pertenceu ao corpo de dragões, a que pertencia o viajante. A familia do conde ainda existe, e uma mestra de minhas filhas, em 1873, foi por elle contractada para educar pessoas de sua familia.

dos mais minuciosos que conheço; é de suppôr que o do sr. C. Von Stein, partindo de 120 legoas a E. do Piranatinga de uma latitude de cerca de 14° S., dê um mappa muito mais perfeito e extenso o qual, completado pela sua narração de viagem, nos revellará a verdade para o grande espaço que vai entre Piranhaquara e Piranatinga.

Apezar de só conhecer o resumo da viagem d'este senhor por uma conferencia perante a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em 30 de Dezembro de 1884, d'ella tirarei algumas noticias que abaixo inscrevo.

A 5 de Julho, a expedição atravessou o Piranatinga em um ponto em que a sua largura é de 120 metros com uma barranca de 5 metros de altura, e reconheceu que a posição d'este rio é um pouco mais ao O. do que se acha marcado nos mappas; tomou o rumo de O. por um vasto deserto, cuja altura sobre o nivel do mar é de 400 metros, apresentando morros isolados de 80 a 100 metros de altura, formado por uma areia vermelha que no fundo dos ribeiros acaba em lages; uma vegetação pobre, de capim, palmeiras humildes, arvores baixas, e nas margens dos ribeiros e nos brejos buritys; pouca caça, antes onças, alguns veados, jacús, mutuns e outros gallinaceos, macacos e jabotis.

A temperatura ao meio dia é de 30° cent., e durante a noute baixa 9° e até 6°.

Atravessaram os expediccionarios alguns corregos, que suppozeram ainda affluentes do Paranatinga, sendo o ultimo transposto no dia 7. No dia 9 avistaram a 100 metros abaixo d'elles um valle extenso fechado ao Sul pela continuação da Serra Azul, não sabiam se era o Xingú que n'elle corria; continuaram a viagem no rumo de E., transpondo rios importantes, como o dos Bogios e Jatobá.

No dia 14 chegaram a um rio de 60 metros de largura cujas nascentes sahiam de uma bacia de cerca de seis legoas de diametro. Seriam aguas do Paranatinga? Se assim fosse, segundo a asserção do sr. Barão de Melgaço, estas aguas correriam para o rio S. Manoel ou das Tres Barras.

affluente do Tapajós, do qual já atraz fallei, e baldado seria o empenho de chegar ao Xingú; mas a viagem por terra já não era possivel, pois o estado dos animaes de carga era lastimoso.

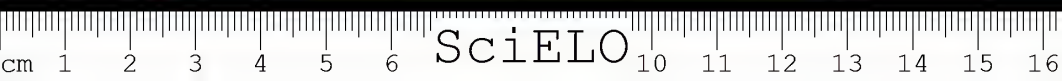
Construidas umas canôas com a casca do Jatobá e apezar de o rio quasi ter mais pedra do que agua, desceram pelo Batovi. Durante os 19 dias que navegaram até encontrar os primeiros indios, passaram mais de 100 corredeiras (*rapids*) e quatro cachoeiras com 3 metros de salto, sendo a ultima de 5 metros.

Na primeira aldeia de indios Bacairis, acabaram as cachoeiras; ahi visitaram além d'estes, os indios Custenaús, e no dia 30 de Agosto chegaram á foz do rio Batovi, que em sua largura varía de 70 a 120 e 150 metros com uma corrente de 1/4 de legoa por hora; as margens tem uma barranca de 4 metros.

Na foz d'este, reunem-se os tres rios: vindo de O. o Ronuro com 400 metros de largo, recebendo este o Batovi, o Tamitatoala dos Bacairis, e o Culiseu que juntos formam o Xingú; este a que chamam Paramá (1), tem a principio 400 metros, depois 500 e 600

Na foz do Culiseu moram os indios Trumais; 14 legoas ao N. do Xingú, os Suiás, reputados muito bravos; junto d'elles ha uma outra maloca de Manitsauás. Ha n'esta região um nucleo de indios de cerca de vinte tribus differentes, que, pelo menos em parte, não são parentes uns dos outros, mas que não obstante tem o mesmo gráo de cultura. No Batovi ainda existem os Vaurás. No Ronuro, os Cuiaaús, e no braço principal do Culiseu contam-se além dos Trumais 13 outras tribus entre as quaes os Minacuás e os Fauracuás que possuem cinco aldeias.

Supposto que não fossem atacados, não pode o sr. C. von Stein garantir que sejam pacificos estes indios; entretanto todas estas tribus vivem em aldeias, em casas redondas e altas, cultivam a terra plantando mandioca, milho,

(1) *Parna*, é o termo *rio* na lingua geral.

batata doce, caras, algodão, e fumam o tabaco bravo, o que indica um certo gráo de civilisação.

Com a massa da mandioca fazem uns bollos chamados bejús, usados tambem nas cidades de quasi todo o Brazil. Vivem sómente da pesca; só usam do arco e frechas; tem medo dos cães, e só os Manitsauás tem vocabulo para indicar este animal.

Os homens andam nús, pintam-se na cara e no corpo de vermelho e preto, usam collares de dentes ou conchas, nos braços e pernas trazem fachas feitas de algodão, na cintura cordas em que enfiam caroços.

As mulheres dos Bacairis e dos Custsauás andam quasi nuas, e as dos Suiás completamente nuas; teem porém redes de fibra de *buruty* ou de algodão.

Os idiomas d'estas tribus são completamente differentes entre si apenas com uma ou outra palavra de lingoa geral; assemelham-se porém em seus costumes.

Os Bacairis são os mais hospitaleiros, enthusiastas pelos botões que muito desejavam para enfiar nos cintos; são de boa estatura, usam cabello cortado em corôa, e ornam as orelhas com duas pennas, e a cabeça com um diadema de palha ou tambem de pennas. Tocam umas flautas de que tiram melodias monotonas e melancolicas; ás vezes as acompanham com danças, marcando o compasso com o pé direito.

Os Custenaús parecem de mau caracter, ladrões e desconfiados; por alguns objectos que alli viram julgam os expedicionarios que elles viajam longe para commerciar ou roubar.

Os Suiás são os de mais elevada estatura. Homens e mulheres andam nús, os cabellos cortados adiante e compridos por detraz; usam um grande rollo de cortiça no beiço e tambem nas orelhas que se estendem quasi a tocar nos hombros quando tem a rodella mettida.

Poucos dias depois de passada a ultima aldeia dos Suiás, o rio alarga-se até 900 metros cada vez com menor corrente; apresenta em suas margens alguns morros, e ao

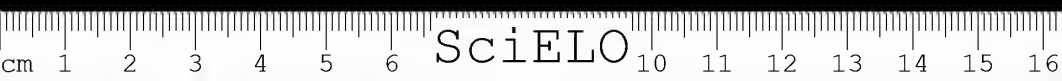
mesmo tempo de novo se encontram cachoeiras. As febres intermittentes parecem communs n'estas regiões pois todos os expedicionarios as soffriam; n'estes logares não abunda nem a caça nem a pesca. Continuando, chegaram os exploradores ás habitações do Jurumas [1] que fallam portuguez, usam espingarda e andam em guerra com os Carajás. Ambas estas tribus são bem conhecidas; vagam por uma grande extensão do rio, sendo a primeira a mais numerosa do Xingú.

As ultimas 100 legoas do Xingú parecem ser uma continua cachoeira, e só em *ubás* e com guias podem ser transpostas estas difficuldades que offerece o rio o qual tem então cerca de 2:000 metros de largura; a flora n'esta parte já é bastante differente do que era até ahi. No dia 13 de Outubro chegou a expedição a Piranhacuara. D'este ponto em diante acha-se bem descripto o rio na obra do principe Adalberto, a qual é para lamentar que seja difficiente em dados verdadeiramente scientificos sem que por isso se desconheça o merito de seu mappa até Piranhaquara, onde se encontra uma minuciosa enumeração dos rios e igarapés, tanto da margem meridional como de septentrional. Assim, os affluentes da margem meridional ou esquerda são os seguintes:

Isiri.	Azotinga.
Anaurahy.	Turicury.
Uassú.	Guará.
Iremá.	Marituba.
Pacova Sororoca.	Piri.
Abiteua.	Acarahy.
Cachoeiras.	Jaraucú [2].
Uierena.	

---

[1] Creio serem os Jurunas, nome a que erradamente substituiram um *n* por um *m*.

[2] Este desagoa no Aquiqui.

Affluentes da margem Septentrional ou direita:

Paraná-Mocú.	Maxipauá.
Jarauá.	Maruá.
Tamanduá.	Acahy.
Arapary.	Tukiry.
Caratatá.	Turú ou Turu-Miri
Maxiacá.	Akariny.
Arcó.	Majary.
Tucanacuara.	Igarapé-Pixuna.

Devo notar que entre estes rios alguns são de pequena importancia; outros porém como o Isiri, Anaurahy, Turycury, Guara, Marituba, Jaraucú, Majary e Acahy, já tem importancia pelo seu curso e volume de aguas. Subindo o rio, nota-se que as mattas do Baixo-Xingú são differentes em seu aspecto das do Amazonas, pois que apenas parecem *capoeiras*, (matto cujo terreno já foi lavrado sendo o arvoredo que substitue o primeiro de menor porte), observação que já por Spix e Martius fora feita. Offerece o Xingú muitas praias ás quaes concorrem as tartarugas em Septembro para desovar; a principal é junto ao rio Maruá.

O rio, depois de receber as aguas do Taricury ou Tucuruhy, começa a formar uma grande curva no rumo de S. E. continuando a curva por forma tão pronunciada que vem o rio passar perto do mesmo rio Tucuruhy, pelo que os que commerceiam abriram no matto uma estrada, desde a proximidade da bocca d'este rio até ao logar chamado Porto-Grande junto ao rio Anaurahy. No dizer dos indios, o trajecto feito pelo rio, subindo, levaria vinte dias pelas difficuldades que offerece á navegação. É por esta estrada exclusivamente que são feitas as communicações entre o baixo e o alto Xingú. Segundo as observações feitas, a natureza das barreiras ou barrancas que vem morrer junto ao rio e que parecem ser as ultimas elevações das serras que mais longe existem, offerecem a maior semelhança com a das barreiras do Amazonas, que Spix e Martius classificaram como conglomerado ocreo de sandstone. (?)

Até pouco acima de Souzel a navegação é livre, mas ao chegar ao Tucuruhy ouve-se o medonho fragôr da primeira cachoeira, e d'ahi em diante são ellas tantas que é quasi impossivel distinguil-as e enumeral-as, pois em muitos pontos ellas se continuam; as mais notaveis são as chamadas Tapaiuna, Cajutuba, Cascão, Paguissamá, Jurucuá, Itatuoca, Paratú e Itapenima.

A parte media do rio é pouco propria á navegação, pois apezar de bastante largo, a poucas milhas de Souzel, é tal a quantidade de ilhas que o semeiam, que no dizer de Ferreira Penna parece entupido por ellas, deixando entre si numerosos canaes estreitos, e para além ainda onde diminue o numero de ilhas, o rio permanece cheio de pedras que se arguem do leito d'ella em massas enormes; em um ponto o aspecto é digno de nota, pois junto a uma margem alcantilada até uma altura de 25 metros passa na base o rio por um unico canal de 160 metros.

Segundo noticía o sr. Ferreira Pena por informações obtidas dos vaqueanos d'aquelles logares, o curso medio do rio offerece a principio extensões grandes, proprias á navegação, mas depois o grande numero de corredeiras e saltos, impossibilita a navegação; d'ahi o aspecto do rio muda, tendo uma largura menor, pois mede menos dous kilometros emquanto que proximo á bocca tem quatro kilometros. Tem as margens muito elevadas tanto por um como por outro lado, especialmente pelo esquerdo em que lhe attribuem 50 metros de elevação, e proximo ás cachoeiras as margens parecem serras.

Da ultima parte do rio acima de Piranhaquara, só o sr. C. von Stein poderá dar minuciosa noticia quando tiver publicada a narração de sua viagem; entretanto já prestou um serviço á sciencia, marcando senão todas, ao menos algumas das nascentes do Xingú, até agora não determinadas com o cunho da sciencia; mas como no rio pelo qual elle desceu depois de começada a viagem a 120 kilometros a E. do Paranatinga, ao qual deu o nome de Batovy reconheceu uma d'ellas, a cabe-lhe a gloria de ter reconhecido

a totalidade do seu curso e uma de suas origens, embora tenha ainda outras.

De Souzel para baixo até ao Amazonas, é completamente livre a navegação d'este rio que é um dos que com mais arrogancia se lançam no Amazonas, semelhando em largura um outro Amazonas.

Logo proximo á bocca do rio, entre a sua foz e o ponto em que começa a sua flexão de NNO. para E., existem quatro povoações conhecidas pelos nomes de Carazêdo, Villarinho do Monte, Tapará e Boa Vista, bem situadas em terreno alto, mas todas de pequena importancia. Segue-se a povoação de Porto de Moz, que é um dos principaes pontos para o commercio da borracha; a este succede Veiros que existe officialmente pois nem vestigios já restam d'este povoado, que foi substituido pela povoação de Maruá, quatro milhas abaixo; depois apparece Pombal, quasi extincta, e Souzel, a povoação mais importante do Xingú.

O Xingú é navegado desde epochas bem remotas; tem sido um dos pontos mais disputados das margens amazonicas, e onde mais se fez brilhar o valor de Pedro Teixeira, pois que em 1625 os hollandezes penetraram no Xingú e levantaram uma fortificação artilhada entre os rios Peri e Acarahy, na margem esquerda; e ainda ha pouco a commissão que em 1872 foi estudar este rio encontrou na baixa-mar duas peças de artilheria que só a esse forte poderiam ter pertencido.

A esta fortificação deram os indigenas o nome de Mariú Assú (cidade grande), o que indica a importancia a que chegára.

Sabidas porém estas occorrencias, foi mandado o capitão Pedro Teixeira a bater os hollandezes, o que fez, tomando a fortaleza commandada pelo capitão Hordan, que abandonou o forte a coberto da noute, em uma embarcação. Pedro Teixeira o perseguiu e alcançou no rio Filippe: unidos porém já os hollandezes aos indios Tucujus e acobertados por casas fortes, procuram resistir, mas são d'ellas expellidos; segue-os ainda o portuguez, mata-lhes os capi-

tães Hordan e Porcel e grande numero dos que os acompanham, fugindo alguns; mas como soubesse por alguns prisioneiros que d'alli a 15 legoas havia um outro forte menor guarnecido por 20 soldados e que as embarcações inimigas lhe teriam já tomado o rio, busca estas para as abordar; não as achando, ataca e toma o forte, concedendo a vida á guarnição.

Posteriormente tem sido este rio visitado por diversos exploradores entre os quaes o incansavel Ferreira Penna, o qual em sua seg nda exploração subiu acima de Souzel, encontrando alguns monumentos que nos poderiam ser uteis no estudo historico de nossas raças aborigenes, suas origens e costumes, entre todos os monumentos, segundo elle diz, o mais interessante é uma larga pedra de forma regular com inscripções e symbolos desconhecidos. Seria para desejar que o governo dos Estados fizesse, quando não remover a pedra, ao menos copiar esses lavores; é possivel, porém, que se estraguem e desappareçam.

A viagem de exploração recente do sr. C. von Stein trouxe um apreciavel resultado practico, e foi o de fazer conhecido que o rio Xingú, apesar de sua extensão, que pelo audaz explorador e demarcador portuguez Ricardo Franco foi calculada em 1800 kilometros, não offerece correspondente vantagem á navegação para a provincia de Matto-Grosso, em vista das difficuldades que o rio apresenta em suas corredeiras e cachoeiras. Tambem foi vantajosa esta recente viagem, porque além das tribus de indios que já eram conhecidas, como os Jurumas, Toconhapenas, Carajás, Xipocas e Araras, ella nos noticia a existencia de nucleo numeroso de tribus mais ou menos domesticadas, e das quaes, ensinando-as, se poderia tirar partido para a obtenção de productos naturaes, borracha, salsa e outras drogas.

Ainda segura lição deu esta expedição ao governo brazileiro, mostrando que com pouca despeza e escolhendo bem os exploradores se poderia explorar tantos e tantos rios, que, mesmo perto das capitaes, ainda são desconhecidos.

TAJIPURÚ

Encontro-o em alguns livros escriptos sobre o Pará, Tagipurú ou Tajapurú enumerado entre os rios do Estado affluentes e tributaries do Amazonas; não o posso eu considerar como tal e apenas o ólho como um canal.

O Amazonas ao chegar proximo de Gurupá é dividido em dous ramos pela ilha grande de Gurupá, divisão esta que continua quando a ilha finda por novas ilhas das quaes as principaes são a Ilha dos Porcos, Ilha Grande do Vieira, Ilha do Mututi, do Limão, do Mutum-Quara, dos Macacos, do Tajapurusinho, e outras menores. Entre a Ilha dos Porcos e a terra firme, pelo lado goyanez, corre o braço principal do Amazonas. Entre a Ilha dos Porcos e a do Vieira corre o canal do Vieirinha, entre esta mesma Ilha do Vieira e a do Mututy corre o canal do Vieira, e finalmente entre a terra da margem direita do Amazonas em que está situado Gurupá e as ilhas do Mutum-Quara, Tajapurusinho, Monsarás, Boiussú, Jaburú e Santo Amaro, que umas ás outras succedem, corre o canal do Tajapurú que pela sua extensão e pouca largura, e ainda mais por encurtar caminho e serem suas aguas tranquillas, é aquelle que é geralmente preferido pelos vapores e barcos que navegam entre o Pará e Amazonas.

Alem d'estas, ainda muitas outras ilhas, que n'esta parte do Amazonas o semeiam, dão logar a outros canaes ou *furos*, como lhe chamam, como são os do Itucuará, do Jaburú, da Companhia, do Jacaré etc., os quaes todos mais ou menos directamente se communicam entre si, como muitas veves verifiquei quando por aquelles logares viagei em canôa de pouco porte. É por estes numerosos canaes que o braço direito do Amazonas escôa suas aguas divididas, tomando cada vez maior largura o canal principal até chegar á confluencia do Tocantins.

Baena marca como sendo a posição da bocca superior do canal o parallelo Sul de 0°-55′ e o meridiano 326°-10′ sendo a sua direcção OSO. A bocca inferior do canal está

do lado da villa de Breves e no rumo NNE.; da bocca superior do canal á bocca dos Breves ha a distancia de 33 legoas e á cidade do Pará 75.

ANAPÚ, PACAJÁ E JACUNDÁ

Sobre os dous primeiros d'estes rios não me consta que tenha havido exploração alguma scientifica, a não ser um estudo do sr. Ferreira Penna, e por isso limitar-me-hei ao trabalho d'aquelle incansavel prescrutador, extrahindo o que o leitor vai em seguida ler; ao sr. José Gualdino tirarei tambem algumas notas sobre o Parajá.

«O Anapú conflue com o Taueré, tendo ambos grandes cachoeiras, junto ás quaes, diz-se, chega ainda a maré durante o verão. Segue elle do S. ao N. até á ilha da Jacitara, e d'ahi alarga-se em direcção SE. a NO., formando sua primeira bahia chamada do Pracuhy, onde entra o pequeno rio d'este nome.

«Reune todas as suas aguas em um estreito de pequena extensão, chamado do Castanhal, e logo depois abre-se em uma vasta bahia que tem o nome de Cumuhy na qual entra o Rio Caxiuaná, cuja direcção é do Sul ao Norte.

«N'esta acham-se as duas ilhas Pracapira e Tajapú proximas á costa oriental.

«Da bahia Cumuhy rompe no rumo de Oeste a Leste e forma uma terceira bahia, a do Anapú, que é a menor e mais povoada de ilhas.

«Entram alli, da margem do Norte, os rios Precupijo e Curupari, e pela margem Sul sahe o furo Pacajahy, que communica as aguas do Anapú de cerca de 72 kilometros de extensão.

«O Amapú reune as suas aguas formando um *estreito* fundo e comprimido por terras altas, o qual vai sahir junto á extremidade NO. da bahia de Portel, que é formada por suas aguas e pelas do Pacajá que alli se reune.»

Pacajá — «Composto tambem de dous confluentes, o Pacajá-Grande e o Cururuhy, ambos com cachoeiras, ca-

minha ao principio por entre terras altas no rumo geral de Norte a Sul, mas ao encontrar o Pacajahy volta de repente para E. e recebe logo o Camaraipi, e, fazendo uma pequena evolução para o Norte, entra na bahia, onde se reune com as aguas do Anapú entre a Ilha Pacajahy e a ponta Manarijó em cuja face occidental está a villa de Portel.

«Esta bahia, que começa acima ao NO. de Portel, termina abaixo e a SE. de Melgaço, tomando quasi a forma de um grande S.

«Entre as duas villas, entra do lado do Sul o rio Acutipirera que é o limite entre Portel e Melgaço; logo adiante o Araperima, e do lado Norte, abaixo de Melgaço, o Tajapurú e o Tajapurú-Grande que trazem do Amazonas aguas lodosas e barrentas que nodoam e turvam as aguas cristallinas da bahia.

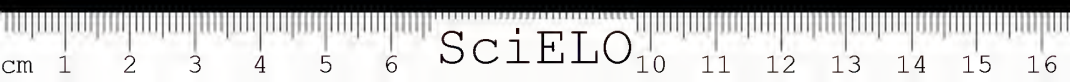
«Com suas aguas assim manchadas e reunidas, com os rios já mencionados, penetram por cinco furos ou canaes, mas principalmente pelo Carauatá e pelo Campinas, e vão sahir por onze boccas na bahia das Duas Boccas, incorrectamente dita das Bócas, de onde seguem até encontrar o Tocantins, seguindo d'ahi em diante até ao Oceano com o nome de Rio Pará ou do Pará, inteiramente independente do Amazonas.

«Na bahia das Duas Boccas, entram da Ilha de Marajó os rios Guajará, Piria, Guanaticú e Pracuuba, e da costa meridional o Jacunda com seus braços Tacuary e Jurupary-Pucú, o Tiririca, Pamauba, Mucajaluba, Araticú e Cupijó.

«N'esta bahia as ilhas mais notaveis são, perto da costa Sul, a de Murutituba, Jacundá, Pirauá, Bagre, Comprido, Aturiá, Japiim e Taluoca, e proximo á costa de Marajó as das Araras, Tabocas, Anajatuba e Murúmurútuba.»

TOCATINS

O Tocantins é formado pela reunião das aguas do alto Tocantins com as do Araguaya, as quaes se juntam proximo ao forte de S. João do Araguaya a 113 legoas de dis-

tancia de sua foz segundo Mr. de Castelnau, e 84 segundo Baena que a colloca a 1°-55′ de Lat. Sul e 327°-34′ de Long.

Para bem comprehendermos a extensão do seu curso, o quantidade de rios seus affluentes, e os pontos tão distantes a que elles attingem em suas extremas ramificações, basta, lançando os olhos sobre o mappa do Brazil, verificar que elle abrange com seus dous ramos mais até ao Sul do Brazil do que nenhum outro dos affluentes do Amazonas.

Ou se admitta, segundo uns, que suas ultimas nascentes são o Tocantins pequeno, ou segundo outros o Maranhão, que a pequena distancia de *Agua-quente* se reunem, vê-se que elle e o Araguaya, cujas nascentes vão até ao Corrego das Duas Pontes, nas faldas da serra do Cayapó abrangem em Lat. Sul o espaço comprehendido entre 1° e 19°, e em Long. não menor espaço que 8°

O ser o Tocantins em grande parte formado pelas aguas do Araguaya obriga-me a fallar d'elle embora comprehendido n'um espaço que já está fóra dos limites das provincias do Pará e Amazonas.

As suas nascentes que são situadas proximamente ao affluente do Paraguay chamado Piquiry, estão mais ao Sul do que as nascentes do Tocantins, como deixa vêr o mappa do Imperio levantado pela commissão official em 1883, e egualmente o mappa publicado em Gotha na collecção Peterman em 1881 e revisto em 1887. A sua direcção media é a de NNE. e suas aguas banham uma extensão de cerca de 1:800 kilometros, segundo o relatorio de Moraes Jardim, tendo de sua confluencia com o Tocantins até aos limites do Estado de Matto-Grosso apenas 600 kilometros e cerca de 1:200 no territorio d'aquelle Estado.

Cumpre advertir que as opiniões diversificam quanto á extensão do seu curso; assim Castelnau dá-lhe 480 legoas, o que muito differe da apreciação de Jardim ainda dando ao Tocantins 113 legoas depois da confluencia até á bocca. D'Arlincourt attribue-lhe 370 legoas; outros só lhe dão 300 (*Viagem em redor do Brazil* do dr. Severiano da Fonseca).

A sua mais remota origem parece ser o Corrego das

Duas-Pontes descido das abas septentrionaes da serra do Cayapó. Como o Pitombas, contravertente do Taquary, encontra tambem cabeceiras entre o Piquiry e o Sant'Anna do Paranahyba, a meio dos parallelos 18° e 19°.

Não é elle conhecido em todo o seu curso com o nome de Araquaya, pois de suas origens até á juncção do Rio do Barreiro ou do Cotovello é chamado Cayapó-Grande, e d'ahi em diante toma o nome de Araguaya.

Na parte em que é conhecido com o nome de Cayapó-Grande tem cerca de 500 kilometros, e são seus affluentes pela direita os seguintes cursos de agua:

O Bonito—Com 120 kilometros de curso; o *Cayapó-Mirim* com 150 kilometros, nascido na Serra da Sentinella, é engrossado pelas aguas do *Piranhas* e *Santo Antonio*; rio das Almas, vindo da mesma serra e formado pelo Ponte-Alta e Ribeirão dos Bois; rio Claro ou Diamantino, grande curso descido da Serra de Santa Maria aos 17°-30' de Lat. e augmentado polas correntes do Santo Antonio, braço de mais de 400 kilometros, nascido na Serra Escalvada; e Pilões, um pouco menor, que recebe o *Fartura* oriundo da *Serra Dourada*, e o S. Domingos.

O Agua Limpa—Nascido na *Serra Dourada* que recebe á direita o Guarda-Mór, e á esquerda o Mamoneiras e sahe abaixo do antigo ponto do destacamento Itacayú.

O Vermelho—Nascido na *Serra do Ouro Fino*, ramo da Geral ou cordilheira do Estrondo; seu curso é de mais de 300 kilometros dos quaes 180 de livre navegação, desde o porto do Travessão a 12 legoas da capital, indo sahir no *Rio Grande* de onde a este se muda o nome em Araguaya. O Vermelho recebe á direita os rios Bugres, Boa-Vista, Ferreiros (de mais de 100 kilometros de curso), Lambary, Vermelhinho, e á esquerda, o Cochambú, Estrella, Forte, Ubá, Taquaral ou Indios Grandes (de mais de 100 kilometros) e o Tiquihé.

O Rio do Peixe ou Thesouras—Com um curso de 180 kilometros, nascido na serra do carretão.

O Crixa—Maior de 200 kilometros formado pelo Cri-

xa-assú e Crixa-mirim, vem da serra de S. Patricio, e a sua foz dista 90 kilometros da foz do Vermelho, suas nascentes distão pouco da Capital de Goyaz e é um dos maiores affluentes do Araguaya.

O Chavantes—Que vem da serra Pintada.

O Tucupá ou Pequeno e o *Javahés*, nascidos na serra do Estrondo. O Gavahés tem mais de 150 kilometros de curso.

Pela margem esquerda contão-se:

O Pitombas—Vindo das Serra das divisões.

O do Baneiro—Com um curso de mais de 300 kilometros e a largura média 200 a 300 metros nascido nas abas orientaes da Serra das divisões.

O Alagado—Rio de 80 a 100 kilometros e que desemboca junto ao porto da Piedade.

O Cristallino, *Mariembevó* ou *rio das Matrinchaus* – Nasce perto do 15.º parallelo na divisoria das aguas orientaes do rio das Mortes e occidentaes do Araguaya, com um curso de 200 kilometros e largura média de 800 metros e 5 de profundidade que ás vezes se reduz a um metro; lança-se no Araguaya á esquerda da ilha do Bananal.

O rio das Mortes, *Inaberó dos carajás*—tem area de oitocentos kilometro de extensão. D'Arlincourt dá-lhe cerca de 150 legoas; nasce com o nome de *Rio Manso* a 180 kilometros ao N. O. da cidade de Cuyabá, e a uns 25 das fontes de Aricá-mirim, braço de Cuyabá. Cumpre não o confundir com o ribeiro do mesmo nome e cuja foz é a 100 kilometros acima d'aquella capital. Suas vertentes mais remotas achão-se entre o logar de Guimarães, antiga Santa Anna da Chapada e as cabeceiras do Paranatinga do qual é contravertente.

Attribuem ao *rio das Mortes* uma largura de mais de 200 metros, chegando a ter alguns kilometros. Ricardo Franco dá-lhe umas 150 leguas de curso, afora o rio Manso; o sr. Couto de Magalhães calcula-o em 200. Tem um curso livre de 300 a 400 kilometros; depois segue-se uma zona encaixoeirada, cortada por 123 cachoeiras, com 12 varadouros, 28 sirgas sem carga e 83 a meia carga.

O outro braço que é oriental e que vem com o nome que o rio guarda, desce das Serras das Divisões, nos ribei-rões do Roncadôr; vae em rumo de NO a entroncar-se no Manso, logo abaixo do ribeirão do Arayés ou Araes.

O rio das Mortes lança-se por duas boccas no braço esquerdo do Araguaya, além do meio da grande ilha do Bananal e 195 kilometros abaixo da bifurcação do rio; sua largura nas barras é de 140 metros em uma e 180 em outra com tres metros de profundidade.

O triste nome que tem provém da grande mortandade que houve em consequencia da epidemia em uma das primeiras bandeiras que por alli andaram.

O rio da Casca — tem um curso de mais de cem kilometros.

O Tapirapé, *o Manambaro* ou *rio das Pedras* — É de curso talvez egual ao *das Mortes*, bastante largo e profundo; entra no Araguaya 108 kilometros abaixo da foz do Rio das Mortes.

O Cujará—Lança-se quasi fronteiro á ponta septentrional da ilha do Bananal ou de Sant'Anna.

O Aquiquy — E o Gradahús ambos rios pouco importantes [1].

É muito notavel a *Ilha de Sant'Anna* situada no Araguaya 72,2 kilometros abaixo da foz do Crúxá; divide o rio em dous braços, sendo por elle banhado no braço esquerdo em uma extensão de 477 kilometros; a sua area é calculada sobre uma extensão de 70 legoas por uma largura de cerca de 20 legoas; ao braço direito chamam *Carajahy* ou do *Bananal*, e este nome tambem é dado á ilha o braço esquerdo conserva o nome do rio. Segundo Moraes Jardim, que explorou muito este rio, o braço principal tem uma largura de 259 e uma profundidade de 3,3 metros ao passo que o outro achava-se, quando o viu, reduzido a um regato de 0,50 metros de profundidade quando

---

[1] Tudo quanto fica escripto sobre affluentes do Araguaya é tirado da obra do dr. Severiano da Fonseca, *Viagem em roda do Brazil.*

muito. O rio ao findar a ilha apresenta 1:200 metros de largura.

Ainda abaixo d'esta ha uma outra ilha com 10 ou 12 legoas de extensão formada por um furo ou canal chamado de *Maria do Norte*.

Entre o presidio de Santa Maria e a confluencia com o Tocantins desce o Araguaya encachoeirado por um espaço de 600 kilometros, e por sua vez tambem o Tocantins assim continúa por um espaço de 448 kilometros até Santa Helena de Alcobaça.

Diz o sr. Severiano da Fonseca que a extensão total do Araguaya é de cerca de 2:200 kilometros dos quaes grande parte de difficil navegação e 330 de navegação franca, dividida esta em dous tractos, um de 176 entre a cidade da *Boa-Vista* e a da *Carolina* no Maranhão; e o outro de 150 entre a confluencia do Araguaya e a villa da Imperatriz.

É proximo ao 6.º parallelo que tem logar a confluencia.

Antes de fallar da parte commum aos dous rios que é o do Baixo-Tocantins, procurarei reunir o que encontro de mais conveniente para o meu trabalho sobre o seu curso superior.

Já ao começar a tratar do Tocantins e Araguaya disse que ambos estes rios, por sua grande extensão, pertencem ao systema de rios que tem sua origem no chapadão do Amazonas que em si comprehende tambem o Xingú, o Tapajós, o Baixo-Madeira e Guaporé, e sobre o Araguaya copiei o que de melhor achei nos trabalhos de Moraes Jardim e Severiano da Fonseca. Quanto ao Tocantins, os seus principaes affluentes são, segundo Baena, pela margem esquerda ou occidental, o *Crumijó*, *Tapauucú*, *Tabatinga*, *Trucará*, *Ilha dos Santos*, *Caraipé*, *Mucuroca*, *Almas*, *Arara-Mirim*, *Arara-Grande*, *Arapary*, *Pucuruhy*, *S. Miguel*, *Remansinho*, *Pirocaba*, *Agua de Saude*, *Lago Vermelho e Tacayunas*.

Pela margem direita ou oriental recebe os rios: *Icatú*, *Leinão*, *Matacurá*, *Cachoeirinha*, *Patos*, *Arapera*, *Murú*, *Tauá*, *Cayauxa*, *Ipitinga*, *Cunauá*, *Macauan*, *Jacundá*, *Pirabanha*, *Aréas*, *Suruby*, *Manoel Alves Grande*, *Manoel*

Alves Pequeno, Sono, Crixá, Palma, S. Felix, Preto, Maranhão e Álmas.

Entre estes, alguns são importantes, como sejam o Ipitinga que quasi vai encontrar o Mojú. O Cunauá tem sua origem proxima ao Mojú, o Macauan tambem se liga ao Mojú, e era aproveitando-se da grande extensão de terras banhada pelo Mojú e alguns de seus affluentes, que o piloto José Velloso Barreto, auctor de um mappa do Tocantins, publicado em Lisboa em 1877, queria estabelecer o transporte de gado do Tocantins ao Pará (capital).

O Agua de Saude deve o seu nome á crença não só de antigos como de modernos exploradores de que é poderoso remedio para muitos soffrimentos o uso de suas aguas.

Tambem conta o Tocantins algumas ilhas que enumeradas desde Baião são: a *Ilha do Espirito Santo, Ilha do Tijucussu, Ilha do Ipabu, Ilha do Tauhuá, Ilha Criouli-nho, Ilha dos Santos. Ilha das Pacas, Ilha do Arco, Duas Ilhas Cunauhá, Duas Ilhas Pitaocas, Ilha Sumauma, Ilha do Inglez, Ilha do Igarapé S. Miguel, Ilha do Furinho, Ilha do Furo do Chiqueiro, Ilha do Cocal, Ilha do Tocantins* (formada pelo furo do Chiqueiro e pelo Capitarycoara), *Ilha do Areão e Ilha das Guaribas.* Estas ilhas ficam todas abaixo da bocca inferior do Paraná-Mirim da Itaboca. Acima d'esta bocca fica a *Ilha da Itaboca*, e em frente á bocca superior da Itaboca está a *Ilha do Meio*, e depois seguem-se a *Ilha de Forá, Ilha do Gorgulho, Ilha do Chico, Ilha do Franco, Ilha do Ananaz, Ilha do Capello, Ilha da Bagagem, Ilha do Alexandre, Ilha do Pimentel, Ilha da Arara-Coara, Ilha da Sumauma, Ilha de Santo Antonio, Ilha da Praia-Alta, Ilha do Mandu-Pixuna, Ilha da Rainha, Ilha do Cardoso, Ilha do Lago Vermelho e Ilha do Jauré*, (esta ilha fica quasi em frente da bocca do Lago Vermelho, um pouco mais acima, em frente ao Morro.)

As notas que acabo de escrever extrahi-as de um roteiro descriptivo levantado pelo capitão-tenente Parahybuna dos Reis, em 1863.

Da parte inferior do Tocantins, isto é de sua confluen-

cia com o Araguaya até á foz que mede 504 kilometros, 364 são de livre navegação, desde a foz até á primeira cachoeira que é chamada *Tapaaiuna-Guara;* abaixo d'esta existe uma pequena cachoeira conhecida pelo nome de *Cachoeirinha* que não é sensivel na estação da cheia do rio e o mesmo acontece com o *Travessão dos Patos;* até este ponto existe uma navegação regular a vapôr, subvencionada pelo estado, e é n'esta zona que existem os maiores centros de população, a qual é calculada em 150 mil almas para a zona sarjada pelo Araguaya e Tocantins, e situada em suas margens.

No baixo Tocantins as principaes povoações são Cametá, Mucajuba e Baião.

Cametá é uma das mais antigas povoações da provincia, e teve o seu principio em uma aldeia de indios cujos missionarios eram frades de Santo Antonio.

Em 1634 foi doado com todas as suas terras como capitania pelo governador de Maranhão a seu filho Feliciano Coelho; no anno seguinte foi elevada a cathegoria de *villa* mas só gosou de suas prerogativas quando depois foi encorporada aos dominios da corôa.

Em 1835 foi baluarte inexpugnavel em favor do governo quando a revolução chamada a cabanagem, avassalava toda a provincia.

Em 1848 foi elevada a cidade; está situada á margem esquerda do Tocantins, a 72 kilometros de sua bocca e a 172 kilometros 760 metros da capital, é a povoação mais importante da provincia com excepção de Santarem; conta 350 casas, muitas de boa construcção; um magnifico caes de cantaria guarnece-lhe a frente o qual tem custado não poucas centenas de contos. O municipio de Cametá conta 17:385 habitantes, segundo um recenceamento feito ha bastantes annos.

As cachoeiras do Tocantins são, segundo Baena, 27, mas cumpre notar que elle enumera sómente aquellas que ficam dentro dos limites do Estado do Pará, cuja chorographia elle escrevia. Assim, a ultima que elle enumera é a

chamada Sêcco do Curuá, que, como elle diz, é o limite commum do Pará e Goyaz, mas logo em seguida a estas se encontra a cachoeira das *Tres Barras* proxima á villa Corolina actualmente despovoada, e ainda adiante se encontram outras cachoeiras, como a do *Lageado*, a dos *Pilões*, etc.

Quanto ás 27 que se acham no territorio paraense, ainda ha divergencia no modo porque são consideradas, pois que o empedramento que por uns é considerado como uma só cachoeira é por outros dividido em diversas; o que um chama *corredeira*, outro classifica como *travessão*, o que este chama travessão aquelle denomina cachoeira.

Os nomes que geralmente lhe são dados são os seguintes, que para maior intelligencia se acham consignados em um mappa levantado em 1863, e no roteiro figurado levantado pelo sr. capitão-tenente Parahybuna dos Reis em 1864 tambem são esses mesmos nomes adoptados.

1.ª Tapaiuna-Quara.
2.ª Guariba.
3.ª Vita-Eterna.
4.ª Tucumanduba.
5.ª Uerapépoaquina.
6.ª Cunauá.
7.ª Pitaoca.
8.ª Chiqueiro.
9.ª Inferno.
10.ª Furo da Itaboca.
11.ª Tortinho.
12.ª José Correia.
13.ª Cachoeira-Grande.
14.ª Apinagé.
15.ª Cajueiro.
16.ª Capellinha.
17.ª Valentim.
18.ª Mandupixuna.
19.ª Pinaquequará.
20.ª Praia-Alta.
21.ª Boqueirão do Tauiri.
22.ª Sêcco grande.
23.ª Defuntinho.
24.ª Tauirisinho.
25.ª Mãe Maria.
26.ª Serra Quebrada.
27.ª Sêcco do Curuá.

Antes d'estas encontra-se proximo ao rio Matacurá uma pequena cachoeira chamada Cachoeirinha que só é sensivel na vasante do rio. A elevação periodica das marés faz-se sentir até 42 legoas acima da bocca proximamente á cachoeira.

A existencia das cachoeiras tem sido um embaraço para o engrandecimento das provincias banhadas pelos dous grandes rios, e supposto que apezar d'ellas o commercio tenha augmentado, subindo a uma centena de contos a importancia dos generos que em botes descem o rio, e outro tanto a dos que sobem, nem porisso deixa de ser obvio que os repetidos sinistros a que esta navegação dá logar, tornam impossivel uma troca de productos rapida e regular, pois não ha companhias de seguros que tomem taes riscos, bem como as repetidas descargas, e a grande demora na navegação.

Em uma obra recente publicada no Rio de Janeiro, encontro uma nota do tempo gasto em vencer esta navegação desde a cachoeira *Vita a Eterna* até á do *Porto Real*. Diz ella: «A navegação do Tocantins até á cachoeira *Vitam eternam*, segundo Cunha Mattos, não é trabalhosa; esta cachoeira e o serro de Guanua, vence-se em tres dias; a cachoeira Itaboca em quatro; a cachoeira do Tauiri em doze dias; do Tauiri á foz do Araguaya vai-se com facilidade; da bocca do Araguaya á Serra Quebrada em dez dias; á cachoeira de Santo Antonio em tres dias; á cachoeira das Tres Barras oito dias; ao Serro do Curuá tres dias; á entaipava de Sant'Anna tres dias; a entaipava de Sant'Anna vence-se em um dia; da entaipava ao estreito um dia; á Ilha de S. José um dia; a S. Pedro de Alcantara dous dias; ao rio do Somno, distante 43 leguas, oito dias; ao Funil tres dias; ao Lageado 27 dias, aos Maxes um dia; a Pilões um dia; ao rio de Santa Luzia dois dias; á entaipava do Johú dois dias; e ao Porto Real quatro dias.

Esta navegação do Tocantins, assim como a do Araguaya, tem uma importancia extrema para a Republica, e obedecendo ás mesmas razões que me fizeram pronunciar pela utilidade da linha ferrea Madeira-Mamoré, tambem sou favoravel á construcção de uma linha ferrea que pelo menos annule as difficuldades de transito na parte encachoeirada desde o travessão dos Patos até onde ha navegação a vapor para Santo Anastacio.

Ainda não ha muito, na Assembléa Provincial do Pará, foi apresentado e votado um projecto, dando os meios para esta linha ferrea, que iria ligar-se á linha de navegação a vapor do rio. No memorial que foi apresentado á Assembléa dizia-se que esta distancia poderia ser encurtada empregando a somma que devia ser gasta n'esses kilometros, na desobstrucção de alguns pontos do rio. Tão claramente me pronuncio em favor d'estas obras de cuja utilidade participariam os habitantes de Goyaz, dos sertões da Bahia, Maranhão e Pará pelos seus affluentes, rio das Palmas, rio Paraná, e Maranhão, que fariam chegar a vida commercial ao mais recondito centro da Republica pelo Tocantins e Araguaya e seus tres affluentes, Vermelho, das Mortes e Tapirapé, o primeiro navegavel até 40 kilometros, alem da capital de Goyaz; o segundo com uma extensão navegavel de cerca de 400 kilometros; o terceiro finalmente dando livre accesso por 135 kilometros, chegando a pontos tão distantes a vida social, assegurando ao mesmo tempo a integridade do Brazil e a sua deffeza—como me manifesto adversario a tentativas mal estudadas e perigosas, como são a alteração do systema de um rio, ou desobstrucção de tão importantes caudaes em que não ha orçamento seguro, como ainda ha pouco aconteceu com o canal do isthmo de Panamá nas obras do rio Chagres bem menos volumoso do que os nossos, trazendo a perda de milhares de milhões de francos.

Acredito nas vantagens da navegação do Tocantins e Araguaya ligada á da parte inferior do Tocantins por uma linha ferrea que vença a região encachoeirada, e a sua exequibilidade é mostrada pelo estudo consciencioso do engenheiro Lagos; mas no que não acredito é que, reduzindo a linha ferrea a menos de cem kilometros, se encontre vantagem em tentar um incerto labor de desobstrucção de canaes, desobstrucção que ainda não foi estudada, e cujas facilidades são boas para figurar em prospectos destinados a chamar accionistas.

Felizmente depois de contractos mais ou menos bons,

mas não levados a effeito, resolveu o governo federal realisar a estrada, começando ella em Cametá até Santo Anastacio, projecto que torna mais extensa a estrada, pois lhe addiciona a parte entre o ponto de partida até ahi escolhido em Alcobaça proximo ás primeiras cachoeiras, especialmente para a colonisação.

O certo é que a questão é de bastante importancia para que o governo não descure d'ella e antes a auxilie efficazmente. Esta empreza, assim como a da estrada-ferrea Madeira-Mamoré, são dos mais importantes comettimentos a que o governo do Brazil pode applicar a sua attenção, pois importam o dar vida e desenvolvimento, augmentando a agricultura, industria e commercio, não de um, mas de seis estados da Republica, consolidando a organisação politica recente, ligando-os pelos laços mais fortes que são os do interesse, assegurando a deffeza de pontos extremos da união federal, e finalmente accentuando a preponderancia do Brazil para com a Bolivia e o Paraguay, entrando forte na communhão dos povos Sul-americanos, dos quaes até agora tem estado cortado, isolamento que só pode ser-lhe nocivo.

O meu comprovinciano José Gualdino, no bello trabalho que começou sobre as regiões amazonicas, diz elegantemente em um dos seus capitulos, fallando do Tocantins e tomando por thema um periodo do livro de Orton:

«O Tocantins, o explendido rio que rega a região do mais delicado clima do Brazil, correndo sobre leito de diamantes, de rubis, de saphiras, de topasios e opalas, de ouro, prata e petroleo, tem, segundo Castelnau a largura media de 1:800 metros e uma corrente de 3/4 de milha por hora. Com seus seis grandes tributarios, é superior a qualquer rio da Europa, mesmo ao Danubio. As terras por onde sarjam 3:000 milhas de estradas que andam, estão ligadas a extensa planicie que na juncção do Tocantins com o Araguaya mede 200 pés acima do nivel do Oceano, que em Pongo de Mausseriche tem 1:160 de elevação, segundo Humboldt, na foz do Mamoré 800, segundo Gibbon, na

confluencia do rio Negro com o Cassiquiari 400 segundo Wallace, que em Tingo-Maria no Huallaga chega a 2:200 pés segundo Herndon, que em Coca no Napo eleva-se a 850 segundo Orton, e segundo Castelnau na confluencia o Vermelho com o Araguaya encontra-se na altura de 705 pés.»

O Tocantins não é um rio deserto nem desconhecido como o Araguaya; os primeiros exploradores de que se pode colher noticia são o padre capucho Fr. Christovão de Lisboa em 1625, e o chefe de bandeira, paulista Manoel Corrêa. O celebre padre Antonio Vieira em 1653 subiu o Tocantins, partindo de Belem a 13 de Dezembro; chegou á grande e perigosa cachoeira da Itaboca a 28.

Gonçalo Paes e Manoel Brandão em 1669 percorreram as terras do Tocantins até ao Araguaya. Em 1673, sendo os indios Guarajús perseguidos pelo mestre de campo paulista Paschoal Paes de Araujo, que á frente de uma bandeira levantada á sua custa atravessára os sertões, e procurara captival-os, elles pediram soccorro ao governador do Pará, Pedro Cesar de Menezes, e este mandou o capitão Francisco da Motta Falcão, mas sem ordem expressa de bater a bandeira; no seu regresso o dito capitão trouxe um descimento de Tupinambás que voluntariamente o acompanharam.

Segundo Baena, ainda em 1675 aquelle rio foi navegado até ás terras dos Guarajús, pelo padre Antonio Raposo Tavares, vindo de Lisboa encarregado da inquirição do mesmo rio, e da procura de metaes preciosos. Regressou tendo padecido trabalhos estereis.

Ainda por ordem do governador Bernardo Pereira de Berredo, foi navegado o Tocantins em 1720 pelo capitão Diogo Pinto de Gaia, que devia explorar o Araguaya, mas por este rio apenas navegou cerca de cem legoas.

No anno de 1721, o jesuita Manoel da Motta navegou o Tocantins até passar o boqueirão de Tauiri, e penetrar no rio Tacaiuna e ir catechisar os indios do mesmo nome e os Guaranizes.

O sargento-mór João Pacheco do Couto deu em 1731 noticia das minas de Natividade, e o governador de Goyaz, José Cabral de Almeida e Vasconcellos, procurando estabelecer as primeiras relações commerciaes entre aquella provincia e o Pará, creou na ilha do Bananal, de que já me occupei, a aldeia da Nova Beira em 1771.

Segundo o excellente trabalho do sr. Moraes Jardim, uma nova bandeira vinda de S. Paulo, guiada pelo capitão mór Antonio Rodrigues Villares, desceu em 1746 pelo Araguaya ou Paraupeba, nome com que era designado o Tocantins; e em 1780 o governo do Pará, querendo povoar o Tocantins, fundou na margem direita entre a Cachoeirinha e Tapaiunaquara a aldeia de S. Bernardo das Pederneiras, e a de Alcobaça, seis kilometros abaixo do ribeirão de Caraipé, de onde foi transferida para a ilha do Arapapá entre Tapaiunaquara e Guaribas com o nome de Arroyos.

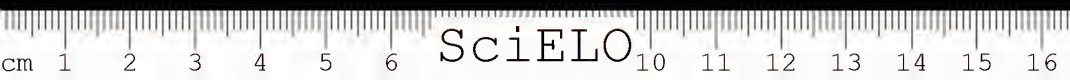
A sollicitude que mereceu ao governo da metropole portugueza as communicações com Goyaz, ainda nos é revellada pela assistencia que as authoridades davam a qualquer exploração; assim é que em 1780, os commerciantes do Pará organisaram uma expedição para explorar o Araguaya a qual o governador do Pará, Tristão da Cunha Menezes patrocinou; partiu do Pará a 5 de Fevereiro de 1781 e chegou a Goyaz a 21 de Abril, regressando a 22 de Dezembro de 1782 partindo da confluencia do Ferreiro com o Vermelho a 12 legoas de distancia da capital; e não só por este meio como por favores concedidos aos moradores d'aquelles rios e aos que se empregavam no commercio e navegação d'elles, taes como isempção de direitos etc., procurava o desenvolvimento geral d'aquelles logares.

Em tempos mais modernos (1844) temos a viagem de Mr. de Castelnau até *S. João das Duas Barras*. Em 1846 a do Juiz Municipal Rufino Segurado, que desceu o rio até ao Pará, de onde de novo partiu a 19 de Maio d'esse anno, subindo-o até 22 legoas de distancia da capital, no porto de Thomaz dos Santos que alcançou a 6 de Fevereiro de 1848.

Ainda o sr. Olimpio Machado, presidente de Goyaz, executou alguns trabalhos de desobstrucção no rio Vermelho, e fundou o presidio de Leopoldina, na confluencia d'aquelle rio com o Santa Maria. Finalmente o sr. dr. Couto de Magalhães, que descera o Araguaya e o Tocantins em uma extensão de 2:000 kilometros até Belem, no anno de 1864, depois de varios estudos durante a sua presidencia no Pará para vencer as difficuldades da grande cachoeira Itaboca, sobre o que existe escripto um relatorio do capitão-tenente Parahybuna dos Reis, ao qual acompanhou um roteiro figurado—leva a effeito a idéa suscitada pelo presidente de Gouyaz, Gama Cerqueira, da navegação a vapor do Araguaya entre Januaria e Leopoldina. A tenacidade do sr. Couto de Magalhães, tenacidade que lhe ia custando a vida em um naufragio, se deve o incremento que tem tomado o commercio d'aquellas localidades, pois hoje os generos que vem ao Pará já occupam uns sessenta botes dos chamados mineiros que servem para aquella navegação dos dous rios.

O sr. Couto de Magalhães transportou uma lancha a vapor de Cuyabá a Leopoldina por sertões invios, e iniciou a navegação entre os pontos indicados, isto é em uma zona de 921 kilometros.

Hoje as cousas parecem encaminhar-se a que, vencendo a zona encachoeirada com uma estrada ferrea que conforme a ultima decisão do Governo Federal irá de Cametá a Santo Anastacio, desapparecerá o grande obstaculo que encontravam as duas provincias ao seu crescimento e um novo elemento de riqueza viria opulentar o Estado do Pará.

Em outras epochas abundaram as nações de indios nas margens do Tocantins e Araguaya, taes como os Timbiras, Carajás, Gavião, Peiquicés, Chavantes, Tupinambás e Apinagés, etc. Hoje o numero d'elles é muito resumido; o sr. Ferreira Penna em sua narração de viagem apenas encontrou alguns Anambés, pois os Tupinambás, Amanajás, Apinagés, nações muito guerreiras, acabaram ou nas guerras com os portuguezes-invasôres, ou uns contra os

outros, ou no captiveiro mascarado em catechese, como o faziam os jesuitas.

REUNIÃO DE DIVERSOS RIOS FORMANDO O CHAMADO SEGUNDO BRAÇO DO AMAZONAS

Seguindo o methodo que tenho adoptado n'este trabalho, deveria agora tratar dos rios que depois do Tocantins se apresentam pela margem direita, mas parece-me que tem reinado uma singular confusão no modo porque são considerados estes rios em relação áquelle que passa em frente da capital do Pará e em relação ao rio Tocantins.

Esta confusão é, quanto a mim, nascida de serem ou não as aguas que vem desde o Tajapurú, Aturiá, e Jaburú, engrossadas pelas dos rios Pacajá, Jacundá, Tocantins Pracuuba e muitos outros, partindo da ilha de Marajó a lançar-se na bahia do Goyabal consideradas como formando um braço do Amazonas, o qual depois ainda seria augmentado com as aguas do Acará, Mujú, Capim, Guama, etc.

Não tenho conhecimentos, nem como geographo nem como hydrographo, que me dêem a precisa authoridade para decidir esta questão, quando Orton e outros a isso se não atreveram; seja-me porém licito o apresentar a minha opinião e as razões em que a baseio, embora seja ella contraria á do maior numero, e tambem a um certo e desculpavel orgulho que tem os brazileiros em dizer que o seu rio gigante conta quasi 50 legoas de embocadura, dando o canal que passa junto a Macapá como um braço, e o que passa junto a Belem, como ficando a grande ilha de Marajó no centro.

Penso que o embocadura do Amazonas é a que tem a sua parte extrema no canal entre a costa de Macapá e as ilhas do Mututy, Marajó, etc.

Quanto ás aguas que correm entre a face opposta da Ilha do Marajó e as terras em que está situada Belem e Vigia, eu não as considero como um braço do Amazonas, não só pela pequena quantidade das aguas d'este que cor-

rem pelo Tajipurú, Aturiá e Jaburú comparativamente á grande massa de aguas do Amazonas, como tambem em relação ao grande volume das aguas fornecidas pelo Jacundá, Pacajá, Pracuuba, e Tocantins que com as que são dadas pelos rios da ilha do Marajó, Guajará, (1) Mutuacá Piriá, Canaticú, Pracuuba, formam a quasi totalidade das aguas que vem lançar-se na bahia de Goyabal, seguindo para o mar depois de engrossadas ainda pelos abundantes tributos de Mujú, Acará e Capim.

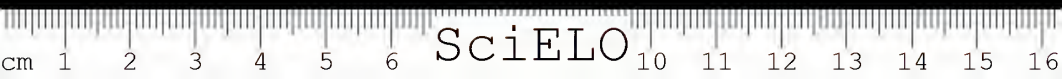
E não se pense que é sómente a relação dos volumes e aguas do Amazonas que correm por um e outro lado da ilha de Marajó o que me induz a crêr no que acabei de expôr; o aspecto do terreno e da Flora nas duas boccas confirma o meu pensar.

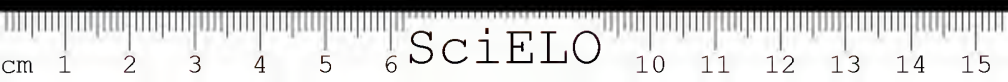
Para o lado SO. da ilha de Marajó abundam as mattas, e para o de NE. abundam os campos; na primeira as terras são ferteis, no segundo o são muito menos. No pri_ primeiro abundam as madeiras de construcção, que faltam no segundo. Na costa da ilha banhada pelo Amazonas, os terrenos são baixos, argilosos, lamacentos e pelo lado do Tocantins abundam as praias de areia.

Mas além d'estas razões tenho ainda em favor da minha opinião que o estudo da forma que tem o espaço occupado pelas aguas, desde a bahia do Goyabal em frente á foz do Tocantins, até Melgaço a confirma, pois, em vez de ser um rio regular em sua forma, apresenta a de uma serie de bahias ligadas umas ás outras, e que não mostram sua grandeza em consequencia das muitas ilhas que apparecem em meio d'ellas.

O mesmo estudo do movimento das aguas n'este espaço mostra que não é elle um braço do Amazonas. De facto em quanto no ramo que banha a costa occidental da ilha de Joannes e as terras de Macapá existe sempre uma

---

(1) Não se confunda este rio da Ilha de Marajó com o de egual nome que passa em frente á cidade de Belem tambem chamado rio do Pará.

Rio de Manoel Alves
Remancinho
Rio do Somno
Ilha do Gorgulho
Ig. do Lageado
Cax. do Lageado
Cax. das Marés
Cax. dos Piloens
Entaipaba
Ig. de Sta Luzia
Ilha do Jau
Taquara-assú
Ig do Mangue
Encupaba da Malança
Porto real do Arraial do Pontal
Carmo
8°
9°
10°
11°
328°
329°
330°
CONFIGURAÇÃO
DO
Rio Tocantins
Desde a Cidade de Camutá, até o Porto real do Arraial do Pontal e Carmo
COPIADA POR
Constantino P. C. da Motta
Desenhador da Repartição das Obras Publicas na Provincia do
PARÁ
1863
Longitudes Orientaes á Ilha do Ferro

Cidade de Camutá
Mangabeiras
Villa de Baião
Caxoeirinha
Ilha do Esp.to Santo
Lago
Villa do Parana myrim
S. Bento
Joaquim Aleixo
Caxoeirinha
Rio Surubijú
Ultima Feitoria
Sta Cruz
Indios Jacundás
Alcobaça
Ilha do Carurá
Cax. Pitaóca
Lago Chiqueiro
D'aqui principia o canal do Tauiri
Salinas
Rebojo da Saude
Ilha do Mandú pixuna
Aqui finda o canal de Tauiri
Ilha da Reinha
Cax. Mãe Maria
Lago Vermelho
Posição que foi do Destacamento de Minas; logar mui ameno e apra zivel, e por isso apto para colonia
Bacabal
Rio Tacaiuna
Braço Superior do Rio Tocantins, bordado de Campos de uma e outra banda
Campos dos Frades
Praia da Viração
Indios Gaviões
Limites do Pará e Goyaz
Indios Coupe-lobos
Destacam.to do Araguaia
Rio Araguaia
Indios Apinagés
Cax. de Sto Antonio
Secco do Caruá
Ig. do Pinaré
Cax. das tres Barras
Villa Carolina
Sta Anna
Ilha de S. José
Ig. do Temembó
Graus de Latitude Austral

forte corrente para o mar, no ramo de que me occupo e que querem considerar como segundo braço do Amazonas, o phenomeno opposto é observado; a corrente varía com as marés, e é tão violento o poder da enchente no Tagipurú e tão forte contra a corrente das aguas que querem attribuir ao Amazonas, que por vezes me aconteceu depois de trabalhar seis horas á espía contra a enchente ter andado tão pequeno espaço que ainda avistava o logar de onde partira no começo da maré.

Por outro lado, lançando os olhos para o mappa d'esta parte da provincia do Pará, e notando a direcção media do rio que querem considerar como braço amazonico, e a direcção do Tocantins em relação ao rio que passa em frente a Belem, salta aos olhos que este parece ser a continuação do Tocantins, e o supposto braço um affluente do Tocantins.

Por esta razão é que, rigorosamente fallando, tendo eu n'este meu trabalho tratado dos *rios affluentes do Amazonas* por uma e outra de suas margens, não devia tèr incluido n'esta rubrica o Pacajá, Jamundá, Pracuuba e o Tocantins, mas se o fiz foi pela intenção que tinha de fallar d'este assumpto detalhadamente e então dar a minha justificação.

Dada ella, continuarei com a déscripção dos rios que se apresentam augmentando o volume de aguas que banham por este lado a ilha de Marajó até alcançarem o oceano.

N'este espaço coberto por agua que já não é somente a do Tocantins, não sendo tambem um braço do Amazonas, lançam varios rios, que em seguida enumero, suas aguas.

MOJÚ

É este um dos bellos rios da provincia do Pará com um bello curso muito extenso que se suppõe de mais de 600 kilometros com uma largura em grande parte do seu curso superior a 2 kilometros. Empreguei a palavra *suppõe* e com vergonha o digo, pois que com sua embocadura a uma hora

capital, vendo que pelo canal de Igarapé-Mirim se acham suas aguas ligadas ás do Tocantins, recebendo a 30 kilometros de bocca o Acará pela sua margem direita, e a grande distancia da foz pela margem esquerda, o extenso rio Cairary, do qual por um affluente se passa ao Tocantins abaixo de Mocajuba, em frente á ilha do Tamanduá, habitado em uma extensão de mais de 400 kilometros—é comtudo muito pouco conhecido na ultima parte do seu curso, assim como no dos seus affluentes. O Cairary, seu affluente de muita extensão, é tambem muito pouco explorado.

O volume de aguas do Mojú enriquecido pelas do importante rio Acará, e reunido ás do Guamá (impropriamente chamado assim), é que formam o rio Guajará ou rio do Pará.

GUAMÁ

É assim chamado o rio que unido ao Capim se lança no Guajará ou rio Pará, a uma milha de distancia da capital. É mal cabida a denominação de Guamá, pois que o rio principal é o Capim que tem um curso de 900 kilometros, em quanto que o Guamá apenas tem 300, accrescendo que a direcção do Guamá é inteiramente divergente da que tem o rio até á sua foz.

No proprio ponto de confluencia de um com o outro, tem o Capim uma milha de largura, em quanto o Guamá apenas tem 200 metros, tomando o rio, que digo dever chamar-se Capim, uma e meia milha de largura até alcançar o rio Pará.

Alguns tem augmentado a confusão da nomenclatura d'esta ultima parte do rio, dando-lhe tambem o nome de Guajará, quando elle forçosamente se ha de chamar ou Capim ou Guamá, que, unidos desde S. Domingos, vem até Belem onde então encontra o Guajará ou rio do Pará.

GUAJARÁ

Acabo de dizer que alguns tem chamado Guajará á ultima parte do rio Capim já unido ao Guamá, mas que nada

justifica esta denominação. Seguindo as denominações, que durante toda a minha vida tenho ouvido, eu darei o nome de Guajará, apenas á parte que vem desde a confluencia do Mojú e do Capim (mal denominado Guamá) banhando a cidade e o grande grupo de ilhas em frente a esta parte da costa, e n'este meu modo de ver, sigo a opinião do creadôr da topographia amazonense, Baena, o qual diz em seu ensaio corographico: A «coadunação dos rios Guamá e Acará, o primeiro já adunado ao Capim desde a freguezia de S. Domingos, e o segundo já unido ao Mojú, desde a distancia de seis legoas da mesma cidade, deram os naturaes e indigenas o nome de Guajará.»

A este rio Guajará que, unido ás aguas do Tocantins, forma o immenso caudal que se lança no Oceano banhando a costa oriental da ilha grande de Jannes ou Marajó, tem muitos geographos e escriptores dado o nome de rio do Pará, e vai este fazendo esquecer o nome primitivo, que se encontra nas cartas e mappas antigos, de Guajará.

Tambem se quiz confundir este rio com o rio chamado por portuguezes e hespanhoes de Vicente Pinson; e ainda mais, para isso o consideraram como a verdadeira bocca ou foz do Amazonas. Estas hypotheses tem sido successivamente apresentadas por Buache, d'Avezac, e Le Serrec. O primeiro sustenta que o Oyapoc descoberto por Pinson, não é o Oyapoc do Cabo do Norte, mas sim um outro rio existente na costa septentrional de Marajó; diz elle que nem outro podia ser senão este ao Sul do equadôr, porque é verosimil que este rio seja um dos descobertos por Pinson visto que está demonstrado que este navegador não tomou terra em logar algum ao N. do equadôr até á sua chegada á foz do Orenoco.

As narrações de viagem de Pinson por Grynea, Gomara e Herrera demonstram que o seu ultimo ancoradouro antes do Orenoco foi a embocadura do Amazonas, não no ramo occidental, no goyanez, mas *evidentemente* no ramo oriental, no ramo conhecido hoje pelo nome de golpho ou rio do Pará.

Uma das provas mais convincentes d'esta ultima verdade, é o silencio dos historiadores de Pinson sobre o horrivel phenomeno da Pororoca particular ao ramo Goyanez do Amazonas ([1]).

Accrescenta ainda Buache, o que em seguida copío e que mostra ou má fé ou cegueira pela idéa preconcebida:

«A parte onde abordou Pinson era conhecida no paiz pelo nome de *Chiana-Marina-Tambala* e estes nomes, qualquer alteração que se lhes supponha, merecem fixar a nossa attenção *pela analogia (!)* que n'elles se nota com os nomes que nos offerecem as cartas modernas n'esta parte. A palavra Chiana *não differe muito* de Joannés... O de Marina é *analogo* ao de Marajó... e na nova carta hespanhola da America do Sul encontra-se um rio sarjando a parte NE. da ilha de Joannes, com o nome de Camba!!!

«E como, deixando o rio do Pará, Pinson devia costear a costa septentrional da ilha de Marajó, devia descobrir n'esta costa o rio Oyapoc que as cartas hespanholas indicam.

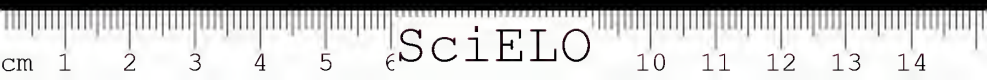
«Logo é ao Oyapoc da ilha de Marajó que deve pertencer o nome de Rio de Vicente Pinson.»

Mr. d'Avezac, aliás erudito escriptor, tambem considera o Guajará ou rio do Pará como o verdadeiro rio das Amazonas, e, veja-se quanto pode o desejo de fazer triumphar uma idéa, despresando o aspecto geologico, a Flora das duas boccas, a corrente das aguas, a estreiteza e limitação dos canaes que ligam o Amazonas a este rio! A Enorme massa de aguas que se lançam na bahia do Goyabal alheias ao Amazonas, não só acceita o rio do Pará como bocca ou foz do Amazonas, mas assevera que o verdadeiro rio das Amazonas era primitivamente o ramo oriental d'este rio; o verdadeiro Cabo do Norte é a Ponta de Magoary da ilha de Marajó, a quem ninguem conheceu nunca outro nome, o qual antes de ficar difinitivamente pertencendo á ponta oriental da Guyana, foi successivamente transportado á

([1]) Vide *L'Oyapoc* de J. Caetano da Silva, § 692.

ponta de Macapá, á ponta da Pedreira, á ponta do Jupaty, á ponta do Araguay.

E, como consequencia, avança que o verdadeiro rio de Vicente Pinson era primitivamente o ramo occidental do Amazonas.

Vemos que o nome de Vicente Pinson tem sido applicado a quanto rio tem as duas costas amazonicas e a ilha de Marajó, o que prova a pouca resistencia dos argumentos de cada um d'elles, todos absoluta e completamente refutados pelo sr. J. C. de Souza na sua obra monumental, *O Oyapoc*, publicada em Paris, em 1861.

CAPITULO III

OS TRIBUTARIOS DO AMAZONAS

MARGEM ESQUERDA

O Santhiago.—Morona.—Pastaza.—Xambira.—Tigre.—Napo.—Içá ou Putomayo.—Tunantins.—Japurá ou Hyapurá.—Manacapurú.—Rio Negro.—Rio Branco.—Uaupés ou Ucayari.—Matari.—Urubú.—Caiamé.—Uatuma.—Cararaucú.—Jamundá ou Nhamundá.—As Amazonas ou Ycamiabas.—O Muirakitan ou Meurakitan.—O Trombetas.—Curuá.—Tapará.—Catauary.—Gurupatuba.—Javary.—Genipapo. Urubucuará.—Parú.—Vacarapy.—Toheré.—Macacos.—Cajuba.—Sarapó e Baquiá.—Jary.—Cajary.—Maraca-pocu.—Aneurá-pocú.—Matapy.—Mutuacá.—Carapanatuba—Araguary.—Amapá ou Mapá—Maiacaré.—Calsoené.—Cunami.—Cassipurá.—Uaça.—Oyapoc, Japoc ou Yapoc.

SANTHIAGO

Sobre este rio muito pouco poderei dizer, não só porque não é elle um rio importante como porque é um dos mais desconhecidos; é comtudo o primeiro tributario de algum valor que recebe o Amazonas. Lança elle suas aguas n'este, perto do Pongo de Mauserich, junto a Bracamoros, e suas aguas, segundo Orton, vem de grande distancia. Wiener tambem assim o affirma e suppõe virem ellas de Cuença no Equadôr; é cortado em alguns pontos por cachoeiras que impossibilitam a navegação a vapôr; Wiener crê que suas origens ficam a 80°-34′ de Long. O. e 2°-53′ de Lat. S. e a uma altura de 2:550 metros acima do mar, segundo Orton, a 7:728 pés. Como os terrenos entre o Santhiago e as nascentes do Napo são de alluvião e com grande

declive em suas margens, colhe-se consideravel porção de ouro.

MORONA

E este um dos mais consideraveis affluentes do Amazonas além de nossas fronteiras; a sua navegação é bastante extensa, pois que em vapores de 700 tonelladas tem ella sido feita em uma extensão de 300 milhas, chegando até ao ponto em que o Morona se divide em dous, o Consulima e o Mangoesia, podendo ainda este ultimo ser navegado por uma extensão consideravel a qual chega até 15 milhas apenas de distancia do rio Maças, a antiga Sevilha de Ouro, distante 140 milhas apenas de Quito.

Tem alguns affluentes, como sejam o Amaya, Apianga e Chipanga.

O seu curso, que tem logar em um canal de uns 20 metros, é interrompido de margem a margem por uma corredeira de formação granitica que entretanto, pela profundidade das aguas, que nunca é de menos de 4 metros chegando até 13, não offerece tão grande inconveniente a navegação como se devia suppor, e tanto isto é assim, que o vapor *Pastaza* de 688 tonelladas e 150 cavallos de força, servia uma linha de navegação de 410 kilometros de extensão.

Desce este rio dos flancos do vulcão Sangay, situado na republica do Equadôr; já tem sido em parte estudado por alguns exploradores, e tudo faz suppôr que será um valioso auxiliar para o transporte dos minereos de que aquellas regiões são tão ricas.

PASTAZA

Por um dos mais notaveis viajantes que tem percorrido estes logares, é este rio qualificado como *intraitable torrent;* e o moderno viajante Wiener, por uma feliz expressão, qualifica bem o aspecto geral e disposição d'este rio, que, correndo em terrenos baixos, de formação alluvial, e dividindo-se em numerosos braços, conserva por toda a parte uma

grande humidade; diz elle que, se levantassem um corte longitudinal do Talweg ao Pastaza, achar-se-hia uma serie de lagos profundos separados uns dos outros por barreiras de pequena espessura.

A sua corrente é fortissima e obstou ao pequeno vapôr Mairo ir além de 17 milhas da bocca. O dr. Spruce em ir de Tarapôto, no Huallaga, até Banos, na parte superior do Pastaza, empregou 100 dias de viagem.

Os seus affluentes, os mais conhecidos, são o Huarama, o Aevicumo, Pinches, Palora, Bombonaza. Desemboca no Amazonas por tres boccas, das quaes a principal tem cerca de 400 metros. Suas origens existem nos arredores do vulcão do Cotopaxi, na republica do Equadôr, de modo que suas aguas, passando nos termos inferiores, arrastam comsigo grandes porções de pedra pome que fluctua.

XAMBIRA

Dos affluentes hespanhoes do Amazonas de que trato aqui, é este um dos menos importantes; entretanto Wiener que o explorou, percorreu-o em uma extensão de 171 kilometros, e affirma que o seu curso é superior a 200, com uma profundidade que chega a 6 metros, e com grandes tortuosidades.

TIGRE-YACÚ

Assim como o precedente, foi reconhecido por Mr. Wiener que em seus escriptos lhe dá uma extensão de 830 kilometros com uma largura que varía de 10 a 30 metros e uma profundidade de tres a vinte e seis metros.

NAPO

Tem este rio um nome historico na Amazonia: a elle se acham ligados os dos heroes das guerras paraenses, o de Noronha, que tanto se distinguiu á custa dos inglezes, o de Pedro Teixeira, esse veterano do grande rio, a quem coube a gloria de acabar com o poder dos hollandezes, o

de Tavella ainda, que no Napo mostrou de quanta energia era dotado.

No tempo de Filippe IV ainda, até que La Condamine propagou de uma maneira incontestavel o conhecimento de que o Orenoco se communicava com o Amazonas, era crença que o limite da Guyana occidental era o Perú; aquelle monarcha, portanto, deu ordens para que o dominio portuguez fosse affirmado em toda a margem guyaneza do Amazonas até ao Perú; esta empreza foi incumbida ao denodado Pedro Teixeira, que em 45 canôas, levou comsigo 1:000 indios e 70 portuguezes, entre os quaes estavam os brazileiros Tavella e Bento Rodrigues de Oliveira.

Teixeira subiu o Amazonas até ao Napo, e penetrando por elle, parou a 100 legoas da embocadura; ahi deixou o capitão Tavella com 40 portuguezes e 300 indios, seguindo para Quito pelo Napo acima, até ao rio Payamino, affluente do lado esquerdo, caminho no qual fora precedido pela sua vanguarda commandada pelo coronel Oliveira. Depois de se ter entendido com as authoridades de Quito, regressou ao Napo mas não pelo Payamino por onde subira, e sim pelo Archidona onde embarcou a 16 de Fevereiro de 1639, vindo reunir-se a Tavella, que luctando dia a dia com as difficuldades da situação, e com as hordas de selvagens que o accomettiam, esperou firme em seu posto durante 11 mezes, até que reunidos a mais de 20° de Long. do Oyapoc, no dia 16 de Agosto de 1839, por ordem do governo do Estado de Maranhão, e segundo as instrucções do dito governo, recebidas de S. Magestade, Pedro Teixeira tomou solemnemente conta do territorrio por parte d'El-Rei Filippe IV.

O Napo é com o seu extenso curso de mais de 800 milhas, decerto o rio mais extenso da republica peruana, e as suas origens perdem-se nos desfilladeiros orientaes dos elevadissimos serros do Cotopaxi e Sincholagua. Divide-se elle em dous rios principaes, um que toma o nome de Curaray, e o outro que conserva o de Napo.

Hoje, depois das viagens de exploração feitas, collo-

cam-se as origens do Napo no Rio-del-Valle, que corre ao Norte do Valle-Vicioso. A corrente d'este rio, não obstante ter elle uma largura que varía entre 100 e 500 metros, é em extremo violenta; assim junto á povoação de Napo tem elle uma velocidade de 6 milhas. D'este mesmo ponto até á bocca do rio, accusa o barometro uma differença de 1:000 pés acima do nivel inferior.

D'este immenso curso, 600 kilometros são explorados por vapores que chegam ao porto del Napo; as canôas porém vão muito mais longe. O ponto extremo da navegação a vapor fica a pouco mais de 200 kilometros de Quito; estas regiões se a industria melhorar os meios de communicação, tão ricas como são em productos diversos e especialmente metalliferos, darão no futuro um importante contingente á navegação amazonica cujo imperio será o Pará.

A historia d'este livro ainda é illustrada pela viagem de La Condamine, e de Humboldt que levantou o mappa do Marañon até ao Napo. Depois d'estes illustres exploradores, em tempos mais modernos, poderei citar J. Orton que navegou o Napo tendo vindo de Baeza e Archidona, mas tendo começado sua viagem de Quito.

A posse d'estes territorios, hoje em poder do Perú, tem sido disputada, por vezes por outras republicas, como seria a do Equadôr, baseando-se no tratado de 1828; mas desde 1852 o Perú tomando-o, firmando-se no *uti possidetis*, não reconheceu o direito do Equadôr a nenhuma das duas margens do Amazonas, e tomou conta do territorio que fica até 2° acima do Napo.

Os indios d'estas regiões chamados por J. Orton *Napos*, não são selvagens, mas diz elle que a sua bondade consiste mais na ausencia de más qualidades do que na existencia de boas; tão apathicos são que nada excita sua admiração.

Na parte inferior do rio, Orton falla na existencia de indios que elle consigna como fazendo parte de uma das tribus mais numerosas, mas tambem das mais despresiveis, a do Zaparos, de um caracter e intelligencia abaixo da me-

diocre. Successivamente se encontram descendo o rio, indios das tribus Muranes, Iquitos, na margem direita, e na esquerda Anguteros, Oritos, Orejones ou Oregones com as orelhas pendentes e perfuradas por discos de madeira.

IÇA OU PUTOMAYO

É este o primeiro grande affluente brazileiro do Amazonas pela margem esquerda, e é elle importante pela extensão de seu curso que se estende desde as proximidades da cidade de S. João do Pasto, nas vertentes orientaes dos Andes, até á sua foz no Amazonas, que segundo o mappa dos demarcadores portuguezes se acha na Lat. 309°-42′ sendo o seu percurso objecto de duvida, pois, segundo uns, alcança 1:400 kilometros, tendo sido 1:200 d'estes percorridos em barcos a vapor; segundo outros, tem elle 1:290 milhas portuguezas de 60 o gráo o que corresponderia a cerca de 2:400 kilometros. Não é navegavel durante as primeiras 90 milhas; d'ahi em diante é de facil navegação, devendo porém fazer attenção os navegadores com a differença de profundidade que elle apresenta na vasante ou na enchente; na primeira d'estas epochas e nas primeiras milhas navegaveis a vapores de medio tamanho, a profundidade é de 1 metro e 50, seguindo d'ahi até 10 metros; na epocha de enchente esta profundidade torna-se dupla. A sua largura é muito variavel, pois no minimo é de 100 a 200 metros e no maximo de 700 a 800.

O seu leito que até Bella-Elisa é de pedra torna-se em areia d'este ponto para baixo; o seu clima é agradavel pois que na parte superior offerece a media de 18° a 20° centigrados e junto á foz de 20° a 22°.

A importancia que assignalo a este rio, decorre ainda do grande numero de seus affluentes que o põem em communicação com pontos muito variados e distantes. São seus affluentes o Hicurapá, Puruitá, Itué ou Utuá, Acheti, Ititi,

Hiapacuá ou Japacorá, Mamoreá, Quivié, Lacanhy, Micui, Upi, Icote, Pymari, Jurupary-paraná e Pepitary[1] Yaguas, S. Miguel, e Caneacía. É por estes grandes affluentes que pelo Iça ou Putomayo se pode chegar a muitos e variados pontos, como sejam pelo Yaguas com facil communicação ao Perú, pelo Caneaciá do qual por um varadouro se passa ao Japurá, e pelo S. Miguel ao Aquarico.

No tempo das primeiras conquistas e no das expedições de Pedro Teixeira, grande numero de valentes nações de indios lhes embargaram a passagem, taes como as dos Juvunas, Guabaycús, Yacatiguaras, Parianas, Zigus, Aucais, Cunas, Passés Timbiras; e na actualidade ainda Orton cita como existentes os Miranhas, Mocóas, Cuiayos, Marietos, e o sr. Rodrigues de Souza, em sua recente viagem, em 1880, que se estendeu até 1:200 kilometros, menciona ter encontrado malocas de Ticunas, Ticimos, Oregones, Benecions, Montepas, Quimbis, Guamoés. É a esta região que se acha ligada a tradição da fabulosa cidade de Manóa, capital do Eldorado sonhado e nunca visto e que tanto sangue custou aos europeus do XVI seculo, e ainda mais aos pobres indios entre os quaes ambiciosos e barbaros sonhadores quizeram formar um imperio de ouro.

TUNANTINS

Rio de pouca importancia comparado com o precedente e do qual poucas noticias encontro entre as numerosas obras que tenho lido relativas ao grande rio e seus affluentes. Situado na margem esquerda entre o Iça e o canal chamado Auatiparaná, é hoje habitado pelos restos das tribus Caiuvicenas e Parianás. Na viagem do ouvidor Ribeiro Sampaio os primeiros d'estes indios são denominados Cayuviunas, e gaba-lhes o caracter.

Na foz d'este rio existe a povoação do mesmo nome, e tem tido algum incremento; foi fundada com indios das tribus já referidas e é abundante em productos naturaes.

---

[1] Baena. *Ensaio Corographico.*

JAPURÁ OU HYAPORÁ

Um consideravel affluente do Amazonas na parte a que ainda é dado o nome de Solimões pois que elle desemboca no districto de Teffé, 112 legoas acima da foz do Rio-Negro. A embocadura que é considerada como a sua verdadeira foz está situada na Lat. de 2°-31′ S. e Long. de 310°-19′

Baena que tanto investigou d'esta provincia, da qual o seu ensaio corographico é ainda hoje, apezar de algumas inexactidões que os modernos exploradores tem reconhecido, o mais rico manancial de dados corographicos, dá a este rio oito boccas pelas quaes lança suas aguas no grande rio com as seguintes denominações: 1.ª a mais oriental, tem o nome de Cudajá, ou Cudajaz; a 2.ª sem nome; a 3.ª Cupujá; a 4.ª Uananá; a 5.ª inominada; a 6.ª Uaramapú; a 7.ª Manhana e a 8.ª Auati-Paraná, que é a mais occidental.

Este erro em que cahiu Baena, relativo á existencia de oito boccas do Japurá, é absolutamente desculpavel pois com elle erraram La Condamine, Ferdinand Denis, Alves de Casal; os mesmos geographos portuguezes empregados nas demarcações no principio do seculo, a cujos importantes e quasi unicos trabalhos devemos o estudo d'estas inhospitas regiões, tambem affirmaram a existencia das seis boccas do Japurá, fixando o padrão da demarcação na mais occidental chamada do Auati-Paraná cuja posição, segundo os demarcadores portuguezes, é a que atraz indiquei.

O ouvidor Ribeiro de Sampaio em sua interessante viagem feita em 1774 e 1775 negou a existencia das oito boccas, pois algumas, diz elle, são furos que levam as aguas do Amazonas ao Japurá, o que é visivel, pois como é sabido as aguas barrentas e esbranquiçadas do Amazonas tem uma côr differente da que apresentam as aguas do Japurá; n'este caso estão as boccas Auati-Paraná, Manhana, e Uaranapú (segundo o dr. Severiano da Fonseca Guaranapú), que as quatro inferiores conhecidas pelos nomes de Hyrahyba, Cudajás, Amana ou Uananá, e uma sem nome,

trazem aguas dos lagos Amaná e Cudajás os quaes as não recebem do Japurá, restando sómente uma bocca a que dão o nome do rio que, segundo o dito ouvidor, é a unica que deve ser considerada como foz do Japurá.

Posteriormente o sr. capitão-tenente Araujo Amazonas no seu *Diccionario da provincia do Amazonas*, e o dr. Severiano da Fonseca em sua viagem em redor do Brazil, confirmaram a asserção do ouvidor Sampaio, e modernamente com o desenvolvimento da navegação commercial, explorações feitas, grande numero de vapôres que tem penetrado por este rio, e estes differentes canaes, ficou fóra de duvida esta asserção que reduz o numero das boccas do rio de que trato.

Este nome de Japurá é dado ao rio desde a foz até ás cachoeiras superiores, d'ahi para cima dão-lhe o nome de Caquetá. As suas origens são nas cordilheiras columbianas e nasce na provincia de Mocôa em Popayan, correndo em rumo ESE. por cerca de 100 milhas, começando o seu curso no territorio brazileiro no ponto em que lança um braço para o Orenoco. O espaço livre de embaraços que offerece este rio á navegação excede mil kilometros.

Tem elle sido explorado diversas vezes sendo seus exploradores Spix e Martius como os mais notaveis até 1820, mas chegaram sómente ás suas cachoeiras inferiores 550 milhas acima da foz. As explorações precedentes da commissão demarcadora nos ultimos annos do seculo findo chegaram até á cachoeira Uriá, sendo até ahi levantado o mappa. Em 1864 a 1868, o governo brazileiro fez uma exploração bastante completa do rio até á cachoeira Cupaty, não passando além, porque até ali tem sido considerado o estender-se o territorio brazileiro.

Segundo J. Orton, a corrente d'este rio é de $^3/_4$ de milha por hora e tem subido algumas canôas até 500 milhas da foz. A largura occupada pelas chamadas boccas do Japurá occupa um espaço de 200 milhas, ou, segundo o dr. Severiano da Fonseca, de 600 kilometros; Spix e Martius calculam a superficie da bacia do Japurá em 9:800 legoas quadradas.

E' este rio ainda bastante notavel pelos seus affluentes e pelas communicações que elles permittem. O sr. Severiano da Fonseca enumera-os pela seguinte forma: Á esquerda, *Fragua e Cahuan*, de 900 kilometros, que recebe as aguas do Cahuansito, á direita, e do *Aparós*, *Peja e Paréo*, á esquerda; o *Pajajá*, *Amanuparaná*, *Uacapú-paraná Camiaré* ou *Rio dos Enganos*, assim chamado pelos propositaes tropeços que D. José Requena Henera, commissario hespanhol, encontrou para a demarcação da linha limitrophe que do rio Japurá devia ir ao rio Negro, e que devia ser por aquelle. O Cumiare recebe o Messae, que é formado pelos *Cunhari*, *Amon*, *Yaisa e Rufia*, *Sanhá*, *Jacú*, *Juruá*, *Iraparana*, *Apaporis*, o primeiro de seus affluentes abaixo das cachoeiras, formado pelo Cunanari, Ibiráparaná, Uça-paraná, Pirá e Tarahira, este de mais de 400 kilometros e que é uma das divisões do Imperio; *Mamoretá*, *Puapuá*, *Cumary*, *Jary e Maraha*, etc.; e á direita, *Picado*, *Jacaré*, *Ipù*, *Xaropé*, *Cunacoá*, *Mutum*, que se communica com o Iça pelo *Peridá*, *Caninaré*, *Arapá*, *Curaceo*, *Pureús*, *Yaumerim*, *Yanicassu*, *Itauá*, etc.

No relatorio da commissão do Madeira, encontro relativamente ás suas communicações o seguinte interessante periodo: «Do rio Negro para o Japurá ha seis communicações: 1.ª Pelo rio Capuri, subindo sahe-se entre o rio Tarahira que se lança no Apaporis pouco acima de sua foz; tem o Capuri muitas cachoeiras.

2.ª Pelo rio Marié, com tres dias de viagem sahe-se em um braço donominado Uanin pelo qual se sobe durante dez ou doze dias, e desembarca-se na margem esquerda do Mamorité [1] pelo qual se desce ao Japurá em menos de um dia.

3.ª Pelo rio Chinará ou Teia pode-se passar para o Puapuá que desagôa no Japurá.

4.ª No fim de 8 a 10 dias de viagem pelo Aneini acima, desembarca-se na margem esquerda, e por um trajecto de

---

[1] Encontro por vezes este rio com o nome de Mamoretá.

mau caminho, que se pode vencer em dous dias, entra-se em um igarapé pelo qual se desce em duas horas ao rio Puá-puá do qual em seis horas se pode ir ao Japurá.

5.ª Sobe-se em 8 dias pelo rio Urubaxi, e atravessa-se por uma estrada que leva ao rio Marajá affluente do Japurá.

6.ª Pelo igarapé Quiçara entre as cachoeiras do Pirá e os indios Manibas, sobe-se por um dia de viagem, chega-se a um porto do qual se atravessa em dous dias para as malocas dos indios Caniaris, na margem do Cananary, desce-se por este rio meio dia e sahe-se no outro ponto da terra que se vence em um dia, encontrando-se o Pirá-paraná pelo qual se desce em quatro ou cinco dias ao Apaporis e passando-se d'este ao Muriti-paraná que se lança no Japurá acima da cachoeira do Cupaty.

Esta communicação é muito mais vantajosa do que a que se faz pelo Jucary, por evitar a cachoeira Cunanary e a do Salto no Apaporis que fica proxima da grande cachoeira da Furna.

Communica ainda o Japurá com o Uaupés, subindo-se este até ao Pururé-paraná ou Jacary, e por este até uma estrada que da sua margem occidental leva ao Cananary que afflue no Apaporis.

Da foz do Uaupés até ao Pururé-paraná gastam-se vinte e oito dias e passam-se 26 cachoeiras. A passagem do Pururé-paraná faz-se em 3 horas e a do Cananary em 3 dias passando nove cachoeiras.

Das antigas tribus das margens do Japurá, taes como Pureús, Passes, Juris, Homanas, Mapraxis, Juamis, Miranhas e Coretus, poucos descendentes existem. No Japurá, segundo o meu amigo o ex-presidente Adolfo de Barros, apenas alguns restos dos Coretús, Hyuris ou Juris ainda por alli vagam, e muitos poucos Caixanas dos quaes a tribu vive nas cabeceiras do rio Mocó-mirim.

Para evitar enganos, é bom consignar aqui que Baena e Araujo Amazonas dão o nome de Cachoeira do Cupati á 1.ª cachoeira do Apaporis, quando hoje este nome é dado á primeira cachoeira do Japurá.

Segundo o incansavel dr. J. de S. Coutinho, no Japurá encontra-se ouro, mas não se sabe em que circumstancias. Até certo ponto parece elle abundante, pois os indios que desconhecem processos aperfeiçoados, o trazem e apresentam em troca de ferramentas e fazendas.

MANACAPURÚ

Baena na menção que faz d'este rio, diz o seguinte: «Rio de agua preta, tem lagos piscosos, salsa-parrilha, cacáo, oleo de copahyba». Antes de chegar a este rio, jaz o sitio dos Caldeirões, em que ha plantações de café pertencentes ao Estado, e logo acima do dito rio está o pesqueiro das tartarugas e peixe para a tropa da Bana do Rio-Negro. Tambem antes de chegar a este rio actua uma correnteza em extremo rapida. Hoje é uma das localidades mais promettedoras do Amazonas.

RIO-NEGRO

E' este um dos rios que mais percorridos tem sido desde 1637 em que Pedro Teixeira em sua viagem a Quito lhe assignalou a foz, até 1882 em que foi em parte estudado pelo sr. Alex. Haag.

O primeiro que, segundo Baena, entrou por este rio foi Pedro da Costa Favella acompanhado do padre mercenario Fr. Theodozio com o fim de cathequizarem e aldearem os indios Tarumas, o que conseguiu por intermedio dos indio Aruaçazes, e foi esta a primeira povoação do rio conhecida com o nome de aldeia dos Taruncás (1669).

Estes factos que tiro á obra de Baena merecem completo credito não só porque elles concordam com as noticias dadas por outros escriptores, como porque Baena escreveu o seu trabalho em condições inteiramente favoraveis ao estudo amplo e completo dos factos e das datas a elles referentes porque o Governo da Provincia lhe franqueou os archivos todos da provincia á qual ainda estava unida a capitania do Rio-Negro, hoje estado do Amazonas

a qual tambem tinha o seu archivo, muito importante n'este assumpto. Alem d'isto Baena, homem illustrado, residindo na provincia, fôra empregado em muitas commissões, e percorrera a provincia, condicções que se não reunem em escriptores que apenas temporariamente residem nos logares que descrevem.

Pedro da Costa tinha ido em 1665 em uma expedição guerreira a castigar os indios rebeldes do rio Urubú, e depois de ella terminada, é que entrou no Rio-Negro e se demorou no Amazonas até 1669 nas tropas de resgates, e por isso acceito a data dada por Baena.

A aldeia dos Tarumás foi fundada na margem septentrional, no centro de uma grande enseada logo acima do logar da Barra.

Antes de 1669 já o rio era conhecido pela noticia que dera Favella, não só de sua foz como dos indios Uraná-Cuacenas, e por uma carta do padre Antonio Vieira dirigida a 11 de Fevereiro de 1669 á rainha D. Luiza Francisca de Gusmão, pela qual se vê que já em 1658, fôra em missão ao Rio-Negro o padre Jesuita Francisco Gonçalvez.

A edificação da fortaleza da barra do Rio-Negro, teve logar por estes mesmos annos, sendo seu edificador Francisco de Mello Falcão, e seu primeiro commandante Angelico de Barros. Quando governei a provincia do Amazonas em 1867 ainda existiam restos da antiga fortaleza, e confesso que não mostravam elles ser ella de grande solidez.

Esta construcção creio que foi feita nos logares habitados pelos indios Tarumás não só pelo que acima fica dito constante de documentos sobre a primeira aldeia e ser a tribu dos Tarumás que dominava n'aquelles logares, como porque o seguinte facto ainda o comprova.

Passeando eu um dia nas proximidades da fortaleza em um logar limpo de matto e plano, em companhia do sr. Domingos Soares Ferreira Penna, notei que tendo chovido havia pouco e escorrido as aguas, permaneciam um grande numero de pequenas poças de agua formando li-

nhas quasi regulares e parallelas; tendo esta singularidade excitado o meu interesse, mandei excavar o logar em que existia uma d'essas poças, e a pouca profundidade encontrei uma grande jarra de barro vermelho de feitio inteiramente semelhante ao dos nossos potes, com cerca de 1 metro de altura e pouco menos de diametro na sua maxima largura.

Estava porém o barro tão amollecido que não era possivel tiral-a para fora inteira. A tampa amolecendo, deixara entrar a terra no interior do vaso, que continha ossos em fragmentos pouco consistentes.

Mandei cavar em outro logar mas com grande cuidado: descobri uma jarra inteira. Separando-a da terra que a cercava, deixei que o sol a endurecesse e no fim de algum tempo transportei-a para a residencia do Presidencial.

Dentro encontrei um craneo partido no sentido longitudinal, muitos fragmentos de ossos, alguns pertencentes ao craneo, mas todos tão molles que cediam desfazendo-se á menor pressão, um femur quasi inteiro pois lhe faltava a cabeça superior e que indicava ser de um homem de elevada estatura. Tendo eu deixado pouco depois o governo da provincia, entreguei-a ao meu successor, Jacintho Pereira Rego, para a remetter para o museu do Rio de Janeiro. Menciono este facto que poderá servir de indicação aos estudiosos de assumptos anthropologicos e ethnographicos.

Nem sempre este rio foi conhecido com o nome que hoje tem; o seu primitivo nome foi o de Quiari, e ainda nos annos de 1775 em que andou n'este rio o ouvidor Ribeiro de Sampaio, a parte superior do seu curso era conhecido com o nome de Ueneyá. Já n'esta epoca, da nação Tarumá com que fora povoada a primeira aldeia do Rio-Negro, um seculo apenas antes, não existia representante algum; entretanto ella era numerosa pois só homens de combate apresentava 800, o que indica pelo menos um total de 3:000 individuos. Tão certa é a observação feita em epochas passadas e confirmada com as do presente,

que o indio, accostumado á livre vida das mattas, deffinha quando é obrigado á vida civilisada com suas prisões.

Um dos que mais trabalhou em conhecer este rio e em cathequisar os aborigenes foi o sargento Guilherme Valente, o qual penetrando por elle dentro até á foz do Caburis travou amizade com os Baburicenas, Carajás e Manáos, casando afinal com a filha de um principal.

Os religiosos carmelitas em 1695 começaram com fructo a obra de civilisação christã, sendo este um dos rios em que, como mostram as chronicas e documentos, e para mim o testemunho insuspeito de meu pai, que durante nove annos acompanhou por estas regiões os demarcadores, especialmente José Joaquim Victorino do Costa com quem trabalhou largo tempo, pois pertencia ao exercito e pertencera á marinha (tenente)—mais ella aproveitou, pois muitas vezes o ouvi contar que conheceu Barcellos com mais de 2:000 habitantes.

Ás chamadas bandeiras de resgate que em 1725 e 1726 penetraram muito pelo rio devassando suas bifurcações e seus lagos, transpondo-lhe as cachoeiras até Marabitanes, se deve muito do seu reconhecimento, mas quem o percorreu até sua communicação com o Orenoco pelo canal Cassiquiari, descobrindo o braço chamado Paraná, pontos então desconhecidos dos hespanhoes, foi o cabo de bandeira authorisada Francisco Xavier de Moraes que percorreu estas paragens em 1743 e 1744. N'esta epocha os nossos visinhos hespanhoes até duvidavam da communicação do Orenoco com o Rio-Negro, como o diz o superior das missões do Orenoco, o jesuita Gumilla [1] na sua obra pelas seguintes palavras: «Nem eu, nem missionario algum dos que continuamente navegam o Orenoco, o vimos sahir ou entrar de tal rio, pois dada essa reunião de rios, restava saber qual dava de beber ao outro?»

Porém a grande e dilatada cordilheira entre o Marañon

---

[1] 1.ª parte, cap. 2.º pag. 17.

(Amazonas) e o Orenoco dispensa os rios d'esta procedencia e a nós d'esta duvida.

Este grande rio chamado Negro e Guiary ou Quiari, Gurigua-Curú, Guaranacaranas e Curaná, Uneassú, e Uruna pelos Tupinambas no dizer de Christovam d'Acuna, tem um dilatadissimo curso, e suas nascentes existem em Popayan nos Uanos de Avaino; nasce, segundo acreditados auctores, taes como Orton e outros, nas fraldas das montanhas de Tunuhy, um grupo de montanhas que se acha isolado na altura de 1:660 metros acima do nivel do mar, lançando-se no Amazonas a 1:000 milhas de distancia do Oceano. Nasce no parallelo 2.° N. e conflue com o Amazonas na Lat. de 3°-09′ S. e Long. 16°-53′ O. do Rio de Janeiro, e segundo os demarcadores portuguezes 3°-9′ de Lat. S. e 310°-48′ de Long.

Baena dá-lhe um curso de 223 legoas desde a serra do Cucuhy na fronteira até ao Amazonas; o sr. Severiano da Fonseca attribue-lhe 3:000 kilometros como extensão approximada de seu curso.

Offerece elle uma grande variação tanto em sua direcção como em sua largura. A partir de suas nascentes, corre em direcção E. volta ao S., corta o equadôr e a poucas milhas, mais ao S. corre para E. com inclinação para SE. até á sua confluencia com o Amazonas, lançando-se n'elle por quatro barras, das quaes a mais larga orça por quatro kilometros.

Como disse, a largura do rio é extremamente variavel; assim defronte de S. Gabriel é o ponto mais estreito entre S. Miguel e Sant'Anna; no logar chamado Lageas tem uma legoa de largura, e junto á Villa de Barcellos a sua largura é de cerca de tres legoas, assim como em Lama-Longa junto á bocca do Cababoris, e em todo o espaço que vai do rio Jurury ao rio Marania, e assevera o sr. Araujo Amazonas que a pouca distancia de sua confluencia, alarga até quatro e seis legoas, não se avistando de uma a outra margem.

Este rio tão notavel, para mais ainda o ser, até na côr

de suas aguas offerece originalidade, pois que olhando-as parecem negras, e tão negras que um dos bonitos espectaculos de que gosa quem navega por estas paragens, é o vêr na confluencia do Rio-Negro e Amazonas o encontro das aguas de ambos elles não se misturando por muitos kilometros, antes correndo a par um do outro como duas longas fitas uma negra outra esbranquiçada.

Onde a agua não é bastante profunda, ou quando a lançamos em um copo de vidro branco já a côr não é negra e apenas offerece uma côr ligeiramente amarellada.

É inteiramente potavel e saborosa como a do Amazonas, eu d'ella usei por largo tempo sem experimentar incommodo algum, não obstante n'ella existirem muitas plantas microscopicas; a sua inocuidade é attestada pelos naturalistas exploradores que alli tem viajado.

Muitas são as corredeiras e cachoeiras que n'este rio se encontram, e sem entrar na descripção de cada uma, não posso deixar de pelo menos as enumerar e designar suas posições, e para isto irei copiar o que a tal respeito diz a commissão do Madeira. Eis como ella se exprime:

«Entre as correntezas e quedas de agua que no Rio-Negro tomam o nome de cachoeiras, sómente merecem esta denominação as de Tarumás, Camanáos, das Furnas, abaixo de S. Gabriel, e as do Curuby e S. Gabriel na povoação d'este nome.

A maior parte das cachoeiras e correntezas ficam entre S. Gabriel e a cidade de Manáos. Acima d'aquella povoação sómente existem as seguintes: Paraná-Pecuna, Piquiara-Pecuna, Matapy, Amary, Ponta do Remo, Caldeirão de S. Miguel, do Carangueijo, Tamanduá-Bandeira; mesmo esta ultima fica no Uaupés ou Aupés, junto á sua foz.

De todas estas as maiores são a do Caldeirão de S. Miguel e a do Carangueijo; a primeira é perigosa para as montarias e igarités por causa dòs redemoinhos que n'ella existem e de dous em dous minutos se formam.

Fica pouco acima de S. Gabriel, na mesma margem

em que se acha situada esta povoação, e no logar em que existiu a de S. Miguel de Ipirama.

A outra, a do Carangueijo, tambem causa medo ás montarias por ser muito tortuosa e de grande largura. Está collocada na margem direita.

Abaixo da povoação de S. Gabriel ficam as seguintes cachoeiras a contar de Manáos: Tarumás, Macaraby, Joanaby, Joanaby 2.ª, Maribidá, outra sem nome, Guaribas, Camanáos, mais tres sem nome, Marixiqui, Mabé, Perra do Veado, Pederneira, Santarem, Tapajós, Cujubim, Kikirui, Inambú, Furnas, Mão e Arapassú. Total 31. Segundo Baena, a região occupada pelas cachoeiras, abrange uma extensão de 76 legoas. Para alguma d'estas cachoeiras serem transpostas é preciso serem as embarcações descarregadas em um ponto e transportadas por terra a um outro ponto acima da cachoeira.

A mais conhecida e de certo a mais bella de todas estas cachoeiras é a do Taruman a cerca de 4 legoas de distancia de Manáos; quando a visitei fiquei estatico. Fica ella sobranceira a uma ribanceira de pedras attingindo a sua queda de 8 a 9 braças com uma corrente superior a 4 milhas; para mais embellezar este quadro imponente de um rio precipitar-se por tal forma, a mais luxuriante bordadura e magestoso arvoredo rodeiam o quadro cercado de uma athmosphera irisada, produzida pela refracção dos raios de um sol brilhante, no nevoeiro que a queda da agua levanta, fazendo-se ouvir o estrondo da queda collossal a uma distancia de duas legoas.

Os afluentes do Rio-Negro, quer acima quer abaixo das cachoeiras, são numerosos; entre todos porém avultam os rios Branco, e Uaupés ou Guaupés, de que tratarei em especial.

Segundo Baena, os affluentes da margem direita ou meridional são:

Uariaú—Furo ou canal que dá transito para o Solimões.

Xiborena—Riacho.

Jaú—Rio abundante em breu, madeiras finissimas e

mormente pao roxo, tem suas vertentes proximas ao Lago Cudajá.

Unini — Rio farto de tartarugas e copahyba, rebenta perto do mesmo lago.

Caburis — N'este rio estabeleceu-se a segunda missão que houve no Rio-Negro, a qual era de Caboricenas, silvicolas do mesmo rio.

Uanari, *Baruri*, *Maruari*, *Maramacoá*, *Cunimari*, *Quinini*, *Aratai e Quemeucuri* - Todos riachos.

Uarirá — Rio que nasce proximo ao rio Japurá e é composto de muitos e amplos lagos. Foi antigamente habitado pelos Manáos, que d'alli se estendiam até á ilha do Timoni. Estes silvicolas eram os mais valentes de todos os do Rio-Negro, numerosos e distinctos pela lingoagem e costumes, um dos quaes era a anthropophagia.

Xibaré, *Matiquié e Mabá*—Todos riachos.

Urubaxi—Rio do qual por um transito de quatro legoas por terra se pode passar ao Lago Marahá que desemboca no Rio Japurá, e habitado por indios Maués ([1]).

Uajuaná — Rio rico em suas margens de puxuri, de casca preciosa. Esta casca e a arvore que a produz é chamada *hinidas* pelos selvagens Barés.

Inuirixi—N'este rio esteve situada a aldeia do principal Camandri; d'elle se mudou para o logar em que hoje vemos a Villa de Barcellos. D'este rio se pode ir para terra ao lago Canopi que descarrega no Japurá.

Xiuará—N'este rio residiu o principal Carunamá que foi victima da ferocidade dos principaes (chefes) Debari e Bajari da ilha de Timoni por ser adicto aos portuguezes.

Maiuuixi—N'elle moram os cabildas Mepuri e Maui.

Teyá e Mariá—Rios, tem piassava, um braço oriental chamado Uanim; dá passagem por terra para o Rio Mamoritá que tem barra na margem septentrional do Japurá.

Caruariaú—Tem piassava.

([1]) A maior parte das nações que existiam na epocha das demarcações, já não existem ou fundiram-se com a gente civilisada.

Cubati, *Cuniabú*, *Uaupés*, *Mamamina*.

Içaná—É habitado de muitas cabildas selvaticas das quaes as principaes são a Baniba e Uerequena, sendo esta anthropophaga, e semelhante aos antigos peruvianos no modo de escrever e contar por cordões e nós.

Xié—Rio que tem oito cachoeiras e é de agua preta. Perpassada a sua primeira cachoeira, tem um braço chamado Tenaupori, pelo qual e por um curto transito por terra se pode sahir no Rio Paraná que desemboca no rio Tomom e este, na margem direita do Rio-Negro acima do forte de Miguel dos Castelhanos, situado na mesma margem do Rio-Negro acima do forte Santo Agostinho. Das sobreditas cachoeiras quatro passam-se no tempo da vasante, descarregando as canôas, e outras quatro são pequenas; em rio cheio todas ficam anegadas e apenas uma é visivel e tem grande queda.

Tumo—Habitado de varias cabildas silvicolas.

Aké—Itacapú

Affluentes da margem esquerda ou septentrional:

Ayurim—riacho; *Taruman*, *Anavilhana*, que era habitado pelos Aruaquizes, antropophagos, *Camenauaú*, *Curerú*, *Mapuúaú*, riacho; *Ucuriuau*, *Jauaperi*, rio derivado da cordilheira do Rio-Branco, recebe pequenos rios, é largo e de agua branca; desemboca por duas gargantas, é farto de angelins, cedros e cupahybeiras; pastam este rio as cabildas Aruaqui, Caripuna e Cericuma. (Vide nota A no fim do volume.)

Branco—De que adiante se trata.

Seriuini, *Uaranacuá*, *Uaracá*—Rio de agua escura, é abundoso em toda a qualidade de peixe, e as suas terras ferteis para todo o genero de cultura; n'elle se despejam pela margem oriental o rio Damenasse, de agua branca. N'este rio Uaracá moravam antigamente os Caraiais, e nas suas cabeceiras assistem os Guaribas.

Uanapixi, riacho; *Uanabi*, idem; *Cuari*, idem; *Uirauau*; *Zamuruuacu*, riacho; *Biubui*, idem; *Parataqui*, idem; *Aracá*, idem; *Bararé*, idem.

Padauirí—Rio de agua branca de longo curso, e caudaloso; n'elle desaguam os rios Marari, Ixiémirim, e Ataui que se compõem de 17 lagos extensos, e tres pequenos; tem piassava, cupauba e salsa.

Hiyaá—Riacho, antiga moradia dos Manaos; é memoravel pelo principal Ajuricaba. (Vide nota B no fim do volume). Façanhoso em crimes.

Anjurá, riacho; *Taha*, idem; *Anhori*, nasce perto do rio Uataui; *Daraha*, *Inabu*, de agua branca; tem cacáo espontaneo, e salsa-parrilha, junto ás serras.

Jururi—Riacho de agua branca.

Marauiá—Rio de agua branca; tem piassava e salsa.

Juambu—Riacho.

Abuará—Riacho de agua branca; tem cacoaes e salsa.

Sabururuá, *Dibá*—Riachos.

Cauaburis—Rio pleno de medianas cachoeiras, é de agua branca e abundoso em casca preciosa. Por este rio se pode ir aos rios da Caribana que resvalam a L. e N. do forte de S. Gabriel da Cachoeira, e isto se consegue ou entrando pelo rio Xiá, que desemboca na margem septentrional do Canaboris, e sahindo por terra no rio Maturacá, ou remontando o Canaboris até sahir no Maturacá e subir este até á confluencia do rio Umariuani, pelo qual subindo sempre inclinado á margem direita se entra no rio Bariá, e por este se chega á foz do Baximonuri, a qual demora na margem oriental do Caniquiari, que communica, o Orenoco com o Rio-Negro acima do Forte de Santo Agostinho, e que se engrossa com as aguas dos rios Ubatibá e Xiabá, debruçados das serranias do Manduacá. Este rio Cababoris foi reconhecido em 1785 pelo Coronel Manoel da Gama Lobo e Almada, até aos rios da Caribana hespanhola.

Uacaburu, *Muruueni*, *Unibara e Cuçaba*—Riachos.

Miuá—Rio abundante em pedras de amollar.

Caiari, *Caui*, *Inutahy*, *Mahuabi e Bateru*—Riachos.

Duniti—Riacho fronteiro á fortaleza de S. José de Marabitanes, acima do qual dous dias de viagem, demora na margem austral o forte de Santo Agostinho dos Castelhanos.

Umiá, Ineui e Bonité—Riachos.

Além d'estes mencionados por Baena, encontro em outros auctores menção dos seguintes como affluentes da margem direita, o *Napiare, o Jaripuna, o Memaoby, Aquié e Toino*, e pela margem esquerda ainda o *Coruahité, Tiriquirá, S. Carlos, Daribo, Enexi, Uaniana e Mahuahi.*

O Rio-Negro corre por um territorio brazileiro junto ás Serras do Cucuhy, limite da nossa fronteira com Venezuella, e cuja posição é na Lat. N. de 1°-13'-51" e na Long. O. do Rio de Janeiro 23°-39'-11", havendo d'este ponto até á sua entrada no Amazonas a distancia de 1:340 kilometros.

A navegação desde a fronteira venezuellana até S. Gabriel, supposto que muitos tenham dito que é facil aos grandes navios em qualquer tempo, parece-me não o ser, pois que mesmo até S. Gabriel eu a fiz em tempo de vasante, e era bastante difficil para um pequeno vapôr talvez de 50 tonelladas.

Martius divide este rio em quatro grandes bacias desde a bocca até á parte encachoeirada; a 1.ª desde Manaos onde o rio tem cerca de meia legoa de largura até Ayrão. Até este ponto o rio vai alargando a cerca de seis legoas de largura; é n'esta bacia que se encontra o menor numero de ilhas, tornando-se notavel o archipelago das Anavillanas, situado proximo ao rio Anauené, na margem esquerda do Rio-Negro entre Canamaú e Aiurim.

Acima de Ayrão, proximo a Moura, começa a 2.ª bacia; o rio, depois de ter recebido o Rio-Branco, estreita por um certo espaço em seguida ao qual tornam suas margens a affastar-se, formando uma 3.ª bacia que tem cerca de seis legoas, quasi limpas de ilhas; é n'esta parte do rio que está collocado Barcellos, antiga capital da então capitania do Rio-Negro, e que occupava o mesmo territorio que occupou a provincia do Amazonas, hoje Estado do mesmo nome.

Não posso fallar de Barcellos sem lamentar a sua completa decadencia, pois no tempo das demarcações no principio d'este seculo, chegou Barcellos a ter cerca de 3:000 habitantes, e o fabríco dos pannos grossos de algodão, a

cordoaria alli montada para amarras de piassava, as fabricas de annil, as plantações de cassas e algodão, as feitorias de peixe sêcco, faziam que a capitania podesse sustentar-se como durante o governo do ainda hoje fallado Manoel da Gama Lobo e Almada independentemente dos subsidios do Pará. Hoje, (não digo bem), em 1868 quando alli fui, não tinha mais de 200 habitantes, e no tempo em que a população vai fabricar borracha nas mattas, ficam apenas algumas dezenas de moradores, e até as onças vem á antiga capital como me foi narrado por varias pessoas.

Como testemunho de quanta attenção e sollicitude mereciam á côrte portugueza esta provincia e capitania, além de muitos monumentos, ainda hoje podemos ver na praia, pois não chegou a ser collocado no respectivo logar, o monumental padrão que devia marcar os limites entre as corôas de Hespanha e Portugal; passemos porém sem mais nos alongarmos, a tratar do nosso assumpto.

A 4.ª e ultima bacia começa acima de Barcellos até á região das cachoeiras, offerecendo sua maxima largura proximo a Lama-Longa; ahi abundam outra vez as ilhas, umas de optimos terrenos, outras baixas e alagadas. De Santa Izabel começa de novo o rio a estreitar.

As numerosas communicações d'este rio com varios outros são dignas de attenção; em uma copia antiga do mappa original assignado por Manoel da Gama Lobo e Almada, intitulado *Mappa das communicações do Rio-Negro para o Japurá*, vem bem claramente não só as quatro communicações directas, como as que existem tendo por intermediarios o Uaupés e o Apaporis.

Na copia d'este mappa que junto a este livro, encontra-se uma legenda explicativa; marca ella quatro passagens directas, a primeira do affluente da margem direita do Rio-Negro, Urubaxi abaixo de Santa Izábel para o Maragá, affluente da margem esquerda do Japurá, acima de Maripi, povoação situada entre os lagos Aiamá e Anamá. A segunda do affluente da margem direita do Rio-Negro, Unuixi, com um igarapé que desagôa no Pua-Puá, affluente

do Japurá. As duas ultimas são feitas pelo Rio Marié affluente do Rio-Negro e seu affluente Uanim com o Mamoritá ou Mamorité, affluente do Japurá. Além d'estas na copia que possuo do mappa levantado pelo dr. José Simões de Carvalho por ordem do general João Pereira Caldas, fazendo parte dos trabalhos da commissão de 1780 a 1789, encontro marcada ainda uma quinta communicação entre o Rio-Negro e o Japurá, pelo Uaraaná situado entre o Urubaxi e o Unuixi de que acabo de fallar, e o rio Cumapi. No mappa de Martius apresenta elle o rio Urubaxi communicando-se com o lago e rio Cumapi.

Quando me occupar do Uaupés, tratarei das communicações por meio d'elle. Com o Orenoco communica-se o Rio-Negro pelo grande canal do Cassiquiari, começando elle 15 milhas abaixo da Esmeralda, em um ponto em que abundam as cachoeiras e corredeiras, mas pouco importantes. D'este canal diz-se que quem d'elle deu noticia foi um desertor, Aleixo Antonio, em 1781, segundo Baena, que, senhor dos ricos archivos do Pará e Amazonas, podia bem estudar este ponto; já em 1744, Francisco Xavier de Moraes, cabo authorisado de uma bandeira de resgate, encontrou junto ao Orenoco em navegação fortuita o padre Manoel Romão, religioso de Santo Ignacio.

Este canal *Cassiquiari* que liga dous dos mais opulentos rios da America, não offerece originalidade alguma, e sua largura é de 80 a 200 metros, supposto que em alguns pontos chega a 1 kilometro, e sua profundidade chega por vezes a 30 pés. Segundo a exploração official de Michelena e Rojas de 1855 a 1859, tem este canal, que elle percorreu, uma extensão de 300 milhas, segundo outros 150 apenas. Tem o seu começo a 15 milhas abaixo do Esmeralda, e termina proximamente acima da povoação venezuellana S. Carlos a 2°-25′-50″ O. do Rio de Janeiro.

Não é porém esta a unica communicação que tem o Orenoco com o Rio-Negro, outras duas existem, uma acima e outra abaixo do Cassiquiari; a primeira pelo canal Conorochito, que sahe perto da nova povoação chamada Gus-

man-Blanco, e a outra que no mappa da capitania do Rio-Negro de Simões de Carvalho se encontra perfeitamente desenhada, sendo para quem vai do Rio-Negro, feita pelo rio Canaboris e seu affluente o Muturacá, communicando-se este com o Bariá e Pariamoni. Esta ultima communicação offerece passagem em todo o tempo; durante só a cheia a canôas grandes. O Cauaboris vem sahir quasi em frente á povoação de Santo Antonio do Castanheiro.

Na carta do Gram-Pará e Rio-Negro mandada levantar em 1778 e da qual possuo uma copia, esta communicação vem bem claramente assignalada, mas em vez de lhe chamar Pariamoni chama-lhe Baxiamoni, e faz communicar o rio Maturacá com o rio Umaranavi, affluente do Baxiamonuri, e n'isto concorda com a carta de Simões de Carvalho. Esta disposição de rios communicando-se, isola uma grande porção de terrenos formando uma grande ilha, á qual a ultima commissão demarcadôra de limites entre o Brazil e Venezuella deu o nome de *Ilha de D. Pedro II.*

Acima de Barcellos, e tendo passado as povoações de Castanheiro, S. José e S. Gabriel, apresentam-se as cachoeiras; já antes de chegar a esta ultima povoação, algumas corredeiras e cachoeiras menos importantes difficultam a navegação, mas as principaes são na proximidade d'ella. Wallace, na sua narração de viagem pelo Rio-Negro, extasia-se na variedade de espectos que offerece o rio estreitado e dividido por enormes penhascos.

Acima de S. Gabriel encontra-se o grande rio Uaupés que tem duas sahidas ou boccas para o Rio-Negro, e d'elle depois me occuparei.

As pequenas povoações de Sant'Anna, S. Fellipe, Senhora da Guia e a de Marabitanes, são as ultimas do territorio brazileiro ao qual é marcado como limite a Serra do Cucuhy ou Cucuy.

RIO-BRANCO

Supposto que este rio não seja um affluente do Amazonas, na rigorosa expressão, podemos dizer que é d'elle

um tributario, e quando isto não baste para justificar este capitulo, elle provara sua collocação lembrando-nos que era dever meu o colleccionar todas as noções corographicas que podesse obter, e indesculpavel seria callar o que é conhecido do Rio-Branco e do Uaupés.

O Rio-Branco entra pela margem esquerda no Rio-Negro, do qual é o maior tributario, a cerca de 56 legoas de sua foz, e torna-se notavel pelo seu aspecto, que é um pouco differente d'aquelle que geralmente apresentam os outros rios da Amazonia.

Ha mais de um seculo que foi elle explorado e no que sobre elle vou dizer seguirei o que diz Baena que colheu suas noticias de fontes puras e abundantes. Diz elle que em 1725, os missionarios carmelitas começaram a cathequese dos indios d'este rio, que começou a ser navegado successivamente por diversas bandeiras de resgate, apparecendo já em 1736 no Pará, productos do Rio-Branco. Em 1740, Francisco Xavier de Andrade por ordem do capitão general do Pará, João de Abreu Castello Branco, entrou por este rio com o fim de prescrutar o rio Uraricuera que por muitos era considerado sua continuação.

Em 1741 Nicolau Hortsman desce o Rio-Branco até ao Rio-Negro, e d'aqui até ao Pará; sahira de sua patria para America para vêr o *Lago dourado ou Parimé* que as narrações phantasticas ou pelo menos phantasistas de Mr. Brion, d'Anville, padre Gumillá, e outros escriptores que trataram da America Meridional, tinham collocado na cordilheira do Rio-Branco que diziam nascido n'esse lago.

N. Hortsman passara do Essequibo ao Rio-Branco pelo *Rio Repunuwine* que na bella cópia que possuo do mappa dos demarcadores levantado em 1787 por M. da Gama Lobo e Almada para o reconhecimento d'este rio e seus affluentes, e no mappa de José Simões de Carvalho, é designado com o nome de Repunuri. Esta viagem e os esclarecimentos dados por Hortsman, e o esboço que d'elle traçara, serviram ao grande navegador La Condamine, para traçar e marcar a bacia do Rio-Branco.

Estes estudos porém apezar dos trabalhos de d'Anville em 1748, de Bellin e Hartsinck em 1770 e os de Olmedilla em 1775 ainda deixavam muito a desejar, e como bem diz o sr. José Gualdino em seu escripto, Olmedilla attribuiu ao Repunuwine (Repunuri dos portuguezes) e por conseguinte ao Essequibo, o systema do lago Amacú, erro este que foi acceite por Bonne em 1780, Buaache em 1797, Pierre Lapie em 1812, Brué em 1815, até Humboldt, justificando as pretenções da França a uma enorme zona de terras comprehendida pelo Maroni, Oceano, Amazonas, Rio Negro e Rio Branco, assumpto este magistralmente tratado pelo sr. J. C. de Sousa na sua obra *L'Oyapoc et l'Amazone*.

Em 1787 a exploração de commissarios portuguezes prescrutou o Rio-Branco e seus affluentes, chegando pelo Uraricuera e seu affluente Uraricapará até á serra Pacaraimá no ponto em que, pela fralda opposta se suppõe que chega o rio Paraná-Muci, pelo Mariary tambem ás proximidades da mesma serra, pelo rio Surumy vencendo 16 cachoeiras, passando além da serra Tubay até á fralda da serra Paraimá, pelo Mahu e seus affluentes até á serra dos Cristaes e a Pacaraimá e até alem da serra Cairre. Pelo rio Parará é trajecto das cabeceiras d'este até ao lago Amacú, e trajecto d'este até á cabeceira do rio Turicuiú affluente do Repunuri; rectificando o reproduzido e mostrando que tal lago nem ligação tem com este rio.

Este trabalho dos engenheiros portuguezes é um dos mais perfeitos de tantos que elles fizeram, mas ainda assim não são completos, pois segundo as ordens que recebiam deviam as suas explorações estender-se até á zona limitrophe com todas as antigas possessões hespanholas, e não obstante as terem elles feito no enorme sector comprehendido como já fica descripto desde as nascentes do Uraricapará na serra Parimá, ás do Macutó, Mahú, Xurumi e lago Amacú, deixaram de explorar o territorio que fica entre as nascentes do Orenoco e a serra Parimá pelo lado de Venezuella, e pelo lado brazileiro entre o espaço

que vai das cabeceiras do Macajahi e Caraterimani, tributarios do Rio Branco e as do rio Paduvary, Domeniuy, Marary, e as serras que precedem a do Parimá.

Esta região que é a do desconhecido, do ignoto, apenas foi devassada rapidamente em 1837 por Roberto Schambuogle; n'ella assim como na das cabeceiras do Tacutú foram collocar o Eldorado—a terra das maravilhas.

Na tradicção hespanhola é collocado cerca do rio Parimá; em alguns mappas Parimá é um grande lago em cujas margens existe ou existia a cidade *Manôa del Dorado*, cidade edificada pelos peruanos fugidos á crueldade dos hespanhoes. Muitos escriptores hespanhoes fallam d'esta cidade, onde todos os moveis e utensilios são de ouro, tão vulgar é alli este metal. Pisarro, Orsua, Orellana, Quesada, Barné, Walter Raleigh, todos correram atraz d'esta illusão perdendo por ella as fortunas e ás vezes as vidas. No atlas pertencente á geographia de François, na carta da America Meridional traçada por Brion, encontra-se o phantastico lago, e de Gumilla egualmente.

O Rio-Branco lança-se no Rio-Negro por tres boccas; a 1.ª, a mais oriental está na Lat. S. de 1°-28′ e na Long. 315°-40′ segundo os exploradores portuguezes de 1787; esta primeira bocca dista da segunda dous terços de legoa, e da terceira tres legoas. A bocca a que deram o nome de Anajahu, que é a mais occidental, offerece uma disposição singular, pois que as aguas que por elle sahem formam um braço de rio que corre por muito tempo parallelo ao ramo principal, communicando depois com elle, mas continuando ainda para cima até se communicar com o rio Seriuiny, de modo que as aguas que sahem por esta bocca no Rio-Negro pertencem tanto ao Rio-Branco como ao Seriuiny.

A direcção do seu curso varía entre N. e S. e NE. e SO., e o seu curso, depois das explorações feitas pela commissão brazileira encarregada das demarcações de limites, e as explorações do engenheiro Haag, é calculado em 560 kilometros contados da bocca até á confluencia com o Tacutu e Uraricuera, na qual foi construido pelos portugue-

zes o forte de S. Joaquim do Rio-Branco; d'estes dous rios, cuja confluencia segundo o mappa de Simões de Carvalho, é collocada á Lat. 3º-1', e na Long. de 317º da ilha do Ferro, o segundo é que parece ser o principal e portanto continuação do Rio-Branco.

Este rio Uraricuera não está completamente explorado na parte do seu curso para o S. depois da confluencia com o Uraricapará até ás nascentes; conserva o nome de Uraricuera até á embocadura do Aurys, e d'ahi em diante dão-lhe o nome de Paraime ou Paruimé; a sua direcção geral é de E. a O., tendo por affluentes da margem esquerda rios cujas nascentes são proximas da serra Pacaraimá, o Auara, o Parimé, o Cauianá, o Idumé, o Uararicapará; pela margem direita temos alguns importantes como o Combú, o Alcamea, ou Acamea, o Paruainá.

Em varias cartas encontram-se rios indicados por outros nomes, mas é tal a confusão, já na nomenclatura, já em suas posições, que não podem merecer fé taes indicações, quando bem sabemos nós os amazonenses e paraenses quão pouco conhecidas são estas vastas solidões. «No rio Auará ha uma cachoeira, a Amahuá, de 15 metros de altura. O rio, depois de tres saltos, precipita-se inteiro e a prumo por uma passagem apertada, entre altos penedos, com furia e fragor indescriptiveis, sobre uma grande esplanada que parece o pedestal de um monumento cyclopeo, por onde as aguas se dividem ainda espumosas, e correndo em meandros caprichosos por entre as pedras negras cobertas de algas esverdeadas... Abaixo o rio espraia-se tranquillo e sereno como que repousando dos exforços titanicos que acaba de fazer» (1).

Tanto o rio Uraricuera como o Maiary, o Idumé, e o Uararicapará são cortados por cachoeiras, offerecendo sua largura alternativas; assim a poucos kilometros da confluencia do Mararicapará, tem elle uma largura de perto de 350

(1) Extrahido do relatorio do major Castro Sequeira, membro da commissão de limites entre o Brazil e Venezuella.

metros, emquanto que da ponte oriental para cima apenas tem 150, e junto á cachoeira Urumamy, acima da barra do Uararicapará passa comprimido entre penedias por espaço de 20 metros, alargando em seguida.

As cachoeiras são numerosas, e tanto, que só no espaço que vai entre os dous extremos oriental e occidental da ilha do Maracá, que fica a 14 kilometros da confluencia do Uararicapará, contam-se 24 cachoeiras.

O outro grande rio Tacutú tem suas nascentes junto das do Araná que é um dos affluentes da parte inferior do Rio-Branco; em grande parte do seu curso corre quasi de de S. ao N. mudando depois esta direcção pela de NE. para SO. Pela margem esquerda recebe differentes igarapés como o Mapadá, Irué, Miaumbú, Tua, etc. e pela margem direita, os rios Surumú, Mahú, Saraurú e o igarapé Manacarapá.

Este rio Mahú é bastante importante e parece ser o ramo principal do Tacutú; não está ainda explorado até ás cachoeiras e tem tambem o nome de Ineu. É obstruido por cachoeiras em uma extensão de cerca de 60 kilometros; a principal d'ellas é chamada Caroná. O seu affluente Suruini, um dos mais importantes, recebe a seu turno o Cotinga que nasce na serra Roruimá que é o ponto mais septentrional do Estado. A sua maxima largura é de 400 metros, navegavel na enchente dos rios por lanchas a vapôr que podem alcançar o lago Amacú, de onde nasce o Pirarará que desagôa no Mahú.

O nome indigena do Rio-Branco era *Queceuene*, e os seus principaes affluentes são pela margem direita o Canamé, Mucajahy, Caratimany, Seruini, Imarauini, Jarani, Gerimé, e pela esquerda, Anauá, Agua-Boa, Majuary ou Macuary, Curicú, e a sua largura varía de 700 a 4:000 metros.

As suas aguas pelos seus affluentes provêm das fraldas meridionaes das montanhas que formam a extremidade occidental da cordilheira que, segundo Baena, extende-se a 4° N. entre as Long. de 314° e 318°. Diz elle que esta cordilheira se compõe de empinadas serras e montes abertos de

florestas, menos uma do lado do levante que, por despida de arvorêdo, lhe chamaram *Serra Pellada*. Ha mais duas serras conhecidas pelos seus nomes de Pacarainá, e serra dos Cristaes que já tenho mencionado.

Da primeira a 4° de Lat. N. e 314°-30′ de Long. começa a linha de demarcação para a serra do Cucuhy no alto Rio-Negro, assignalada pelos geographos portuguezes, a segunda jás na encosta das serras da mesma cordilheira na face do Oriente entre os rios Surumú e Tocutú; o vertice d'esta serra forma uma planicie de ampla circumferencia horisontal, cercada e enriquecida de bellas arvores, onde ha um vasto e profundo lago assaz piscoso, em torno do qual uma tribu de indios das muitas nações que por alli vivem, faz suas plantações de mandioca. Da mesma forma a cachoeira do Rabino.

No Rio-Branco a 380 kilometros da foz começa a região encachoeirada a qual se estende por mais de 24 kilometros; as principaes são, subindo o rio, as de nome S. Filippe, do Rabino, Pancada-Grande e Cachoeirinha. A da Pancada-Grande é formada por tres quedas, a de S. Filippe tem um salto de 1 metro e 60 na vasante. Quasi todos os seus affluentes tem cachoeiras em maior ou menor numero, e de maior ou menor importancia.

Segundo o sr. Alex. Haag, este rio offerece as differenças maximas entre a enchente e a vasante de 10 metros e 50 abaixo das cachoeiras e de 13 metros acima na confluencia do Tacutú e Uararicuera. Estas variações, segundo os escriptos do infeliz explorador Gustavo Wallis, não são tão consideraveis, pois que na parte superior elle só achou a differença de 7 metros e 10 junto ao forte S. Joaquim; esta divergencia porém não é para admirar, pois que as vasantes e enchentes não são iguaes em todos os annos; ás vezes são espantosas. Eu recordo-me de que em 1867, passando pelas boccas do Rio-Branco, a vasante tinha sido tão forte e posera a descoberto tão grande numero de praias e por tal forma extensas, que o grande caudal parecia commodestissimo rio correndo dividido por aquelles areiaes.

A sua maxima corrente na força da vasante é de uma milha, mas vai crescendo com as aguas e chega a tres milhas. A vasante começa em Junho quando tambem descem as aguas do Rio-Negro. Os repiquetes ou enchentes parciaes com baixa immediata e pouco consideravel são muito frequentes.

Como creio já ter dito é um caracter geral a quasi todos os tributarios do Amazonas o serem tortuosos; n'este porém encontramos uma excepção, pois offerece grandes tractos completamente em linha recta ás vezes até ao horisonte.

Este rio quasi que sómente nas proximidades do forte de S. Joaquim é habitado por fazendeiros e vaqueiros; poucos se occupam de culturas, e é para causar admiração, quando se vê a abundancia que ha n'este rio, de caça e de pesca, o não ser elle mais povoado.

O solo, diz Wallis a quem tomo estas informações, offerece em muitos pontos terrenos que pela sua elevação e uberdade estão indicando quanto seriam proprios á cultura especialmente na parte inferior do rio.

«Um objecto essencial e de grande importancia, tanto para o Rio-Branco como para o Rio-Negro, é a creação de gados, e é sabido de todos que n'este rio quanto mais se entra por elle dentro tanto mais deminuem as florestas e augmentam os campos proprios para a creação de gado, que poderia attingir um enorme desenvolvimento, attenta a grande extensão de suas campinas e a corpolencia que toma o gado n'elles creado.

«Uma condição climatologica offerece esta região que concorre para a fazer differente do restante das regiões amazonicas, e é o reinarem durante oito mezes do anno, geralmente de Septembro a Abril, fortes ventos de NE. a SO. favorecendo portanto a descida; e são tão certos e continuos estes ventos, que as arvores dos campos todas se inclinam para o mesmo lado com a copa para o S. Estes ventos continuados não só purificam o ar como contribuem para a destruição de bichos parasitas.

«Por esta mesma razão o Rio-Branco é isempto de mosquitos (carapaná) que são o tormento, ou como lá lhe chamam bem apropriadamente a praga, de grande parte de nossos rios, e o mesmo acontece com o *piuan*. Ainda a esta mesma causa se poderá attribuir nas margens do Rio-Branco, não existirem as febres que na Amazonia reinam em quasi toda a parte onde ha rios.»

N'este rio não se encontram, como em quasi todos aquelles de que me tenho occupado, abundancia de productos naturaes, como gomma elastica, copahyba, cacáo, etc., mas parece que a natureza quiz compensar esta falta com a incrivel abundancia de peixe, caça, tartarugas, que n'elle se encontra, constituindo a colheita dos ovos d'estas e o fabrico do oleo d'elles extrahido, um ramo de commercio, ao mesmo tempo que a riqueza de suas terras e dos portos naturaes lhe asseguram um feliz porvir, tanto pela creação como pela agricultura.

Com estas considerações que tirei de uma carta dirigida pelo sr. Wallis ao sr. Ferreira Penna porei termo a esta noticia sobre o Rio-Branco, passando a tratar do grande rio Uaupés.

UAUPÉS OU GUAUPÉS, OU UCAYARI

Além do Rio-Branco, é este o affluente que maior quantidade de aguas offerece ao Rio-Negro, calculando alguns que elle tem mais agua do que a que tem o Rio-Negro ao chegar ás cachoeiras. A existencia de uma ilha no ponto de sua confluencia faz com que elle lance suas aguas por duas boccas, das quaes a do S., segundo os demarcadores portuguezes, finda na Lat. de 0°-4'-30" S. e na Long. 309°-45'. O ponto em que elle se une ao Rio-Negro fica uns 60 kilometros acima do forte S. Gabriel.

Não é este um dos rios mais conhecidos. O seu primeiro explorador, foi o coronel portuguez Manoel da Gama Lobo e Almada, depois governador da capitania, deixando em ambos os logares um nome illustre e ainda hoje fallado;

posteriormente foi percorrido pelo viajante inglez Wallace que esteve no Brazil em 1848 e 1849. Este é quem mais longe subiu este rio, chegando proximo á grande cachoeira do Jurupary (diabo).

Baena, de conformidade com os documentos das demarcações, diz que acima da bocca a direcção d'este rio é a da linha equinoxial para O. até á confluencia do rio Tiquié, tomando d'este ponto em diante a direcção N. e depois a occidental.

É elle em parte bastante caudaloso, nem podia deixar de sel-o, sendo elle cortado de cachoeiras, as quaes formam como que quatro grupos, sendo o primeiro aquelle que tem começo na primeira cachoeira do rio chamado Jauauté (onça), que fica acima do logar S. Jeronymo; 130 milhas acima da bocca, segundo Wallace, tem esta cachoeira dous saltos, o que torna muito longo o transporte das cargas por terra.

Este grupo conta cerca de 20 cachoeiras conhecidas pelos seguintes nomes:

1.ª Jauarité.
2.ª Uacú.
3.ª Uacará.
4.ª Mucura.
5.ª Japona.
6.ª Tay-Assú.
7.ª Uomary.
8.ª Macaco.
9.ª Irá.
10.ª Bacaba.
11.ª Arara-Mirim.
12.ª Tamacuaré.
13.ª Paroqué.
14.ª Japú.
15.ª Arara.
16.ª Tatú.
17.ª Amaná.
18.ª Camoá.
19.ª Yauty.
20.ª Carurú.

D'estas, as cinco ultimas Wallace as classifica de muito trabalhosas. A largura geral do rio acima de Janarité é de cerca de um terço de milha, mas as tortuosidades são innumeraveis, e as curvas tão rapidas que tornam difficil a navegação, os canaes formados por ilhas ou por grandes pedras são numerosos; estas condicções produzem muitas vezes a illusão de que as aguas parecem correr para traz.

A ultima cachoeira Carurú é temerosa pois o rio precipita-se entre grandes penedias e largas lages com uma queda de 15 ou 16 pés.

Um segundo grupo de cachoeiras se apresenta á navegação depois de 4 dias de viagem em canôa além da cachoeira Carurú. Este grupo tem oito cachoeiras cujos nomes são:

1.ª Pirewa.
2.ª Uacuruá.
3.ª Maniwara.
4.ª Matapi.
5.ª Amaná.
6.ª Tapira-canga.
7.ª Tapira-eurá.
8.ª Jacaré.

A ultima é a mais elevada, pois o rio passa por cima de penedos, e precipita-se rugindo furioso de 20 pés de altura.

Um outro grupo menor corta o rio com seis cochoeiras não proximas entre si, mas deixando intervallos de 2 e 3 horas de navegação, mas n'estes intervallos se encontram muitas pedras soltas, são ellas:

1.ª Taiena.
2.ª Paroque.
3.ª Pacú.
4.ª Macucú.
5.ª Ananaz.
6.ª Uacú

Com intervallo de um dia encontra-se um quarto grupo de cachoeiras denominadas:

1.ª Tapioca.
2.ª Tocano.
3.ª Tucunaré.
4.ª Uaracú-Pininü
5.ª Tayassú.

A este grupo se pode talvez addiccionar ainda as seguintes:

6.ª Cururú.
7.ª Murucututú.
8.ª Uacurouá.

Acima seis ou sete dias de viagem d'esta cachoeira encontra-se a grande cachoeira Jurupary.

N'esta enumeração següi o trabalho de Wallace, que diz que entre cachoeiras e corredeiras elle transpôz umas 50 sendo 20 d'ellas apenas corredeiras; das 30 restantes, 18 eram trabalhosas e perigosas, 12 especialmente tomavam a passagem ás canôas sendo preciso descarregal-as e varal-as por terra, assim como a carga.

Wallace, por incidentes de viagem, não poude fazer um estudo rigorosamente exacto da posição astronomica e altura acima do nivel do mar para os pontos mais elevados de sua viagem, e especialmente para o ponto extremo d'ella, mas com o que poude alcançar julga haver para elle uma differença nunca menor de 800 pés.

Acima da grande cachoeira Jurupari, o rio prolonga-se muito, e sem obstaculos á sua navegação.

Não estão determinadas com precisão as nascentes d'este rio, só se sabe que ellas ficam nas fraldas das mesmas cerranias que as do Rio-Negro e Cumiari; na carta do Imperio publicada pela commissão official, o Uaupés ou Waupés é figurado com um curso que o leva á serra Uracuara. Baena noticia que na parte N. do seu curso, recebe um canal que vem do rio Guabiari, das visinhanças de Santa Fé de Bogotá, capital da Columbia, e de um dos departamentos mais ricos em minas.

Os affluentes que lhe avolumam as aguas são pela margem direita, os seguintes: Tiquié, Capuri, Hiucary ou Purure-Paraná, Muzai, Hiuarituindé, Unhunham e Tenari. Pela margem esquerda são o Iviari, Pirichazeiné, Buritará, Muará.

Pelo Unhunham depois de tres dias de viagem pela sua margem oriental passa-se para o Uassaparaná, affluente do Apaporis por onde se passa ao Japurá.

O Uaupés ainda em 1775 era habitado por grande numero de nações indias; actualmente o seu numero é muito menor. As que outrora por alli vagavam eram as chamadas Ceuaná, Maué, Uanauá, Tariamá, Benari ou Bonari, e Uaupés; hoje as que ainda abundam são as d'esta ultima denominação, e no dizer de Wallace tem conservado

as boas qualidades que já outrora lhe eram conhecidas. Dão-se á pequena agricultura, constroem as suas ubás, tratam bem os forasteiros a quem auxiliam na passagem das cachoeiras, vivem em casas bem construidas tendo uma em que reside o *tuchaua* (o principal) na qual se fazem as grandes reuniões e danças. N'esta tribu ha como que uma aristocracia; as classes são differençadas por um ornamento que trazem pendurado ao pescoço, consistindo em uma pedra branca cilindrica, polida, a qual no *tuchaua* tem quasi um palmo de comprimento; nos nobres já ella é menor, e na burguesia muito menor. Vendem uns bancos de uma só peça de madeira, offerecendo no assento em vez de uma superficie plana, uma ligeiramente concava, e que offerecem commodidade para quem cose; tambem vendem uns ralos formados por pequenas pedras angulares cravadas em peças de madeira, e n'elles ralam a mandioca; fabricam sal extrahindo-o de uma herva chamada *cururé*. Esta nação ção parece a mais apropriada para a cathequese, mas por ora, apezar de conhecida ha mais de um seculo, nada tem feito os governos para aproveitar tão boas disposições.

MATARI

Com este nome são designados os dous braços de um rio que na sua foz tem uma ilha que o divide, a qual é bastante extensa ficando os dous canaes a uma distancia de cinco legoas um do outro. Tem o Matari as suas nascentes nos pendores das serras guyanezas, formando antes da sua entrada no Amazonas um lago, bem conhecido dos navegantes pelo nome de Puraqué-Coara, (buraco do *puraque*) que é o nome indigena do *gymnotus electricus*.

A ilha que fica na bocca tem sido séde de algumas aldeias de indios fundadas pelos missionarios mercenarios. As nações que habitavam aquelle rio eram as dos Sapopés, Aroaquis e Periquitás; hoje nem um só representante d'ellas se encontra.

URMUBÚ

O lago do *Saraca*, um dos maiores e mais bellos do Amazonas, desagoa n'este rio por seis boccas ou canaes, dos quaes o 6.º, subindo o rio, tem o nome de Arauató; é por este mesmo canal que o rio Urubú, formado com as aguas vindas da cordilheira de montanhas da Guyana hollandeza, lança suas aguas.

Este nome de Urubú, que foi dado pelos portuguezes, substituiu o antigo nome de Burururú, tirado do de uma das nações que o povoavam, pois era este um dos rio em que maior numero de nações se contava, vivendo alli os Guanavenas, os Caboquenas e Aroaquis. Foi contra estas nações que foi dirigida a horrorosa expedição commandada por Pedro da Costa Favella em 1664 por ordem de Ruy Vaz de Siqueira, em que pereceram por não se quererem sugeitar aos invasores 700 indios e foram captivados 400 e queimadas 400 malocas.

Em uma parte de seu curso, que é de cerca de 400 kilometros, é este rio cortado de cachoeiras, mas superiores a ellas existem vastos campos proprios á creação de gados os quaes se estendem até as serras guyanezas. Hoje o rio está abandonado e encontram-se muitas taperas (ruinas de povoados) das antigas missões de mercenarios.

CAIAMÉ

Nada pude, apezar de séria pesquiza, encontrar sobre este rio que d'elle me desse minucioso conhecimento; apenas diz Baena que é elle muito piscoso e abundante de cacáo e salsa-parrilha.

Fica 159 legoas acima da bocca do Jamundá e 87 abaixo da confluencia do Rio-Negro. É por elle, segundo diz Araujo Amazonas no seu diccionario, que Paccorrilha noticiou a La Condamine haverem entrado no Solimões, as Icamiabas (amazonas ou mulheres guerreiras) em direcção ao Amazonas; é caudaloso e não me consta que já fosse explorado.

UATUMA

A noticia que encontro sobre este rio no diccionario de Araujo Amazonas, é a mesma que se acha no escripto de Baena, e por isso o transcrevo. Diz elle: «Rio da Guyanna, margem esquerda do Amazonas, 30 legoas acima da bocca do Jamundá, entre o lago Saracá e o ribeiro de Cararaucú. Cinco legoas acima da sua foz recebe pela sua margem esquerda o Jatapú, e 35 acima d'esta, o Pirapitinga pela direita. Corre de N. a S. d'essa altura para cima em um leito desigual e pedregoso.

Suas aguas são escuras e piscosas, e suas margens abundantes em breu, cravo e cupahyba.

Regam este rio e os seus confluentes um territorio muito pouco conhecido, e no qual se presume terem-se refugiado muitas nações indigenas pára se livrarem das perseguições dos conquistadores pela descoberta. Sabe-se apenas n'elle dos Aroaquis, Cerecomás, Pariquis e Sedahis, e ainda mais distantes para E. os Anibas. Existem n'este rio duas povoações, a de Uatuma de Pariquis e a de Jatapú de Parintins, esta immediatamente acima da foz do rio que lhe deu o nome, e aquella cinco legoas da sua.

Immediatamente abaixo da sua foz no Amazonas principia a corrente de Cararaucú. No Jatapú, seu affluente, encontra-se a 36 legoas de sua bocca uma grande catadupa.

CARARAUCÚ

É este um pequeno rio da Guyanna entre o Uatumá e o Jamundá a 24 legoas acima da foz d'este; fica proximo a umas alterosas barreiras que d'elle tomam o nome; junto a ellas é fortissima a corrente do Amazonas, o que obriga os navegantes a atravessarem para a margem opposta.

JAMUNDÁ OU YAMUNDÁ, OU NHAMUNDÁ

É um dos rios da Amazonia que mais interesse desperta, não só pela sua importancia como rio, como por ser

o limite entre as duas provincias amazonicas, e mais ainda porque a elle se liga a tradicção das Ycamiabas, as mulheres sem maridos, as amazonas que deram, com ou sem razão, o seu nome ao grande rio.

A barra do Jamundá demora a 175 legoas da foz do grande rio. Todos os que sobre elle tem escripto usam de identicas palavras dizendo, que tem este rio as suas nascentes nas montanhas da Guyanna e corre na direcção NS. dividindo a Guyanna brazileira em duas, uma oriental outra occidental, divisão que hoje é a da provincia antes chamada do Gram-Pará. Este rio, dizem elles, atravessa o lago de Faro, outrora aldeia de Yamundá, indo lançar-se no Amazonas por differentes braços.

Segundo o meu lembrado amigo Domingos Soares Ferreira Penna, estas indicações não são exactas e tem sido repetidas de uns a outros por centenares de annos, mas sem que a sua veracidade fosse verificada. Segundo a sua opinião, este rio, chamado pelos indios Cumury, não segue a direcção NS., embora La Condamine com sua authoridade repetisse estas asserções que não poude verificar em sua rapida excursão.

Segundo Ferreira Penna e as informações dos que tem entrado no Nhamundá para colher productos naturaes que são os que mais longe tem ido, o rio deve vir da região central comprehendida no espaço que fica entre o Trombetas ao N. e o Uatumá ao S.

Descendo d'ahi, o Yamundá ao principio corre naturalmente ESE. por entre montes, recebe pequenos affluentes, tomando para SE., tendo apenas cachoeiras, e entra em terreno baixo, humido e bem arvorejado; n'esta planicie emitte elle um braço que, atravessando-a, se lança com o seu nome no Rio Trombetas, no ponto em que este acaba de transpor sua ultima cachoeira; muito cheio de ilhas n'esta parte do seu curso, tem no maximo 250 metros de largura. Suas margens, antes de chegar ao Pratucú, seu affluente, elevam-se chegando a ser montuosas.

O Pratucú conserva-se parallelo ao Jatapú que é tribu-

tario do Uatumá; toma a direcção E. e lança-se no Jamundá a 36 milhas acima de Faro, dividindo-se na sua confluencia em diversos braços pela existencia de duas ilhas. N'este ponto de reunião dos dous rios toma o Jamundá grandes larguras, tendo no centro uma ilha pedregosa, mas coberta de arvores; esta bahia é cercada de terras altas e montes.

Deixando a bahia, toma a direcção E. quasi em linha recta e depois de 20 milhas, formando uma curva dupla como um grande S, lança-se no lago de Faro. Desde a confluencia do Pratucú, o Jamundá é um rio vasto e profundo, magnifico, correndo entre montes coroados de vigorosa vegetação, recortados de pontas e enseadas, e bordado de praias de fina areia.

No lago de Faro, porém, cessam os accidentes de terreno e começa a extensa planicie do Amazonas, onde o rio deixando o lago se restringe a um canal estreito ao qual vem desaguar o Cabury, *paranámirim* que o Amazonas lhe envia. O aspecto do rio, diz Ferreira, muda, perde o seu aspecto soberbo, o seu curso é vacillante, a côr menos bella, e o seu arvoredo perde o seu esplendor.

O rio toma não o rumo NS., mas sim o rumo geral ENE, até o *paranámirim* do Caldeirão.

N'esta secção varios lagos pouco importantes o acompanham a pouca distancia da margem, uns grandes como os Lagos Carauary, Algodoal, Araquiçana ou menores como o Maracaná-Ubim, Abaucú, em cujas praias existem numerosos sitios com viçosas plantações. A partir do lago Araquiçana, que é o ultimo d'esta secção, o rio alarga-se até 300 metros, volta para o N. passando pelo logar denominado Repartimento, onde recebe na margem direita, que agora é a oriental, o *paranámirim* do Caldeirão que vem do Amazonas.

Placido, largo ainda, cristallino, o Jamundá, recebendo este contingente do Amazonas, muda totalmente de phisionomia, seu leito estreita-se e profunda-se muito, a marcha é arrebatada, as aguas tomam uma côr amarella-olivatica, perdendo a sua transparencia.

D'aqui em diante o seu rumo geral até perder-se no Trombetas é NE., fazendo porém numerosas flexões, ora para o N. ora para E. ora para NNO.

Os lagos continuam a acompanhar as margens.

N'este trajecto deixa a esquerda o furo da *Paciencia* que dá entrada para os lagos Piraruacá, e os de Caraná, Mariapixy, Sapucuá que dão entrada para lagos da mesma denominação. Entra no Trombetas defronte da ponta do Uruá-Tapera com 100 metros de largura, ficando ao N. da sua foz a ilha Jacitara.

A extensão do curso do Jamundá, nas planicies não é menor de 28 legoas, sendo 14 na primeira secção de Faro ao Repartimento, 14 na segunda secção até ao Trombetas.

Vê-se pois que o Jamundá é um affluente do Trombebetas e não do Amazonas, como geralmente se diz, e portanto a corrente figurada nas cartas (até 1869) como foz do Jamundá no Amazonas não é senão um defluente ou *paranámirim* d'este rio que vai lançar-se n'aquelle e conduzil-o até ao Trombetas. Este facto, como bem diz Ferreira Penna, não é uma simples observação geographica tendente a mostrar que o rumo verdadeiro do Jamundá não é aquelle que lhe tem dado as cartas e os livros; tem um outro alcance, e é que sendo este rio o limite official entre os estados do Pará e do Amazonas, merece este assumpto séria attenção para ser rectificado este erro que no futuro póde trazer difficuldades entre os dous Estados.

Ligada a este rio ha longos annos correm duas tradicções que tem occupado muitos escriptores e são, a das *Amazonas* ou *Mulheres Guerreiras*, e a do *Muirakitan* ou amuleto; de uma a outra me vou occupar.

Ycamiabas—(Mulheres sem maridos). Tratando d'esta tradicção que tem sido assumpto para discussão entre tantos escriptores, meu espirito vacila e sem apresentar opinião segura, colherei dos escriptos de Gonçalvez Dias, Barbosa Rodrigues, ouvidor Sampaio, conego Bernardino de Souza os seus argumentos, e apenas lhe juntarei algumas reflexões minhas.

Diz a lenda que nas nascentes do Jamundá existe um formoso lago chamado Yaci-Uaruá, consagrado á lua. Era n'este lago que em dadas epochas e em certas phases da lua se iam banhar as *Icamiabas*, ou mulheres sem marido. Depois de cumpridas as ceremonias expiatorias ou antes propiciatorias e quando a lua illuminava o lago, banhavam-se e recebiam da *mãe do muirakitan*, as pedras chamadas assim, com as formas que desejavam. Estas pedras eram extremamente rijas e polidas, e a crença espalhada era que emquanto debaixo da agua ficavam molles tomando todas as formas, apenas fóra d'ella se tornavam rijas e impossiveis de serem trabalhadas.

Aos homens da tribu que annualmente as iam visitar presenteavam com estas pedras que se diziam dotadas de propriedades maravilhosas como um verdadeiro amuleto ou talisman [1].

Quarenta annos depois da descoberta da foz do Amazonas por Pinson em 1500, Orellana descendo o rio Amazonas deu-lhe este nome por haver, segundo elle narrou, encontrado na foz do Jamundá uma tribu de mulheres guerreiras com as quaes travara combate; o nome indigena d'estas mulheres era o de Ycamiabas. Viviam nos extremos do Jamundá, e proximo a varias tribus ferozes de indios entre as quaes a do Guacaris, que unicos gosavam do privilegio de annualmente as ir visitar, e dos filhos que nasciam só guardavam as do sexo feminino. Quanto ás do sexo masculino ou eram mortas ou entregues aos pais.

Sobre esta lenda tem sido larga a discussão. Na antiguidade referem escriptores, taes como o historiador Justino, citado por Gonçalves Dias, a existencia de uma nação

[1] Tenho possuido varias d'estas pedras ou muirakitan, a primeira que possui, dei-a em 1846 ao explorador conde de Castelnau quando passou aqui pelo Pará; era de uma côr verde bastante desmaiada, com uma forma cilindrica de pequeno diametro e pollegada e meia a duas de comprimento, e cousa curiosa, fôra trazida por minha avó de Obidos, de onde era oriunda, e sabemos que Obidos, não fica distante da região que se diz ter sido habitada pelas Ycamiabas.

ou tribu do Amazonas em que não era concedida a vida aos filhos varões, pois que facultavam seu amor aos homens dos povos visinhos, sem consentir que fizessem parte da sua republica, que não podia bem ter este nome, visto que tinham uma rainha.

Entre os antigos escriptores alguns negaram a existencia d'este governo feminino, mas como quer que seja, isto só serve para mostrar que a idéa não é nova, e por isso são de opinião muitos que Orellana, criminoso como era por ter abandonado o seu chefe, tendo effectuado a viagem pelo rio Amazonas, que pode contar-se como surprehendente, procurou por meio de maravilhas, ainda mais impressionar os animos na côrte da qual dependia, augmentando a sua importancia por meio de narrativas tão dignas de admiração. Se foi este o seu proposito, de certo o conseseguiu na côrte de Carlos V, pois obteve carta patente de Governador generalissimo do Rio das Amazonas, como premio dos seus serviços.

N'aquella epocha, como diz Robertson na sua *Historia da America*, o natural desejo de se avantajarem em suas descobertas uns aos outros, fazia que os contos os mais absurdos fossem narrados e acreditados; taes como terras em que por tal forma abundava o ouro que os pavimentos dos templos eram feitos com placas d'este metal, o que deu logar ao fallado El Dourado que a tantos enlouqueceu e perdeu; isto tudo fez que Orellana propagasse a narrativa das Amazonas com quem pelejara.

Mas não é só Orellana quem propaga a noticia das Amazonas. Na viagem de Pedro Teixeira, o historiador d'ella, o padre Christoval de Acuña, diz que os Tupinambás nos confirmaram tambem o rumor que corria por todo o nosso grande rio das famosas Amazonas das quaes tira seu verdadeiro nome pelo qual é conhecido depois que foi descoberto até ao presente, não sómente pelos que o tem navegado, mas pelos cosmographos que d'elle tem tratado. Seria cousa bem extranha que este grande rio tomasse o nome de Amazonas sem algum fundamento racional; mas

as provas de que temos uma provincia de Amazonas na margem d'este rio, são tão grandes e fortes, que não se pode d'isso duvidra, sem renunciar a toda a fé humana.»

Diz elle que em todo o rio encontrou a crença d'estas amazonas, e lh'as pintavam de uma maneira tão concorde e uniforme que seria preciso que a maior mentira passasse em todo o mundo pela mais indubitavel de todas as verdades historicas.

Trata depois, segundo o que lhe contaram, de marcar a posição do Rio Yamundá 36 legoas abaixo da aldeia dos Tupinambás descendo pelo Amazonas, conhecido pelo nome de Cunury. Enumera as tribus de indios que o habitavam, entre outras a dos Guacaris que é a que gosava dos favores das Amazonas; diz elle: «Estas mulheres tem-se couservado sempre sem soccorro de homens, e quando seus visinhos lhes vem fazer visita no tempo assignalado, ellas os recebem com as armas na mão, que são arcos e frechas, para não serem surprehendidas, mas logo que os conhecem vão todas de tropel ás suas canôas onde cada uma pega na primeira *itamaca* (rêde) que encontra e vai prendel-a na sua casa para n'ella receber o dono.

No fim de alguns dias voltam para as suas casas estes novos hospedes e não faltam a fazer egual viagem na mesma estação. As filhas que nascem d'este congresso são creadas pelas mães, instruidas no trabalho e no manejo das armas; quanto aos filhos não se sabe bem o que fazem d'elles, porém eu ouvi dizer a um indio que se tinha achado com seu pai n'essa assembléa, sendo ainda moço, que no anno seguinte dão aos pais os filhos, machos que pariram. Comtudo commumente se crê que ellas matam todos os machos, o que eu não sei decidir. Seja o que for, ellas tem thesouros no seu paiz, capazes de enriquecer todo o mundo.»

Ora pelo que vemos, segundo Acuña, no Yamundá ou Cunuri, que era a região habitada por estas Ycamiabas, esta crença acha-se espalhada por muitos pontos. Colombo acreditava n'ellas; Raleigh, o sonhador do Eldorado,

espalhou a narrativa das Amazonas pela Europa; Hernando Herrera tambem assevera que a ouvira no Paraguay; La Condamine tratou de averiguar isto e eis sumariamente o que diz:

«Que em toda a sua viagem, interrogando indios de diversas nações, em todas encontrou a tradicção uniforme, accrescentando umas ou outras particularidades, de que existia uma nação de mulheres, que viviam sem homens e e que se tinham retirado para o interior das terras pelo Rio-Negro, ou por um dos rios que pelo mesmo lado correm para o rio Maranhão (o Amazonas assim chamado pelos hespanhoes).»

Diz La Condamine: «Um indio de S. Joaquim de Omaguas nos disse que por ventura encontrariamos em Coary ainda vivo, um velho, cujo pai vira as Amazonas. Soubemos em Coary que o velho que nos tinha sido indicado havia fallecido, mas fallámos com seu filho homem de 70 annos e commandante de outros da mesma tribu, este nos assegurou que seu pai as tinha visto passar na entrada do Cuxinara vindas do Cayamé, que desagua no Amazonas, do lado do Sul, entre Teffé e Coary, que tinha fallado a quatro de entre ellas, que uma trazia um filho ao peito, que deixando o Cuxiuara, atravessaram *o grande rio*, e tomaram o caminho do Rio-Negro. Omitto certas minudencias pouco verosimeis, que nada importam ao essencial do assumpto.

«Abaixo do Coary nos disseram os indios a mesma cousa, variando só em algumas circumstancias, porém quanto ao ponto principal estavam todos de accordo.»

«Um indio de Mortigura, missão visinha do Pará, offereceu-se para mostrar-me um rio pelo qual segundo entendia se podia subir a pequena distancia do paiz em que n'aquella actualidade se encontrariam Amazonas. Era este rio o Irijó, e dizia o mesmo indio que quando tal rio deixava de ser navegavel, por causa das cachoeiras era preciso, para se penetrar no paiz das Amazonas, caminhar muitos dias pelos mattos para a banda de Este e atravessar um paiz montanhoso.»

«Um veterano da guarnição de Cayena asseverou-me que sendo enviado em um destacamento para reconhecer o paiz em 1727, havia penetrado entre os *amicuanes*, nação de orelhas compridas, que habita além das cabeceiras do Oyapoc, e junto ás de um outro rio que desagua no Amazonas, e que alli vira ao pescoço das mulheres as taes pedras verdes; que perguntando aos indios de onde as tiravam, responderam que ellas vinham ao paiz das mulheres que não tinham marido, paiz que ficava a sete ou oito legoas de distancia para o lado do Occidente.

O ouvidor Sampaio, lendo o que a este respeito escrevera La Condamine, e achando-se nas mesmas paragens, em que aquelle navegador procurara o indio, tratou por sua parte de colher alguma noticia que o esclarecesse, e procurando o homem a que elle se referira, soube que era o indio José da Costa Pacorrilho, sargento-mór de ordenanças, morto n'essa epocha; mas um outro indio chamado Manoel José, de cerca de 70 annos para cima, e de bom proposito, natural de Cuchiuara, que hoje já não existe, lhe confirmou a narração de La Condamine por a ter muitas vezes ouvido, assegurando que era tradicção constante n'este rio a existencia n'elle das amazonas, de onde se retiraram entranhando-se nas terras do Norte d'elle, da bocca do rio para baixo.

Um outro testemunho em favor d'esta tradicção é o do padre Gili. «Perguntando, escreve elle, a um indio *quaqua*, que nações habitavam o rio Cuchivero, elle nomeou-me entre outras os *Aikeambenanos;* sabendo bem a lingoa *tamanaque*, comprehendi sem difficuldade o sentido d'esta palavra, que é composta e significa *mulheres vivendo sós*. O indio confirmou a minha observação e contou-me que as *aikeambenanos* eram uma reunião de mulheres que fabrícam longas zarabatanas e outros instrumentos de guerra...... e que matam de pequenos os filhos varões.»

Humboldt é quem apresenta este testemunho. Parece que elle, segundo diz Gonçalves Dias, se inclinava á crença da existencia das *amazonas*, e diz que n'este testemunho

apresentado por Gili, parece haver o que quer que é de inspirado pelas tradicções dos indios de Maranhão e dos Caraibas; mas o mesmo auctor accrescenta que o indio, de que falla o padre Gili, ignorava o castelhano, não tinha estado em contacto com brancos, e não sabia de certo que ao S. do Orenoco, existia um rio que se chama das *aikeambenanos*, ou das mulheres que vivem sós.

Humboldt explica a existencia d'esta lenda por uma maneira que me parece plansivel. Diz elle que é de suppôr que «as mulheres fatigadas do estado de escravidão em que eram tidas pelos homens, se reuniram, como os negros fugidos, em algum palanque, onde o desejo de conservar a sua independencia as tornaria mais guerreiras, receberiam depois visitas de algumas tribus visinhas e amigas, talvez menos methodicamente do que o refere a tradicção.»

Walter Raleigh (1595), fallando d'estas mulheres da Guyana, diz que procurando saber qual a verdade em tal assumpto, e fallando com um cacique ou principal de entre o povo, este lhe dissera ter estado no rio das *Amazonas* e entre ellas tambem. As nações d'estas mulheres existem na parte S. do rio na provincia de Tapago (Tapajós?), e as suas principaes forças e refugio são nas terras situadas no S. da sua foz, a cêrca de sessenta legoas acima da barra do mesmo rio...»

«Roberto Schomburgk, explorador moderno da Goyana ingleza, refere que a tradicção das *amazonas* é ainda hoje corrente entre todas as tribus que tem tido relações com o Caribo. Diz elle que, segundo o que ouviu no baixo Corentyn, no Esequibo, e no Repununi, a todos os indios que por alli habitam, no alto Corentyn ainda hoje existem hordas de mulheres vivendo sós. Que a mesma narração ouviu aos indios Macusis que residem na região do supposto El Dorado, mostrando restos de vasos de barro em differentes logares que elles diziam ser das mesmas mulheres.»

O Reverendo W. H. Brett confirma o que diz Schomburgk.

O nosso lembrado poeta Gonçalves Dias, contesta esta

crença, senão como absolutamente inexacta em si, e impossivel como pouco provavel; as razões que apresenta são diversas, e a attribue á narração de Orellana que quiz dar importancia á sua viagem reunindo-lhe o maravilhoso; parece-me porém, que esta argumentação não é muito forte. Orellana não veiu só; vinham com elle muitos companheiros; como pois não consta até hoje que um só d'elles o desmentisse? Como em uma viagem tão extensa e aventurosa, em que muitos teriam a queixar-se de Orellana, nem um só aproveitou tão boa occasião para o fazer passar por embusteiro?

Depois, ha uma razão em favor de tal crença á qual Gonçalves Dias não deu a meu vêr todo o seu peso e é: como explicar que Orellana, que passou apenas com a corrente do rio por elle abaixo, podesse ter tempo para espalhar e enraizar tal crença, em uma tão vasta extensão, pois vemos, ora no Coari, ora no Jamundá, ora no Repununi, ora nas cercanias do Tapajós, os habitantes uniformes na crença, e referindo a sua existencia todos elles para os mesmos logares do lado da Guyana? Além d'isto como Orellana e os seus, que não podiam entender-se com os indios cuja lingoa ignoravam, haviam de inculcar entre elles estas extranhas crenças?

Deixando porém Orellana, achamos o padre Acuña affirmando pelos testemunhos, que mostrou por toda a parte, a existencia das amazonas.

Alguns dizem ser o padre Acuña leviano em suas narrativas; mas depois d'elle vem La Condamine que de certo não merece este epitheto, que a seu turno affirma, e apresenta os testemunhos em que se baseia para ser favoravel a esta crença.

O proprio ouvidor Sampaio vem affirmal-a ainda.

Esta universalidade de crenças desde epochas tão remotas em que nem meios havia para as espalhar, é, quanto a mim, uma forte razão fazer crêr que alguma cousa houve para justificar a tradicção. Não me inclino muito a acreditar que essas mulheres sem marido se tivessem organi-

sado por uma forma tão regular e completa, como se tem escripto; mas a maneira por que a explica La Condamine parece-me acceitavel.

Não acredito que ellas ainda existam; creio mesmo que não terão sido muito duradouras aquellas reuniões de mulheres isoladas de outras tribus, mas por pouco que tenham durado isso seria bastante para dar origem á tradicção.

Ainda argumenta Gonçalves Dias, como razão de impossibilidade para existir esta republica femenina, um calculo em que toma por base o facto que elle affirma de ser a raça india menos prolifica do que outras, e que ás indias seriam precisos tres annos de intervallo entre duas gestações.

O primeiro postulado não me parece provado; tenho conhecido bastante estas regiões, e uma das cousas que admirei sempre em minhas viagens pelo interior é o numero relativamente grande de creanças que eu via, em logares em que a raça india dominava.

Se se tratasse de indios trazidos de suas malocas para os aldeamentos, compellidos a tomarem novos habitos, o argumento teria valor, pois n'essas condições é facto observado o deperecimento dos indios; mas não se dando aqui o caso, o argumento cahe.

Da mesma forma a asserção de serem precisos tres annos de intervallo entre duas gestações. Gonçalves Dias esqueceu que a tradicção diz que quando nasciam filhos, ellas não tomavam conta d'elles e os matavam, o que altera o argumento, mas mesmo nascendo filhas, o que tenho visto me tem de sobra provado que tem as indias seus filhos com intervallos muito menores do que o que elle marca.

Os orgumentos de Gonçalves Dias, que acho procedentes, são, em primeiro logar, a difficuldade de as mulheres terem tal predominio sobre os homens que se declarassem independentes e d'elles se affastassem, sem que elles em numero egual ou maior as não sugeitassem e castigassem.

Outro argumento procedente é que uma tão grande reunião de mulheres, despertaria os instinctos naturaes nos

indios das outra tribus, já para d'ellas fazerem suas companheiras, já para as escravisar, pois que a escravisação de umas tribus por outras está muito nos habitos dos indios do Amazonas.

Além d'isto a anatomia, a phisiologia e a estatistica mostram que certas fadigas a que o homem sem difficuldade resiste, são impossiveis ás mulheres; se estas a ellas se entregassem, muitas morreriam, accrescendo que os abortos se multiplicariam espantosamente.

Estas entre as razões que elle apresenta são as unicas quanto a mim concludentes, e por isso, não acceitando a tradicção em toda a sua plenitude, acceito-a pela forma sob que a encara La Condamine, accrescentando que a admitto como tendo existido só por um certo tempo; e é essa existencia transitoria que deu logar á lenda que ornaram com o que imaginações ferteis julgaram possivel.

O facto narrado por Orellana, e n'este ponto concordo com o sr. Gonçalves Dias, não é tão inverosimil, pois que varias nações de indios do Amazonas levam á guerra suas mulheres como auxiliares, fornecendo-lhes flexas durante a peleja; é bem possivel que o facto se désse com a nação com a qual Orellana combateu, e a extranhesa do facto por tal maneira impressionasse os hespanhoes, que os homens ficassem no esquecimento, sendo sómente lembradas ellas; d'ahi as ampliações. No Tapajós, no Rio-Negro, no Orenoco, varias nações trazem, como ha pouco fizeram os Janapuris atacando Moura, suas mulheres aos combates.

A outra lenda amazonica é como disse, a do *Muirakitan* ou pedras verdes, que tambem se acha ligada á tradicção das *Amazonas*, pois dizia-se que eram só ellas que as possuiam.

Desde tempos remotos dos gregos e romanos que as pedras verdes eram estimadas, especialmente as esmeraldas, nome que davam a muitas pedras d'aquella côr, e tambem lhes attribuiam virtudes extraordinarias, de modo que a crença do Muirakitan, parece filiar-se na antiguidade assim como a das mulheres guerreiras.

Ainda hoje as raras que existem no valle amazonico são pela turba olhadas como amuleto, o erudito sr. Barbosa Rodrigues estudou este assumpto muito particularmente, e é de um escripto seu que transcrevo o seguinte:

«No valle amazonico é desconhecida a origem d'estas pedras que chamam *das Amazonas*. Desde os primeiros navegadores, ellas eram muito procuradas, como em 1662 o refere o ouvidor do Pará Mauricio Iriarte e outros, e já lhes chamava a attenção o trabalho feito n'estas pedras, onde o uso do ferro e seus instrumentos não era conhecido.

«As lendas a respeito d'estas pedras olha-as o sr. Barbosa Rodrigues como uma reminiscencia de crenças e factos muito mais antigos, pois que nos annaes chinezes escriptos no anno de 662 da nossa era, se narra a colheita de pedras finas mergulhando á luz da lua no rio.

«A Muirakitan é a pedra jáde oriental ou nephrite, a qual Confucio olhava como o symbolo da virtude; a sua analyse mineralogica tem sido por mais de uma vez feita, e parece logico que encontrando-se estas pedras no valle amazonico, devêra n'estas regiões existir alguma jazida d'ellas.

«Acontece porém que apezar do alto apreço que a ella ligavam, como attestam Pedro Alvares, Thevet, Lery, G. Soares, Fernão Cardim, Ivo d'Evreux, que todos fallam d'ellas, ninguem falla em suas jazidas, que se existem, os pobres Tupinambás, massacrados e escravisados teriam revellado; só G. Soares e Ivo d'Evreux, fallam o primeiro que na Bahia existiam pedreiras de pedras verdes, de muito preço e com propriedades contra a dôr de colica, o segundo que no Maranhão existem jazidas de pedras verdes.

«A terem existido outrora, esgotaram-se, e se se esgotaram foram empregadas em qualquer cousa. Como pois hoje não se encontram seus vestigios? Acaso pode dar-se isto com pedreiras, nos templos, nas contrucções urbanas, nas calçadas? Alguns pedaços deveriam ser encontrados.

«Havia talvez alguma jazida de feldspatho verde azulado

de que os Tupinambás faziam os seus *tambetás*, do que ha amostras no Museu Nacional do Rio de janeiro, porém a *pedra de jade nephritico* de que é feito o *muirakitan*, é muito differente d'ella e nem na amazonia, nem na America ingleza foi ella encontrada.

«Opina o sr. Barbosa Rodrigues que a *muirakitan* era importada feita, ou pelo menos a rocha de que era feita. No Chile, em Guatemala, no Perú, no Mexico, nos Estados Unidos inglezes, tem-se encontrado d'estes amuletos, porém em nenhuma d'estas regiões a rocha foi encontrada em bruto ou em jazidas; e depois de minuciosas investigações historicas, conclue que a vinda d'essas pedras deve ter origem em uma invasão estrangeira ou em uma importação.

«Na Asia, porém, ha numerosos objectos de jade, e é de lá que sempre se suppoz que ellas viessem, porque ainda hoje de lá vem, e os estudos do conselheiro Fischer, levados á ultima minuciosidade, fazem chegar á conclusão, de que foi da Asia que sahiram as *muirakitans*, pois que só no Turkestan é encontrado o nephrite em leito geologico; essas jazidas pertencem ao imperador da China, que as possue por herança desde a mais alta antiguidade, e se acham situadas nas margens de tres rios conhecidos por Yu-branco, Yu-verde, Yu-preto, nomes derivados da côr do jade sobre o qual correm as aguas.

«Estudando a diminuição das muirakitans ou da nephrite ou jadeite, combinando-a com os estudos de Fischer, o nosso compatriota chega á conclusão de que foram os povos asiaticos que derramaram pela Europa e trouxeram para a America a nephrite; diz elle que o unico argumento que pode invalidar sua argumentação é a descoberta de uma jazida de nephrite na America, e como consequencia das bases que tão laboriosamente colligiu, conclue que o homem prehistorico amazonense esteve no passado em contacto com toda a Asia.»

É para notar que sem se conhecerem, baseados no estudo do mesmo objecto Fischer e Barbosa Rodrigues, um

na Allemanha outro no Amazonas, um tomando para base d'esse estudo a mineralogia, outro a archeologia, chegavam a quasi identicas conclusões. Acontecendo ainda que ambos ligaram importancia a um objecto a que nenhum dos naturalistas e viajantes que tinham percorrido o Amazonas dera maior valor do que aquelle que os mesmos indios lhe davam.

As lendas que se acham ligadas ao rio Jamundá me tem levado mais longe do que o quadro ao qual quero adoptar este meu escripto me permite, e por isso, continuando a tarefa começada, tratarei do seguinte rio.

RIO TROMBETAS

O padre Acuña chama este rio Uaiximana. O sr. Ferreira Penna, na sua obra *Região Occidental da Provincia do Pará*, diz que os antigos indios lhe chamavam Oriximina, Uruximina, ou Uruchimine.

Este rio foi muito pouco explorado, apenas até ás cachoeiras. O capitão-tenente Parahybuna dos Reis explorou-o desde a foz até ao lago do Mura, do que levantou um mappa ou roteiro a que se refere o sr. Ferreira Penna, e sobre o qual baseou o seu trabalho relativo á parte inferior do rio. Diz elle: «O Trombetas é formado no seu curso inferior de dous ramos principaes que se encontram quasi em rumos oppostos, o primeiro é o Trombetas, o segundo é o Cuminá.

«O Trombetas segundo conjecturo, deve ter suas fontes nas immediações do Anauaú, affluente do Rio-Branco, e do Repunury que vai ao Essequibo. Desce no rumo ESE. recebendo na margem esquerda, antes de chegar ás suas grandes cachoeiras, um affluente notavel que vem dos campos do N. por onde os indios e negros do mocambo se communicam com as malocas de negros que povoam as cabeceiras do Saramaca e Surinam na collonia hollandeza.

«As cachoeiras occupam uma extensão de 14 a 16 legoas, geralmente coberta de florestas, percorrendo o rio

um labyrinto de ilhas pedregosas de diversas dimensões, variando sempre de rumo nos canaes, e alongando-se consideravelmente.

«N'esse trajecto recolhe um affluente á direita e outro á esquerda, e passando a ultima cachoeira que é tambem a mais notavel, recebe alli mesmo e do lado do S. um igarapé que não é mais do que um braço do rio Jamundá que o faz assim chegar ao Trombetas.

«Passada esta ultima cachoeira, o Trombetas entra logo na planicie do Amazonas, torna-se agradavelmente tranquillo, profundo, estreito e sinuoso até ao lago do Mura, termo da exploração do capitão-tenente Parahybuna. Continua d'ahi para baixo com flexões eguaes, sempre no rumo ESE, tendo aos lados numerosas boccas de lagos, grande numero d'elles accessiveis a vapôres, e encontra o Cuminá que conflue á esquerda vindo de E...

«O Trombetas toma então o rumo de SE., seguindo em uma linha recta de cerca de 20 milhas...»

É n'este estirão que existe a longa ilha de Jacitara, e quasi em frente á extremidade S. d'ella, pela margem direita entra o rio Jamundá com as aguas toldadas do Amazonas com o humilde nome de Igarapé Sapucuá.

Seguindo com o rumo SES. com poucas variações, passando pelas boccas de varios lagos, lança-se no Amazonas a uma milha a OSO. da extincta colonia militar de Obidos.

Antes da confluencia, elle lança dous braços ou paranás-miris que se confundem em um só com o nome de Paraná-miri de Maria Thereza, junto á foz do Trombetas do qual se separara.

O Cuminá, um dos principaes affluentes, parece vir do N. e junto á cachoeira elle reune um outro rio vindo de ENE. e depois de ter reunido os seus affluentes, alguns pequenos, outros muito largos como o Arapicurú e o Salgado, lança-se formando um só caudal no Trombetas.

O sr. Barbosa Rodrigues explorou este rio; não possuo porém este trabalho, mas pelo que encontro nos trabalhos de José Gualdino e de Hebert Smith, elle rectificou um

engano que existia em julgar-se differentes os rios Mahú e Apiniaú que elle identifica.

O Trombetas é navegavel por 135 milhas e a totalidade do seu curso suppõe-se não ser inferior a 400 milhas.

A primeira cachoeira subindo o rio, segundo Ladstone, está a 1°-6′-2″ Lat. S. e 14°-15′-1″ Long. O. do Rio de Janeiro.

Da obra recentemente publicada pelo explorador francez A. Coudreau sobre as Guyannas e a Amazonia, encontro o seguinte em relação ao rio de que trato.

«O Trombetas forma na parte media do seu curso inferior duas expansões lacustres que são verdadeiros labyrintos de ilhas e ilhotes. Forma tambem um lago, cujas aguas ricas em salitre lhe deram o nome de Salgado. O leito de sua corrente é arenoso, suas aguas claras.

«Em todas as suas praias encontram-se cristallisações. Todo o terreno tem um aspecto mineralogico muito pronunciado, principalmente nas cachoeiras, nas quaes se acham grandes quantidades de ferro, e de onde se tira já cristal de rocha, estanho, antimonio, plombagine e mica.»

Antes porém d'estas linhas que deixo transcriptas diz o mesmo sr. Coudreau: «Em 1885, descobri as nascentes do Trombetas, que no seu curso superior nas montanhas centraes (1) se chama Couroucouri.»

Acima das cachoeiras habita grande numero de escravos fugidos e desertores, e mais acima os indios Pauxis segundo Coudreau. O sr. Ferreira Penna, que tanto viajou nos nossos sertões e tanto observou os nossos indios, suppõe a respeito d'estes serem elles os ultimos restos da nação guerreira dos Caribas, tão barbaramente sacrificada pelos conquistadores europeus, e hoje tão decahidos e aviltados que até são escravos dos escravos fugidos vivendo nos mocambos (2).

---

(1) As cordilheiras da Guyanna central.

(2) Mocambo:—povoado formado pelos escravos que fugiam das cidades e das fazendas.

A confluencia do Amazonas e Trombetas tem logar junto ao ponto em que o Amazonas brazileiro é mais estreito, o que reunido ás condições do terreno d'esta localidade, em que está situada a cidade de Obidos e o novo forte, lhe dão uma importancia extrema como dominando o curso superior do rio.

Não é este trabalho o logar mais proprio para tratar das vantagens estrategicas que offerece Obidos, nem ellas tem escapado ao governo do Brazil; não tem porém cuidado em completar o que fez a natureza fortificando a margem fronteira e os morros proximos á cidade.

Este rio persuado-me que é um dos mais interessantes da provincia pela variedade de seus productos, e pela sua communicação com vastissimas campinas nos extremos pendores das cordilheiras guyannezas.

O meu comprovinciano, o engenheiro João Luiz Coelho, emprehendeu a exploração do ramo chamado rio Cuminá, mas teve que luctar com difficuldades que não esperava, e tendo vencido as 15 primeiras cachoeiras no fim de 3 mezes de privações e trabalhos, já sem recursos, reduzido a quatro ou cinco pessoas das trinta com que começara os trabalhos, teve que regressar; d'elle recebi uma collecção de amostras de marmores que remetti ao malfadado museu paraense, de um grão finissimo e de variadas cores.

Agora (1890) o governador Justo Chermont mandou novamente explorar este rio pelo engenheiro Tocantins que ainda hoje, 20 de Novembro, alli se acha.

RIO CURUÁ

O Curuá-panema, ou Curuá-manema de varios escriptores. O sr. José Gualdino, no seu mallogrado trabalho de que tantas vezes tenho fallado, suppõe que Baena toma o Curuá-panema pelo Surubiú; creio porém que não, e que Baena quiz indicar dous rios differentes. É verdade que em algumas cartas allemãs se encontra o Curuá-panema com o nome de Surubiú, e outros tem dado este nome de Su-

rubiú a um lago; mas Ferreira Penna, que observou estes logares, que os percorreu mais de uma vez, que n'elles se demorou, e que os descreve na sua obra *A Região Occidental da provincia do Pará*, mui clara e terminantemente affirma não só que o unico rio notavel d'este municipio, isto é de Obidos a Monte-Alegre, é o Curuá-panema, mas tambem que erradamente tem alguns enumerado um lago Surubijú, que não existe, mas sim uma ilha com este nome.

Ferreira Penna e Hebert Smith, que se demoraram por estes logares e os descreveram largamente, fornecem-me materia para um extenso artigo sobre o Curuá, mas não os seguirei em seus detalhes pois que sendo este um dos rios mais pittorescos e agradaveis da provincia, proximo a Alemquer que é um dos seus mais importantes municipios, hydrographicamente não tem elle egual importancia. E', como diz Ferreira Penna: «extenso mas estreito, e ás vezes ficando reduzido a poços durante o verão; corre para SO. até tocar no pequeno povoado do seu nome, communica-se com o Itacarará, depois perde-se no paraná-mirim de Alemquer, acima da villa. As terras na parte media do seu curso são de notavel fertilidade mas muito doentias, como são em geral as que se distinguem por aquellas qualidades.»

É talvez a esta má condição que é devido o qualificativo *panema* dado a este rio, pois que na lingoa geral *panema* quer dizer - *infeliz*, *mal succedido;* assim do caçador que volta sem ter morto caça diz-se *veio panema*.

Este rio recebe aguas do pequeno ribeiro Itacarará, que vem das terras altas, e depois, formando um braço com o nome de Jaburú, banha a villa de Alemquer e perdem-se no Paraná-mirim d'este nome.

Os lagos que existem n'esta região são:—o do Curuá, a que atraz me referi; o do Boto ao O do antecedente, com o qual se confunde; o de Macurá ao N. do do Boto; o de Tostão entre o Paraná-mirim de Obidos ao S., lagos Curuá e Botos ao N. É este o mais extenso de todos os do municipio. Ainda tres outros existem e são o Uruxy, Curumú, e Capimtuba.

R. TAPARÁ

Mencionado por alguns como rio, não o considero como tal, pois consiste apenas em uma reentrancia na costa, de bastante profundidade com uma ilha que, alongando-se, forma como dous braços de um rio quando não são senão um extenso furo; a um dos braços chamam Tapará-assú a outro Tapará-mirim.

RIO CATAUARY

Baena dá a este ribeiro a denominação de *rio*. Conheço-o bastante para asseverar que nem pela sua extensão nem pelo volume de suas aguas merece esta qualificação, pois apenas se estende por uma dezena de kilometros indo terminar proximo aos lagos que existem no interior da ilha do Cacoal Grande ou Cuieiras, lagos extensos conhecidos com o nome de lago das Marrecas e da Cosinha e que no tempo das cheias se communicam com os lagos que vem de Monte-Alegre, permittindo chegar a este ponto sem navegar pelo Amazonas. O Catauary é um pequeno igarapé que termina entre as terras do Paiapó e as de Bemfica. Apenas durante a cheia é navegavel a montarias, pois é quasi completamente obstruido.

GURUPATUBA

Tambem chamado Rio de Monte-Alegre. Não é elle de certo um grande rio; tem comtudo bastante largura e fundo, e é bastante extenso, mas o que o torna mais notavel do que qualquer outro são as suas disposições especiaes, não só pelo pittoresco de suas margens como pelo accidentado dos terrenos que sarja.

Ferreira Penna quando d'elle falla na sua obra, *A Região Occidental da Provincia do Pará*, pouco diz sobre elle; é Hebert Smith quem mais minuciosamente estudou o Gurupatuba, estudo que José Gualdino resumiu. Diz elle:

35

«O Gurupatuba tem nas suas fontes o nome de *Maecurú* ou *Maicurú*. Gurupatuba quer dizer *muitos portos*. Estão-lhe as fontes nas Guyanas, em 1°-15′ Lat. N., e 54° de Long. O., de Greenwich. Corre sinuosamente para o S. atravez uma serie de saltos e cachoeiras, das quaes H. Smith visitou 22, por entre barrancos cuja altitude é de 500 metros sobre o nivel ordinario das aguas. Aos 2°-26′ de Lat. S. e 54° de Long. O. de Greenwic, atravessa o lago grande de Monte Alegre, banha-lhe as terras altas, já com o rumo ESE., e divide-se antes de entrar no Amazonas, no qual desagua aos 2°-8′ Lat. S. e 53°-35′ Long. O. de Greenwich.

«Ainda com a denominação de Maecurú, percorre o Gurupatuba um largo trecho de terras das Guyannas, em que se levanta a cordilheira que vai até ás margem do Orenoco. Atravessa então um grande lago, e já mais rico de aguas toma o nome de Curuhy. Continuando a correr para o S., recebe o igarapé Apara, e só desde então é que começa a denominar-se Gurupatuba. A seis ou oito milhas de Monte-Alegre desemboca á margem oriental, o Paytuna que acima de sua desembocadura é conhecido pelo nome de Igarapé do Ereré. O Paytuna é muito sinuoso, de largura extremamente variavel; na foz mede 220 metros.

«Doze kilometros acima do Paytuna está o lago Maripá—o paraizo dos indios—diz H. Smith, emmoldurado por collinas virentes, por serras, por outeiros, por mil accidentes de terreno em que a vegetação luxuriante dos tropicos é animada por myriades de aves de todas as especies, pelos mais curiosos representantes da fauna amazonense. O Maripá communica com o rio por um igarapé que não é navegavel. Além d'este ha outro lago chamado o Maripá do centro.

«A 4 kilometros do lago Maripá, está a primeira cataracta; as aguas represadas entre as paredes das barrancas marginaes, impetuosas, violentas, espadanando espuma, quebrando com o estrepito de sua carreira o silencio do deserto, precipitam-se em um canal de 700 metros de lar-

gura (1º-12′ Lat. S. e 54º-18′ Long. O.), chama-se Panacú, e d'ahi é franca a navegação até ao Amazonas, 230 kilometros. Depois do Panacú ainda existem 21 cachoeiras e rapidos. As nove primeiras são de facil passagem, a 11.ª é difficilima e o salto ingreme; o Maecurú, bastante profundo, mede ahi 450 metros de largura. A 16.ª é muito extensa. A 22.ª finalmente mede 1:800 metros. H. Smith a compara com a queda do Niagara. Aproveitada convenientemente a força hydraulica d'esta cataracta, seria ella sufficiente para pôr em movimento todos os machinismos de Lowell, Massachussetts (E. Unidos) e Manchester (Inglaterra).»

A situação de Monte-Alegre é a mais feliz e pittoresca que conheço no Amazonas, e rivalisa com a esplendida vista da bahia do Rio de Janeiro, olhada do morro de Santa Thereza, ou com as falladas vistas da Suissa.

Collocada a cidade a uma certa distancia da margem do rio Gurupatuba, e a cerca de 300 metros acima do nivel d'elle, em uma planura que se estende para o interior até encontrar as grandes e elevadas montanhas do Tajury, Ereré e Paituna ella apresenta ao observador collocado no ponto saliente e elevado em que situaram o cemiterio, o mais variado panorama; para o S. o Amazonas com a sua immensa largura até ás barreiras do Cussary e as distantes montanhas do Curuá; para O. a vista interminavel e formosa de ilhas e lagos uns após outros, de todos os tamanhos, nús ou semeados de ilhas; para o NO. os serros elevadissimos do Paituna e Ereré; ao N. a serra do Tajury; para qualquer dos lados o aspecto muda, aqui montanhas escuras e abruptas, alli a interminavel fita do Amazonas, ao lado as ilhas e lagos encantadores.

Monte-Alegre é talvez do Amazonas o ponto que mais tem excitado a attenção dos geologos, e o ponto em que a geologia amazonica offerece mais dados para o estudo dos problemas cosmogonicos. As riquezas mineralogicas abundam alli como sejam o quartz, a ametista. o carvão mineral, etc. A pouca distancia, cerca de 2 legoas da villa, encontram-se fontes de aguas thermaes que são aproveita

das para curativo de molestias cutaneas; expostas ao ar em logar elevado, estas aguas que em outro tempo fiz analysar pelo habil clinico V. Tedeschy, davam uma temperatura de 36° centimetros. É quanto a mim um dos logares que mais promettem no futuro, cercado de vastos campos proprios á creação de gados. Começa ella a desenvolver-se, com terrenos proprios á cultura do cacáo; quando a exploração dos bancos de carvão de pedra alli existentes a não grande profundidade tomar incremento, terá aquelle municipio não uma, mas muitas fontes de riqueza; não fallando na prata e no petroleo ultimamente alli assignalados.

O nome de Gurupatuba que é dado ao rio, é o mesmo que tinha a primitiva aldeia de indios fundada pelo padre Manoel da Costa, da companhia de Jesus.

RIO JAVARY

Não encontro este rio enumerado na maior parte dos escriptos que consultei, entretanto este affluente do grande rio existe a pequena distancia abaixo da villa da Prainha. Sei que é um dos rios guyannezes, e que é extenso, ainda que lhe não posso marcar o curso. Ha cerca de 20 annos foi explorado até certo ponto pelo negociante Rocha Tury que alli tencionou fundar uma fazenda de gado, pois de um e outro lado existem extensos campos que vão, segundo affirmam, até ás serras guyannezas.

No mappa publicado pelo conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro e major Isaltino J. Mendonça de Carvalho em 1863 relativo a uma parte do Imperio, este rio acha-se marcado no logar em que effectivamente existe. Egualmente se acha mencionado na collecção de mappas do rio Amazonas executados sob a direcção do sr. José da Costa Azevedo (barão do Ladario). Por vezes passei em frente á sua emboccadura que de todos os d'aquellas regiões é conhecida, e não me constou que fosse explorado.

RIO GENIPAPO

Encontrò, em um trabalho escripto sobre o Amazonas, enumerado o rio d'este nome, referindo-se á noticia que d'elle dá Gombreville na sua *Relação do rio das Amazonas* traduzida da obra de Christoval d'Acuña, pois vem elle marcado no mappa que a acompanha. Nos trabalhos modernos que tenho consultado, em alguns o encontro mencionado, mas Baena no seu *Ensaio Corographico*, na minuciosa enumeração dos rios affluentes do Amazonas d'elle não faz menção. Eu tenho passado por vezes por estes logares em canôa o que dá logar á mais minuciosa observação do que a viagem a vapor, e nunca m'o indicaram. No mappa de Martius encontro-o consignado pela forma seguinte: «Rio Parú ou Genipapo.» Nada mais sei a respeito.

RIO URUBUCUARA

Por Baena é olhado este rio como um braço do Amazonas e sobre elle se exprime pela seguinta forma: «Braço do Amazonas que entra pela terra dentro ao Noroeste, e a sete legoas de distancia difunde-se formando varios lagos sobre uma dilatada planicie na fralda da cordilheira do Parú: estes lagos são extremamente piscosos, e no inverno convertem-se em um só e extensissimo lago bastante profundo.»

O padre Monteiro de Noronha em seu itinerario o considera comó rio. É na margem oriental d'elle que estava collocada a povoação do *Outeiro*, que foi missão dos padres de Santo Antonio, a qual já não existe.

RIO PARÚ

É este um dos rios mais importantes da Guyanna brazileira, e sua importancia parece ter sido apreciada pelos antigos. Como o seu nome indica, as suas nascentes, segundo se diz, estão situadas na cordilheira do Parú.

Pode dizer-se que toda a sua navegação, com excepção das primeiras 30 legoas junto á foz, é livre para barcos a vapor. Na parte superior de seu curso, quando attinge a planice ou campo geral da Guyanna, deixam as cachoeiras de apparecer. Attribuem-lhe um curso superior a 500 kilometros, tendo a maior parte d'elle a direcção SES.

Segundo a narração dos que tem percorrido estas paragens, as suas cachoeiras são de uma belleza excepcional, e na parte media de seu curso abunda o cacáo, a salsa, a castanha, e as informações mais ou menos rigorosas que tenho obtido dizem que as riquezas mineraes egualmente abundam.

Judiciosamente José Gualdino faz notar em seu trabalho que é este um dos rios que os francezes mais tem ambicionado possuir, a ponto de que Mr. Le Senec, confessando em seus escriptos que a sua posse é precisamente prohibida pelo tratado de Utrecht, aconselha o governo francez a procurar *bases especiosas* para um novo tratado feito com os brazileiros, *gens accomodants, non pas trois frois, mais trois cents fois bons*, o que equivale a julgarem-nos tão tolos que iriamos annular as vantagens que nos deu aquelle tratado ([1]).

Ainda modernamente a viagem de Crevaux pelo Parú, e a commissão official dada a Mr. Condreau para estudar as regiões proximas ao Parú e nações alli existentes mostram o interesse que a França toma por aquellas localidades.

Crevaux affirma, na narração de sua viagem publicada no *Tour du Monde*, que, segundo lhe disseram os indios, e segundo o mappa que elle organisou, o Parú em suas ultimas ramificações fica apenas á distancia de tres dias do rio Tapanahoni, que toma suas nascentes nas vertentes oppostas de Tumucamac.

([1]) E pensava bem, julgando-nos assim, pois assaz o mostram as concessões propostas em 1856 pelo nosso plenipotenciario, e a neutralisação dos terrenos do Amapá indiscutivelmente nossos.

Um pouco abaixo da foz do Parú acha-se a villa de Almeirim bastante decadente como a grande numero de outras acontece, tendo este facto contrario ao desenvolvimento da Amazonia, que é incontestavel, a explicação seguinte. Quando o Amazonas e seus affluentes eram navegados sómente pelos vapores da Companhia do Amazonas, estes tocavam nas povoações, pois a ellas eram levados pelos que os queriam remetter para a capital, ou alli iam receber o que a capital lhes mandava; depois que a companhia fluvial, a do Pará e Amazonas, a do Marajó e outras de particulares estabeleceram carreiras, estas para serem preferidas foram buscar os productos ou levar os generos ás proprias casas dos fabricantes ou dos negociantes, no que estes lucram tempo e despeza tocando ás vezes um vapor em uma viagem a Manáos em mais de cincoenta portos; a consequencia é a formação de muitos pequenos centros de população, e a diminuição das grandes povoações.

É n'este rio que foi construido o forte do Desterro junto á foz em 1638 por ordem de Maciel Parente, e que por surpreza foi tomado pelos francezes em 1690. Crevaux diz que ainda em suas margens vagam as nações indias dos Trios, Roconyennes, Apalai, etc.

Segundo diz o sr. M. Ribeiro Lisboa em uma narrativa de viagem publicada em 1889, em frente da foz existe uma ilha alta e pedregosa junto á margem esquerda e nas pedras d'esta ilha encontram-se numerosos fragmentos de pequenas esculpturas indias que dizem ser antigos idolos, fazendo lembrar as figuras hyeroglyphicas dos antigos mexicanos descriptos por Humboldt.

As margens do Parú são geralmente altas e com frondoso arvoredo, as suas aguas limpidas tem na foz cerca de 800 metros; esta largura diminue até 200 metros abaixo da cachoeira, porém no local d'esta tem 400 metros. Acha-se collocada a uma boa distancia, pois que o sr. Lisboa diz terem navegado 9 horas para chegar a ella, e isto a vapor. A cascata do Parú é um diminutivo da do Niagara; a sua queda tem 60 pés de altura e é de mais de mil tonelladas

por minuto. Duas pequenas ilhas convertem a cascata em tres quedas das quaes a do centro é a menos larga.

Diz ainda este viajante, depois de se extasiar sobre o brilhante espectaculo que offerecia esta grande massa de agua atirada de um só jacto de tão grande altura: «O baixo Parú que até então seguira seu curso natural, vinha refluindo, e suas ondas, voltando da foz, corriam a misturar-se com as da cascata; juntas, pareciam reunir-se nas entranhas da terra!

«Era o Rio-Mar, como verdadeiro mar que é, crescendo sob a acção da lua, represando seus tributarios, e obrigando-os a correr rio acima.»

Este facto extraordinario dava-se em um confluente cuja foz dista 240 milhas de embocadura do Amazonas.

VACARAPY

É citado por Baena como existindo entre o Parú e o Toheré ou Toeré ou Tocré. No mappa de Martius é elle assignalado como um rio de tão extenso curso, que seus extremos braços chegam até á serra guyanneza que elle chama Tumucucuraque a curta distancia dos braços do Marony na encosta opposta. Nada mais sei sobre elle.

RIO TOHERÉ

Baena chama-lhe Tocré e dá-lhe as nascentes na serra do Parú com a direcção OSO.

Foi tambem indevidamente chamado Aramacú, pois que o Aramacú é um affluente da margem esquerda do Toheré, como bem explicitamente o designa o mappa de Martius. No mappa levantado pela commissão official presidida pelo general Visconde Beaurepaire Rohan não encontro o Toheré designado, mas em vez d'elle um rio affluente do Amazonas com o nome de Aramucú. Ferreira Penna, que percorreu aquelles logares, na sua *Noticia geral das comarcas de Macapá e Gurupá* confirma a designação de Mar-

tius, apresentando o Aramacú como affluente do Toheré ou Taueré; é acima d'esta juncção dos dous rios que está a povoação de Arrayolos, e no extremo do Aramacú é que está, segundo F. Penna, a antiga freguezia de Expozende.

Á beira do Aramacú, proximos a Arrayollos, começam os campos geraes da Guyanna e por elles em seis horas se chega ao Salto grande do Jary.

A fortificação d'este rio mereceu especial attenção aos portuguezes que tinham construido um forte na sua foz proximo ao logar em que se bifurca o Amazonas. A sua foz fica proximamente a 50 kilometros da foz do Jary e a 100 da do Parú.

Depois do Toheré, rio abaixo, Baena cita como existentes na margem guyanneza os seguintes rios dos quaes apenas dá os nomes.

RIOS MACACOS, CAJUBA, SARAPÓ E BAQUIÁ

Consultando mappas e auctores diversos, vejo que o mappa geral do Imperio de que acima fallo, de 1883, nem d'elles cogita, o mesmo acontece com o mappa allemão de Petermann, aliás um dos melhores que tenho encontrado; no mappa de Martius entre o Toheré e o Jary não encontro designado rio algum affluindo no Amazonas, o mesmo acontece com o mappa do sr. Pontes Ribeiro, aliás feito em ponto grande; tambem no mappa do sr. José da Costa Azevedo no mencionado espaço encontro indicadas seis boccas de rios ou riachos mas que de tão pouca importancia foram julgados, que nome algum lhes é attribuido, é de notar tambem que no mappa levantado em 1877 pelo piloto José Velloso Barreto que não valendo muito pela posição absoluta dos logares, merece comtudo consideração pela sua minuciosidade, pois tendo viajado por aquelles logares durante annos tinha conhecimentos que só dão a larga persistencia e repetidas correcções do trabalho feito, já no numero, já nos nomes dos rios e posições relativas, não encontro menção d'estes rios; o mesmo acontece na

carta do Pará e Maranhão levantada em 1813 por ordem do brazileiro Manoel Marques; por estas razões limito-me a dar os nomes apontados por Baena sem mais esclarecimento algum.

RIO JARY OU JAARY

Este rio que é um dos principaes affluentes guyannezes do Amazonas pode ser dividido no seu curso em tres zonas: a inferior de cerca de 250 kilometros é completamente desembaraçada e franca á navegação; a média que com a superior completam os 600 kilometros attribuidos ao seu curso, é a menor, mas por tal maneira cortada por cachoeiras, saltos e corredeiras, que é, podemos dizer, inavegavel, embora essas cachoeiras sejam vadeaveis com excepção de uma além da primeira, pois ambas constituem um enorme salto do rio.

A primeira que termina a primeira secção do rio é mais estreita do que a do Parú, mas é mais imponente, pois o salto é de cerca de cem pés, e tambem a totalidade das aguas do rio se precipita de um só jacto como a do Parú, mas em vez de cahir toda como um lençol até a baixo, é esta massa partida e rasgada de encontro a delgadas e elegantes columnas de pedra que, como diz o sr. M. Ribeiro Lisboa, mais parecem columnas de templo grego do que obra da natureza.

A direcção d'este rio é pouco mais ou menos N. a S. e segundo affirmam diversos e mostra o mappa de Crevaux a direcção d'elle é parallela á do Parú; e segundo este viajante na parte superior do seu curso recebe o Jary dous rios importantes que são o Apaonani e o Kou do qual é affluente o Rouapir o qual, segundo Crevaux, pertence á Guyanna franceza.

Alem dos abundantes castanhaes que enriquecem as mattas na parte superior do seu curso, é ainda este rio citado como um d'aquelles em que mais abundam as arvores de borracha, pelo que, apezar de ser insalubre em uma parte do anno, contam-se em suas margens um grande nu-

mero de feitorias para a exploração da borracha. Este producto extrahido d'estas regiões é reputado de qualidade superior, e abunda e cresce por tal forma que sendo este o ponto da provincia no qual ha mais tempo se explora este producto natural, não tem havido diminuição na producção.

A natureza das rochas que formam as cachoeiras do Xingú são classificadas por Ferreira Penna como rochas graniticas, especialisando o gneus, e creio ser exacta esta indicação pois difficil seria elle enganar-se em rocha de aspecto tão conhecido. Outros auctores porém, fundando-se nos estudos de João de Laet, e nos de St. Elme Reynaud, consideram os terrenos da margem esquerda do Oyapock formados por elevações graniticas que vão até ao mar, emquanto que entre este rio e o Amazonas se estende uma facha de terrenos alluviaes de 7 legoas mais ou menos de largura e que constituem parte do primitivo delta do Amazonas que, segundo o ultimo d'estes auctores, se estendia até ao cabo de Orange. Esta opinião porém, quanto a mim, em nada invalida a opinião do sr. Ferreira Penna, pois sendo essa facha de terrenos de alluvião de 6 a 7 legoas não podiam alcançar as cachoeiras do Jary collocadas a mais 200 kilometros da foz no Amazonas, e nada ha que invalide a supposição de que essa formação granitica lançasse ramificações até aos pontos em que existem essas cachoeiras, supposição esta que é corroborrada pela asserção de Crevaux que assignala a existencia de granitos em muitos logares, o que ainda concorda com a affirmação de muitos outros viajantes e escriptores.

Foi sempre este rio habitado por numerosas tribus de indigenas e hoje mesmo ainda alli se encontram algumas como Araras e Jurunas.

RIO CAJARY

E' pouco conhecido este rio que pertence ao numero dos Guyannezes sendo de muito menor curso do que o pre-

cedente. As suas aguas são negras como as do Rio Negro emquanto que as do Jary, correndo em terrenos que parecem da mesma natureza, são verdes.

RIO MARACÁ-PUCÚ

De pouca importancia, partindo das vertentes das serras guyannezas perto do lago Unani.

RIO MUTUACÁ

A cerca de 10 legoas da foz do precedente em cuja margem septentrional está collocada a villa de Mazagão, distante 18 kilometros da foz. Em 1770, D. José I, rei Portugal, alli fez construir 200 casas para n'ellas serem alojados os moradores da praça de Mazagão em Africa que fôra entregue ao sultão de Marrocos, sendo seus moradores trazidos do Pará.

Este logar tem passado por alternativas de florescimento e decadencia.

RIO ANAUERÁPUCÚ

Desce das montanhas guyanezas. Diz a tal respeito Baena: «rio dirigido de um dos lagos de Guyanna brazileira, pouco alongado do berço do rio Oyapoc.»

Abunda em salsa, cacau, breu, estopa e bellas madeiras. N'este rio foi situada a povoação de Villa Nova Vistosa, a 7 legoas da foz.

RIO MATAPI

E' pouco conhecido e de pouca importancia, segundo o que d'elle informam, tendo sido explorado até á primeira cachoeira. Affirmam que do seu curso superior se passa por um trajecto muito curto para o igarapé dos Paos, affluente do Araguay. Se esta asserção é verdadeira, é forçoso admittir que o curso tem uma extensão consideravel.

RIO CARAPANATUBA

Rio pouco importante no qual, pelo tratado de 1801 que nenhum valor teve, era fixado pela França o limite da Guyana franceza, o qual daria á França uma posição muito mais vantajosa do que tendo por limites o Oyapoc ou qualquer outro rio, ainda mesmo o Araguary; esta pretenção porém não poude ser mantida em face do tratado de Utrecht que dá exclusivo dominio nas terras do cabo do Norte á corôa portugueza.

RIOS DA PEDREIRA, MACACOARY, JUPATY, GURUJUBA

São todos de infima importancia, e apenas mencionados em algumas cartas da costa.

RIO ARAGUARY E ARAWARY

E' este o rio sobre o qual tantas controversias tem tido Portugal e depois o Brazil com a França que lhe chama Arawary e Arroway; é importante não só pelo volume de suas aguas como pela extensão de sua corrente, e mais ainda pela sua posição em relação aos rios da Guyanna brazileira.

A posição astronomica de sua foz é a de 1°-14′-3″ Lat. N. e 6°-45′-6″ de Long. O., segundo os nossos mappas.

A sua primeira cachoeira fica a 0°-51′-45″ Lat. N. e 8°-0′-23 Long. O. Da sua foz até esta primeira cachoeira contam-se 180 kilometros. A sua navegação é desembaraçada mas não para grandes vasos; os effeitos da pororoca fazem-se sentir a grande distancia da bocca, até acima da ilha da Jacitara; communica com varios lagos, taes como o do Rei, e o Tracajatuba.

Tem diversos affluentes, sendo os principaes o Batabonto e o Apurema. Consultando differentes mappas e pessoas que por alli tem navegado, apenas o mappa do sr.

J. da Costa Azevedo (Barão do Ladario) dá alguns detalhes sobre a embocadura do Araguary e posição do Amapá.

No mappa do sr. Vellozo Barreto encontro concordancia com o que é figurado no mappa do sr. J. de C. Azevedo, mas n'aquelle encontra-se o traçado do rio em todo o seu curso. N'esse mappa vejo que pelo affluente Apurema se passa para o Amapá, o que me tem sido affirmado pelos vaqueanos d'aquelles logares, e isto dá muita importancia a qualquer das estipulações de limites com a França.

No Araguary, em sua margem esquerda, foi pelo governo brazileiro fundada a colonia militar Pedro II acima do desaguadouro do *lago do Rei* e abaixo d'aquelle do *Tracajatuba;* a pouco mais de 300 kilometros da foz, e antes de chegar ao *igarapé dos Paos* na margem direita do rio Araguary começa uma estrada que leva por uma linha quasi recta á praça de Macapá.

O presidio ou colonia militar Pedro II não tem valor algum, pois o logar mal escolhido em que foi collocada tem a guarnição sempre doente. Este anno (1880) o governo da republica decretou a creação de colonias na Guyanna brazileira e a primeira expedição seguiu sob as ordens do major Ferreira Gomes; as febres, porém, mataram uma parte dos expedicionarios, incluindo o chefe, mas seguindo até encontrar os terrenos altos foi estabelecida a Colonia á qual deram o nome do mallogrado chefe Ferreira Gomes, e n'este local, que se acha proximo á primeira cachoeira, tem os colonos gosado saude.

A posição astronomica da antiga colonia militar Pedro II era de 0°-59′-09″ de Long. N. e 7°-46′-54″ de Long. O. Sinto não poder marcar a posição da nova colonia. A grande pororoca, que nas proximidades do cabo do Norte toma proporções gigantescas, faz-se sentir pelo Araguary dentro até 30 legoas, segundo diz o barão de Alckenaor.

Em 1660 Pedro da Costa Favella, pernambucano, que acompanhando Pedro Teixeira fôra em 1639 até 100 legoas acima da foz do Napo e á distancia de mais de 20° do Oyapock, tomara solemnemente posse do Amazonas para

a corôa de Portugal, levantara um forte no Araguary, sob cuja protecção cathequisavam os religiosos portuguezes n'aquellas cercanias.

Do *igarapé dos paos* passa-se por um certo trajecto para um pequeno affluente do rio Matapi, podendo por conseguinte, descendo por este, ir qualquer força cahir ao braço principal do Amazonas proximo ás tres ilhas de Sant'Anna dos Tucujus, Santa Rosa, e do Pará.

A importancia d'estas communicações é bem avaliada pelos que conhecem o Pará e suas mattas, pelas quaes seria extremamente difficil o fazer avançar qualquer força armada, o que porém se torna facil pelas vias fluviaes, entrando no Amazonas em um ponto muito superior á sua foz e a salvo da grande fortaleza de Macapá.

Esta importancia foi bem conhecida pelos diplomatas portuguezes que nunca quizeram ceder uma linha do que lhes fora reconhecido pelo tratado de Utrecht, reforçado ainda pelo de 1815 de Vienna, n'isto melhor inspirados do que os negociadores brazileiros quando neutralisaram terrenos nossos.

Tanta importancia dava a corôa portugueza á affirmação plena e desassombrada de nossos direitos, que em 1686 o capitão general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, tendo pessoalmente com o mathematico jesuita Aluisio Corrado examinado a situação dos antigos fortes, tomado aos inglezes e hollandezes, Torrego, Canaú e Maricary, sobre as ruinas do segundo fez erguer novas fortificações em 1688, dando-lhe o nome de Santo Antonio, o qual depois, em 1752, foi mudado e ampliado no ponto onde actualmente se acha a fortaleza de S. José de Macapá, localidade que a 4 de Fevereiro de 1758 foi elevada á categoria de Villa.

A foz do Araguary fica a cerca de 30 milhas de distancia do cabo do Norte tantas vezes indicado nos tratados celebrados, que nos davam claro direito até ao cabo de Orange, sendo firmado no cabeço da montanha *d'Argent* um marco com as armas de Portugal que ainda em 1724

e 1727 foi visto e examinado pelo capitão João Pedro do Amaral e Francisco de Mello Palheta.

RIO PIRATUBA

De pouca importancia e não estudado. A sua foz está situada entre a do Araguary e o Cabo do Norte, e a sua posição é de 1°-31'-30" de Lat. N. e 6°-46-47 de Long. O.

RIO SUCURUJÚ

Rio mui pequeno, cuja foz na costa fica em seguida á do precedente.

RIO CARAPAPORIS

Desagoa no canal do mesmo nome em frente á ilha do Maracá, a posição de sua foz é de 1°-51'-50" Lat. N. e 7°-22'-0",3 de Long. O. Este rio adquiriu importancia pela insistencia da França em 1745 em o tomar como limite verdadeiro do tratado de Utrecht, pretenção inteiramente contraria ao mesmo tratado, como por muitas vezes tem sido demonstrado.

Este rio vem da lagôa Mapruene, que lhe fica 20 milhas ao Sul da foz, de sorte que elle é mais um desaguadouro do que um rio; não recebe affluentes pela sua margem oriental, mas pela occidental, a 12 legoas da foz, recebe o igarapé *Bello* que é desaguadouro do lago Mapepucá, 3 legoas ao S. D'este recebe outro igarapé chamado Macary, desaguadouro do lago do mesmo nome; ainda depois recebe o rio Manaye que é importante e parece ser a verdadeira continuação do Carapaporis, cujo rumo mais geral é o de NS. (1).

RIO MAPÁ OU AMAPÁ

Pelo primeiro d'estes nomes é conhecido dos francezes e pelo segundo dos brazileiros. E' um rio que se pode cha-

---

(1) Sobre estas regiões e rios vide a obra de J. C. da Silva. *O Oyapoc* e a *Declaração dos direitos do Brazil*, pelo conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond.

mar novo do qual antigamente se não fazia menção, e o motivo d'isto o vou dizer. Já acima fallei do lago Macary que alimentava o rio Carapaporis pelo igarapé d'aquelle nome com o excesso de suas aguas; ora esta lagoa que é muito consideravel contém em si ilhas bastante grandes que quasi que a dividem em dous lagos, um pelo lado do S., outro pelo lado do N.; a este tinham dado o nome de lago do Amapá, e recebe elle a grande copia de suas aguas de dous rios importantes que formando como um V se encaminham para elle. A um deram os francezes o nome de St. Hilaire o qual vem de SO., e ao outro chamam Baudraud e vem do NO., isto é um vem do lado do Araguary, e o outro das proximidades das nascentes do Oyapoc.

A grande lagôa primitivamente pelo lado do N. muito pouca agoa mandava por um igarapé chamado Amapá que ia cahir no rio Maiacaré em angulo muito agudo; quando porém em 1836 foram estes logares e rios explorados, reconheceu-se que uma mudança consideravel tivera logar na hydrographia d'aquella região: a barra do Carapaporis estava obstruida e o pezo das aguas, carregando para o N. para o igarapé ou vasadouro chamado Mapá, com a violencia que levavam suas aguas, em vez de torcerem para o Mayacaré romperam pela terra dentro quasi em direcção perpendicular á praia, dando uma nova embocadura e um trajecto mais curto ao novo rio Amapá.

Reflectindo sobre o que tenho dito dos rios da costa a contar do Araguary, vemos quanto é importante esta posição do Amapá; é elle o centro de onde podem dimanar as communicações para a Guyanna franceza, para a costa do Oceano, para o interior do rio Amazonas.

Além d'isto, estes rios acham-se quasi todos a coberto das iras do Oceano pela grande ilha do Maracá, dando logar ao canal do Carapaporis ou estreito do Maracá por onde se faz toda a navegação costeira entre Cayenna e Pará. Quem senhorear estas posições, difficultará a navegação, e com facilidade poderá passar do Amapá pelo iga-

rapé Macary aos differentes rios até ao Araguary, ligando assim o Amazonas com o Oyapoc, podendo vir atacar-nos dentro de nossa propria casa. E' por isto que em Cayenna os habitantes do Amapá obtem todas as facilidades quando querem baptisar seus filhos ou collocal-os em collegio, e n'isto se mostram os francezes mais inteligentes e patriotas do que nós os brazileiros.

Esta pretenção sobre estas localidades não é moderna: remonta a 1776 com a ligeira differença de que n'aquella epocha davam o nome á lagôa Amapá ou Mapá de Macary, Uamacary e Uanauy, como se pode bem ver no trabalho que atraz citei do sr. A. Menezes Vasconcellos de Drumond.

MAYACARÉ

Pelo que acima disse sobre o Amapá, quasi nada tenho a dizer sobre este rio. A sua foz fica na Lat. de 2°-23'-17" e Long. de 7°-27'-58" O., e tem sido conhecido pelos nomes de Maniaré, Mayacary, Uamacary, Uanauy e Maracary.

Corre de O. para E., costeando a margem septentrional do lago Amapá, dividindo-se em dous braços, um que continúa de E. para O., que é o rio Amapá ou Mapá, o outro que se inflecte para o N., que é a antiga embocadura do Mayacaré. As duas barras são separadas por um espaço de 16 milhas. Segundo se lê na obra que tenho citado *O Oyapoc*, em 1777 os francezes collocaram clandestinamente na margem d'este rio um destacamento guarnecendo um posto militar.

No historico d'este rio encontra-se um episodio diplomatico que tem seu tanto de grotesco o qual se refere ao governador de Cayenna Mr. de Charauville.

Desejando elle que o limite do territorio francez se aproximasse quanto fosse possivel do Cabo do Norte e por consequencia do Amazonas, e sendo o Mayacaré o primeiro rio depois do dito cabo, no dizer da gente de Cayenna, foi elle quem primeiro teve a lembrança de tomar como limite a extremidade septentrional da bahia de Vicente Pin-

son, isto é o rio Mayacaré, que além de tudo lhe offereceria communicação interna com o Amazonas, pois que por elle entrara Mr. de Ferrolles quando fôra atacar os fortes brazileiros em 1688; havia porém alguma dificuldade em applicar ao Mayacaré não só o nome de Vicente Pinson, mais ainda o de Japoc.

O primeiro justificava-o elle bem ou mal, dizendo que, desembocando na bahia de Vicente Pinson, era natural que d'ella tomasse o nome, mas para lhe applicar o nome indigena de Japoc foi a tarefa mais difficil e o meio tornou-se burlesco.

Assegurou elle que o nome de Japoc, consignado no tratado de Utrecht era com pequena differença o mesmo que fôra dado ao Mayacaré no *Flambeau de la mer*, famoso atlas maritimo publicado em hollandez por *Van Keullen*, traduzido em diversas linguas. Ora o nome que se encontra n'esse atlas, aquelle que o governador de Cayenna proclamava como a verdadeira expressão de Japoc ou Yapoc do tratado de Utrecht, era o de Warypoco.

Mr. de Charauville pronunciando Ouaripoco achava que evidentemente era o mesmo que Ouyapoco, uma das formas dadas ao nome indigena do rio do cabo de Orange. O primeiro elemento era o mesmo *au* dizia elle, o ultimo é o mesmo *poco*, não restava senão a parte *ary* e reduzil-a a *ya;* ora o *y* e o *a* já lá estavam, verdade é que ao inverso e separado por um *r*.

Isto era simplesmente burlesco, mas o governador esqueceu que insistindo em mudar Warypoco em Ouyapoc ou Yapoc, implicava a confissão de que a forma Japoc do tratado de Utrecht era uma variante do rio do Cabo de Orange.

RIO CALSOENÉ

Este rio tem sido chamado ora assim, ora Calsevene, Calsuene, Calmene e Carsevenne e dos Calções em alguns poucos mappas portuguezes; em alguns mappas francezes é chamado Calsevene, mostrando que é isto copiado dos

mappas inglezes que escrevem Calsewene; mas dão ao *w* a pronuncia de *v*.

Segue este rio de O. para E. e sem receber um só affluente de alguma importancia vai desaguar em uma barra variavel e rasa no Oceano na Lat. de 2°-32'.

Este rio sem importancia alguma foi declarado em 1797 pelo governo francez como verdadeiro limite marcado no tratado de Utrecht.

Os francezes tambem lhe tem chamado rio de Vicente Pinson, mas pelos portuguezes nunca lhe foi dado outro nome senão o de Calsoene, como bem claramente é declarado no artigo 7.° do tratado de 1797.

No atlas de Bellini de 1764 já vem o limite da Guyanna franceza nos mappas 38 e 46 marcado por Lat. d'este rio, ainda que não vem declarado o nome.

Não ha mappa algum portuguez anterior a 1797, data do tratado, que dê o nome de Vicente Pinson ao Calsoene; só depois do tratado é que esse nome lhe é dado em uma ou outra carta.

RIO CONANI

Este rio tem sido chamado por Harcourt na sua narrativa de viagem Cunawini, e por Heymis, Coanawini; a sua Lat. é de 2°-49', ou, segundo J. Caetano da Silva, 2°-50'.

Mr. Malonet fixou n'este rio a fronteira que elle chamava *fronteira segundo o direito*, e o abbade Raynal, seu amigo e que escrevia segundo os apontamentos que elle lhe fornecia, na ultima edição do seu trabalho em 1780 dava este rio como o verdadeiro rio de Vicente Pinson do tratado de Utrecht.

Nas desgraçadas e felizmente mallogradas negociações de 1856, o Brazil offereceu este rio como limite á França, que o recusou.

Quando tratei dos limites da Amazonia com a Guyanna franceza, occupei-me da Republica do Cunany tentada por um tal Gros, e, permitta-me Mr. Coudreau a franqueza, favorecida por elle; por isso nada mais direi.

RIO CASSIPURE

O Cassipure, Cassipour, ou Cachipour dos francezes, na Lat. de 3°-52'-15" N. e 7°-57'-0,1" de Long. O. tambem foi offerecido á França como limite por equidade, e por ella regeitado.

RIO UAÇA OU UASSA

O ultimo antes do Oyapoc com a foz em 4°-15'-0,2" Lat. N., e 8°-22'-49" de Long. O. Tambem é conhecido com o nome de Ouassa.

RIO OIAPOC, OYAPOC, JAPOC OU YAPOC

É este o rio ao qual, alem das denominações acima, foi dado o nome de Vicente Pinson; é este o rio cuja margem esquerda foi dada como limite á França pelo artigo 8.º do tratado de Utrecht, e a margem direita como limite das possessões portuguezas, hoje Republica dos Estados Unidos do Brazil.

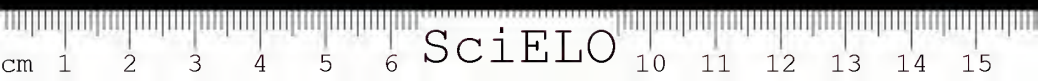
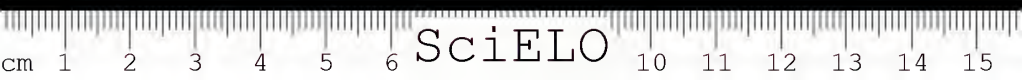
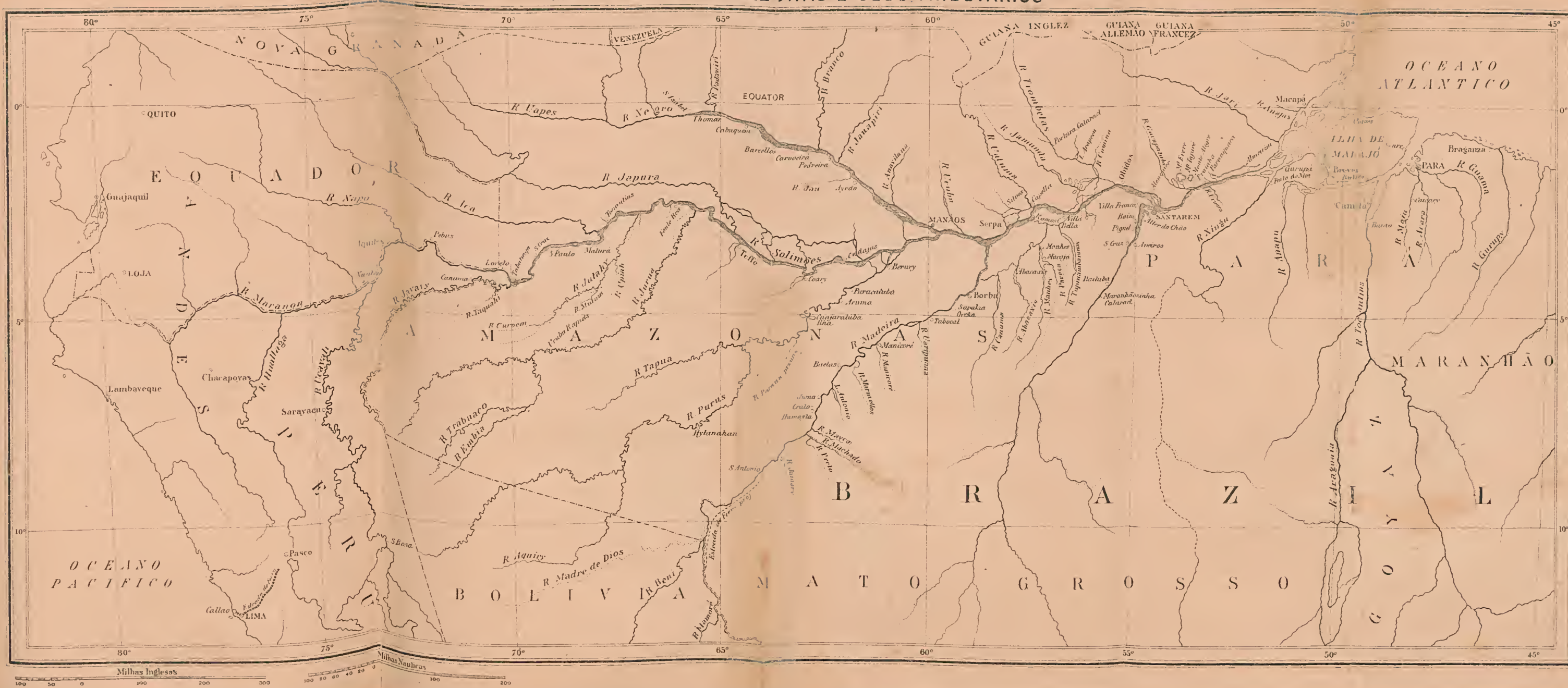
A sua foz está situada a 4°-13'-16" Lat. N., e 8°-25'-16" de Long. O. do Rio de janeiro. O seu curso segue em geral o rumo NE., e parece ter uma extensão superior a 300 kilometros. É cortado por cachoeiras das quaes a primeira está a 3°-48'-58" de Lat. N. e 8°-45'-11" Long. O.

Já atraz, quando fallei dos limites do Brazil, me occupei dos nossos direitos a esta porção de terra que vai até ao Araguary a qual nos é contestada pela França, cabendo porém observar aqui que emquanto Portugal e Brazil em um periodo de cerca de 200 annos tem mantido invariavel a affirmativa de seus direitos até ao Oyapoc, limitando-se a concessões que tem proposto aquem do Oyapoc como um meio de terminar esta eterna questão e não como reconhecimento de direitos da França, esta tem variado em suas pretenções a cada nova tentativa de negociações, na affirmação de seus direitos. O resumo d'estas pretenções é curioso.

O Oyapoc foi declarado limite meridional da Guyanna franceza em 1633 pelo governo francez. Foi declarado limite septentrional do Brazil em 1637 e em 1645 pelo governo hespanhol e portuguez. Foi reconhecido como limite meridional da Guyanna franceza em 1666 pelo governador de Cayenna. Declarado como limite septentrional do Brazil em 1688 pelo commandante da fronteira brazileira. Reclamado como limite septentrional do Brazil em 1699 pelo governo portuguez. Estipulado como limite septentrional do territorio neutralisado entre a França e o Brazil no *tratado provisorio* de 4 de Março de 1700. Estipulado como limite respectivo do mesmo territorio no tratado de 18 de Junho de 1701. Estipulado como limite difinitivo da Guyanna franceza e do Brazil pelo tratado de 16 de Maio de 1703. Acceito pelo governo francez em 1709 como limite difinitivo da Guyanna franceza e do Brazil. Offerecido em 1710 pelo governo francez como limite difinitivo entre a França e o Brazil. Reclamado pelo governo portuguez no congresso de Utrecht, como limite difinitivo da Guyanna franceza e o Brazil. Estipulado pelo tratado de Utrecht de 11 de Abril de 1713 como limite difinitivo da Guyanna franceza e o Brazil. Reclamado pelo governo portuguez como verdadeiro limite do tratado de Utrecht no tratado de 19 de Fevereiro de 1810. Novamente reclamado pelo governo portuguez em 1814 como verdadeiro limite do tratado de Utrecht. Estipulado como limite maritimo provisorio entre os dous paizes em 9 de Junho de 1815, no acto final de Vienna, com declaração de que os limites difinitivos seriam determinados de conformidade com o sentido preciso do artigo 8.º do tratado de Utrecht. Novamente estipulado como limite provisorio da Guyanna franceza e do Brazil a 28 de Agosto de 1817 na convenção de Paris, com a mesma declaração do artigo de Vienna, que os limites difinitivos serão determinados *conforme o sentido preciso* do artigo 8.º do tratado de Utrecht.

Reconhecido ainda pelo governo francez, e não só por elle como por um grande numero de escriptores, como o

verdadeiro limite entre os dous paizes. Apezar porém do tratado de Vienna e da convenção de Paris, a França occupa desde 1838 uma parte da margem oriental do Oyapoc declarada provisoriamente brazileira por aquelles dous tratados.

Além d'este Oyapoc verdadeiro, as conveniencias de momento tem feito que funccionarios francezes tenham creado novos e falsos Oyapocs, um ao lado e perto do Amazonas 16 annos depois do tratado de Utrecht; outro mesmo dentro do curso do proprio Amazonas, creado 18 annos depois do tratado de Utrecht.

· MAPPA DO RIO AMAZONAS E SEUS TRIBUTARIOS ·

CAPITULO IV

ILHAS E LAGOS

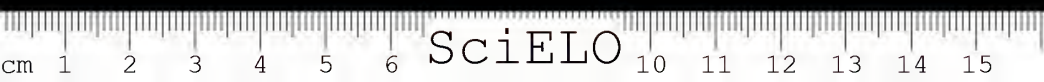
ILHAS

Seria de certo um artigo dos mais interessantes aquelle que tratasse da enumeração e descripção de todas as ilhas que se encontram nas duas provincias banhadas pelo Amazonas e seus affluentes, nem este artigo pode deixar de tomar logar quando se trata de estudos corographicos. Infelizmente porém, nem um estudo completo pode ser por mim utilisado por que um pequeno numero de ilhas, entre tantas que ellas são, tem sido visitadas ou mesmo percorridas pelos viajantes, e ainda menos pelos geographos, como tambem por que são ellas em um numero tal, que difficilimo se torna essa tarefa; além d'isto, sendo o maior numero d'ella, de recente formação, de terrenos alagados, pouco interesse offerecem á especulação.

Por estas razões é-me impossivel fazer d'ellas uma descripção: limitar-me-hei a formar differentes grupos, e dizer o que poder colher sobre aquellas que maior importancia offerecem por qualquer lado que sejam apresentadas.

Os grupos serão os seguintes:

1.° grupo de ilhas da embocadura do Amazonas a contar do Cabo do Norte até Macapá e até ao Rio Pará.

2.° Ilhas do Rio Pará até á bocca do Tocantins.

3.º Ilhas desde a bocca do Tocantins pelo Tajapurú até á bocca do Xingú no Amazonas.

4.º Ilhas do Amazonas desde Macapá ao Javary.

5.º Ilhas do rio Madeira.

6.º Ilhas do rio Negro.

7.º Ilhas do Tocantins.

1.º GRUPO

ILHAS DA EMBOCADURA DO AMAZONAS

1.ª Ilha do Bailique.
2.ª » do Marinheiro.
3.ª » do Brigue.
4.ª » do Veado.
5.ª » Fresca.
6.ª » Nova.
7.ª » da Pedreira.
8.ª » do Curuá.
9.ª » do Bemtevi.
10.ª » dos Machados.
11.ª » do Faustino.
12.ª » de Bragança.
13.ª » Caviana.
14.ª Ilha Mexiana.
15.ª » das Pacas.
16.ª » dos Camaleões.
17.ª » Cajetuba.
18.ª » Marajó.
19.ª » Jurupary.
20.ª » Tijoca.
21.ª » das Frechas.
22.ª » dos Remedios.
23.ª » das Marrecas.
24.ª » das Gaivotas.
25.ª » do Maracá.

ILHA DE MARAJÓ, OU ILHA GRANDE DE JOANNES

«Na grande embocadura do rio das Amazonas acha-se «lançada em travez uma ilha mais comprida e mais larga «do que todo o reino de Portugal, e habitada por varias «tribus de indios, que pela difficuldade e diversidade de «suas linguagens, são denominados pelo nome generico «de Nheengahibas.» Eis o que se encontra na carta escripta ao Rei de Portugal pelo celebre padre Antonio Vieira em 28 de Novembro de 1659, dando-lhe conta das missões a seu cargo, em relação á Ilha Marajó ou de Joannes, a maior d'estas regiões.

A seu turno, tratando d'ella, diz Baena: «Esta ilha jáz na propinquidade da linha equinoxial; quasi parallelamente a ella entra a extremidade oriental da costa de Gurupá, e a costa occidental da peninsula da cidade do Pará, tendo a parte arrostante ao N. tres legoas e um terço em seu afastamento da sobredita linha, e a parte diametralmente opposta distante oito legoas e um terço da cidade.»

A posição da ilha de Marajó, que podemos dizer está na bocca do Amazonas, tem feito que muitos viajantes a olhem como parte do delta amazonico; já atraz dissemos a tal respeito alguma cousa que se acha admiravelmente resumido no trecho escripto por Derby, geologo americano que visitou a ilha em 1871, e que acho completamente de accordo com as considerações feitas por Agassiz em sua visita a estas regiões. Diz Derby: «A structura geologica da ilha de Marajó é conforme á da terra que limita o rio por ambos os lados.

«Excepção é regra que se applica a quasi todos os grandes rios, o Amazonas não tem em sua embocadura um *delta* de formação recente pelos sedimentos das aguas, mas sim depositos mais antigos do que os actualmente formados. Encontrando a corrente do equadôr, não pode a quantidade immensa de sedimento, que o rio transporta, ser depositada na embocadura, e é levada a formar a costa da Guyanna. D'ahi resulta que o comprimento do rio não augmenta, como acontece com o Nilo, Mississipi e outros, mas ao contrario, actualmente o mar ganha pela destruição da costa de L. do Pará e da ilha de Marajó. Grande parte do lado occidental da ilha é devida aos depositos sedimentares presentemente formados pelo rio onde a força da corrente é quebrada pela intervenção da parte mais antiga de L.

Effectivamente o Mississipi, o Nilo, o Ganges, o Danubio e muitos outros, tem todos um delta em sua embocadura formado pelos depositos que transportam; os pequenos rios seguem tambem a mesma lei; aqui porém, é ella transgredida e é hoje incontestavel que as ilhas de Marajó,

Caviana e Mexiana e outras não fazem parte do delta, mas são pedaços do continente como já atraz disse; não será porém demais o repetil-o.

Algumas pequenas ilhas ha devidas a recentes depositos, mesmo são ellas em grande numero, mas em geral de pequena extensão, e pouco sobem acima do nivel das aguas e ainda teem a particularidade de poucas vezes apresentarem muita duração pois a maior parte d'ellas no fim de alguns annos são destruidas pela força das correntezas.

Parece incontestavel, depois dos estudos feitos a este respeito por Agassiz e Derby na ilha de Marajó em 1866 e 1871, que as ilhas do littoral são pedaços do continente d'elle destacados uns pela acção errosiva da corrente do rio, outros pela acção invasora do Oceano ou por ambas as causas conjunctamente.

Os estudos de Agassiz em Marajó comprovam esta minha asserção especialmente o exame por elle feito na barranca ou ribanceira do Igarapé-Grande, junto a Soure, e combinado com os estudos nas duas costas continentaes entre as quaes fica a grande ilha.

O chamado *Igarapé-Grande*, que é um rio de certa importancia, corta a ilha na sua extremidade SE., e o corte por elle produzido é em extremo profundo, dir-se-hia ser elle talhado expressamente para um estudo geologico, pois apresenta bem difinidas as tres formações caracteristicas do Amazonas que expuz quando me occupei da theoria geologica do dr. Agassiz. São bem visiveis do lado de Salvaterra na margem do Igarapé-grande opposta áquella que está proxima a Soure, na parte inferior o grés bem stratificado, sobre o qual repousa a argila em laminas finissimas cobertas pela sua crosta vitrea, acima o grés ferruginoso de stratificação torrencial, contendo aqui e alli calháos de quartz; e finalmente cobrindo o todo a formação de argila arenosa ocracea, sem stratificação, disposta sobre a superficie ondulada do grês denudado seguindo a desigualdade das camadas sobre que repousa e enchendo todas as depressões e sulcos; esta depressão ou escavação do Igarapé-

grande, em uma profundidade de 46 metros para o proprio leito, facilitou tambem, como diz Agassiz, as invasões do mar, e hoje o Oceano vai entrando cada vez mais pela terra dentro; e quando outra prova não houvesse da acção das marés n'esta localidade, bastaria o contraste que ha entre o corte abrupto do leito do Igarapé-grande e o declive suave de suas margens na sua embocadura para o provar. Aqui tornam-se bem distinctas a obra do rio e a obra do mar, e torna-se incontestavel a acção de ambas as forças.

Agassiz, com a descoberta que fez de uma floresta submergida na embocadura do Igarapé-grande, tanto em Soure como em Salvaterra, na margem meridional, a qual evidentemente floresci a em um d'esses terrenos pantanosos em que a inundação é constante, pois que entre as raizes e os fragmentos de troncos, está accumulada a turfa alluvial como que acamada, e tão rica em materia vegetal, como em lodo, o que caracterisa esta especie de terreno, provou a intervenção oceanica; e não ha que duvidar d'ella, pois que as pequenas dentaduras da turfa estão cheias de areia deixada pelas marés, e separa a floresta destruida da que ainda vegeta um pouco atraz.

Ainda mais, na vigia em frente a Soure na margem continental do rio Pará, justamente no ponto onde esta encontra o mar, encontra-se o phenomeno correspondente, isto é, uma outra turfeira com inumeraveis raizes de arvores, invadida pelas areias do mar como a outra, e bem visivel. Não pode duvidar-se de que estas florestas, como diz Agassiz, outrora formaram um só todo, cobrindo todo o espaço occupado pelo rio do Pará.

Ainda leio no livro de Agassiz, que o testemunho de pessoas de ha muito habitando aquelles logares da costa, lhe affirmaram que haverá vinte annos existia uma ilha de mais de uma milha na embocadura da bahia da Vigia, pelo lado do N., a qual desappareceu. A E. a bahia de Bragança tem dobrado de largura no mesmo periodo, e na costa; no interior mesmo d'esta bahia, o mar tem entrado mais de 200 metros em dez annos, facto este que é incon-

testavel e facil de conhecer pela posição relativa de casas, ha muito construidas, em relação ao mar. Além d'estas, Mr. Agassiz refere ainda outras observações do major Coutinho na costa de Macapá que o comprovam, e bem incontestavel é a ruina que tem soffrido a propria fortaleza da acção do mar.

Enumerei ainda um outro facto importante que de uma maneira bem notavel comprova o que assevera Agassiz: é de que a ilha da Caviana que, tendo terrenos baixos, os tem tambem altos, com uma extensão de mais de 100 kilometros, foi ha pouco mais de vinte annos, dividida em duas partes por um largo canal, que a força da pororoca (macaret) abriu, e é muito de notar que a violencia da acção foi tal, que abriu um terreno elevado que por assim dizer guardava a costa por aquelle lado contra os constantes ataques do Oceano, e chegou ao igarapé Guajurú, cujo leito excavou e alargou, penetrando até dentro do Amazonas, em cujas aguas nunca se fizera sentir. Eis uma prova incontestavel.

Ainda a ilha da Tatuoca, bem conhecida a cerca de 14 milhas da capital, offerece mais uma prova; ainda n'ella se encontram as mesmas formações do valle amazonico, e ainda alli o mar investe contra a ilha, supposto que com menor violencia, mas constante em seus esforços e a tem denudado pelo lado a elle exposto, de modo que um edificio destinado a lazareto que alli fôra construido em 1854 a 1855, durante a presidencia do conselheiro S. do Rego Barros atravez 100 metros do mar, e o local em que foi levantado, é hoje banhado pela maré de enchente.

Eguaes phenomenos se notam na costa da ilha de Cotijuba, proxima á ilha Tatuoca, o que tudo prova a universalidade d'este effeito nas ilhas da embocadura do Amazonas, e o bom direito com que se pode concluir, attendendo á uniformidade da construcção geologica d'estas ilhas, que a ilha de Marajó assim como todas as da embocadura, excepção feita de alguma pequena ilha de alluvião facil de conhecer pelo seu aspecto, faziam parte do mesmo

todo com a mesma structura do grande valle amazonico, o qual se continuava com a terra firme, sendo d'ella separadas pela corrente de aguas doces do rio que abriram caminho para o mar, e tambem pela acção constante e invasôra do mar.

Depois d'estas ligeiras noções sobre a formação geologica da ilha de Marajó, e demais ilhas entre as duas costas continentaes separadas pelo Amazonas, até ao rio Pará, continuarei a tratar da ilha de Marajó que merece a primeira entre as demais, não só por ser a maior ilha do Brazil, como porque cremos ser a maior da America Meridional. Não ha um trabalho exacto da extensão superficial da ilha; differentes tem sido as avaliações feitas pelos diversos viajantes; assim uns dão-lhe nove a dez mil milhas inglezas em quadro, outro apenas 5:328 kilometros quadrados. Baena, o creadôr da corographia amazonense, dá-lhe o perimetro de 144 $^2/_3$ de legoa, dividindo esta linha da seguinte maneira:

««Da ponta de Maguary collocada a 5°-17'-8" de Long. O. do Rio de Janeiro é 0°-13'-17" de Lat. S. ao rio Arary 23 legoas, do Arary á bocca de Breves 30 legoas, d'esta ao Rio Cajuna 43 e d'este á ponta de Maguary 48 $^2/_3$. A dita ponta de Maguary forma com macapá e o Cabo do Norte um triangulo isosceles, por que ella dista do segundo d'estes dous pontos 65 legoas e do primeiro 65 $^1/_3$.

«A costa oriental e meridional são crespas de penedos, tem alvos areaes extensos, altas ribanceiras, que as aguas subcavam, e rochedos alcantilados; a costa occidental apresenta alagadiços em muitos pontos, e a costa septentrional, a que vulgarmente chamam *contracosta*, é desabrida, e interpoladamente com o mesmo caracter das outras, desde a corôa do Simão até á proximidade da bahia do Jacaré-assú, manente abaixo do Vieira e Rabo do Cão.»

A ilha de Marajó é rasgada por grande numero de rios sendo os principaes d'elles: o Igarapé-grande, o Mapuá, Cururú, Arapixi, Ganhoão, Arary, Pracuúba, Canaticú, Muaná e Marajó-assú; afóra estes porém ainda encontro os

seguintes que, reputados pequenos n'esta região dos grandes rios, na Europa faziam optima figura: Guajará, Mutuacá, Piriá, Pacujuiá, Camotins, Atuá, Anajás, Anabijú, Tauá, Tucumanduba, Juburuacá, Gurupatuba, Caracará, Camará, Tartarugas, Paracauary, Araruna, Cambú, Jarauú, Jararaparaná, Cajuna, Pururé, Hiapixá, Pixi-pixi, e Macacos.

Diz Baena: «A costa boreal e parte da occidental da ilha é banhada pelo Amazonas e suas correntes, intrometendo pela segunda uma porção d'ellas, que se abisma no agregado das sobreditas aguas.

«D'este modo se vê que a terra firme em que se encrava a cidade (Santa Maria de Belem) tem entre si e a extremidade da costa oriental de Gurupá um amplissimo archipelago do qual a natureza fez cabeça a ilha grande de Joannes (Marajó), dando-lhe lados para todos os rios que franqueiam communicação com a gemma do Brazil: e supposto-se desapparecido este archipelago, restaria uma abra de 56 legoas de bocca e 18 de fundo entre a ponta de Taipú, e a terra oriental de Gurupá, em contacto com o Amazonas e o Oceano, e no lado oriental d'ella, a cidade do Pará, dando-a uns assentada na margem do Guamá, outros na do Tocantins, e outros na foz do Amazonas.»

Transcrevi este periodo da obra de Baena com dous fins: um, o de chamar a attenção para a fina intelligencia com que aquelle escriptor em 1832, quando ainda nenhuns estudos geologicos existiam sobre estas regiões, já concentrava os differentes modos de considerar a hydrographia d'esta parte de provincia, como que adivinhando a theoria tão elegantemente exposta por Agassiz, e marcando o ponto em que se pode suppor existir um verdadeiro estuario do Amazonas, junto á bocca do Xingú, proximo á grande divisão do rio pela ilha de Gurupá, onde começa a enorme quantidade de ilhas de alluvião que dão origem ao maior e mais portentoso labyrintho de canaes ligando-se entre si. Além d'este fim porém, um outro tive, e foi o de terminar a primeira parte d'estes estudos corographicos

com a descripção de algumas das principaes ilhas d'este archipelago, que na opinião de um illustre escriptor brazileiro, abrange até á *Ilha Grande do Gurupá* e dos canaes que as separam, bem como do phenomeno da *Pororoca* no cabo do Norte que parece querer adiantar-se pelas aguas do Amazonas.

No que vou dizer sobre os rios que cortam a ilha de Marajó não tratarei d'elles todos, pois alguns, por insignificantes, não merecem especial menção, occupando-me de preferencia das inundações que alguns d'elles produzem, e que grande influencia tem na prosperidade da grande ilha.

É de observação muito antiga que a ilha é sugeita an-annualmente a inundações que, se por um lado depositam n'ella um lodo ou nateiro carregado de humus que a vai fertilisar, tem por outro em compensação d'esta vantagem menos importante em terras em que o calor e humidade mantem uma vegetação luxuriente, o inconveniente de crear numerosos lagos e pantanaes que se conservam de uma a outra enchente. De facto a ilha é quasi completamente plana na sua generalidade, e se ha alguma differança de nivel é em um ou outro ponto central que mais baixo conservam e demoram as aguas, mantendo a difficuldade do escoamento, augmenta a duração e extensão dos pantanaes, que com o crescimento de plantas aquaticas nas cabeceiras e margens dos rios que poderiam servir de desaguadouro, cada vez mais fazem augmentar o espaço alagado e impropria creação de gado, principal riqueza da ilha.

Não creio que em absoluto se possa sustentar que a ilha offerece a disposição regular d'um prato cujos bordos são mais altos do que o centro; n'este ponto creio razoaveis as ponderações feitas em contrario a esta crença pelo engenheiro dr. Vicente Miranda, em um trabalho recente, e nem a esta causa pode ser attribuida a permanencia de aguas tornando alagados os terrenos do interior da ilha, pois que elles são rasgados por muitos rios. Estou convencido de que a desobstrucção de alguns rios inteiramente tomados pelas aningas *(philodendron arborescens)* e pela ca-

na-rana, contribuiriam para o dessecamento da parte dos terrenos hoje inutilisados pelos atoleiros e vegetação que n'elles cresce. Esta minha persuasão encontra forte appoio no parecer a este respeito apresentado pelo engenheiro Joaquim Gomes de Oliveira, do qual tendo sido condiscipulo pude apreciar as habilitações, o arrojo e a honorabilidade com que desempenhava as commissões de que se encarregava.

Este crescimento dos pantanos em muitos logares se tem tornado sensivel em muito pouco tempo e tem por vezes despertado a attenção do governo para o estudo do melhor meio de dar escoante a esses pantanos, questão importante quando ella se refere a esta ilha que fornece a maior parte do gado aproveitado na manutenção publica.

Estes alagadiços, quando nas mattas, tomam o nome de igarapés, e quando nos campos o de mondongos, e d'aqui veio o nome dado a uma parte da ilha, os Mondongos, pois que é quasi toda ella occupada por estes perigosos atoleiros. Não é sómente a diminuição nos terrenos aproveitaveis, as difficuldades nos escoamentos de aguas, as más condições hygienicas que a isto se ligam, são ainda estes logares guarida de toda a casta de animaes damninhos, taes como cobras. e jacarés que dão grandes perdas aos creadores, uns preando os vitellos ou poldros que vem beber, outros matando com seu veneno um crescido numero de rezes.

Entre os numerosos alagadiços merece menção especial aquelle a que particularmente dão o nome de Mondongos, e que se estende de O. a E., desde as cabeceiras do rio Carurú até mui perto da costa oriental. Fica este extenso paúl a uma distancia de 10 a 12 milhas da costa N. da ilha. Estes Mondongos compõem-se de uma serie de pantanos mais ou menos extensos ligando-se com lagos formados nos logares em que ha depressões mais profundas; n'elles se encontram algumas ilhas de matto alto, mas em geral são estes alagadiços cobertos de plantas palustres como o Mururé, e a Aninga, esta sobre tudo, *um Philo-*

dendron, pelo seu porte elevado até 2 metros acima do sollo e por suas largas folhas invade, domina e obstrue qualquer canal em pouco tempo.

Os que tem estudado estes logares inclinam-se a crer que os Mondongos occupam o logar em que antes fora um antigo canal formado por um braço ou furo do Amazonas o qual atravessava a ilha, facto que não nos devera admirar vendo-o tantas vezes repetido em ilhas do Amazonas. Este *furo ou paraná-mirim* seria o desaguadouro natural d'estes terrenos quando terminava a cheia; nem seria isto extranho quando causas tão poderosas como a acção das aguas do Tocantins e Amazonas tem, ao que parece, combinadas com a acção das aguas oceanicas, alterado a primitiva forma d'estas regiões, da qual, como fica dito, Agassiz achou provas bem evidentes em um rio d'esta mesma ilha correndo não distante dos Mondongos e em uma direcção quasi parallela a d'estes, o Igarapé-grande; e não menos concludente é o exemplo de um canal recentemente formado dividindo a ilha da Caviana. Parece pois que a causa principal da extensão que tem tomado os Mondongos é a falta de escoadouro para as aguas com a obstrucção d'este canal, uma outra causa dependente d'esta e que esta humidade constante desenvolve em grande escala a vegetação propria dos pantanos pondo os terrenos a coberto da acção sollar e fazendo que não havendo evaporação bastante, estes terrenos não sequem; uma outra causa tem feito, ainda que em menor grao, que os Mondongos augmentem, e é ella a falta de cavallos na ilha. Em outro tempo em que as cavalhadas eram numerosissimas, em que se vendia uma egoa por 1$000 réis, estes terrenos pizados por numerosas cavalhadas, e pelas manadas de gado que alli vinha procurar agua, não produziam ao menos nas partes menos profundas essa pomposa e nociva vegetação, e á que accrescia annualmente era lançado fogo. O desenvolvimento da molestia que ha 40 annos, mais ou menos, matta o gado cavallar, diminuindo assim a creação do vacum, tem feito que a queima mais se não fizesse e que a

vegetação tenha podido crescer a ponto de muitos creadores abandonarem suas fazendas; e a extensão dos Mondongos cada vez se torna mais consideravel alastrando em todos os sentidos, e com o crescimento d'estas regiões paludosas peorou tambem as condições sanitarias.

A ilha de Marajó é uma das gemmas mais preciosas do Estado do Pará sob todos os pontos de vista em que a olharmos. Pela sua vantajosa posição no centro da immensa bocca do Amazonas, ella facilita sua defeza, podendo talvez mesmo impossibilitar a entrada de navios invasôres que queiram forçar a entrada, pois com as outras e numerosas ilhas e canaes que se acham dispersas ou pelo lado N. ou pelo lado S. será facil nullificar os esforços dos adversarios.

Como elemento agricola é de immenso e incalculavel valôr; por um lado, como diz Ferreira Penna, se tirarmos uma linha da bocca do Cajuna no extremo N. da costa á foz do Atuá fronteira á barra do Tocantins dividiremos a ilha em duas secções; uma menor, a de SO., toda coberta de mattas entra a de NE. toda de campos ornados de maiores ou menores grupos de arvores a que chamam ilhas.

A primeira d'estas secções, de immensa fertilidade, presta-se a todas as culturas além das mattas em que abunda a *syphonia elastica* e a *heraca guyanasis* de que se extranha a seiva com que é fabricada a gomma elastica de tanto valor no commercio.

A segunda, não menos valiosa, é com seus extensissimos campos cobertos de gramineas, propria á sustentação dos gados. Os nossos antepassados e com especialidade os frades mercenarios, no que foram imitados pelos jesuitas e carmelitas, conheceram lhe bem o valor, estabelecendo n'ella fazendas de gado vaccum e cavallar, das quaes ahi hoje pertencem ao governo da União as fazendas do Arary, Santo André, S. Lourenço e Pacoval, as quaes tomaram grande incremento, não só no gado vaccum, como no cavallar, a ponto de em 1806 o numero de fazendas ter subido a 226, tendo chegado o numero de cabeças de gado

bovino a 500 mil, das quaes só ás tres ordens regulares pertenciam 160 mil.

Depois d'isto decahiu a industria pastoril na ilha ao ponto de sómente contar 38 fazendas na parte septentrional da ilha, e 75 no restante d'ella.

O gado cavallar, cuja introducção na ilha deve ser da mesma epocha que a do gado vaccum, tomou uns poucos de annos tal desenvolvimento que se tornou um inconveniente, pois subindo a um numero que se calcúla duplo do do gado bovino, tornado selvagem, devastaram os campos devorando os pastos já insufficientes para o gado vaccum.

Então aproveitaram-se differentes especuladores pedindo authorisação, que lhes foi concedida, para comprar e matar milhares de eguas para lhe aproveitar as pelles e as crinas. O resultado d'esta enorme matança, que subiu a muitas dezenas de milhares, foi que abandonados os corpos á simples acção do sol, ficou por tal maneira corrompida a athmosphera, que se tornou impossivel a approximação d'aquellas localidades. A este estado corrupto attribuem os habitantes da ilha o ter apparecido alli uma molestia que, atacando a raça cavallar, affectando os membros posteriores, os matava; a esta molestia deram elles o nome de *quebra-bunda*, a qual ainda dura e tem acabado com o gado cavallar até ao ponto de ser já insufficiente para o trabalho, impondo grandes sacrificios aos fazendeiros que os mandam vir de outros Estados.

Esta molestia, a revolução de 1835, e mais que tudo o furto do gado, que, como bem disse um presidente de Estado em seu relatorio, tem-se elevado á cathegoria de industria, tem feito decahir na ilha a industria pastoril até ao ponto de em 1881 um recenceamento que fiz, quando Presidente do Pará, apenas accusou pouco mais de 200 mil cabeças de gado bovino e 8 mil de cavallar em toda a ilha, que, quero crer com as inexactidões dos dados fornecidos poderá elevar-se a 250 mil para o primeiro e 10 mil para o segundo.

Um outro inconveniente que se está apresentando na

ilha e estragando parte dos campos, é o que chamam *terroadas* ou *aterroadas*, e affecta especialmente os terrenos argilosos difficultando o andar e o correr aos cavallos empregados nos serviços do campo. Na accepção que vulgarmente ouvi dar ao termo *terroadas* me parece elle comprehender differentes phenomenos devidos a causas differentes; assim notei que em certos espaços de campos se apresentavam os terrenos em monticulos cobertos por pequenas touças de capim; em outros o terreno argiloso offerece-se todo cheio de fendas profundas que attribuo á dessicação do terreno pela fortissima acção do solo; em outras porções finalmente apresenta-se o terreno cheio de depressões devidas ao passo do gado nos terrenos argilosos quando amollecidos pelo inverno, e depois seccos e endurecidos pela acção sollar. Ao complexo d'estes tres phenomenos chamam os vaqueiros *terroadas*. O sr. dr. Vicente C. de Miranda attribue este nome sómente ao primeiro facto que enumerei, que diz ter estudado, e ao qual dá como causa o trabalho das minhocas, *lombricus communis*, o que me parece provavel em vista das considerações que elle apresenta. O facto é que se torna extremamente perigoso o correr com as fendas que apresenta o terreno e com os monticulos proximos uns aos outros com uma altura de uns 20 centimetros mais ou menos e que na ilha de Mexiana fronteira á de Marajó attinge, segundo o sr. dr. Miranda, $0,^{m}35$ de altura.

O que é para lamentar é que os fazendeiros não tenham procurado os meios de acabar com tal inconveniente.

A riqueza da ilha consiste em seus extensissimos campos cortados por numerosos rios, bem como as baixas cobertas de agua que, quando termina o inverno, dão commodos bebedouros aos gados além d'aquelles que fornecem os numerosos lagos como os do Arary, Alçapão, Guará, Anabijú, Mongubas e Tres Irmãos, e tantos outros; não é porém sem risco que o gado se approxima da beira d'elles, pois a existencia de inumeros jacarés é para os novos ou para os que se atollam uma constante ameaça.

Tinha eu visto os lagos do Amazonas que já offerecem um respeitavel numero d'estes amphibios em tudo semelhantes aos crocodilos do Nilo, mas de muito maiores dimensões; os lagos porém da ilha do Marajó causaram-me profunda admiração pela enorme quantidade que d'estes saurianos vi, no lago dos Tres Irmãos e no Guará; parece á primeira vista impossivel que todas aquellas pequenas elevações pretas acima do nivel da agua, sejam outras tantas cabeças de jacarés que se acham mergulhados n'agua de maneira que a parte superior da cabeça até aos olhos esteja de fóra. É muito curiosa a ordem em que elles se collocam quanto á profundidade da agua, estando os mais pequenos onde ha menos agua; os de menor tamanho, onde a agua já offerece mais profundidade e finalmente os grandes onde a agua é ainda mais abundante. Não é cousa para causar admiração os jacarés de 20 pés de comprimento, e assevera-me o sr. Coronel Francisco Bezerra e muitos outros que os ha de 25 pés.

Os fazendeiros, para evitar o estrago que elles fazem no peixe dos lagos, e nas rezes, organisaram entre si uma matança de jacarés e reunidos 20 ou mais, dirigem-se ao lago em que elles existem ou á superficie da agua ou amontados nas hervas das beiradas. Os lados não offerecem grande profundidade de agua e elles entrando n'ella começam por matar uma meia duzia d'elles com tiros das carabinas modernas, unicas capazes de prefurar a espessa pelle ou as rijas cabeças, ou com arpões e machados, o que os intimida, e então os vaqueiros entrando n'agua com varas, batendo n'ella, os vão levando deante de si até ao logar em que não havendo agua ficam em secco ou quasi em secco; ahi com lanças e com golpes de machado nas cabeças ou laçando-os e puchando-os, os vão matando. Acontece ás vezes que algum, conhecendo o perigo que o ameaça, para fugir volta-se contra os vaqueiros; estes abrem-lhe caminho ou o laçam, mas então elles tornam-se ferocissimos.

É para admirar o desassombro com que o vaqueiro ar-

mado com um machado, cujo cabo é curto, se põe em frente d'um monstro d'aquelles, que, abrindo a boca, offerece uma abertura de um metro e lhe rebenta a cabeça de um golpe que o atordôa, pois que o jacaré atacado pelo lado lançaria o vaqueiro por terra com uma pancada da cauda apanhando-o com a bocca cujos dentes tem não menos de cinco ou 6 centimetros de comprimento.

O facto de os jacarés, como se fôram gado, se retirarem fugindo aos vaqueiros é que deu logar a estes dizerem que vão fazer *uma vaquejada* de jacaré.

Estes lagos offerecem, como em parte alguma vi, um crescido numero de aves tanto palmipedes como pernaltos. Os patos, as marrecas, as garças, os guarás, as colhereiras, os cabeças de pedra, os magoaris, os tuyuiús são inumeros. Eu que tinha visto os lagos do Amazonas, nos quaes a abundancia de caça me deixava surpreso, nunca fiz idéa do espantoso numero de aves que em qualquer dos lagos da grande ilha paraense encontrava. Quando se levantam assustados os bandos de marrecas, a parte immediatamente superior ao horisonte nos lagos, e não são estes pequenos, fica obscurecida, e mesmo com risco de não ser acreditado contarei o que vi em uma fazenda chamada Nazarello do sr. Fr. L. Chermont. Tendo este senhor dito a um vaqueiro que desejava levar no dia seguinte algumas marrecas, o vaqueiro ás 4 horas da tarde foi para o lago e cerca das 6 horas estava de volta com 52 marrecas; perguntando-lhe eu com quantos tiros as tinha morto, respondeu-me: «Os tiros não prestaram, dei tres tiros» isto é, elle entendia que sendo os tiros ás marrecas atirados ao bando enorme que se levanta, os tiros, matando 17 cada um, não tinham correspondido ao que elle esperava. Um caçador chamado Luiz em uma manhã até á hora do almoço matou 80 patos sendo preciso mandar buscar um boi cargueiro para levar um tão grande peso.

E não só aves se encontram nos lagos, tambem os peixes abundam, e em 2 horas faz-se uma pescaria de 30 ou 40 peixes de bom tamanho.

E' possivel que eu não seja acreditado, pois antes de ir a Marajó pensavam haver exagero no que me relatavam; fica-me porém a satisfação de dizer o que vi e tem sido presenciado por muitos.

E' porém para lamentar que com tantos elementos de grandeza e rapido desenvolvimento a ilha tenha relativamente pouco progresso: nem melhoramento nos pastos, nem aperfeiçoamento nas raças, nem mesmo uma legislação rural tornada effectiva que assegure aos fazendeiros a repressão do roubo de gado com a punição dos ladrões de todos conhecidos. E o que é mais para admirar é que os fazendeiros ainda não tenham tido a energia para entre si se organizarem para, supprindo a desidia, fraqueza ou tolerancia politica das authoridades castigarem os ladrões de gado.

Este estado moral da ilha é de certo um dos motivos do seu lento progresso; outras porém ha que tambem bastante influem para esse estado. A principal d'ellas é o espirito de rotina, pois que muitos melhoramentos de facil obtenção podem ser realisados. Pequenos açudes realisados em terrenos argilosos por muito tempo conservaram agua para bebida do gado.

O uso dos moinhos de vento tão usados na America, ainda alli não foi ensaiado, entretanto nos mesmos logares em que ha uns poços de madeira poder-se-hia collocar um moinho de vento de pouco custo e que alli onde reinam constantemente fortes ventos pelo trabalho constante, forneceriam um annel de agua de 1 ou 2 pollegadas que poderia ser aproveitado de muitos modos.

Tapagens feitas convenientemente com uma pequena porta para descarga, em alguns ramos de igarapés forneceriam agua.

Nada d'isto tem sido feito. Se pergunto a razão d'este indifferentismo não me a sabem dar; assim no gado cavallar com um tão bello quadro para experiencias o que tem sido feito? Algumas tentativas de particulares, nem sempre com o conveniente criterio, tem talvez até contribuido para desanimar os outros. Ao governo competia, como tem sido

feito em outros paizes, crear nos districtos creadôres de gado postos hypicos, que com o pagamento por parte dos fazendeiros que alli mandassem suas eguas, teriam em parte compensada a sua despeza. E que importava que a despeza feita não fosse inteiramente compensada? O beneficio obtido no fim de tres ou quatro annos na raça e no valor dos productos compensaria a differença.

E' claro, porém, que emquanto continuarem os lavradores a comprar por alto preço cavallos de apurado sangue, acostumados a serem cuidadosamente tratados, e os lançarem sem transição no campo para o meio de uma manada de eguas, em um clima a que não estão aclimados, os perderão.

No gado vaccum o governo tem instituido premios valiosos para quem mandar vir raças apuradas, mas isto parece-me não ser sufficiente, e effectivamente não poucos proprietarios os mandaram vir e o governo pagou uma crescida somma. Mas por ventura fiscalisou-se esses animaes, tinham sido empregados conforme as vistas do governo pelos que os mandaram vir? Tem elle estabelecido as normas para saber os resultados obtidos com estes premios.

Parece que teria sido mais proveitoso estabelecel-o para quem apresentasse um certo numero de productos provenientes do crusamento. Então haveria um verdadeiro resultado obtido, haveria tentativas diversas pelos differentes lavradôres, conhecer-se-hia quaes as mais proveitosas.

Vemos que sob o ponto de vista de melhoramento de raças pouco tem sido feito e mal, alguma cousa que se vai obtendo é pela iniciativa particular.

Sob melhoramentos materiaes da ilha, os governos do tempo da monarchia contentaram-se com a nomeação de commissões e receber relatorios; é de esperar que o governo republicano, cujos orçamentos de receita publica tem quasi duplicado, alguma cousa faça em favor da grande ilha, que tanto pode contribuir para a boa e abundante alimentação publica.

Não é sómente pelo lado agricola que tem valor esta ilha; tambem pelo lado scientifico offerece ella aos estudiosos de antiguidades e historia dos nossos aborigenes um vastissimo e interessante campo, e creio que em parte do territorio brazileiro se encontram tantos e tão variados monumentos servindo ao estudo ethnologico e archeologico do passado das raças indias que dominavam aquelles logares antes da descoberta.

Os cemiterios indios, chamados pelos inglezes *mounds*, pelo estudioso brazileiro Ferreira Penna *ceramios* pela abundancia de vasos e objectos de barro que n'elles se encontram, acham-se em Marajó a cada passo; nem se pode explicar o tão crescido numero d'elles senão lembrando-nos de que pelo que se sabe a respeito d'estas tribus que eram numerosissimas a ponto de se baterem com os portuguezes e hollandezes invasôres, as aldeias não eram grandes; cada uma d'ellas compunha-se de um pequeno numero de vastos galpões fechados, construidos em logares altos, aterrados ás vezes com terra trazida de longe, e cada aldeia alli tinha um logar para soterrar os vasos em que eram collocados os ossos dos habitantes mortos.

Em Marajó ou Ilha grande de Joannes, ou Ilha dos Nheengahibas (nome geral dado ás tribus alli existentes), parece terem habitado varias tribus taes como no local em que hoje existe a villa da Condeixa, era collocada a aldeia dos indios Guajarás; onde hoje é Monforte existiam os indios chamados Juanes de onde o chamarem a Ilha dos Juanes e depois Ilha Grande de Joannes; onde é Salvaterra habitaram os indios Saracás, em Soure os Aruanazes, em Villar ou Goyanazes, e em Chaves os indios Aruans, que parece ter sido a mais importante e numerosa, havendo porém ainda as tribus dos Mapuás, Anajás, Jurunas, Muanás.

A totalidade d'estas tribus davam os portuguezes o nome de Nheengahibas; outros são de parecer que os Nheengahibas eram uma tribu poderosa habitando a parte meridional e occidental da ilha.

Como quer que seja d'estas raças a que mais funda deixou sua memoria, pois que d'ella mais do que das outras se tem occupado os escriptores, é a dos Aruans, indios guerreiros habitando o local onde existe actualmente Chaves, e suas proximidades.

Uma observação, porém, que se antolha a todos os que tem visto as urnas funerarias, vasos, armas, e idolos exhumados ou seja nos *mounds* proximos á *tala* dos Aruans como em Cajueiros, ou nos das outras localidades, como a dos Maruanazes em Soure, em todas as da ilha de Marajó finalmente nota-se a maior similhança senão identidade, as mesmas formas, os mesmos ornatos, as mesmas côres, os mesmos materiaes, os mesmos simbolos ou hyerogliphos, os mesmos espaços aterrados e elevados, a mesma forma no modo de collocação dos ossos, mostrando que elles foram collocados depois de feita a putrefacção das carnes, e até a mesma maneira de collocar a urna dentro do outro vaso mais tosco. Parece ella dever levar á conclusão de que estas differentes tribus eram nascidas de uma mesma nação, eram ramos de uma mesma arvore.

Sobre a maior das necropoles do Marajó, a do Pacoval no rio Arary, disse eu, no meu relatorio apresentado ao governo como commissario do Brazil na exposição de Chicago, o seguinte:

«Que me conste, apenas cinco explorações, mais ou menos importantes, têm sido feitas no cemiterio do Pacoval em beneficio da sciencia; a primeira pelo sr. Bernard, sob a direcção do sr. Fred. Hartt em 1870; a segunda pelo sr. Derby em 1871, a terceira pelo sr. Ferreira Penna um anno depois: e as duas ultimas, uma pelo sr. Ladislau Netto, cujos bellos resultados figuram na exposição anthropologica que se realisou no Rio de Janeiro e ultimamente em Chicago, e outra pela commissão encarregada no Pará de obter productos para a exposição de Chicago, onde figuraram; estas duas ultimas creio terem sido as que deram as duas maiores collecções obtidas n'aquelle local.

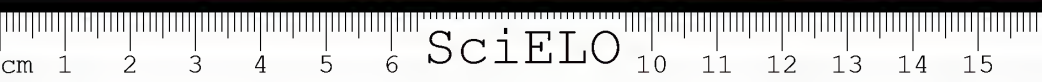
«Poderiamos obter vastas e ricas collecções de objectos

muito variados e de alto valor para o estudo anthropologico, se da parte dos poderes publicos houvesse um verdadeiro desejo em que os nossos museus utilizassem com a obtenção d'estes varios objectos, os quaes todos os dias pela sua originalidade nos causam surprezas.

«Alguns d'estes *mounds* ou *ceramios*, segundo a expressão adoptada pelo sr. Ferreira Penna, existem nos terrenos pertencentes ás fazendas nacionaes na ilha de Marajó; ao menos para estes era facil o tomar providencias para que os especuladores que alli vão excavar a necropole o não podessem fazer, ou então ordenar uma exploração completa d'essas necropoles de modo a n'ellas serem exhumados todos os objectos de algum valor que alli existissem e fossem elles recolhidos aos museus. A indifferença e o desperdicio é que não são toleraveis.

«Na immensa necropole do Pacoval o que temos visto é de ha muito um completo abandono por nossa parte d'aquellas preciosidades historicas, á ambição e ganancia dos especuladores mercenarios que alli vão buscar as urnas funerarias, os ornatos, os utensilios usados em epocas anteriores á descoberta, para as venderem na Europa.

«Temos visto ainda mais ganhadores que em differentes *mounds* têm ido exhumar igaçabas ou urnas, em procura das celebradas pedras verdes das Amazonas, e não as achando, alli têm atirado com as urnas ao chão, abandonando-as, para augmentarem a já enorme quantidade de pedaços de loiça de barro, que desde a praia até o centro da necropole juncam o solo, devido ao destroço que alli tem sido feito dos vasos exhumados.

«A collecção do Museu Nacional constava de 41 vasos de diversos tamanhos. A quem se demorava na observação d'ella, tornava-se saliente uma differença entre as differentes urnas na maneira porque eram trabalhadas; em umas apresentava-se um surprehendente lavor de differentes côres e relevos. em outras um trabalho menos perfeito até chegar ao trabalho completamente grosseiro. Esta observação deve ser completada com o facto observado de que

as urnas de fino trabalho foram encontradas nas camadas mais inferiores, tornando-se elle mais grosseiro á proporção que as urnas eram exhumadas em camadas de terrenos cada vez mais superiores.

«O maximo gráo de perfeição n'estas urnas funerarias era alcançado em uma urna de um metro de altura com relevos em trez cores, de uma forma correctissima. E' um exemplar unico, por sua belleza, da arte ceramica indigena, e creio que das collecções de urnas achadas nos *mounds* brazileiros e levadas para os museus americanos não ha uma só urna de egual merecimento artistico, como me foi affirmado pelo director d'este ramo de instrucção publica, em Nova-York. A observação feita pelo dr. Steeve, confirmada pelo sr. Ferreira Penna, mostra que as mais bellas igaçabas, as de formas mais puras e com mais delicados lavores e pinturas, pertencem ás gerações mais antigas, que foram sepultadas nas camadas mais profundas do solo, tornando-se tanto mais grosseiras quanto mais modernas e superficiaes são.

«E' tambem nas urnas das camadas inferiores ou mais ornamentadas que se encontram as *tangas* ou ornamentos que, pela sua forma, pelos orificios que tem nos quaes se vê claramente terem estado presos fios e pelas pinturas e relevos achados em algumas urnas anthropomorphas, é hoje incontestavel que serviam para cobrir as partes sexuaes das mulheres.

«A pedra, como já observara o sr. Ferreira Peana, apenas apparece em instrumentos como machados, martellos, raros mas muito curiosos, pois não tendo cabo era na propria pedra que a mão segurava, para o que n'ella estavam cavados logares de um lado para o dedo pollegar e do outro para outros dedos. Estes instrumentos de pedra polida acompanhavam a época das mais bellas igaçabas.

«A collecção mandada pelo estado do Pará compunha-se de 35 urnas em tudo similhantes ás da collecção do Museu Nacional, algumas anthropomorphas, alguns machados assaz grosseiros e uma collecção curiosissima de objectos

miudos de barro cosido encontrados dentro das urnas, ou junto a ellas no espaço preparado para as receber. Na maior parte d'essas urnas encontram-se ossos humanos dispostos com uma certa ordem e não indifferentemente.

«Uma outra observação feita a respeito dos *ceramios* do Estado do Pará em differentes e numerosas localidades é que em nenhum se encontram objectos de tão delicado trabalho como nos *ceramios* da Ilha de Marajó.

«Uma conclusão que parece deduzir-se do estudo d'estes *mounds*, é que a raça que creou aquellas necropoles foi successivamente perdendo o gráo de civilisação que as urnas das camadas inferiores mostram, chegando depois a um estado de ignorancia que só lhes permittia fazer obras grosseiras.

«Mas esta raça ou raças tão adeantadas que deixaram taes vestigios em Marajó, que eguaes se não encontram nas demais necropoles indigenas do Pará e Amazonas, habitou sómente a grande ilha, ou todo o territorio amazonico?

«Aqui começa a obscuridade. Sabemos porém que na epoca da descoberta ou proximo a ella, os portuguezes encontraram em Marajó duas raças, a dos Aruans e a dos Nheengahibas.

«O sr. Ferreira Penna, cuja proficiencia e veracidade mais do que ninguem talvez conheci; achou em alguns vasos as celebres pedras verdes, *muirakitan* ou *puerakitans*, que se tem encontrado nos territorios dos indios dos sul, centro e norte do Brazil. As formas das urnas, as imitações que tiveram em vista, offerecem grandes analogias com os vasos exhumados em muitas e distantes localidades.

«A exposição de Chicago, nas visitas que fiz ás secções ethnologicas e archeologicas das differentes Republicas e Estados da America, deparou-me analogias e similhanças em extremo salientes entre ellas, e o que é mais, na exposição fronteira á brazileira, a do Mexico, podia-se diariamente ver um artista indio mexicano trabalhando em vasos de barro, seguindo os mesmos processos que vemos usa-

dos na confecção das urnas do Pacoval em Marajó. O vaso propriamente dito é feito de um barro mais ou menos fino, este era coberto por uma camada mais ou menos tenue de um barro finissimo que ás vezes não offerecia mais expessura do que uma folha de papel grosseiro. Esta camada era de côr escura e sobre ella, quando secca, é que o artista applicava as côres, bem como os desenhos pintados ou os salientes relevos.

«Os vasos de Nicaragua e Costa-Rica offerecem analogias bem salientes nas formas e no trabalho como estes.

«O que, porém, era de notar na comparação entre as exposições d'estas ropublicas e a nosssa, era a pobreza, por parte d'esta, de ornamentos, instrumentos e monumentos de pedra. A secção de Costa-Rica era de uma riqueza prodigiosa, de pequenos instrumentos, urnas, figuras e utensilios de pedra, o Mexico egualmente e algumas outras, emquanto que a nossa só apresentou a collecção que mandou o Muzeu Nacional, aliás de grande valor, algumas pontas de fléchas e de lanças em duas pequenas collecções que do Rio-Grande do Sul vieram, uma pertencente ao sr. Graciano A. Azambuja e outra ao sr. Anthero G. de Almeida, as quaes acompanharam algumas urnas analogas na fórma ás mais grosseiras exhumadas no ceramio do Pacoval em Marajó, mas sem ornato algum.

«Ha, porém, uma observação que sem estudo algum se apresentava depois de uma visita á galeria em que as differentes nações tinham apresentado suas collecções, e foi ella que um parentesco, uma analogia, ou similhança se tornava saliente na fôrma das armas e utensilios, ou sejam dos indios da America ingleza, ou da America central e da America do Sul.

«Os machados todos eram similhantes, desde o enorme machado usado pelos indios da America do Norte até aos menores usados pelos da do Sul, todos tinham o mesmo feitio, todos eram prezos aos cabos por maneiras eguaes: as lanças, as azagaias, os utensilios, os pilões de pedra com as respectivas mãos, todos em forma de cóne alon-

gado; nas urnas funerarias tambem a similhança era sensivel.

«Esta similhança, este parentesco, tão saliente e que se impunha ao observador ainda o mais superficial, não será uma prova em favor da theoria seguida pelo anthropologista J. W. Foster, por Squier e pelos nossos compatriotas Lacerda Filho, Rodrigues Peixoto e Ferreira Penna, de que uma raça inteiramente producto do solo americano povoou a America?

«E' tanto mais importante esta uniformidade de pensar entre observadores differentes, quando elles partiram de pontos differentes, uns do estudo dos *ceramios*, de seus artefactos, da observação de suas necropoles, e outros do estudo dos craneos encontrados, podemos dizer em toda a America, finalmente ainda outros do estudo das linguas, pois concordam muitos dos mais notaveis anthropologistas que a lingua geral que Alcides de Orbigny julga identica á linguagem do Caraibas, dominou em todo o continente americano.

«Apar d'estas observações, os *mounds* do Pacoval offerecem materia a observações que levariam a conclusões differentes d'esta que acabo de enunciar; entre muitos pequenos idolos alli encontrados, nota-se no vestuario, na forma do penteado, na figuração das mulheres, na dos adornos de cabeça ou chapéos, uma grande similhança com o que se vê nas figuras antigas dos museus egypcios: ainda a fórma das lampadas encontradas n'estas necropoles offerece grande similhança com as lampadas funerarias dos povos asiaticos, e ainda nos caracteres escriptos uma indiscutivel similhança se apresenta.

«O que julgar? o que concluir?

«Quanto a mim, parece-me que ainda é cedo para chegar a uma conclusão geral.

«Em relação aos *ceramios*, tão numerosos na ilha de Marajó, assim como no extensissimo valle do Amazonas, os estudos têm sido ainda pouco repetidos e profundos; novas excavações, e maiores, em pontos diversos, são neces-

sarios, e sobretudo urge que não deixemos abandonados pela nossa indifferença ou incuria, esses monumentos, esses instrumentos, esses testemunhos eloquentes dos habitos e costumes já esquecidos, mas que por elles poderemos ler na obscuridade do passado.

«Deixando o estudo de uma theoria geral sobre as raças americanas, restringindo o campo aos *ceramios* de Marajó, onde foram achadas as duas bellas collecções que figuraram em Chicago, o estudo ainda assim não deixa de ser complicado. O homem mais modesto ou talvez o que mais sabia d'estas regiões amazonicas, Ferreira Penna, concluira que os Aruans, a raça que dominou em Marajó, era um resto da grande raça *caraiba*, e que a esta nas mais remotas éras, ainda quando não esquecera a civilisação dos caraibas, eram devidas essas bellas urnas das camadas inferiores do solo.

«Que a esta raça, successivamente degenerada ou abastardada, talvez mesmo por misturas com hordas menos civilisadas, se devem tambem as urnas das camadas superiores, e conclue com Foster que as gerações que se succediam, mas degenerando successivamente de seus antepassados, imprimiam sobre os artefactos as feições caracteristicas de sua civilização.»

Expostas estas condições geraes da ilha de Joannes, das quaes algumas se referem ao regimen dos rios que a cortam, direi alguma cousa em relação a estes e aos lagos.

Rio Arary — E' o mais importante e o mais aprasivel dos rios que conheço em Marajó; é formado pelo Ginipápucú e pelo Apehy que lançam suas aguas no lago Arary, que dá o nome ao rio que d'elle sahe na extremidade S. do lago. O seu curso não é uniforme antes cheio de curvas, sendo porem em geral sua direcção SE.; logo proximo ao lago, recebe as aguas do Anajá-mirim pela direita, e o Goiapy pela esquerda já a metade do seu curso; uma grande parte d'este é feita no meio de campos, o que o torna alegre, mas da villa da Cachoeira na margem esquerda para baixo, o seu aspecto muda, torna-se sombrio, feio e

triste, cheio de grandes aningaes por um e outro lado, até á ilha do Moirim, chegando á qual suas margens se alargam, e o rio mudando outra vez de aspecto readiquire a sua belleza, apresentando pedreiras em suas margens até que seguindo o rumo ENE. se lança na bahia de Marajó.

As marés em geral apenas são sensiveis até pouca distancia da villa da Cachoeira, e no inverno o fluxo é pouco sensivel acima do baixo de Moirim. No começo do inverno observa-se o curioso phenomeno de correrem as aguas do rio em duas direcções oppostas, as da metade inferior do rio correm para baixo, isto é, para a foz, as da metade superior correm para o lago, de onde retrocedem quando as aguas d'este começam a avolumar. Este facto extranho foi pela primeira vez observado e narrado pelo bem conhecido engenheiro brazileiro Moraes Jardim, e depois confirmado pelo ousado engenheiro portuguez J. Gomes de Oliveira, que tanto prescrutou estas provincias em muitos dos seus pontos; dão elles explicação ao facto pela planura do centro da ilha.

A navegação d'este rio é muitas vezes embaraçada pela quantidade de canna-rana (cana falsa, talvez uma especie de *gynerium*, segundo o V. de Beaurepaire), que creando-se e desenvolvendo-se em suas margens o obstruem.

O sr. Joaquim Gomes de Oliveira exprime-se sobre este rio, pela seguinte forma: «Este rio, cujas aguas communicam o lago Arary com a costa S. da ilha, fôra primitivamente uma especie de furo ou de estreito canal, formado por dous differentes rios reunidos por suas cabeceiras, por onde as aguas da parte S. da ilha se dirigiam a um e outro d'esses differentes canaes do Amazonas [1], que a limitam; nem essa particularidade de dirigir suas aguas para uma outra de suas extremidades ainda hoje elle perdeu, pois que em todos os principios do inverno, quando o nivel das aguas do lago tem baixado, todas aquellas que do Anajás-mirim e rios menores que n'elle entram até

---

[1] Vide pag. 304 sobre os Mondongos.

muito maiores distancias do lago, se dirigem para E., chegando muitas vezes a tomar uma velocidade superior a $0^m,5$ por segundo, para o que concorre principalmente o ser o rio Arary uma especie de canal de nivel entre a villa da Cachoeira e o lago, ser a bocca do Anajás muito mais visinha do lago do que da Cachoeira, e o carregarem sempre mais as chuvas d'este periodo de inverno nos centros que para elle desagoam do que para o lado dos Mondongos.

Durante o verão e fins do inverno é que todas as aguas d'este rio caminham para a costa S., mas com uma velocidade muito inferior, principalmente em meio do seu curso, em virtude da grande extensão que tem a percorrer. Não só é a opinião do sr. Oliveira como da commissão de engenheiros que antes fôra alli estudar a maneira de fazer escoar os grandes alagadiços da ilha, que a desobstrucção d'este rio offereceria vantagens notaveis.

Rio Anajás—É o segundo rio, em extensão e importancia da ilha, e forma-se de dous ramos: do Anajás propriamente dito que sahe de umas baixas do centro, e segue para O., e do Mocoões que parte da ilha do Camaleão na beira dos Mondongos e segue para NO até encontrar o paraná-mirim do Aramá que é o limite entre a ilha de Marajó e o estuario do lado occidental, onde termina o rio, mas é costume dar-se a este limite do estuario o mesmo nome de Anajás até á bahia do Vieira.

O Anajás é livremente navegavel a vapôr até á povoação do seu nome, e ainda por cerca de 30 milhas mais, em qualquer dos seus dous ramos, tornando-se porém muito morosa a navegação n'estes dous ramos por serem extremamente sinuosos.

Referindo-se ao Anajás e seu affluente Cururú, e Mocoão ou Mocoões, diz o sr. J. Gomes de Oliveira:

«Estes rios que nada mais são do que os restos da parte superior ou occidental do grande canal que em outro tempo deve ter corrido pelo meio de Marajó, servem hoje de esgôto a uma pequena parte das aguas que se ac-

cumulam no centro da ilha, mas o perfeito nivellamento de leito e a direcção em que existe a sua foz contraria á do Amazonas, juntos á sua mui grande extensão, fazem que mais depressa devam ser considerados como canaes a esgotar do que como esgotadores.»

Rio Arapixi—É menor do que o Cururú, mas maior e mais extenso do que quantos desembocam na costa do N. Sahe dos Mondongos com o nome de Igarapé-fundo, recebe á direita o igarapé dos Cajueiros e da Mandioca, á esquerda o igarapé Santa Maria, e já visto de sua barra no Amazonas se lhe reune do mesmo lado o rio de Santo Antonio, engrossado pelo do Egypto, que tambem sahe dos Mondongos.

Segue o rumo geral de NO., é extenso, profundo e navegavel a vapôr na quarta parte do seu curso inferior, e por vapores pequenos até dois terços de sua extensão, mas é bastante sinuoso de modo a tornar morosa a sua navegação. O seu curso e o de seus affluentes é todo na região dos campos, mas uma estreita facha de matto orla as suas margens, excepto no Igarapé-fundo, que corre em campo limpo. A sua barra no Amazonas é muito larga e não dá entrada ou sahida livre senão com um quarto ou meia maré de enchente.

Ferreira Penna pela maneira porque se exprime parece indicar que este rio faria parte ou se communicaria com o canal que parece ter existido pouco mais ou menos seguindo a linha dos Mondongos.

O sr. J. Gomes de Oliveira, que estudou especialmente estes rios com o fim de estabelecer um canal que communicasse o lago Arary com o mar por meio do rio das Tartarugas, ou d'este rio Arapixi, exprime-se por esta forma:

«Este rio, que parece nunca ter tido communicação com o primitivo canal, apresenta-se agora comtudo como o principal escoador dos Mondongos, pelas muitas ramificações d'elle que alli se dirigem.»

Segundo este engenheiro, ainda que muito sinuoso o rio, é facil cortar as voltas mais rapidas, augmentando a

velocidade das aguas, e por conseguinte o escoamento dos terrenos que as fornecem, diz elle que por meio dos affluentes Egypto e Santo Antonio, que se dirigem até aos alagadiços do Cururú, com alguns melhoramentos, facilmente se conseguiria o escoamento, mas quanto a servir-se d'elle para uma grande communicação com o lago Arary seria isso em extremo difficil e menos proveitoso para a navegação do que a communicação lembrada por elle no mappa que acompanhou o seu relatorio, entre o Apihy e o ramo principal do rio Juncal, denominado Igarapé-fundo, unica que poderá satisfazer a necessidade de um canal entre o lago Arary e a costa N. da Ilha de Marajó.

Rio Apihy—Este rio não pode ser assim qualificado, pois segundo o sr. J. G. de Oliveira, que especialmente o estudou, elle só é um canal entre o rio Arary e os terrenos baixos dos pirysaes e Mondongos que ficam proximos, aberto pelas aguas do lago quando tomam grande crescimento pelas aguas que lhe traz o Anajás-mirim, e mais rios e igarapés durante o principio do inverno, elevando-lhe o nivel acima d'aquelles terrenos, e por este mesmo canal voltam ellas ao lago quando este tem sido esgotado pelo rio Arary até abaixo do nivel do terreno a que me refiro, e pela grande evaporação que se dá no lago. Entre estes canaes que comunicam com o lago, o Apihy é o principal. É elle entre todos o que reune mais condições favoraveis para servir de canal até á costa do N. de Marajó, como sejam a direcção pouco sinuosa de seu leito, grande profundidade d'este, margens consistentes e limpas, aguas quasi sempre livres de cana-rana e mururé, que tão valente obstaculo criam ao escoamento das aguas no centro da ilha. Indica porém o mesmo sr. Oliveira que sem um canal que o ligue a costa N. não poderá tirar-se a utilidade que se deseja, tanto para o escoamento como para a navegação.

Rio Tartarugas e Genipapucú—O Genipapucú parece ser devido ás mesmas causas que o rio de que acabei de fallar. D'aqui se vê que é elle um canal, e não um rio por

onde se communicam os lagos Arary e Tartarugas, mas differente do Apihy e tão sujo de cana-rana e mururé, que se torna impossivel o conhecer-lhe o leito, e tão depressa se limpa em qualquer ponto, immediatamente se enche das mesmas plantas fluctuantes, sobre as quaes é possivel puchar pequenas embarcações, mas nunca as de maior lotação como as que são usadas no transporte de gado; isto torna em extremo difficil o aproveitar este rio para um canal.

O rio das *Tartarugas* ainda se encontra em peiores condições do que o Genipapucú; parece ser o limite inferior do extincto canal de que por vezes tenho feito menção, e que mesmo em tempo não muito remoto dizem ter tido uma grande importancia: «Desde 1835, epocha de tantas desgraças n'esta provincia, e egualmente a do principio das epidemias nos animaes cavallares em Marajó, foram-se pouco a pouco abandonando as fazendas das margens d'este rio, principalmente as da esquerda, e quando em 1846 quizeram transportar pelo rio Tartarugas uma porção de carne de restos do gado do *Soccorro* (nome de uma fazenda), os moradores do Nascimento (outra fazenda) com os quaes se fez este serviço, referem que uma pequena igarité gastara então quinze dias para ahi chegar desde a foz do rio, viagem esta de um dia, se o rio não estivesse tão obstruido. Decorridos mais de trinta annos poder-se-ha bem fazer idéa do que elle será agora, tendo-se deixado completamente abandonado a todas as mais poderosas causas de anniquilação de um rio; mas para melhor se comprehender este estado e seus meios de melhoramento, distinguirei, seguindo da foz, as tres seguintes secções em que naturalmente parece dividido, e são: a secção inferior ou das mattas, a dos tabocaes, a dos bamburraes. A secção inferior estende-se desde a foz no Amazonas até á confluencia do Igarapé da Graça, tem as margens cobertas de matto alto e uma largura sempre superior a 80 metros, que pela maior parte ficam em secco durante a baixa mar.

«O terreno das margens é geralmente muito baixo e

frouxo, em virtude do que tem sempre estado despovoado.

«A secção a que chamamos dos Tabocaes estreita-se muito rapidamente e é influenciada pela maré soménte nos tres primeiros kilometros, que de verão só durante o breve tempo de prêa-mar pode acaso ser navegada por pequenas montarias, ficando no resto do tempo reduzido a um rêgo de lodo; do mesmo modo, como durante esta estação, se apresenta sempre o resto d'esta secção, que por tal forma se encontra infestada de tabocaes, que mais parece uma sebe espinhosa impenetravel do que uma via aquatica. Pela acção da força das aguas no inverno excava-se-lhe profundamente o leito, como tive occasião de observar, principalmente do rego do Pai João para baixo, mas logo que a agua diminue, torna de novo a obstruir-se como a encontrei no verão passado.

«A ultima secção que chamamos *dos bamburraes*, nada mais é do que a continuação dos do Genipapocú, differindo sómente da ultima e peior parte d'este, conhecida pelo nome de *Rego da jararaca*, por ter os barrancos de plantas fluctuantes ainda mais cerrados e o terreno do fundo e lados menos consistentes. Este rio das Tartarugas onde estes animaes já não entram, e que tão pouco já merece o nome de rio, seria por sua situação, quando desobstruido, de um immenso valôr para o escoamento dos Mondongos, mas quando mesmo á custa de muitos sacrificios se conseguisse uma vez esse resultado, de pouca duração elle seria, se annualmente se lhe não applicasse uma despeza de conservação quasi egual á da primeira limpeza.

«A communicação do Tartarugas com o lago do Arary por meio do Genipapocú, além de pelos motivos expostos ser a mais difficil de abrir e conservar do que qualquer outra que aproveitasse os terrenos mais limpos e consistentes, sitos a NE. do Apihy, de pouca vantagem seria para o transporte de gado da Mexiana, Caviana e NO. do Marajó, pois que obrigaria os barcos a grandes rodeios, difficultando ao mesmo tempo o embarque dos que por terra

MAPPA
DA
ILHA de JOANNES
ou
MARAJÓ
por
João Wilkens de Mattos
MEXIANA
CAVIANA
Tartarugas
L. Arapaõ
L. Arary
L. Anabejú
Belem
Rio Guamá
Rio Tocantins

ahi se dirigissem pela necessidade de os fazer atravessar os Mondongos.» (1)

A sua barra é situada em frente á ilha dos Camaleões, o que a torna abrigada e franca, e offerece ás embarcações optimo refugio.

Rio Ganhoão—Este rio, como outros de que já fallei, tem a sua origem nos alagadiços chamados Mondongos; a sua direcção geral é a de N. a S. A sua barra franca; no seu curso é sinuoso.

Rio dos Macacos—Apezar de ser considerado um rio, é elle mais exactamente o que na provincia se chama um furo, isto é, um rio cujas extremidades dão ambas em outros rios, assim este, terminando por um lado em uma bifurcação que o communica com o rio de Breves e furo do Jaburú, costeia a ilha dos Macacos que por elle é separada da ilha de Marajó, e termina no rio Aramá a E. da confluencia d'este com o furo do Jaburú, tambem chamado rio Jaburú.

Rio Muaná—Na costa occidental da ilha, e em um ponto não distante da bocca liga-se ao Atuba com cujas aguas e as do Anabijú se alimenta.

A seis legoas da bocca, está na margem direita a florescente villa do Muaná.

Rio Atuha (2) — É formado pelo Atuha propriamente dito que vem das mattas e pelo Anabijú que vem dos campos e lago do mesmo nome, encontrando-se ambos a cerca de dez milhas acima da villa do Muaná, para a qual desce um braço o qual parte da confluencia dos dous rios. Depois do Arary, é o mais importante dos rios que vem da ilha ao rio do Pará. É navegado em vapores em grande extensão, e a sua barra é fronteira á foz do Tocantins.

Mapuá—Este rio pertence ás aguas do Amazonas, provém dos igapós e pequenos lagos existentes nas mattas, e

---

(1) Relatorio do sr. Joaquim Gomes de Oliveira ao presidente Correia de Sá e Benevides no Pará em 3 de Agosto de 1875.

(2) Ferreira Penna—*A ilha de Marajó.*

entre o Anajás e alguns braços do Canaticú ou Quanaticú. Segue para O., perdendo-se no Aramá. É navegavel a vapôr em grande extensão, mas esta navegação exige grande cuidado pelos numerosos páos que frequentemente fluctuam ou estão cravados no fundo de seu leito. As suas margens são abundantissimas de seringueiras (¹).

Igarapé-Grande ou Paracauary — Já tive occasião de fallar d'este rio quando no principio da parte relativa á Ilha de Marajó, fallei das idéas de Agassiz sobre a historia geologica d'esta região. Tem as suas fontes nos terrenos baixos da ilha em sua parte central, é bastante fundo e portanto navegavel em grande parte do seu curso; n'elle achou Agassiz patentes os effeitos da invasão do mar que cada vez se tornam maiores. Tem alguns affluentes como o Genipapo, e outros de pequena importancia.

Marajó-assú — Rio que desagua no rio do Pará e cujas cabeceiras ficam muito proximas das cabeceiras de alguns affluentes do rio Arary, como seja o Larangeiras. É de pequeno curso, e a sua posição relativa ao Arary, permittiu que por ordem da presidencia da provincia em 1870 eu fizesse abrir um canal de communicação pelo qual as embarcações do Marajó-assú passam para o rio Arary sem terem que correr pela costa da Bahia de Marajó que é bravia e de difficil navegação pelas pedras que n'ella abundam. A pouca distancia da bocca, está a florescente villa de Ponta de Pedras, na margem esquerda.

Se não temesse tornar-me prolixo e enfadonho continuaria a descripção dos differentes rios que atraz enumerei, que cortam a ilha de Joannes; são elles porém de tão pequena importancia, e offerecem entre si uma tal semelhança variando sómente dentro de estreitos limites quanto á sua grandeza, que julguei dispensavel essa tarefa, completando antes o que me resta dizer quanto a esta ilha com uma noticia de seus lagos, ainda que não são elles tão numerosos nem tão grandes como os do alto Amazonas.

(¹) Ferreira Penna — *A Ilha de Marajó.*

O numero d'elles era antigamente maior do que na actualidade, mas os *aningaes* e o *mururé* tem acabado alguns d'elles transformando-os em paües.

Hoje ainda se mencionam o Lago Arary, o do Alçapão, o do Guajará, o de Santa Cruz, e o de Anabijú, todos os mais conhecidos com os nomes de Lago das Mongubas, das Tartarugas, Nazareth, Guará, Bom Jardim, e Chapeu. São de uma importancia muito secundaria, e o unico verdadeiramente consideravel é o seguinte:

Lago Arary—As dimensões que lhe assigna o sr. Ferreira Penna são 2 a 2 e meia milhas de largura, com 10 de comprimento no sentido de N. a S., mas considerando como uma continuação do lago a parte inferior do rio Apehy, que não é em verdade senão uma serie de pequenos lagos interrompidos por curtos espaços mais estreitos. O seu fundo varía de 1 a 2 $^{1}/_{2}$ metros no verão e de 5 a 7 metros no inverno. N'esta estação os vapores da empresa Marajó o tem navegado carregados com 80 bois, sem encontrar difficuldade.

ILHA CAVIANA

Ao que eu poderia dizer sobre as duas ilhas d'este grupo a Caviana prefiro transcrever o que sobre ella e a de Mexiana escreveu o sr. Ferreira Penna tão sabedor das cousas amazonicas e que a morte derrubou a 5 de Janeiro de 1888.

«A Caviana é a mais preciosa e a mais importante de todas as ilhas do grande estuario e a segunda em extensão. Atravessada na foz do Amazonas, como um anteparo entre o grande rio e o oceano, e cortada pelo Equador, como as suas visinhas Jurupary e Mexiana, a Caviana tem a E. esta ilha ao S. a do Marajó, a SO. a de Jurupary e a NO. a Guyana.

«Com a extensão de 95 a 100 kilometros, domina a Caviana a entrada do Amazonas dividindo em dous grandes ramos a sua barra: o do N. que vae acompanhando o continente e o de E. que passa entre a ilha e o Marajó.

«Formada por depositos alluviaes é a ilha uma grande planicie de que o solo é em parte alto e inalagavel, e em geral baixo, ás vezes pantanoso e com mui pequenos lagos: contem muitas fazendas, todas pequenas, mattas de bastos, seringaes, em que se extráe muita borracha, etc.

«Ha cerca de 30 annos foi a Caviana dividida em duas ilhas por um largo canal que lhe rasgou atravez a pororoca, que nos plenilunios e novilunios açoita a costa maritima da ilha. Pela ruptura que ella fez de um terreno alto que guardava esta costa, já antes muito corroida, a pororoca alcançou as cabeceiras ou baixas do igarapé Guajurú, cujo leito ella aprofundou e alargou, e por este meio conseguiu penetrar, assim, dentro do Amazonas, em cujas aguas até então nunca fora vista.

«Na extremidade NE. da Caviana ha algumas palhoças, restos da povoação que em 1700 teve a cathegoria do *lugar* com o nome de Rebordelos; até então tinha sido *Aldêa de Peyhé*, antiga habitação dos Aruans, da qual hoje nem vestigios restam senão nas urnas soterradas em alguns pontos que, só por acaso se póde descobrir.

«A aldêa de Peyhé foi missionada pelos padres capuchos de Santo Antonio, que com tanta abnegação e sacrificios até da vida de alguns d'estes grandes missionarios, prestaram os mais assignalados e importantes serviços ao paiz, catechisando e pacificando aquellas tribus guerreiras, de que a amisade e os braços armados tão procurados eram pelos estrangeiros que pretenderam disputar aos Portuguezes a posse do Amazonas.

«Os Aruans, que escriptores bem pouco escrupulosos calumniaram qualificando-os de antropofagos, foram, graças aos Santos esforços d'aquelles capuchos, os melhores e os mais uteis auxiliares que teve Portugal para conservar e consolidar a sua colonia e o seu dominio no grande estuarios. Alguns prestaram tão grandes serviços ao Estado, que el-rei os ennobreceu, e dous d'elles traziam o habito de Christo ao peito pelos seus grandes merecimentos.»

Como conhecimento util aos navegadores accrescentarei que entre a costa meridional da Caviana e a ilha das Marrecas existe um canal que pode servir de excellente abrigo aos navios que por alli cruzem quando não exijam mais de 15 pés de agua, sendo conveniente costeem a margem da ilha Caviana até que do convez se avistem as casas da fazenda S. Pedro na distancia de 2 a 2 $^1/_2$ milhas. A ponta oriental d'esta ilha tomada de bordo de um navio situado a 800 braças da costa fica a 0°-2'-0" Lat. S. e 6°-27'-0,6" Long. O.

«A Mexiana é a menor e a mais oriental das tres grandes ilhas do estuario e a ultima do Amazonas, tendo 64 kilometros de E. a O., e cerca de 28 de N. a S. E' cortada pelo Equador e está situada entre o Oceano a N. e a E., a ilha de Marajó, ao S., da qual é separada pelo braço oriental do Amazonas que alli mede 12 kilometros de largura, e a ilha da Caviana a ONO., sendo d'ella separada por outro canal de 8 kilometros de largura.

«Contem dilatadas mattas com extensos seringaes, boas campinas para creação de gado bovino de que ha alli uma boa quantidade, pequenos lagos, serras, ás vezes altas ou inalagaveis, mas em geral alagadiças, e abundancia de animaes silvestres.

«E' uma propriedade particular formando uma fazenda de creação de gado com uma só casa de vivenda e ranchos e de vaqueiros. Está inculta. Em diversos pontos ha muitas barracas de seringueiros que pagam ao proprietario da ilha, uma quota, em especie, pela borracha que preparam.»

Ilha do Maracá — E' talvez sahir fora do quadro que tracei o tratar d'esta ilha, pois está ella além do Cabo do Norte, mas achando-se ella entre as ilhas proximas á costa de Sotavento dentro dos limites da costa brazileira, e uma das mais importantes, não quiz deixar de fazer d'ella menção não só pela sua extensão como mais ainda pela sua posição em relação ao Amapá.

Ainda outro motivo puramente scientifico mas de bastante importancia para a questão de limites com a Guyanna

franceza merece ella fixa attenção; e é o seguinte: Em grande numero de cartas acha-se collocado o Cabo do Norte na ponta continental separada da ilha do Maracá pelo canal Carapaporis; é talvez mesmo a mais vulgarmente designada esta collocação; mas tambem o achamos collocado em grande numero de cartas francezas como na de Froger feita em Cayenna em 1696, sobre dados e noticias do marquez de Ferolles que conhecia bem as duas posições.

Effectivamente parece que este é que é o verdadeiro Cabo do Norte, pois que é o indicado nas cartas dos auctores mais habilitados e que estudaram a questão em si como Le Serrec o reconhece na pag. 34 do seu trabalho Philo-amazonico de 1847 e Paulo Duboyer na narração de sua viagem com Bretigny á Cayenna (vide *Oyapoc* de J. C. da Silva n.° 1895). Entre os francezes esta ilha é conhecida com o nome de ilha do Cabo do Norte; ainda isto é reconhecido por Simon Mentelle na sua carta da Guyanna franceza feita em Cayena em 1778, em que no interior da ilha do Maracá elle escreveu: *Maracá ou ilha do Cabo do Norte.*

O ancoradouro d'esta ilha é magnifico como reconhece Mentelle.

ILHAS DO BRIGUE E DO FAUSTINO

Ambas pertencem ao mesmo grupo chamado das Ilhas de fóra, proximas á do Marinheiro. Entre estas ilhas a differença do nivel é de 4 ½ metros na lançante.

Ao longo da costa meridional da ilha do Brigue, a uma milha da terra, corre um canal cuja profundidade varia entre 4 e 7 braças. Na bocca do igarapé Xavier o mar sobe 4 metros offerecendo um bom ancoradouro. A ilha do Brigue é cercada pelas ilhas do Franco ao N., do Marinheiro ao S., do Curuá ao SO., e pela do Faustino ao O.; é ponto de espera para as canôas que de Bragança se dirigem para o Amazonas, para o Cabo do Norte, ou para o Amapá.

ILHA DO BAILIQUE

Esta ilha, não sendo em si mesma de uma grande importancia, tem-na comtudo pela sua posição, pois que ella, assim como a do Brigue, como fica dito, são pontos obrigados para as canôas que esperam as quebras d'aguas.

N'esta ilha foi situado o antigo ponto militar, e para a fiscalisação foi julgada tão apropriada, que foi elle o primeiro escolhido para tal fim.

Na sessão da assembléa provincial de 1887 votou-se uma lei mandando crear n'esta localidade uma freguezia e uma escola, e esta medida é em verdade rasoavel para chamar a um centro os conterraneos d'aquellas redondezas, que não achando nem soccorros espirituaes nem instrucção para seus filhos, recorrem aos estabelecimentos francezes de Cayena, que tudo facilita aos moradores brazileiros do Amapá, e suas visinhanças, sendo feitos os baptismos de filhos de brazileiros residentes em Amapá, em Cayena e inscriptos como francezes, tendo chegado o prefeito Apostolico Monsenhor Emonet a estender a sua visita pastoral aos territorios neutralisados do Amapá, casando, baptisando, chrismando e pontificando.

A assembléa provincial votou na citada sessão mais uma subvenção para uma viagem mensal de um barco a vapor para o Amapá; foi-me porém affirmado que em consequencia de difficuldades que tem esta navegação, o vapôr não tem chegado ao Amapá, ficando muito distante e mandando apenas (quando manda) um escaler áquelle logar.

A ponta mais septentrional da ilha do Bailique fica a 0°-59'-12" de Lat. N., e 6°-48'-30" de Long do Rio de Janeiro.

ILHA DAS GAIVOTAS

Ilha em extremo pequena e baixa, mas muito util para a balisagem da costa, pois que um pharol n'ella collocado permittiria, logo que deixasse de ser visivel o pharol da Atalaia, avistar o que n'esta ilha fosse collocado. Foi em atten-

ção a isto que em 1880 fiz collocar alli um pharol que persistiu até 1886, anno em que uma inundação da ilha, demolindo-o em parte, obrigou a ser d'alli mudado para a Corôa Secca, mudança que não foi realisada. Esta ilha é pequena e vai diminuindo sensivelmente.

As demais ilhas d'este grupo de pouca importancia são, apenas a de Bragança e Tijoca a tem pela sua collocação, formando o canal por onde seguem os navios que demandam o Pará.

ILHAS DO RIO DO PARÁ ATÉ AO TOCANTINS

Ilha da Tatuoca.	Ilha dos Patos.
» do Arapiranga	» das Mucuras.
» Urubuoca.	» Carnapijó.
» do Fortim.	» das Onças.
» Paquetá-mirim.	» do Arrozal.
» Jararaquinha.	» do Mandihy.
» Paquetá-assú.	» do Capim.
» Jutuba.	» do Goiabal.
» Jararaca.	» das Pombas.
» Cotijuba.	

Estas ilhas não tem uma grande importancia; entre ellas as de mais importancia são a do Arapiranga, Cotijuba e Paquetá-assú e a das Onças; esta é bem fronteira á cidade, e é a mais extensa d'este grupo, e o canal entre ella e o ponto mais saliente do perimetro da cidade, que é a ponta do Castello, fica d'ella distante 3:900 metros. N'este ponto junto ao antigo castello hoje desmantellado a corrente do rio é em extremo violenta; existem n'esta ilha apezar de bastante baixa alguns estabelecimentos.

A do Arapiranga, a mais elevada, é de uma feliz collocação, além da das Onças que a encobre em parte; a face opposta á que olha para a cidade defronta com a grande bahia de Marajó.

A de Catijuba presta-se pelo seu solo a qualquer cul-

tura, e muito abundante em pedreiras tendo um lago em seu centro. Tem alli existido alguns estabelecimentos; são possuidas esta assim como outras d'este archipelago por particulares, mas creio que com o simples direito de posse.

As das Mocuras, Pombas e Fortim são pequenas e sem importancia, e esta ultima tem diminuido muito, e pouco a pouco tende a desapparecer.

A Jararaca e a Jararaquinha e Jutuba tambem pouca importancia tem.

A da Tatuoca, extremamente pequena, é muito aprasivel e linda de forma circular, á beira do canal por onde entram os navios, com viçosa vegetação. É um logar de preferencia para os paraenses para os seus passeios; hoje que está comprada pelo governo, que n'ella quiz fazer um lazareto, acha-se abandonada. O seu circuito é apenas de 2 a 3 kilometros, entretanto occupa um logar bastante triste na historia do Estado do Pará, pois que foi n'aquelle estreito ambito que se jogou a sorte da provincia em 1835, quando n'ella se refugiou o Governo na triste epocha da cabanagem, sendo theatro de luctuosas scenas e cemiterio de muitos centenares de cidadãos.

3.º GRUPO

ILHAS EXISTENTES DESDE A BOCCA DO TOCANTINS PELO TAJAPURÚ ATÉ Á FOZ DO XINGÚ

Ilha Jauroca
» Xipotuba.
» do Freixal.
» Murumurú.
» Jararaca.
» Pacatal.
» da Cruz.
» Uruá.
» do Japiim.
» Paxituba.

Ilhas Novas (2).
Ilha Paulista.
» Sumauma.
» Camaleões.
» Mucoões.
» dos Bois.
» do Aturiá.
» do Jacú.
» Comprida.
» Marajósinho.

Ilha Paquetá.
» Conceição.
» Quanaticú.
» dos Padres.
» Maranhão.
» do Caramujo.
» Camaleão.
» do Cabo.
» Anauerá.
» Piriá.
Ilhas das Araras (2).
Ilha Oiá.
» dos Breves.
» Comprida.
» Vira-saia.
» da Olaria.

Ilha Santo Antonio.
» das Pacas.
» Jutahy.
» dos Sepedas ou Conc.ão
» da Companhia.
» Monsarás.
» Boiassú.
» Mutum-coara.
» Miriliapina.
» Curumá.
Ilhas do Ituquara (3.)
Ilha do Limão.
» dos Caboclos.
» Pucuruhy.
» Redonda.

Deve notar-se que enumerei as ilhas que se encontram no caminho mais frequentado a quem quer entrar no Amazonas subindo-o, pois ha diversos caminhos que todos levam ao Amazonas, e em cada um d'elles se encontra um grande numero de ilhas.

Ás vezes, conforme os mappas, encontra-se a mesma ilha com diversos nomes; isto depende dos conhecimentos que tem do logar aquelles que acompanharam o engenheiro que levantou a carta hydrographica da região.

4.º GRUPO

ILHAS DO AMAZONAS SEGUNDO O CANAL PRINCIPAL DESDE MACAPÁ ATÉ AO JAVARY

Ilha Cará.
» Veadinho.
» dos Camaleões.
» das Cabras.
» de Sant'Anna.

Ilha das Araras
» Raza (2).
» do Queimado.
» do Vieira.
» Paracuuba.

Ilha dos Patinhos.
» do Muruim.
» do Bagre.
» Grande de Gurupá.
» dos Aruães ou Aruans.
» dos Murucujás.
» do Jurutahy.
» dos Caldeirões.
» do Gurupá.
» das Velhas.
» Cumandahy.
» Cojuba.
» do Pesqueiro.
» do Jurupary.
» da Velha Pobre.
» Guajará.
» Paracoara.
» Acará-assú.
» Itandé.
» Uruará.
» do Frechal.
» do Cussary.
» das Barreiras.
» do Ituki.
» Grande do Tapará.
» do Arapixuna.
» Surubi-assú.
» Paricatuba.
» Marimarituba.
» Arapiry.
» do Meio.
» Mamaurú.
» do Bomjardim.
» Maracá-assú.
» dos Caldeirões.
» das Ciganas.
» do Mocambo.

Ilha do Pará.
» Pequena.
» dos Porcos.
» Urucury-tuba.
» do Mutum.
» Grande de Serpa.
» Cumandahy.
» da Trindade.
» do Autás.
» Jauará.
» da Eva.
» Grande da Eva.
» do Espirito Santo.
» dos Muras.
» do Curary.
» da Paciencia.
» da Conceição.
» do Marrecão.
» do Uarauãa.
» do Paratary.
» dos Periquitos.
» do Jauará.
» do Purús.
» do Uarauacoara.
» do Cuxiuara.
» Guajaratuba.
» do Cudajás.
» da Xipotuba.
» do Camará.
» Trocary.
» da Botija.
» do Inuá.
» Arauanahy.
» do Camariá.
» Surubijú.
» Jacitara.
» Ipixima.

Ilha das Onças.
» Nova das Frechas.
» do Frechal.
» Boary.
» Coanarú.
» Turury.
» Uanacãa.
» Uapé.
» Capacá.
» Canariá.
» Jauarité.
» Jussará.
» Maia.
» Coapani.
» Palheta.
» Taiassú-tuba.
» Tupé.
» Tuauoniá.
» do Cacáo.
» Uarassá-tuba.
» Tarará.
» Ururianduba.
» da Euvira.
» Arutuba.
» Bararoá
» Timbó-tuba.
» Xamarié.

Ilha Uaranapi.
» do Tapeua.
» Carapanatuba.
» Catuá.
» Chinony.
» das Panellas.
» do Jauary.
» Matavivos.
» Caturiá.
» Tupinabarana.
» Jacurapá.
» do Algodoal.
» Tupenduba.
» Jauará.
» Urary.
» Juruinana.
» Apara.
» Acarateua.
» Cajary.
» Curaulete.
» do Caldeirão.
» Javary.
» do Ucayale.
» do Aramaçá.
» do Cleto.
» Timboti.

D'este grupo de ilhas as mais interessantes são a de Sant'Anna, a ilha grande Gurupá e a de Tupinabarana e trasladarei para aqui o que sobre a primeira d'ellas escreveu José Gualdino no primeiro volume da obra que começou a escrever, e que no fim do primeiro volume abandonou temporariamente, vindo depois a morte terminar infelizmente o trabalho tão bem começado.

ILHA DE SANT'ANNA

«24 kilometros a OSO. de Macapá e 0°-2' de Lat. S. Não tem mais de 7 kilometros de extensão, em rumo de O. a E. Separa-a do continente um braço do Amazonas — «magnifico canal de 200 a 300 metros de largura.» (1)

«D'este lado apresenta a ilha, em geral, o aspecto de uma alta muralha ou barreira de pedra e pedregulhos projectando-se sobre o canal; nas cumiadas das barreiras erigem-se de espaço a espaço as casas rusticas—cobertas de palhas todas—dos pequenos lavradores e pescadores; no fundo fica a floresta virente, em toda a plenitude de sua exhuberancia equatorial, em que os lavradores têm as suas roças.

«Termina a ilha a O. defronte da barra inferior do bello rio Anauerá-pucú; ao NO. defronte da bocca do Matapy, que desagua 2 kilometros abaixo da antecedente; sua ponta oriental está quasi no parallelo da ponta continental de Matto Grosso, da qual dista 4 kilometros.

«Ao N. a margem opposta do canal é a do continente: os campos geraes começam a pouca distancia d'essa margem, como em toda a costa de Macapá.

«D'este mesmo lado, e já quasi defronte da extremidade oriental da ilha, sai do continente um igarapé, guarnecido no lado occidental de sua bocca por um recife de rochas argilosas, que avança 10 ou 12 metros para dentro do rio.

«Dão-lhe o nome de Igarapé da Fortaleza; eu «creio que o seu nome primitivo era Cumaú.» (2)

«E' opulenta de tradicções historicas, gloriosas para os portuguezes, a ilha de Sant'Anna. Quando em 1616 Francisco Caldeira Castello Branco á testa de 150 portuguezes, chegou á margem continental do braço oriental do vasto

(1) Christoval de Acuna, *Nuevo descobrimento del gran rio de las Amazonas.*

(2) D. S. Ferreira Penna, *A ilha de Marajó,* VII 77—8.

Mar-dulce e, fortificando-se, lançava os fundamentos da Belem actual, já os hollandezes se haviam anticipado na occupação da Amazonia, onde haviam levantado dous fortes o de Nassau e o de Orange. Sómente se tinham enganado: julgavam-se no tronco do Amazonas e do lado da Guyana, emquanto occupavam na realidade a margem occidental do Xingú, affluente meridional do rio-mar. Em 1616 precisamente quando Caldeira fundava a capital do Pará, os hollandezes construiam terceiro forte, em Gurupá, mais proximo do estabelecimento portuguez.

«Os portuguezes, em lucta então com os indios, tiveram de tolerar por seis annos, as invasões d'aquelle povo essencialmente navegador, que tem por formulas de cumprimento:—Como navega?...—Navega bem?... [1]—Tinham-lhes entretanto destruido um navio de guerra, ancorado na bocca do Amazonas, de que a artilheria veio guarnecer o forte do Pará. Desde junho de 1620 os inglezes, juntando-se aos hollandezes, haviam-se estabelecido no braço oriental do rio; com seu tacto para escolher posições, tinham preferido o melhor caminho para penetrar no tronco do Amazonas, que offerecendo-lhes muito maior largura que algumas partes estreitas do braço oriental, é entretanto bastante estreito para ser perfeitamente defendido.

«Mas os portuguezes, graças a Pedro Teixeira e a Bento Maciel Parente, haviam conseguido inspirar aos indigenas affeição ou terror, e poderam voltar suas armas contra os intrusos. Em julho de 1623 Maciel Parente, expedindo os hollandezes de Gurupá, vai batel-os na ilha de Sant'Anna, onde se refugiaram. Em maio de 1625, Pedro Teixeira que lhes havia tomado os dous fortes do Xingú, vai desalojal-os defronte da ilha de Sant'Anna, onde haviam levantado um forte com uma pequena torre, que os portuguezes chamaram Torrego. N'essa campanha tres fortes são tomados, os chefes hollandez e inglez, Hosdam e Pulcet, ficam mortos no campo da batalha; «alguns inglezes e muitos hollan-

[1] J. Caetano da Silva, *L'Oyapoc et l'Amazone* § 39.

dezes são conduzidos ao Pará; outros fogem apavorados, Oyapock alem.»

«Desappareceram os Hollandezes do Amazonas.

«Ficaram porém os Inglezes.

«O forte Torrego é tomado por Pedro Teixeira em 24 de outubro de 1629; Jacomo Raymundo de Noronha expulsa-os do forte Philip, a 1 de maio de 1631. «Tomou o «forte á viva força; fez grandes destroços nas hostes ini«migas, que eram numerosas, venceu-as, mas não podendo «perseguir os fugitivos, demoliu o forte e foi para Gurupá »descançar as suas tropas.»

«Mas os inglezes ainda estavam fortificados, ao pé de um igarapé a E. dos logares em que tinham tido os fortes de Torrego e de Philip, já então demolidos. Era o forte de Cumahú, commandado por um valente capitão, Roger Frey, guarnecido por 200 homens de tropas escolhidas. Para desalojal-os foi nomeado Feliciano Coelho de Carvalho, filho do governador do Pará.

«Depois de 18 mezes de preparativos, Feliciano Coelho apresentou-se nas immediações do forte; estabelecendo longe o seu quartel, mandou levantar trincheiras; mas o capitão Pedro Bayão, durante a noite e só com as praças que guardavam o ponto indicado para as trincheiras, assaltou a praça, lançou a desordem nos inimigos apoderando-se do forte depois de grande mortandade, e mandou esta bella noticia a Feliciano Coelho, que se cobriu de glorias sem sahir de sua barraca.

«Isto foi a 9 de julho de 1632.

«Depois d'esta victoria decisiva, para que collaborou constante e heroicamente um brazileiro, Pedro da Costa Favella, natural de Pernambuco,(1) nunca mais alli appareceram hollandezes nem inglezes.

«Em 1695 construiram os portuguezes sobre as ruinas de Cumahú, uma fortaleza regular e imponente: a de Macapá. Era governador de Cayenna Pedro Leonor de La

(1) Visconde de Porto Seguro, *Historia Geral do Brazil.*

Ville, senhor de Ferrolles. Por surpreza, apparece no Amazonas, toma os fortes do Desterro, e do Toheré, que arrasa e occupa o de Macapá, que guarnece com os seus soldados. Desde 1688 que Ferrolles intimara ao commandante do forte de Araguary «que toda a margem septentrional «do Amazonas pertencia de direito a Sua Magestade Christianissima.»

«Quando Antonio de Albuquerque teve conhecimento da perda dos tres fortes, de que o mais importante, o de Macapá, fora por elle fundado, voltava de uma viagem ao Rio Negro, e achava-se ainda em Gurupá, em convalescença de grave enfermidade. Foi-lhe grande a indignação ao saber que os Cayenneses dominavam emfim a margem guayaneza do Amazonas, que o Brazil comprara aos hollandezes e inglezes a alto pagar de sangue, e que elle, como seus prodecessores, zelavam com tanto esmero. Mas preferiu a vingança aos queixumes.

«Expediu immediatamente Francisco de Souza Fundão e João Moniz de Mendonça, e a 28 de junho de 1697 o forte de Macapá era reconquistado pelos portuguezes.

«Um mez apenas tinham-no occupado os Francezes [1].

«E' assim que n'esse cantinho do mundo se passaram «scenas tão grandes que illustraram os primeiros e os pe«nultimos annos da colomnia portugueza do Pará [2].

«A *ilha Grande de Gurupá* é mais extensa das que formam o estuario que começa em sua extremidade SO. (Ponta Jariuba) dividindo o Amazonas em dous grandes braços: o do Norte que acompanha a costa da Guyana e o do Sul que vai receber o Xingú e inclinando-se depois para NE. passa por Gurupá, onde começa a subdividir-se em outros braços.

«A ilha, que não tem mais de 34 kilometros em sua maior largura, prolonga-se 164 hilometros no rumo entre NE. e NNE. indo terminar-se na ponta e *Furo dos Alegres*

---

[1] J. Caetano da Silva, *L'Oyapoc et l'Amazone*, §§ 145—6.
[2] D. S. Ferreira Penna, *A Ilha de Marajó*.

que na carta de Montravel figura com o nome de Santa Maria.

«Compõe-se geralmente de terrenos argilosos, ora alagadiços, ora enchutos ou pouco altos, constituindo uma longuissima planicie, de nivel pouco superior ao do Amazonas: tem mattas abundantes de seringaes, boas madeiras e grande abundancia de animaes silvestres. Ainda ha poucos annos cultivaram alli muito cacáo, para o que é excellente o terreno: hoje produz apenas a borracha, e produz em grande quantidade.»

ILHA DE TUPINAMBARANA OU DE MARACÁ

Esta ilha pertence á parte das regiões amazonicas conhecida em muitos mappas pela denominação de Mondurucania, e é formada ao N. pelo Amazonas, ao O. pelo Madeira, e ao S. e a E. pelo furo Tupinambarana, nome que é tambem dado á ilha, talvez por que n'ella imperou por muito tempo a grande nação india dos Tupinambaranas; isto é a tribu era a chamada Maracá da nação Tapuia, a qual, não pertencendo á grande nação Tupinamba, foi chamada dos Tupinambaranas, falsos Tupinambas, como indica a terminação *rana* ou *arana* (falso).

Dão-lhe uma extensão de 50 legoas que é a que é medida entre a foz do Madeira e o ponto em que o braço do mesmo Madeira chamado Urariá, se lança no Amazonas, mas attendendo-se a que dous canaes, o Ramos e o Manes, sahem do Urariá e vem ao Amazonas que esta grande ilha se acha dividida em tres, a primeira formada pelo Madeira, pelo Amazonas e pelo furo de Maues com 20 legoas pela margem do Amazonas, a segunda formada pelo Amazonas, o furo de Maues, e o furo do Ramos com 21 legoas e a terceira formada pelo Amazonas furo do Ramos e o Urariá com 17 legoas. E' considerada pela sua fertilidade como uma das mais importantes do Amazonas.

5.º GRUPO

IHAS DO RIO MADEIRA

Ilha	Capitary............	com	1	legoa	de	extensão
»	Urucurituba..........	»	100	braças	de	»
»	Sebastião............	»	1500	»	»	»
»	Rosario..............	»	600	»	»	»
»	Valentim (2).........	»	100	»	»	»
»	Maracá...............	»	1200	»	»	»
»	Axinim...............	»	1000	»	»	»
»	Magericão............	»	50	»	»	»
»	Goiaba...............	»	100	»	»	»
»	Trucana..............	»	200	»	»	»
»	Borba................	»	450	»	»	»
»	Guajará..............	»	70	»	»	»
»	Madidihy.............	»	3000	»	»	»
»	Carapanatuba (2)......	»	200	»	»	»
»	Isapucaia ou Jacaré....	»	300	»	»	»
»	José João............	»	80	»	»	»
»	Aripuaná.............	»	70	»	»	»
»	Araras...............	»	12000	»	»	»
»	Uruá.................	»	4500	»	»	»
»	Miriti...............	»	1500	»	»	»
»	Genipapo.............	»	3000	»	»	»
»	Matapiri.............					
»	Murassituba..........	»	1500	»	»	»
»	Jacuarana (2)........	»	1500	»	»	»
»	Onças (2)............	»	200	»	»	»
»	Jurará...............	»	100	»	»	»
»	Marmellos............	»	4000	»	»	»
»	Uruapiara............	»	2500	»	»	»
»	Baetas...............	»	9000	»	»	»
»	Muras................	»	1500	»	»	»

Ilha Pagé.	Ilhas sem denominação (3.)
» Periquitos.	» Puneau (2).
» Pirahyauara.	» Mariahy.

Ilha Pirahibas.
» Arraias (3).
» das Flexas.
Ilha Guaribas.
» Mandihy.

Alem d'estas que encontro enumeradas no estudo d'este rio feito pelo sr. J. da Silva Coutinho, em alguns roteiros e descripções encontro enumeradas mais cinco ilhas; não posso porém affirmar que isto não seja devido a uma synonimia, ou que sejam effectivamente ilhas conhecidas.

Os nomes d'estas cinco ilhas são:

Ilha Araxiá, em frente ao rio do mesmo nome; Ilha Carapaná, abaixo do furo Tupinambarana; Ilha do Pagão, duas legoas abaixo do Piraiauara; Ilha Pipuacá, abaixo de Araretama; Ilha do Temtem, acima de Araretama.

6.º GRUPO

ILHAS DO RIO NEGRO

O numero de ilhas semeadas n'este rio é crescidissimo; entretanto não se encontra trabalho algum, nem mesmo um simples roteiro, em que ao menos o numero d'ellas seja indicado, e quando se encontram figuradas faltam-lhe os nomes; por isso me limitarei ás seguintes:

As Anavilhanas que constituem um verdadeiro archipelago a 26 legoas de distancia da confluencia do Rio Negro e Amazonas; acham-se estas ilhas dispersas em uma bahia de 4 legoas de largura proxima ao rio Anauene na margem esquerda do Rio Negro.

Ilha de Teniomin ou Timoni, abaixo da foz do Xiuará; n'ella foi o acampamento dos rebeldes de Lama-longa em 1757; Ilha Pedro 2.º; Ilha Marapatá, logo acima de sua confluencia.

7.º GRUPO

ILHAS PRINCIPAES DO TOCANTINS, DESDE CAMETÁ ATÉ AO PORTO-REAL DO ARRAIAL DO PONTAL

Ilha Grande.
» Marariá.
Ilha do Curauá.
» de S. Lucas.

» Jutuca.
» Tapissanera.
» Curuata.
» do Espirito Santo.
» do Bacury.
» Juqueira-puá.
» das Pacas.
» das Antas.
» dos Arapapás.
» das Almas.
» de Tucumanduba.
» de S. Miguel.
» do Jutahy.
» do Tocantins.
» do Cajueiro.
» do Mandú-Pixuna.
» da Rainha.
» dos Camaleões.
» de S. José.
» dos Botes.
» do Gorgulho,
» do Jaú.

Esta enumeração de ilhas é formada sobre o mappa feito na Repartição de Obras Publicas do Pará, por occasião das explorações do sr. J. M. Couto de Magalhães, e sobre o roteiro levantado pelo capitão-tenente Parahybuna dos Reis ao qual juntou um relatorio apresentado ao mesmo sr. Couto de Magalhães. Comparando estes e outros trabalhos, ás vezes ha uma ilha com diversos nomes.

LAGOS

Não menos descurado do que o das ilhas tem sido o estudo dos lagos nos Estados do Gram-Pará e Amazonas; n'este estado especialmente este estudo é extremamente difficil pelo crescido numero d'elles que alli se encontram; apenas os maiores ou os mais favorecidos pela sua posição são conhecidos: d'aqui resulta que mesmo a enumeração d'elles que vou fazer, será incompleta, mas é um ensaio, que outros depois de mim completarão.

Para a sua classificação tomei por base o rio em que elles desagoam, a começar da parte superior do Amazonas, ao qual conservarei a denominação geralmente acceita de Solimões e Amazonas, comprehendendo a primeira parte da fronteira até a foz do Rio Negro, e a outra d'este ponto até á sua embocadura.

LAGOS CUJAS AGUAS VÊM AO SOLIMÕES

Lago Caiari: desagua na margem esquerda abaixo do igarapé Tabatinga.

Lago Caniniba: desagua na margem esquerda logo acima do rio Içá.

Lago Caiary: afflue á margem esquerda em frente á freguezia de Javary.

Lago Codajás: o sr. Araujo Amazonas diz a respeito d'elle: «Lago da Guyana entre o Solimões e o Rio-Negro, communicando com o Aniamá e Anamá, despeja na margem esquerda do Solimões por duas fauces entre a ilha Guajaratuba e o ribeiro Tininga, em frente a primeira da segunda e terceira bocca do Purus, e a segunda da terceira e quarta bocca do mesmo rio, 46 legoas acima da confluencia do Rio-Negro, e 124 da foz do Jamundá. O seu desaguadouro, foi tido por muito tempo pela primeira e mais oriental das nove boccas que suppunham ao rio Japurá. Ha grande affiuencia n'este lago por occasião da vasante para pesca do *pirarucu* e manipulação da manteiga de tartaruga, e do peixe-boi. E' mui apta a situação para uma povoação, não só porque interpondo-se entre Manaos e Coary quebrará a monotonia que encontra o viajante em tão grande e penosa distancia, como pelas proporções que offerece a fertilidade de suas margens, que já contem alguns estabelecimentos ruraes.»

Esta previsão foi realisada, pois Codajás que era em 1874 uma freguezia, por lei de 1 de Maio de 1874 foi elevada a villa.

Lago Capacú ou Cupacá: despeja suas aguas na direita do Solimões, acima da ponta Paracary, em frente ao rio Japurá.

Lago Curuá: desemboca no Solimões abaixo do rio Juruá.

Lago Manacapurú: lança-se no Solimões. na margem esquerda abaixo de Codajás, 18 legoas acima da confluencia do Rio-Negro. Abundante em pirarucú e tartarugas,

pelo que durante a vasante affluem os pescadores para a salga de um e preparo de manteiga das outras.

Lago Maracaná-tuba: traz as suas aguas á margem esquerda do Solimões, entre a freguezia do Javary e a aldêa de S. José.

Lago Taracajá: afflue pela margem esquerda acima de Manacapurú.

Lago Caiçara: afflue no Solimões pela margem direita pouco acima da foz do Japurá.

Lago da Ega, lança-se no rio Teffe que o eleva ao Solimões.

Lago Coary: não sei se poderá ser chamado propriamente um lago, ou se o devemos considerar como um alargamento do rio d'esse nome a cinco legoas da bocca; lança suas aguas pela margem direita.

Lago Atinineni: lago entre o Rio-Negro e o Japurá; trasborda no primeiro e tambem no Solimões pelo Codajás.

LAGOS CUJAS AGUAS VEM AO AMAZONAS

Lago Canumá: Desagua no rio Buvururú tambem conhecido por Urubú, o qual vem á margem esquerda do Amazonas.

Lago Canacaré: faz parte do lago grande do Saracá, que desagua no Amazonas perto do rio Uatumá.

Lagos do Saracá: Desagoam no Amazonas por seis boccas comprehendidas entre o rio Atumá e o lago Amatari, a ultima quasi em frente ao rio Madeira, com o nome de Aruató, serve de foz ao rio Urubú, dista da primeira 13 legoas; compõem-se estes lagos do Canacaré e Macuará muito abundantes em peixe.

Lago d'El-Rei: na margem direita do Amazonas entre Matari e Jatuarana, no extremo inferior da corrente do Paraquecoara, no districto de Manáos.

Lago Sauiá: derrama suas aguas na margem direita do grande rio, logo abaixo do rio Acaricoara.

Lago Curumucury: é um formosissimo lago cercado de terras altas, proximo a Obidos.

Lago Grande de Villa Franca: tambem chamado Lago Grande das Campinas; desagua na margem direita do Amazonas por quatro canaes de cinco a oito milhas de extensão que atravessam florestas gigantes. São elles o Iratena, o Curumucury, e os dous dos Miranhas; quando se entra pelo canal Iratena, depois de sahir nas campinas, passa-se aos lagos, denominados Iratena, da Bocca, da Porta, e do Salé. D'este a 12 milhas de distancia ao SE., está o igarapé Piraquara, que, confluindo com outro menor, forma a cabeceira do Lago Grande que com uma largura de cerca de duas milhas tem um comprimento de quarenta.

Esta extensão porém que se observa no tempo da cheia, no tempo da vasante acha-se reduzida a uma especie de igarapé com 300 a 400 metros de largura que ora se encosta ás terras altas que formam a margem direita do lago, ora corre por um lodaçal ou por um areal lançando-se no Amazonas por duas boccas de pouca importancia, fronteiras á ilha Marimarituba. Eis em resumo o que sobre ella escreveu F. Penna.

Lago Curuá: nas campinas proximas a Alemquer.

Lago do Botos: ao O. do antecedente com o qual se confunde e como elle sahem suas aguas na margem esquerda do Amazonas.

Lago do Tostão: fica entre o paraná-mirim de Obidos ao S., lagos do Curuá e Botos ao N.; é o mais extenso do municipio.

Lagos Uruxy, Curumú e Capintuba: ficam todos proximos á margem esquerda do paraná-mirim de Alemquer; o ultimo serve de limite entre o territorio de Alemquer e Santarem.

Lago Surubijú: este lago, que encontro consignado nas obras de Baena, e até como contendo em sua extensão varias ilhas, segundo F. Penna não existe. Esta asserção de Ferreira Penna que se demorou por aquelles logares estudando, e que tão consciencioso é em suas descripções, é

digna de nota quando vemos que Heberth Smith que alli persistiu algum tempo designa no mappa que levantou d'estas regiões o lago Surubijú, e precisamente no mesmo logar em que elle é designado no mappa de Spix e Martius que percorreram detidamente estes logares, sendo formado pelas aguas do rio Surubijú que tambem deita aguas para o lago Cumamania ou de Alemquer. No mappa grande d'estes logares de H. Smith o lago Surubijú-mirim é marcado como desaguando no canal formado por um braço do Amazonas em frente a uma das boccas por onde corre o rio Curuá; n'aquella parte em que é chamado Igarapé de Alemquer, vasa no Amazonas. O mappa de Martius e o de H. Smith são dignos de fé, este ultimo é muito minucioso e acompanhado de uma legenda explicativa, de modo que ha motivo para hesitar entre as duas affirmações; porém, para quem tem viajado no Amazonas ella se explica pelo seguinte—Não ha dous practicos do Amazonas ou dous sertanejos que deem os mesmos nomes aos mesmos logares, o que a Martius e Smith foi mostrado como Surubijú, a Ferreira Penna o foi com outra denominação, pois n'estes logares os lagos são em grande numero no inverno durante a cheia, desapparecendo muitos durante a secca ou vasante. Inclino-me comtudo a que ha um lago Surubijú porque no mappa recente de Peterman (1887) da America do Sul, optimo mappa em que até encontro consignadas as ultimas investigações do Rio Xingú pela commissão allemã vejo marcado o lago Surubijú.

Lago do Juruty: na margem direita do Amazonas, sahe em frente a Maracá-assu pelo canal *Balaio.*

Lago Jamundá: segundo F. Penna, é formado por uma dilatação do rio do mesmo nome antes de se lançar no Amazonas, diz elle. Com effeito apenas se fecha o lago entra ahi logo na margem direita o Cabury, o primeiro braço ou paraná-mirim que o Amazonas lhe envia.

Lago Atumamiri: logo em seguida ao Surubijú e desaguando no paraná-mirim de Aritapera.

Lagos de Piraiauara, da Enseada, da Agua-preta, Ita-

riue, de Pirácãoera, do Paçao, de Aramanai. Sete lagos de differentes tamanhos existentes na ilha grande de Aritapéra e communicando, uns com o ramo principal do Amazonas, outros com o paraná-mirim ou canal que passa por detraz d'ella.

Lagos do Maquieaua, do Pacoval, do Arrosal, da Sumauma, da Coricacasinha: todos indo desagoar no paraná-mirim da ilha Grande de Aritapera.

Lago grande de Paracary: descendo de Alemquer pelo paraná-mirim, deixando á esquerda a bocca do lago Capimtuba entra-se no braço principal do Amazonas, defronte da ponta da ilha das Barreiras ficando na costa á esquerda a bocca do lago Paracary, cuja extensão é de 7 para 8 milhas do N. a S.

Lago grande de Monte Alegre, Piracaba, Jacaré-capá e Uxiacá: o primeiro é assim chamado por sua extensão de 25 milhas por 5 de largura; fica situado ao SO. da villa de Monte-Alegre e um pouco ao S. da serra do Ereré; acompanha a costa do Amazonas desde as immediações do furo Taparà-mirim até ao ponto da mesma margem correspondente á bocca do Ituqui na margem fronteira do Amazonas; e desagoa no Amazonas pelo rio Catauary perto do Taparà o qual secca no verão. No mappa de H. Smith não encontro este rio ou igarapé, e em seu logar encontro um furo communicando com o lago com o nome de furo do Ricardo, nome que nunca ouvi pronunciar, não obstante ter eu sido creado n'estes logares e correr este rio Catauari em terras minhas de que elle era a divisa.

O outro desaguadouro do lago é o rio Gurupatuba ou de Monte-Alegre com o qual se communica pelo igarapé Apará (rio torto).

Communicando com o lago grande de Monte Alegre, temos mais os tres lagos de Piracaba, Jacaré-capá, e Uaiacá todos muito menores que aquelle e muito fartos de peixe.

Lago Urubucuara: formado pelas aguas do rio do mesmo nome, um pouco acima da Prainha, tem a sua communicação com o Amazonas pela margem esquerda; é impor-

tante este lago e muito abundante em peixe. A sua localidade é muito proxima do ponto em que existiu a povoação do Outeiro.

Lagos do Curuá: na margem direita do Amazonas tem elle seu escoadouro; não deve portanto ser confundido com os lagos do Curuá de Alemquer ou do *Curuá-panema.* São em numero de tres os lagos de que trato e são formados pelas aguas do Rio Mahicá, e outros acima um pouco das barreiras do Cussary.

Lagos Cumaú ou Matapi: pequenos lagos formados pelas aguas do rio d'este ultimo nome, despejando-as na margem esquerda do Amazonas perto de Mazagão.

Lago Uruará: no mappa de Spix e Martius encontra-se este lago indicado mas sem nome, no moderno mappa de Peterman de 1887, porém vem elle indicado no mesmo logar mas com o nome de Lago Uruará, e de facto é assim chamado, pois recebe as aguas do rio d'este nome, que fica muito proximo e que segundo aquelle mappa se communica com o rio Guajará na margem direita em frente á Prainha.

LAGOS CUJAS AGUAS VEM AO JAPURÁ

Lago Aiamá ou Aianá: na margem esquerda do Japurá no districto de Miripi, communica ainda a uma grande distancia com os lagos Anamá e Codajás.

Lago Anamá: Situado entre os rios Solimões, Negro e Japurá e entre os lagos Aiamá e Codajás, desagoa na margem esquerda do Japurá e communica com os dous lagos acima referidos.

Lago Marahá: desaguando no rio Japurá pela margem esquerda e communicando com o rio Urubaxi que desagoa na margem direita do Rio-Negro.

Lago Urubaxi: entre os rios Negro e Japurá communicando com ambos.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO PURÚS

Margem direita: *Lago Bururu*, *Ananaz*, *Paricatuba*, *Jary*, *Tapira*, *Macaco*, *Supiá*, *Taua-mirim*, *Ariman*, *Maguary*, *Mapixi*, *Jamanduá*, *Jauary*, *Canacahan*, *Cuyariha*, *Samuary*, *Jacaré*, *Lary*.

Margem esquerda: *Lago Cauá*, *Tapurú*, *Japú*, *Piraiauara*, *Parili*, *Paripi*, na margem esquerda pelo furo Curá-curá, *Macopá*, no mesmo furo, *Mabadiry*, pelo furo Cahinahan, *Jamaheary*, *Apomao*, *Mucurutú*, *Cupariha*.

N'esta enumeração apenas comprehendo talvez a quarta parte dos lagos ligados ao rio Purús, mas entre os viajantes e geographos que tem estudado o rio, que ainda são bem poucos, nenhum se occupou com este estudo aliás interessante enumerando apenas os que se achavam quasi a visto dos que transitavam pelo rio ou que já tinham bastantes habitantes para fornecer borracha ao commercio.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO JURUÁ

Margem direita: *Lago da Ala*, *da Onça*, *Pungá*, *Jubary*, *Marary*, *Apupahá*, *Aianú*.

Margem esquerda: *Lago Mineroá*, por um paraná-mirim d'este nome, que vem ao Solimões, *Andirá* ou *Anderá* desagoa na margem d'este rio. Este é o maior dos lagos que vasam no Juruá. *Mari-mari*, *Aniquichi*, *Chibaué*, *Ocoa*, *Mapurany*, *Aracuan*, *Canumá*.

Muitos lagos além d'estes se acham ligados com este rio e com os seus affluentes Tarauacá, Embira, Jaluarana, e outros, mas sabendo-se com certeza de sua existencia, nem mappas nem roteiros os designam e quando em algum fallam nem a posição lhe designam. E este rio é de ha muito conhecido por geographos e historiadores, pois foi n'elle assassinado Pedro Orsua em 1560, quando regressando para o Perú queria como quando viera passar d'elle ao Hiutahy ou Jutahy. Pelos tratados de 1750 e 1777 é por elle e pelo seu confluente Cumiari que limi-

tavam as possessões portuguezas e hespanholas, o que deu logar a em 1781, tendo sido começados serios trabalhos de demarcação, serem elles interrompidos por ter sido suspenso o commissario brazileiro Chermont que assignara um tratado para se limitar a demarcação no Apaporis em vez de chegar ao Cumiari. Hoje apenas é frequentado por seringueiros e isso ha poucos annos.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO-NEGRO

Margem direita: *Lago Canapó*, entre as freguezias de Itarendauá e Aracari; *Lagos Atauhis*, numerosas lagôas que desagoam pelo rio d'este nome no Padaviri, affluente do Rio-Negro; *Uarurás*, lago entre o Japurá e o Rio-Negro em que desagoam pelo rio do mesmo nome; *Unibony*, lago desaguando no rio Içaná, affluente da margem direita do Rio-Negro; *Ayaná*, desaguando no rio Uarirá, affluente da margem direita; *Itaiarené*, communicando com o precedente e formando a extremidade do rio Uarirá

Alem d'estes, alguns outros lagos encontro figurados nos mappas mas sem nome; outros ha que sei que existem e não encontro figurados.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO-BRANCO

Margem esquerda: *Lago Curiucú*, entre o lago Ememenemi e o lago Uaricury; *Mussú*, *Pirarara*, lago cujas aguas vem ao Rio-Branco; *Uadanaú*, vem ao Rio-Branco pela margem esquerda do Macuaré; *Uaricury*, entre o lago Curiucú e o rio Uanaúaú, *Cupii*, *Cuareuné*, *Uracurá*, *Mata-matá*.

Margem direita: *Muauari*, *Mehadi*, *Cariuná*.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO MADEIRA

Lago Anamanha, margem esquerda perto da foz; *Anauatubá*, abaixo do rio das Guaribas; *Lagos Autazes*, desagoam

no Solimões e no Madeira, muito extensos e em parte inexplorados; em grande parte estendem-se nos territorios situados entre o Madeira e o Purus; *Cauintú*, desagoa na margem esquerda acima do furo Tupinambarana; *do Frexal*, abaixo da freguezia de Araretama entre os lagos de Cauintú e Maracá; *das Guaribas*, na margem direita entre Araretama (Borba) e o furo Tupinambarana; *Jatuarana*, desagoa na margem direita abaixo de Araretama; *dos Macacos*, desagoa na mesma margem que o precedente entre Araretama e o furo Tupinambarana; *Massuarani*, desagoa na margem direita; *Matari*, desagoa na margem direita acima de Borba; *Murucutu ou Murucutuba*, desagoa na margem direita; *Saraimó*, desagoa abaixo da tapera do Crato, entre o rio Baeta e o igarapé do Crato; *Taboco*, desagoa acima do furo Tupinambarana entre os lagos Cauintú e Frechal; *Uaicurupá*, desagoa no paraná-mirim Tupinabarana; *Uauary*, desagoa na margem esquerda acima do rio das Arraias; *Puncão*, desagoa na margem esquerda entre o rio Ipanema, e o ribeiro Maparaná, proximamente á primeira cachoeira; *do Sampaio*, na mesma margem; *Aruruny ou Ararany*, idem; *Sapucaiaroca* na margem direita; *Manicutuba*, idem; *Macoapy*, na margem esquerda; *Baetas*, desaguando no Madeira pela margem esquerda e pelo rio do mesmo nome acima do Crato, entre os lagos Saraimó e Maruintiba, este no rio do mesmo nome; *Jurupary-pira*, desagoa na margem esquerda; *Cupara*, idem e rio Cupará; *Punca*, vem suas aguas á margem esquerda; *Matupiri*, idem; *Sararium*, na margem direita (mappa de Peterman); *Jacaré*, idem; *Sacaré*, desagoa na margem esquerda (mappa de Peterman); *Mucura*, idem (mappa de Spix e Martius), *Cayaá*, idem abaixo do Crato; *Cuyubaba*, no rio do mesmo nome; *Guaria*, pela margem direita; *dos Muras*, idem abaixo do rio Piraiauara (mappa de Spix e Martius); *Oropy*, idem do Madeira, segundo Spix e Martius.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO CURUÁ (DE ALEMQUER)

Margem direita: *Lago Pacupixi-grande*, pelo Curuá, *do Arumá*, *do Jurupary*, *do Tucumacachy*, *do Frechal*, *de S. José*, *de Castanhanduba*, *do Cuecé*, *Jacaré-puru*, *Mamauru*, *Janantuá*, *de Santo Antonio*, *da Sumauma*, *do Maquicaua*, *do Pacoval*, *do Arrozal*, *do Taperebá*, *da Curicacasinha*, desagoa no paraná-mirim perto da ilha das Barreiras, *do Curicoara*, *da Jacitara*, *Branco*.

Margem esquerda: *Lago Pacupixi-pequeno*, *Maucicupaua*, *de Cupau*, *do Jurupary-coara*, *do Surubiju-mirim* escoa pela margem esquerda, e já d'elle tratei entre os lagos que escoam pelo Amazonas, *Tucunaré*, *do Andirá*, *do Curuá*. Este lago divide-se em differentes partes, que tem recebido differentes nomes como o de Lago do Cardoso, do Tostão, dos Botos, alguns ainda lhe addicionam os lagos Macura e Javary; durante o tempo da enchente todos elles formam um só lago, ligando-se entre si por canaes que na vasante ficam seccos, constituindo os lagos parciaes enumerados; a extensão total do lago é de 20 a 22 milhas e é em extremo abundante. Este lago Curuá liga ao rio Curuá pela margem esquerda d'este. *Lago Munguaiepé*, *do Varador*, *do Mongubal*, *Cucuy*, *do Barros*, *do Pai Antonio*, *do Caranazal*, *das Garças*, *Cuipea*, (na ilha do Javary), *Aisica*, *do Bom Retiro*,— *do Pacury*, *do Jaburu*, *da Tartaruga*, *de Itacarará*, *do Taichi*, *do Bom Logar*, *de Boa Vista*, *da Capella*, *do Piraiauara*, *de Parai-coará*, *do Chen-chem*—*do Curumu*, *Uruchi*, *do Amary*, *de Capimtuba*, *do Aningal*, *de Papiranga*, *de Curicaca*

N'esta ultima relação os lagos que estão contidos a dentro dos travessões desagoam na parte do Rio Curuá que fica depois do lago do mesmo nome e que é conhecido por Igarapé de Alemquer.

Todas estas notas sobre o Curuá foram tiradas ou dos trabalhos e mappas de H. Smith, ou dos escriptos de Ferreira Penna.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO TROMBETAS

Margem direita: *Lago Achipicá, Sapucuá, Mureru-uacá.*
Margem esquerda: *Lago do Caypurú, do Paraucú, do Aripichi, Itapicuru, Kiri-kiri, Curumu.*

LAGOS DESAGUANDO NO RIO MAECURÚ

Margem direita: *Mago do Mimi, do Mimisinho, da Sumauma, do Jacaré, do Jucary, Cujubi, do Mururu, das Aningas, do Turará, do Tatu, do Maripá, do Maripá* (do centro), *do Itauduba.*
Margem esquerda: *Lago do Augusto, do Caranamduba, do Apuhy ou Guapuhy, do Pipauá, do Panacu.*
Estas notas referentes aos lagos do Maecurú são tiradas do minucioso trabalho de H. Smith, sobre estes logares, as quaes reconheci exactas por ter mais de uma vez percorrido estas paragens onde passei alguns annos.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO TAPAJÓS

Lago do Tapary, desagoa na margem direita, *da Agua Preta,* idem, *de Alter do Chão,* idem.
A bahia defronte e ao N. da povoação é separada de um lago que lhe fica ao NE. por uma peninsula de areia de 12 metros de largura, ficando encostado á praça da povoação um estreito canal de communicação. O lago é rodeado de terras altas formando varios seios a E. e á S., terminando todos em cabeceiras de pequenas fontes que descem dos montes visinhos.

LAGOS SITUADOS ENTRE O AMAZONAS E O TAPAJÓS

Lago Curumucury, e Lago do Salé.
Ambos estes lagos desagoam no furo do Salé, que começa na margem direita do Amazonas, em frente á ilha de Santa Rita, proximo á bocca do paraná-mirim de Ca-

rapanim, um pouco acima de Obidos. Este furo do Salé depois do lago do mesmo nome prolonga-se formando poções e lagos e torna a ligar-se com o Amazonas pelo furo do Trovoada e igarapé Itacuminim.

Lago de Pirapitinga, desagoa nos mesmos furos que os precedentes, na parte chamada Igarapé das fazendas; e lago *da Preguiça,* como o precedente.

LAGOS DO RIO ARAGUARY

Lago Tracajatuba: desagoa na margem esquerda acima da colonia militar de Pedro II. *Lago do Rei:* em alguns mappas o encontro figurado pela margem direita abaixo da colonia, porém no mappa do sr. Duarte Ponte Ribeiro de 1863, vem este lago como pertencendo e desaguando no Amapá.

LAGOS DESAGUANDO NO RIO AMAPÁ

Lago Grande do Amapá, pela margem direita; *Callucha* ou *Callusca,* lança suas aguas pelo Amapá, pela margem direita; *Pracuuba,* pela mesma margem; *Comprido,* idem: *Novo,* pode ser considerado como fazendo parte do precedente. Esta posição do Lago Novo tem sido por vezes indicada como devendo ser preferida para um ponto militar não só pela abundancia dos lagos proximos como porque transporta uma pequena zona alagada que o cérca; tem optimos campos, e a sua communicação com o Araguary por uma estrada seria facil, tomando assim grande importancia para o dominio do Amazonas; *das duas Boccas*, desagoa pela mesma margem, é grande e cercado de terras altas; *Redondo* desagoa na margem esquerda; *Jaburu,* na margem direita.

E' com muita reserva que escrevi esta enumeração dos lagos do Amapá; pois encontro contradicção entre os mappas, alem de que o que uns enumeram, outros nem mencionam. Assim além do lago Pracuuba ha um consideravel espaço, segundo Ponte Ribeiro, formado por uma serie de

lagos a que chamam L. Stambul, Lago Cujubi, que todos levam suas aguas ao desaguadouro do Amapá.

LAGOS DA ILHA DE MARAJÓ

São elles os seguintes: *Arary, Guajará, Santa Cruz, Alçapão, Anabiju, da Nazareth, da Monguba, das Tartarugas, do Chapéo, Bemteví, Guará e Tres Irmãos.*

Dos cinco primeiros, tratei na parte relativa á ilha de Marajó; os ultimos não tem importancia egual aos primeiros pelo seu tamanho, são porém todos de utilidade para a creação de gado e desenvolvimento agricola da ilha.

Não posso terminar estes estudos hydrographicos da Amazonia, sem fallar em um phenomeno que se observa em differentes de seus rios, conhecido com o nome de Pororoca; é elle o mesmo phenomeno que em França em uns pontos é chamado *Barre* e em outros *Mascaret.*

Este nome ou vocabulo *Pororoca* diz o sr. Barbosa Rodrigues que é inteiramente da lingoa *tupy* ou indigena formado ou derivado das duas *poroc, rebentar* e *oca* que significa *casa*, isto é, que chega a rebentar em casa, substituindo por euphonia, como é uso, o *c* por um *r*, ou como a lingoa é toda unomatopaica de *poroc poroc*, isto é, rebentar seguidamente, que bem exprime o successivo rebentar das vagas, a que por abreviação e corruptella suprimiram o *c* final da primeira palavra, e substituiram o *p* da primeira syllaba da segunda ficando *pororoc*, d'onde *pororoca.* Sem entrar na discussão de qual a mais provavel das duas derivações, com o pouco que conheço da lingoa indigena, me parece mais natural a segunda, pois muitas palavras da lingoa indigena são formadas por imitação ou unomatopaicas.

A *Pororoca* dá-se em toda a sua selvagem belleza junto á margem esquerda do Amazonas e entre as ilhas do Curuá e a foz do Araguary e a do Amapá, mas além d'estes logares pode ser observada nos rios Guama, Mojú, Capim e Arary e segundo refere o tenente coronel explorador Labre, creador da Villa Labrea no rio Purús, tambem n'este ella é observada a 700 milhas da foz.

N'estes rios, ainda que não tão collossal como proximo ao cabo do Norte, é ainda este espectaculo digno de ser observado. O que se pode vêr do phenomeno é em poucas linhas narrado pelo padre Bento da Fonseca que vio no cabo do Norte este movimento anormal das aguas que tem logar na occasião da enchente das marés, nas conjuncções da lua nova e lua cheia dous dias depois da conjuncção. «Principia a pororoca ao N. do rio Mayacaré em 2°-30' de Lat. N., vem correndo por toda a costa do cabo do Norte entrando pelos rios e lagos d'ella, com tal impeto, qual logo diremos, chega até á villa de Macapá e prosegue o seu curso por entre as ilhas até á costa da ilha de Joannes entrando pelos rios que descem da dita ilha até cousa de dez legoas acima da ponta de Maguary; para cima de Macapá pouco corre, nem já se sente na bocca do rio Tajipurú que desemboca no Amazonas. Não se sente no meio do rio onde ha fundo, senão pela força das correntezas, porque as grandes marés que levanta só são em corôas de areia e baixos, e em canaes apertados com ilhas, e muito mais nos rios, por onde sobe com um impeto inexplicavel até quasi ao fim d'elles.

«A forma e tempo em que principia é quando a maré quer encher; parece que o peso das aguas do rio pugna com a força da maré do mar, e com effeito a demora mais de tres horas, até que finalmente rebenta contra o rio com tal furia que parece cousa viva e espirituosa. Levanta-se primeiramente um promontorio ou monte de agua de seis ou sete varas de alto, a este ainda se seguem outro e outro e ás vezes quatro, e d'aqui corre com tal velocidade por aquellas costas e baixios como um cavallo desenfreado, arrasta e despedaça tudo quanto encontra e se lhe oppõe; arranca arvores, e bailam os troncos de maior grossura e grandeza com ella, como se fossem uma boia. Segue-se a este tres ou quatro mares grandissimos, uma corrente tão arrebatada como se fôra uma manada de cavallos uns sobre os outros; de sorte que os navegantes pelos rios acima despedem cousa de um quarto de legoa depois da poro-

roca, e não só não é necessario remar a embarcação rio acima mas é preciso muitas vezes encontrar os remos para a embarcação não ir cahir nos mares da pororoca, e fazer-se n'elles em pedaços; de sorte que dá este phenomeno uma facil navegação pelos rios acima onde ella entra.

«O modo que usam os navegantes para livrarem as embarcações do perigo que lhes faz a pororoca é esperarem-na em um logar muito fundo, porque nas partes fundas abatem aquelles promontorios de agua e só se sente uma intumescencia ou altura d'agua para o que ou tem dado fundo a fortes amarras, e as vão largando por mão, por não quebrarem nos primeiros impulsos da agua, ou estão em terra com cordas tendo mão por ellas ás embarcações, emquanto passa a maior furia da correnteza das aguas, passada a qual, vão seguindo a mesma pororoca com summa velocidade e facilidade. Enche a maré em menos de um minuto e quem a observa de terra, em um abrir e fechar d'olhos a vê subir do profundo rio na vasante, até sua maior altura, ainda nas margens mais fundas.»

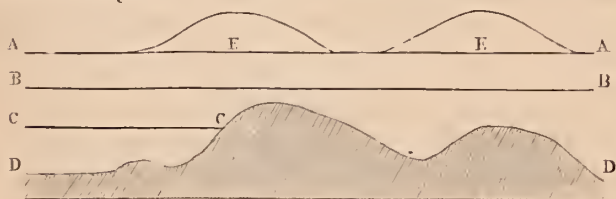
«Nos rios onde ha *pororoca* gasta a enchente pouco mais de duas horas, e na vasante perto de dez horas.»

«Faz um grande estrondo o mar da pororoca e ouve-se a uma legoa de distancia; commove tambem os ares, em forma que sempre a precede um grande vento commovido dos mares d'ella.»

Nos rios Capim e Guajará, onde abaixo da pororoca do Araguary é ella a mais violenta, as cousas passam-se de uma maneira analoga; a sua localidade presta-se a deixar observar melhor o phenomeno, é assim que pode bem ser observada pela lua nova ou lua cheia na enchente da maré; como primeiro symptoma da pororoca temos o passarem as aguas do rio que até ahi deslisavam serenas e formarem ao longo como que uma linha de espuma que se transforma em um rôlo cada vez mais rapido e mais volumoso, empurrando as agoas até que nos pontos em que o rio é mais estreito se altere, subindo a grande massa e sempre augmentando de rapidez, fazendo assim em pouco tempo

passar a baixa-mar a prêa-mar. N'este rio a agua já elevada precipita-se pelo impulso da maré pelo rio dentro, e quando este muda de direcção rapidamente, esta massa enorme de agua, seguindo a primeira derectriz, atira-se contra a margem que é levantada com medonho fragôr, elevando-se muito, formando uma vaga alterosa que se empina e desfaz em catadupas de espuma, e continuando revoltas até que de novo se forme. O estrondo é ouvido a grande distancia. A quem observa a pororoca em S. Domingos o espectaculo parece imponente e pomposo, não só devido á existencia de baixios, aos quaes supponho dever em grande parte ser attribuido o phenomeno, como porque a direcção quebrando-se quasi em angulo recto com a direcção que trazia, e logo depois apresentando uma curva, faz que á elevação devida aos baixios se reuna o immenso fragôr, e o recuo das aguas conra a margem elevada. Ás vezes o rôlo das aguas parece uma muralha de forma curva tapando o rio, outras vezes é uma barra elevada e transversal. Quando as grandes ondas se desfazem, seguem as aguas com grande rapidez, formando banzeiros.

Não é de certo a lucta corpo a corpo entre o rio e o mar, entre a agua doce e a agua salgada; não se observa aqui a poesia embusteira das obras de Mr. Em. Carrey; mas é um espectaculo imponente e cujo poder deve ser avaliado pelos estragos que causa na ribanceira, nas margens, e nas arvores e troncos que arrasta.

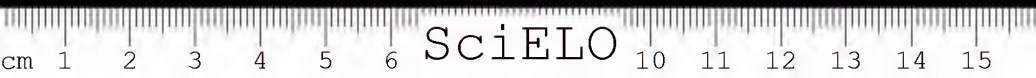
A explicação é dada por Wallace na sua obra *Travels in the Amazon.*

Eis o diagrama que elle apresenta para a sua theoria: AA representa o nivel da agua na baixa mar; DD repre-

senta o fundo do rio; BB a profundidade em que a agua é posta em movimento na maré baixa, não alcançando a profundidade em que se acha o baixio C no fundo do rio, pois não havendo então ondas, apenas existe uma tranquilla e rapida corrente. CC mostra a profundidade até á qual as aguas são postas em movimento nas marés de aguas vivas; quando a massa achando-se em movimento é posta em contacto com o fundo no ponto C, é levantada pelo choque contra este obstaculo, que diminue a capacidade do leito e que a faz elevar tanto mais, quanto maior é a diminuição da capacidade do leito, formando uma enorme vaga; é acima do nivel superior que ella se desmancha, tomando o seu nivel, repetindo-se com novas saliencias no fundo do rio.

Por muito tempo se suppoz que a pororoca era devida ao simples encontro das aguas da maré com as aguas do rio, tendendo a caminhar em sentido opposto; mas se assim fosse, o phenomeno não teria logar em quatro ou cinco rios da Guyana e mais outros tantos espalhados pelo globo e sim em todos aquelles em que o encontro das duas forças se desse, o que não acontece.

Estes effeitos que em sua primitiva causa são devidos a influencias lunares não são tão sensiveis no mar como nas costas e nos rios que n'ellas desembocam; esta influencia é mais forte nas phases da lua nova e lua cheia, em que as aguas do mar, tomando uma elevação de muitos pés acima da altura ordinaria, precipitam essa enorme massa pelas embocaduras dos rios com uma força irresistivel, e se attendermos á massa impulsora nem aproximadamente ella pode ser calculada.

Na proximidade da linha equinoxial, estas forças avaliadas pela velocidade das marés que ás vezes superior a dez e doze milhas por hora; são tres e quatro vezes superiores á velocidade da corrente dos rios que geralmente é de uma a trez milhas por hora, serão portanto estes sempre vencidos, estando a demora e violencia do phenomeno. dependente da relação em que estiverem as duas forças

uma para a outra, dependendo tambem das direcções que tiver o rio e que obrigam a violencia das aguas a lançar-se ora contra uma ora contra outra margem, da sua maior ou menor largura, e finalmente da existencia de baixios no fundo do rio que determinarão a existencia e formação de ondas alterosas que se desfazem logo que as aguas encontram logares mais baixos e fundos, tornando a formar-se quando novos baixios se apresentem.

CAPITULO V

PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO DAS REGIÕES AMAZONICAS.—ABERTURA DO AMAZONAS A TODAS AS NAÇÕES.—COMPANHIA DE COMMERCIO E NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS. BELEM E MANÓAS EM 1894.

Duas epochas tem os povos das regiões amazonicas a consignar em sua historia entre as que mais contribuiram para o seu desenvolvimento: uma é a do decreto que authorisou a creação da Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas sob o numero 1037 de 30 de Agosto de 1852, e a segunda é a do decreto marcando a data da abertura do Amazonas ao commercio de todas as nações datado de 31 de Julho de 1867 sob n.º 3920.

O primeiro d'estes commettimentos foi devido á iniciativa do Barão de Mauá (Irineu Evangelista de Souza), nome que o Pará e o Amazonas devem conservar em seus annaes como o de um benemerito dos dous Estados, e hoje que se começa a commemorar os serviços de seus filhos com estatuas e mausoleus, não é muito que commemore os d'este cidadão que, sem ser filho da Amazonia, podemos dizer que foi o primeiro author do seu desenvolvimento.

A navegação foi iniciada pela Companhia do Amazonas com tres pequenos barcos a vapôr, *Marajó, Rio-Negro* e *Monarcha;* logo nos primeiros annos o desenvolvimento que tomou o commercio entre as duas provincias e o Perú na parte em que era utilisada esta navegação até Nanta, mostrou a necessidade de augmentar o numero de vapores em vista do desenvolvimento que tomava a Companhia.

Este progresso animou o cidadão portuguez Alexandre Paula Brito Amorim, a celebrar um outro contracto para a navegação dos tres grandes rios Madeira, Purús e Negro. O commercio interior dos Estados cada vez crescia mais e

com o exterior, e logo apoz o decreto de 22 de Junho que authorisou aquellas linhas, uma nova linha de vapores, é creada por outra companhia em 28 de Outubro de 1869 entre Belem e Manaos subvencionada pelo governo do Pará com o nome de Companhia Fluvial do Alto Amazonas. Logo depois é aberta a navegação dos rios Cairary e Acará por uma outra companhia recentemente creada sob o nome de Companhia Fluvial Paraense devida á iniciativa de João Augusto Correia, a qual um pouco enceta a navegação para outros pontos como Baião, Igarapé-mirim, Tapajós, além de outros pela Companhia do Amazonas então com cerca de vinte navios.

Os particulares, a seu turno, vendo o bom resultado obtido pelas companhias, mandam vir vapores seus, e auxiliam pela facilidade de transportes o desenvolvimento commercial dos dous Estados; então os fabricantes de borracha (seringueiros), seguros de terem meios de transporte para seus productos, lançam-se por esses sertões invios, por essas immensidades desconhecidas em que a extensão dos rios se mede por centenas e milhares de kilometros, os recessos mais desconhecidos são devassados, o Madeira e Purús são explorados com seus affluentes Aquiri, Painim e muitos outros até ao territorio da Bolivia; ligações até ahi ignoradas entre diversos rios são descobertas, as cachoeiras com seus saltos reconhecidas e estudadas, e Jutahy, o Juruá, o Japurá, Javary, Içа, são navegados por toda a sorte de embarcações.

Como era natural, as cidades do Pará (Belem) e Manaos nas quaes se depositavam, vendiam e compravam as mercadorias de importação e exportação, cresciam, com a affluencia dos vapores extrangeiros que desde 1867 navegavam até Manáos, e começava a attenção dos commerciantes europeus a ser excitada. O Amazonas, vendo bem a vantagem que teria em tornar o seu commercio independente da praça do Pará, concede favores a linhas de vapores para a Europa e Estados Unidos, e hoje é o rio mar sulcado por centenas de vapores. A iniciativa do Barão de Mauá pro-

APPA
DO
) DO PARÁ
H. DE SANTA ROSA
FRA
5
4
3
3
2
1
0
Atlantico
EQUADOR

MAPPA
DO
ESTADO DO PARÁ
PELO ENGENHEIRO H. DE SANTA ROSA
GUYANA INGLEZA
GUYANA HOLLANDEZA
GUYANA FRANCEZA
Oceano Atlantico
ESTADO DO AMAZONAS
DO MARANHÃO
EQUADOR
MARAJÓ
CAMPOS GERAES
Serra Tumuc-Humac
Serra do Parú
Serra Acarahy
Cabo d'Orange
Cabo do Norte
Cabo Raso do Norte
Cabo Maguary
ILHA DE MARACÁ
ILHA CAVIANA
ILHA MEXIANA
ILHA GRANDE DE GURUPÁ
BAILIQUE
MACAPÁ
MAZAGÃO
CASSIPORÉ
CONANI
OBIDOS
ALEMQUER
MONTE ALEGRE
PRAINHA
ALMEIRIM
SANTARÉM
ALTER DO CHÃO
VILLA FRANCA
FARO
JURUTY
PARINTINS
ITAITUBA
BREVES
PORTEL
OEIRAS
CAMETÁ
BELÉM
SOURE
CHAVES
GURUPÁ
PORTO DE MOZ
SOUZEL
VEIROS
PINHEL
BOIM
AVEIROS
BRAGANÇA
VIZEU
CURUÇÁ
VIGIA
CAPIM
BAIÃO
ABAETÉ
BEJA
MOJU
ACARÁ
OUREM
IRITUIA
Rio Amazonas
Rio Trombetas
Rio Jamundá
Rio Tapajós
Rio Xingú
Rio Tocantins
Rio Gurupy
Rio Guamá
Rio Capim
Rio Moju
Rio Jary
Rio Parú
Rio Araguary
Rio Curuá
Rio Cuparý
Rio Iriri
Rio Pacajá
Rio Anapú
Rio Jacundá
Serra do Desordem
Lago Grande
Lago Arary

duzia seu fructos e não se limitavam elles a isto, consequencias mais importantes e de maior esphera tomaram origem no emprehendimento do benemerito rio grandense.

Em 1815 no grande congresso de Vienna trataram as differentes nações por seus plenipotenciarios de egualar a navegação de maior parte dos grandes rios declarando-a livre para o rio Nekar, Mein, Mosella, Escalda e outros mais, fazendo excepção a esta regra a Inglaterra com o S. Lourenço que nem mesmo aos Estados Unidos que eram ribeirinhos concedeu navegação, e a Russia com o Danubio; hoje estão livres.

Na parte da America de que me tenho occupado a necessidade da abertura do Amazonas era palpavel, o desenvolvimento commercial que tomara a praça do Pará, o incremento da nascente cidade de Manaos, devidos á creação de linhas de navegação interna, tornavam evidente quanto ganharia não só o Brazil como os Estados ribeirinhos com a livre navegação do grande rio.

As republicas limitrophes e o Brazil com suas extensões desertas, com seus raros e pouco habitados centros de população davam clara demonstração de quanto era necessaria a imigração.

Entretanto o governo brazileiro, conservando-se surdo aos anhelos e supplicas dos que tinham communicação entre si ou com o estrangeiro pelo Amazonas, talvez por que não julgava a occasião azada, continuava a não permittir a livre navegação no maior dos rios, em contradicção com os principios lançados nos tratados de 25 de Maio de 1851 e de 21 de Novembro do mesmo anno em relação á navegação dos rios em que eram ribeirinhos o Brazil, a Confederação argentina, e Republica oriental do Uruguay.

Não eram porém sómente as nações ribeirinhas que desejavam a navegação livre do Amazonas: a Europa que em 1815 no tratado de Vienna firmara esse principio que acabava de determinar a navegação livre dos rios da America do Sul acima mencionados, não podia olhar com indifferença uma tal questão; especialmente a Inglaterra que en-

47

tre todas pela extensão de suas relações commerciaes com a praça do Pará, via n'este facto um modo de lhe ampliar a esphera,foi quem encetou a campanha das reclamações em um offlcio que dirigiu ao governo imperial em 23 de Novembro de 1854, no qual trata de o convencer da conveniencia d'aquellamedida, *lamentando que o governo brazileiro não tenha seguido aquella marcha de politica liberal que devia ser esperada de um governo tão exclarecido.*

Este officio do ministro inglez não era o primeiro que o ministerio brazileiro recebia; já em 31 de Outubro de 1853 o sr. Fronsdale, ministro plenipotenciario e enviado extraordinario no Brazil, enviara uma nota em que declarava *que a navegação do rio Amazonas era objecto de muito interesse para os cidadãos dos Estados Unidos,* e accrescentava o periodo seguinte, por demais expressivo:

«Que o presidente deseja cultivar as mais amistosas relações com o governo do Brazil, e lamentaria que fossem essas relações affectadas por insistir elle em uma politica tão opposta a todas as idéas liberaes das nações civilisadas e amantes do progresso.»

Foi n'este officio que o governo americano apresentou a theoria pelo menos original de que o direito para os Estados Unidos ou qualquer outra nação navegar livremente o Amazonas não se derivava de tratados, mas era um direito natural egual ao que tinham de navegar o Oceano, que isto era authorisado pelo direito das gentes e pelos principios firmados no congresso de Vienna em 1815.

Não obstante pensar que o Brazil tinha tudo a ganhar com a livre navegação do Amazonas, e que devia conceder mais do que o que concedeu em 1867, ganhando não só pelo lado commercial como sobretudo pela emigração que pouco a pouco affluiria, não posso deixar de julgar original que o ministro americano invocasse o direito das gentes, que n'este ponto me parece ser-lhe contrario, e em opposição ao que se passou com os estados Unidos nas questões havidas para a navegação do Massissipi, e S. Lourenço com a Hespanha e Inglaterra, não obstante terem a

a seu favor o serem ribeirinhas, o que não acontecia na questão do Amazonas com os Estados Unidos.

N'esta questão o sr. Limpo de Abreu (Visconde de Abacté) apezar de ser ingrata a tarefa, mostrou-se muito superior ao diplomata americano, pois disse elle em sua resposta:

«O Governo Imperial está firmemente convencido de que «não pode ser o Oceano assemelhado a um rio do qual o «Brazil possue ambas as margens na vasta extensão de «480 legoas, que tantas vão da bocca do Amazonas a Ta-«batinga, limite do Imperio. Ainda quando o Amazonas «seja em alguns logares bastante largo, em outros é bas-«tante estreito para que uma fortaleza possa impedir sua passagem.

«O Brazil possue as duas terças partes de sua exten-«são navegavel, tem em sua entrada as fortalezas de Ma-«capá, e Gurupá, e rio acima os fortes de Mazagão, da «Barra, de S. José do rio Içа, Tabatinga, e em ambas as «margens, cidades, villas e povoações. Possue portanto o «Brazil no Amazonas tudo quanto, segundo os principios «admittidos, serve para provar sua soberania sobre as aguas «d'este rio.

«O Oceano serve de communicação a todas as nações «do mundo, a sua navegação é indispensavel a muitas d'el-«las que, poderosas e populosas como são, não poderiam «subsistir sem o extenso commercio que por elle fazem.

«Nas mesmas circumstancias não está o Amazonas. Ain-«que o seu extenso valle convenientemente povoado, possa «dar vasto alimento ao commercio das nações, comtudo «estando esse valle quasi inteiramente deserto, nem a sua «navegação é indispensavel, nem ainda pode em seu actual «estado ser de interesse e vantagem para as nações que «são ribeirinhas.»

Depois de procurar mostrar que com o tratado de 23 de Outubro de 1851 celebrado com o Perú para a navegação fluvial, se attendeu ás necessidades d'esta nação, procura demonstrar que tanto o Perú como Venezuella, na

Grânada e Equadôr na parte que olha o Amazonas eram quasi despovoados, e na parte povoada suppriam-se em seu commercio ou pelo Pacifico ou pelo Atlantico, além de que os affluentes do Amazonas que passam por esses territorios e que podem ser navegados, nunca o serão senão por pequenas embarcações de pouco calado d'agua incapazes de navegar no Oceano, e ainda uma grande parte d'esses rios precisa de trabalhos hydraulicos para lhes facilitar a navegação.

Dizia ainda o sr. Limpo de Abreu que não era intenção do Brazil o conservar sempre fechado o Amazonas ao commercio estrangeiro, mas que sendo assumpto bastante grave, era preciso que fosse resolvido depois de maduro estudo e reflexão. Chegada essa epocha, cuja opportunidade deve ser exclusivamente apreciada pelo governo brazileiro, estava elle resolvido a não conceder a nação alguma a navegação d'aquelle rio na parte em que o Brazil possue ambas as margens, senão por meio de um convenio que garanta seus direitos de propriedade e que acautelle os seus interesses aduaneiros, mantendo egualmente a policia do rio.

Terminava ainda o diplomata brazileiro que para o verno brazileiro o acto do congresso de Vienna constitue um mero direito coneencional que sómente rege e obriga as potencias que n'elle concordaram e o estipularam. Além de que este acto não fôra admittido pela Europa em geral e menos por todo o mundo. Ainda é muito recente, dizia elle, a data em que a Inglaterra e a França reconheceram por tratados solemnes que a navegação do Paraná, era uma navegação interior da Confederação Argentina em commum com o Estado Oriental.

Esta nota de 13 de Novembro mostra a intelligencia fina do diplomata brazileiro, com o qual concordo na parte em que refuta a analogia entre o Amazonas e o Oceano, não assim quando pretende mostrar que as republicas hespanholas por estarem desertas na parte que olha para o Amazonas, não precisavam da abertura do grande rio, devendo alimentar seu desenvolvimento sómente pelos seus

portos do Pacifico e Atlantico, quando a consequencia devia ser a inversa.

Tambem concordando com o modo de ver do ministro brazileiro quanto ás navegações estrangeiras não ribeirinhas, divirjo d'elle na parte que respeita ás nações ribeirinhas, assumpto que cala em sua nota, deixando perceber em seus ultimos periodos que olhava o Brazil como o unico de quem dependia a abertura do rio; apezar de brazileiro, não concordo com este direito reservado sómente ao Brazil, pois que esta theoria traria a consequencia de que elle podia a seu talante isolar do commercio do mundo os cinco Estados que são ribeirinhos.

Felizmente o decreto de 31 de Junho de 1867, faz raiar uma nova epocha para o futuro de todos os povos ligados ao Amazonas, e os factos tem demonstrado que sua abertura tem sido altamente util, não só para os Estados do Pará e Amazonas, como para o Perú e Bolivia na parte que lhe é proxima.

Duas grandes linhas de vapores inglezes e uma outra de grandes vapores brazileiros fazem a navegação regular com vapores de 10 em 10 dias de Manáos para Liverpool, Havre e New-York, e para todos os portos do Brazil até ao Rio.

Em seguida transcrevo de um trabalho publicado pela inspectoria da Alfandega do Pará o rendimento da mesma alfandega a datar de 1852 em diante, isto é, do anno em que começou a funccionar a Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas. N'elle vêmos que o rendimento é o seguinte:

Alfandega do Pará em 1852 a 1853	841:565$516	réis
No exercicio seguinte............	1:388:648$505	»
Em 1866......................	2.251:822$052	»
» 1868......................	3.715:402$083	»
» 1887......................	10.173:624$269	»
» 1888......................	9.513:148$429	»

Em 1889	7.367:400$979 réis
» 1890	9.433:086$692 »

Ou tirando uma media:—9.121:815$092 réis.

Isto é onze vezes o que era em 1852, e quatro e meia o que era em 1867.

Finalmente para poder demonstrar o rapido crescimento da riqueza paraense, reproduzirei os dous quadros que acabam de ser publicados abrangendo até o anno de 1894, da renda da alfandega, um englobadamente, e outro discriminando as parcellas que compõem o total da renda arrecadada.

Arrecadação de renda pela alfandega do Pará em 15 annos

Anno	Renda
1880	5.663:270$747
1881	7.721:499$946
1882	10.384:897$299
1883	10.996:592$148
1884	8.078:612$346
1885	7.940:952$822
1886	9.215:638$572
1887	10.173:624$269
1888	9.513:148$429
1889	7.367:400$979
1890	9.433$086:692
1891	9.583:622$510
1892	10.241:318$055
1893	13.191:389$891
1894	16.149:032$364

Quadro da renda da importação em 15 annos

Anno	Renda
1880	3.332:045$315
1881	5.072:373$422
1882	6.809:953$390
1883	7.498:132$757
1884	5.330:316$266
1885	5.078:849$416
1886	5.886:962$231

1887	6.548:619$283
1888	6.204:792$340
1889	4.475:161$769
1890	5.779:074$395
1891	6.370:681$359
1892	6.597:058$532
1893	7.616:846$851
1894	8.784:245$359

RECADADA NOS ANNOS DE 1880 A 1894

TULOS					TOTAL
Interior	Consumo	Extraordinaria	Renda c/applicação espec.	Depositos	
403:092$914	—	8:798$140	22:411$605	40:686$625	5.663:270$747
371:650$480	—	22:843$023	29.988$260	39.035$615	7.721:499$946
440:344$662	—	19:170$082	14:452$155	70:355$268	10.384:897$299
467:3[illegible]9$030		18:158$540	35:450$460	59:383$477	10.996:592$148
398:253$593	—	12:843$338	26:146$640	71:312$959	8.078:612$346
515:425$856	—	14:823$762	15:496$760	34:568$865	7.940:952$822
530:228$888	—	14 840$325	154:453$905	41:282$888	9.215:638$572
489:199$325	—	16:142$685	441:664$753	42:907$913	10.173:624$269
496:124$044	—	16:805$362	412:081$612	49:170$527	9.513:148$429
552:975$765	—	353:341$463	—	38:541$443	7.367:400$979
585:048$347	—	375:873$689	—	33:747$936	9.433:086$692
443:140$379	—	978:182$691	—	51:067$618	9.583:622$510
105:469$928	10.110$000	87:654$495	—	52:280$234	10.241:318$055
403:054$761	7:119$300	65:483$293	—	1.154:141$223	13.191:389$891
657:073$812	6:488$560	91:761$505	—	2 048:942$894	16.149:032$364
6.858:481$784	23:717$860	2.096.722$393	1.152:146$145	3.827:425$485	145.654:087$069

Se pelas transcripções que acabo de lançar n'este livro se pode avaliar o rapido crescimento que tem tido o commercio do Estado do Pará, pelos seguintes resumidos quadros que em Chicago publicou o delegado do Amazonas á Exposição Columbiana, o sr. Lauro Bettencourt, veremos que o crescimento d'aquelle estado a datar de 1852 não foi menos consideravel.

Quadro mostrando o rapido crescimento das rendas do Estado a contar de 1852

Anno financeiro de 1852	19:000$465
De 1857	91:972$133
» 1862	93:347$803
» 1867 a 1868	274:427$608
» 1872 a 1873	378:603$307
» 1877 a 1878	785:970$765
» 1882 a 1883	2.502:424$774
» 1886 a 1887	2.713:686$081
» 1892 a 1893	6.000:000$000

Taes são os dados dos rendimentos calculados que na maior parte foram excedidos. No ultimo anno foi paga a divida publica de 2:000 contos e em Março o balanço do thesouro do Estado dava em caixa 5.000:000$000 réis.

Note-se que n'estes algarismos acima não foram incluidas as rendas das differentes municipalidades ou intendencias, para ver quanto tem ellas augmentado. Em seguida damos o quadro relativo á municipalidade da capital:

Renda da intendencia de Manaos em 1852	1:083$027
De 1857	5:134$304
» 1862	8:349$426
» 1867 a 1868	50:048$154
» 1872 a 1873	81:806$419
» 1877 a 1878	90:903$279
» 1882 a 1883	124:535$829
» 1886 a 1887	144:083$941
» 1892 a 1893	550:000$000

A alfandega rendeu o seguinte, que não menos eloquentemente mostra o crescimento das rendas:

Anno financeiro de 1877-1878..........	209:021$862
» de 1886 a 1887.................	1.092:337$544
» de 1892 cerca de................	3.000:000$000

Quanto ao commercio, o mesmo folheto nos prova o seu rapido desenvolvimento; eis seu valor official:

Anno	Importação	Exportação
1876-1877......	1.830:207$093......	2.600:600$091
1881-1882......	3.878:997$251......	10.342:107$600
1886-1887......	6.369:137$538......	14.634:898$078
1891-1892......	16.000:000$000......	28.000:000$000

Quanto á navegação, é feita quasi unicamente por vapores, que percorrem a extensão de 10:787 milhas, sendo:

Rio Amazonas.........................	2:078	milhas
» Madeira.........................	1:204	»
» Negro...........................	627	»
» Purús...........................	2:104	»
Rios affluentes do Purús...............	1:060	»
Rio Juruá............................	2:964	»
Rio Javary...........................	750	»

O numero dos vapores e sua tonellagem dos navios chegados a Manáos cresce tambem rapidamente:

Annos	N.º dos vapores Entrados	Sahidos	Total	Tonellagem total
1872-73....	51	45	96	45:600
1881-82....	186	138	324	125:900
1891.......	317	447	764	566:800

Isto mostra um augmento de 350 por cento em 10 annos.

Não é sómente com o augmento do valor de renda aduaneira, e com o progresso das rendas provinciaes que podemos avaliar o beneficio que auferimos da navegação a vapor e da livre navegação; o augmento do commercio de transito nos dá uma nova prova de quanto foram beneficas estas medidas, mas o mesmo bem estar que ellas tem levado a pontos reconditos a que até agora não chegava ou chegava insufficientemente a navegação e os generos de toda a especie que hoje são transportados dão d'isso exhuberante prova.

O primeiro effeito resultante da navegação a vapor foi como era bem de ver o permittir a rapidez nas communicações a facilidade de fornecimentos de melhor qualidade em que os generos não chegavam deteriorados não perdendo o commerciante parte do lucro que devia esperar e podendo fornecer mais barato os generos, mas um outro resultado de grande alcance foi o seguinte: os grandes centros como Cameta, Santarem, Obidos, etc., não cresceram mas em compensação surgiram em muitos outros pontos nos trajectos dos vapores pequenos nucleos de povoação onde os vapores tocavam recebendo generos ou deixando-os; foram estes pontos novas escallas para onde em pouco tempo affluiram das cercanias generos nos dias em que devia passar o vapor, dando assim movimento e vida commercial a logares até ahi inhabitados e desertos. O lavrador, o fabricante da borracha ganharam com isto muito, não mais foram obrigados a perder dias de trabalho em transportar seus generos aos grandes povoados e foram tantos mais dias aproveitados no trabalho.

Tem-se multiplicado tanto o numero d'estes nucleos, que linhas ha em que os vapores fazem cerca de cem escalas. Este augmento de povoação e de producção tem trazido a necessidade de crear novas linhas secundarias de navegação a vapôr, e hoje pode bem dizer-se que não ha rio no Pará e Amazonas que não tenha facil transporte por meios mais ou menos perfeitos.

A navegação directa com o estrangeiro veio ainda pro-

porcionar a estas regiões ainda maiores vantagens pois que os generos chegam até Manaos sem serem sugeitos a repetidas baldeações; os favores concedidos a companhias, pelos Estados e principalmente pelo do Amazonas, tem ainda contribuido para o augmento d'estes serviços.

A Companhia de barcos a vapor Lloyd Brazileiro, cuja navegação terminava no Pará extendendo sua navegação até Manáos, poz estas regiões em directo e rapido contacto com todo o Brazil.

Ainda não ha muitos annos chegavam d'esta linha ao Pará vapôres de 15 em 15 dias com cerca de 800 a 1:000 volumes de carga, hoje chegam 4 vapores por mez, e cada um traz para os dous Estados 10 a 11 mil volumes.

As linhas inglezas com séde em Liverpool, Booth Line e Red Cross Line augmentaram o numero de suas viagens que tem logar de 10 em 10 dias estabelecendo outras linhas; fazendo serviço entre Liverpool, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas, estabeleceram tambem linhas para Nova York, para onde ha vapores de 10 em 10 dias.

A navegação para a America do Norte tem tido não menor incremento, depois de por muito tempo transportar apenas algumas dezenas de tonelladas de carga; hoje além da linha subvencionada para New-York, navegam outros muitos vapôres completamente carregados.

E não só sob este ponto de vista tem a navegação tido benefico influxo, até os costumes se tem melhorado com este contacto. Ha vinte annos, raros passageiros transitavam entre o Pará e Amazonas e o resto da Republica ou para o estrangeiro; hoje raro é o vapor que vai ou vem da Europa com menos de 200 e até 300 passageiros; para o resto dos Estados brazileiros ainda maior é o transporte de passageiros, e raro é quando o vapor traz menos de 800 passageiros, chegando a 1:400 ás vezes; o numero de pessoas que viajam pela Europa, os que da Europa vem visitar o norte do Brazil todos os dias cresce; o numero de creanças, que graças ás facilidades da navegação são educadas em França, no Rio, na Allemanha, na Inglaterra; o

numero de vapores que vão á America estudar a mechanica applicada, os que são mandados á Italia estudar bellas artes, todos os dias o seu numero cresce.

Além das linhas a vapôr que mencionamos, outras ha nacionaes e estrangeiras de serviço regular, taes como uma que faz o serviço costeiro entre Maranhão e Pará, com escallas, a «Liverpool & Maranham S. S. C.° Lim.,» a «Prince Line» que além da navegação estrangeira tambem faz a navegação costeira. Ainda outras linhas aqui mandam seus vapores com maior ou menor regularidade.

A navegação do Amazonas que até aqui era quasi monopolisação da Companhia do Amazonas, do Lloyd brazileiro e das linhas Red Cross, e Booth Line, hoje é em grande parte feita por vapôres de propriedade particular havendo casas que chegam a possuir seis vapôres.

Para provar finalmente o augmento em que vão as rendas do Estado do Pará, bastará narrar que tendo sido orçada na lei annual a renda de 1891 a 1892 em réis 5.442:988$000, os dados fornecidos pelo Thesouro ao Governador mostraram no 1.° de Julho de 1892 que a renda effectiva excedêra a que fôra orçada subindo a 7.427:237$000 réis.

BELEM DO PARÁ

A Capital do Estado do Gram Pará, ainda ha 40 annos bem pouco conhecida, começou a ter uma verdadeira importancia pelo lado commercial de então para cá, pois pelo lado artistico e industrial nada ainda tem de notavel. Colonisado por portuguezes que por estes dous lados nunca contaram primasias, necessariamente devia perdurar no Pará a primeira feição que lhe fôra imposta. Os portuguezes, sobre tudo agricultores, navegadores, os primeiros como descobridores e guerreiros, no Brazil como em quasi todas as suas riquissimas colonias, hoje quasi todas decadentes ou pertencentes a outros dominadores, só trataram, estabelecido que foi o seu dominio, de desenvolver o commercio de suas drogas, productos e mercadorias com a

metropole que forçosamente engrandecia, emquanto que as colonias pequeno desenvolvimento tinham, e os laços de união entre umas e outras se não estreitavam. O Brazil que de todas as colonias portuguezas parece ser aquella a que maior futuro está reservado, e a que no futuro maior ascendente talvez venha a ter sobre a velha metropole, parecia tambem estar destinada a um viver inglorio e estacionario, se a invasão dos francezes em Portugal não tivesse obrigado a familia real a refugiar-se no Brazil acompanhada das familias nobres e ricas que formavam a côrte portugueza.

Então foram levantados edificios, foram feitos melhoramentos que até ahi não existiam, creadas novas instituições, cada uma das provincias se tornou uma minuscula côrte em que brilhou alguma das familias que pertenciam á côrte, e começou n'ellas a apparecer algum fausto e a augmentar o bem estar. Então para que esta nova côrte podesse crescer foram modificadas muitas leis opressivas que existiam já em relação ao commercio, já em relação aos direitos dos filhos do Brazil, e assim cresceu a prosperidade e poude ser mantido o fausto da côrte bragantina, que não sabia se poderia, ou quando poderia regressar á Europa, e se quando o podesse se o throno portuguez estaria ou não occupado por algum parente ou general feliz de Napoleão.

O commercio do Brazil tomou maior expansão, muitos rapazes brazileiros percorreram e estudaram em diversos paizes, e tendo cahido as leis que não lhes permittia accesso egual ao dos nascidos em Portugal poderam seguir differentes carreiras, ao mesmo tempo que viajantes e escriptores tornavam mais conhecido o Brazil.

O Pará não podia deixar de seguir o mesmo impulso, e a importancia de sua posição geographica, que alguns ministros já lhe tinham reconhecido, a construcção de bons edificios, a de um arsenal de marinha, a de grandes fortalezas, a sua posição como provincia fronteira que obrigou o governo portuguez a sustentar aqui tres regimentos, as

demarcações feitas entre Portugal e Hespanha mandando para ellas os seus melhores cosmographos, a separação do governo de Maranhão, foram outros tantos factores para o desenvolvimento de sua agricultura e commercio.

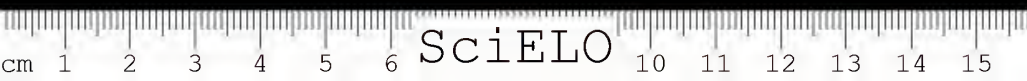
O numero de engenhos de assucar e agua-ardente, as numerosas fazendas de gado creadas ao principio por ordens monasticas, immediatamente imitadas pelos particulares, a vinda de braços africanos que felizmente vieram em pequeno numero, mas n'aquella epocha foram uteis, as plantações em larga escalla de arroz, algodão, café, annil, ourocú, a facilidade de communicações com o interior por meio de barcos, os generos de alimentação que eram recebidos do interior, a sua posição na bocca do Amazonas que tornavam Belem o centro de toda a vida agricola e commercial, asseguraram á nova provincia um progresso ainda que lento ao menos constante e seguro porque se baseava na agricultura.

Com o engrandecimento e florescimento da provincia, o crescimento e embellezamento de Belem, sua capital, era infallivel; infelizmente porém as artes ainda não tinham feito sentir seu agradavel influxo. As construcções ressentiam-se da pouca illustração do pessoal que formava a maioria dos habitantes, as edificações particulares d'isto se ressentiam, e os edificios publicos, embora apressentassem certa grandeza e tivessem obedecido a regras architectonicas, por isso mesmo acompanhavam o estylo dominante em Portugal que n'essa epocha já não era o florido estylo chamado Manoelino composto de arabe e do gothico e fôra substituido pelo pesado e monotono estylo latino que nos tempos de D. João V e seguintes dominou.

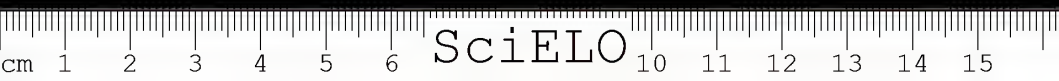
Posteriormente, depois da revolta chamada a cabanagem, em 1835, e sobre tudo depois da creação da Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas em 1850, raiou uma nova era de prosperidade para Belem que até hoje não tem sido interrompida, as construcções de taipa e frontal foram feitas com pedra, cal e tijollo, as fortunas crescendo, as relações com o estrangeiro augmentando,

crescido numero de rapazes tendo viajado e estudado differentes sciencias e artes, a iniciativa mais pronunciada do governo do Estado e do Municipio traçando bairros novos, o calçamento da cidade, a sua illuminação pelo gaz, a introducção de boa agua potavel, tudo contribuio para melhorar material e moralmente a cidade de Belem.

O grande elemento que para seu crescer teve o Pará foi a Companhia do Amazonas, e se com justiça brilham em nossas praças as estatuas do general Gorjão e do doutar Malcher, uma representando a coragem militar, a outra as virtudes civicas, o busto do Barão de Mauá de ha muito devia n'ellas occupar logar distincto como prova da gratidão dos amazonienses. A ingratidão humana porém, é a qualidade que mais constante se revella nas manifestações da vida social, temos praças, temos ruas, temos avenidas com os nomes de quantos politiqueiros tem figurado bem ou mal na nossa historia, mas o nome do Barão de Mauá ainda não foi lembrado, assim como jáz no esquecimento o do fundador do colegio do Amparo que tantos bens tem produzido.

Hoje o Pará é uma cidade com uma area egual á de Madrid com cem mil habitantes. Em 1850 a cidade era composta de dous bairros, o velho bairro chamado da Cidade, cujo centro era a cathedral, e o bairro chamado da Campina que se agrupava em roda da igreja de Sant'Anna estendendo-se para Nazareth que passou a constituir o novo bairro sendo traçadas e alinhadas as grandes estradas ou avenidas de Nazareth, S. Jeronymo, S. Braz, da Constituição, e Conselheiro Furtado e prolongada a de S. João, e as ruas que as cortão indo do Guamá ao Guajará, abrio-se a grande praça de S. Braz, desenvolveu-se a parte da cidade entre a Estrada de Nazareth e o Guajará sendo conhecido pelo nome de bairro de Marijal ou Umarizal, e a que fica entre a Estrada de S. Braz e o Guamá constituindo o novo bairro de Baptista Campos hoje um dos mais bellos da cidade. Foram calçadas na maior parte a parallelipipedos as estradas e ruas da cidade, fez-se o bello

caes que circumda parte da cidade, a introducção de agua de fontes permittindo abandonar os velhos poços de madeira, desde 1850 tudo se transformou; até então o curro publico era insufficiente, matavam-se 30 rezes por dia e o custo da carne era de 100 réis por libra. Nos theatros informes, de madeira, appareciam de vez em quando uns berradores que se intitulavam companhias dramaticas. Companhia lyrica apenas até 1850 apparecera uma de quatro figuras que queriam dar-se os fóros de companhia. Os circos que funccionavam eram volantes; os carros publicos não passavam de dez ou doze; os vapores de navegação interna ou de serviço do porto eram sómente os da Companhia do Amazonas então ainda em pequeno numero; as edificações em geral terreas ou abarracadas; as repartições publicas funccionavam quasi todas em casas alugadas; as casas de modas assim como os armazens de fato feito não existiam ainda; a construcção era muito demorada, não havia officinas a vapôr; os melhoramentos materiaes muito poucos; a locomoção, ou por mar ou por terra, difficil, cara e ás vezes impossivel, as transacções commerciaes demoradas, pois ainda não existiam as communicações telegraphicas, de modo que o cambio entre o Rio e Belem offerecia grande differença; as communicações, quer officiaes quer commerciaes com o interior, demoradas e difficeis.

A mesma vida politica era, podemos bem dizer, barbara; os jornaes eram o esgoto em que os odios politicos e os particulares eram lançados de envolta; a discussão raras vezes escapava ao azedume da invectiva, da injuria e até do insulto. As nossa eleições eram tumultuarias, e digamo-l'o francamente, a denegação da liberdade ou da manifestação de crenças politicas: a reunião de mil ou duas mil pessoas em estreito local, a demora que havia no processo eleitoral, tudo exaltava os animos, determinando frequentes luctas, e authorizando a intervenção da força armada.

A instrucção popular era insufficiente, pequeno o numera de escolas publicas e particulares; os professores na

maior parte inhabeis, ou nomeados sem provas de habilitações litterarias; o numero de disciplinas insufficiente, o que obrigava os paes a mandar os filhos para o estrangeiros, isto mesmo exigindo para elles apenas a instrucção que é dada nos lyceus. O ensino pratico mas racional era inteiramente desconhecido, nem uma escola de desenho ou pintura, apenas no colegio do Amparo havia uma escola só para as alumnas em que se ensinava alguns traços incorrectos, e o mesmo para o desenho.

De musica propriamente dita nem a intuição d'ella creio que existisse, pois que a nossa população que tantas disposições tem para este ramo das bellas-artes ainda a não tinha ouvido, e nem fazia idéa do gráo de belleza e do encanto que se pode achar na boa execução artistica de um escolhido trecho, quando bem executado, ou de um fragmento de uma boa opera.

A dança tambem ainda não mostrara suas difficuldades o que não deve admirar, quando vemos accontecer isto com povos, cuja civilisação começou muito mais longe.

Passam os annos, succedem-se os partidos no governo da Provincia e todos, qualquer que fosse sua orientação politica, nos seus orçamentos lançavam sempre verbas para melhoramentos materiaes da cidade, e para o progresso da instrucção publica. O numero de escolas, não só na capital como no interior do Estado, cresce; a proficiencia dos professores cada vez mais se eleva, e a escola normal sobe no seu nivel litterario. A imprensa dirigida por escriptores mais acostumados a boas praticas da discussão polida perde suas agruras, a lingoagem melhora e já mais raras se tornam as invectivas insultuosas.

São creados gremios litterarios, um museu, bibliothecas, novos bancos, caixas economicas, o vapôr é introduzido em diversas officinas, abrem-se armazens com moveis e utensilios servindo ao conforto, construem-se novos edificios mais condignos e apropriados aos fins a que eram destinados, o ensino se não é ainda perfeito tem melhorado, ha mais methodo na divisão das materias, a politica

ainda uma ou outra vez se faz sentir na escolha dos mestres mas não com o desbragamento antigo. A escola normal, especialmente no sexo feminino, espalha a instrucção e anima as mais intelligentes alumnas alcançando um diploma para terem um meio de vida.

Novas linhas de vapores abrem novos horisontes ao commercio, cada rio explorado é uma nova fonte que brota em favôr da producção e riqueza publica; as tentativas da Companhia do Amazonas são imitadas por outras companhias como a do Alto Amazonas; a Fluvial do Gram-Pará e a do Pará e Amazonas; estabelecem-se linhas regulares de vapores em communicação com a Europa e America do Norte; e o paraense João Augusto Correia estabelece linhas de navios de vela para pontos estrangeiros que até ahi não commerciavam com o Pará.

Com singular vantagem para nós, a borracha ou gomma elastica, obtem na industria dia a dia novas applicações e é o valle amazonico o unico productor da borracha de primeira qualidade; sobe cada vez mais seu preço, augmentão as fortunas, novas casas commerciaes estrangeiras são fundadas no Pará e Amazonas, e esta riqueza se revella em novas ruas que se edificam; os bairros de Nazareth e de Baptista Campos crescem rapidamente, o gosto pela melhor decoração faz-se sentir na jardinagem, a vinda de jardineiros francezes ensina a utilisar as nossas flores agrestes, jardins publicos e particulares são creados e as suas gallas brilham em nossas salas, as casas já não são tão despidas, e maior conforto se faz sentir.

Com a terminação do grande e bello theatro da Paz começam a affluir auxiliadas pelo governo provincial companhias dramaticas e de canto que de anno a anno melhoram, a luz electrica completa o embellezamento do theatro, que as toilettes elegantes das senhoras vem abrilhantar.

Novos contractos para a illuminação da cidade pela luz electrica, para a tracção nas linhas de tramways ser feita pela electricidade asseguram novos melhoramentos. Monumentos aos nossos conterraneos illustres são erigidos em

nossas praças arborizadas e ajardinadas. A limpeza da cidade melhora com o calçamento, com os canos para esgotos; e a hygiene das casas melhora com a introducção de agua trazida pela companhia para este fim creada. Um codigo de posturas municipaes veio melhorar não só a edificação como todos os serviços municipaes. Os cemiterios são collocados a distancia maior do centro da população e n'estes memos são feitos melhoramentos.

O advento da Republica, apezar das perturbações que o estabelecimento de um novo regimen necessariamente traz, não diminuiu a prosperidade publica. A disseminação das rendas estaduaes e municipaes que augmentaram muito, e ainda mais o terminar a excessiva centralisação dos tempos monarchicos, desenvolveu ainda a industria e a fundação de novas associações; novas obras estaduaes e municipaes são começadas, a divida publica tem larga diminuição, são assignados contractos para a introdução de imigrantes, e trata-se de preparar lotes para os receber formando nucleos agricolas. São organisadas fabricas de cordas e de papel, a primeira põe pela primeira vez em aproveitamento a immensa variedade de fibras vegetaes cuja resistencia finura e belleza collocam muito acima das fibras empregadas na Europa na cordoaria; o papel empregado em nossos jornaes começa a ser o nacional, as grandes fabricas de tijolo e telha são montadas com optimo resultado.

Finalmente a reforma da magistratura vem purificar os nossos costumes; e o melhoramento de seu pessoal é inegavel, e melhor seria se as condescendencias politicas não viessem crear obstaculos a tão meritoria tarefa.

Hoje, no fim de 1894, é Belem, a capital do Estado do Pará, uma cidade de cem mil habitantes com 8 avenidas, 87 ruas, 64 travessas, 17 praças todas edificadas, 11 igrejas, 3 doccas, 26 edificios publicos estaduaes, federaes ou municipaes, 8 edificios pertencentes a companhias ou associações, 3 rampas e 2 pontes para desembarques, 1 campo para corridas de cavallos, 2 circos, 1 grande theatro, o me-

lhor do Brazil, 1 arsenal de marinha, 1 arsenal de guerra, 1 deposito de agua para a alimentação publica, 1 forno crematorio em que diariamente são queimados os detritos da limpeza da cidade, e 3 cemiterios.

Acham-se installadas hoje no Pará as seguintes instituições e estabelecimentos industriaes: 3 fundições, 3 serrarias a vapôr, 1 estabelecimento de artefactos metallicos e construcções navaes, 1 fabrica de gêlo, 1 fabrica de cerveja, 2 cordoarias, 1 fabrica de polvora, 1 fabrica de papel, 4 saboarias, 8 bancos de desconto, 1 estação telephonica, 1 companhia de tram-ways, 2 companhias de luz electrica, 1 de luz de gaz, 1 de agua, 1 companhia de navegação do Amazonas, 1 companhia de navegação, o «Loyd Brazileiro», com séde no Rio, 6 companhias de seguros, 4 filiaes ou agencias de companhias de seguros estrangeiras, 1 Jockey-club com campo de corridas, 1 escola normal, 1 lyceu de estudos preparatorios e curso de agrimensura, 1 lyceu de artes e officios, 1 escola de aprendizes marinheiros, 1 instituto de educandos artistas, 1 collegio de caridade para a educação de meninas pobres até 18 annos dando-lhe um dote para casarem, 1 colegio dirigido por irmãs da caridade, 1 grande hospital de caridade, 1 hospital de Beneficencia Portugueza, 1 hospital da ordem 3.ª de S. Francisco, 1 hospital para loucos, 1 prisão publica, 1 estabelecimento penitenciario em construcção, 2 seminarios, 5 sociedades maçonicas beneficentes, 3 sociedades recreativas, 2 sociedades litterarias com publicação mensal, 5 jornaes diarios além de dois outros hebdomadarios, 1 sociedade velocipedista, 1 tauromachica, 2 linhas de vapores inglezas fazendo de 10 em 10 dias a navegação para Lisboa, Havre, Liverpool, New-York, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Manaos e Antuerpia, contando 22 vapores, 1 linha ingleza *Prince Line,* com vapores semanaes do Rio a Pernambuco, Pará e New-York, 1 companhia de vapores americanos entre o Rio, Pará, New-York, 1 companhia costeira para o Maranhão.

Eis o que é hoje a pequena cidade fundada em 1616,

por Francisco Caldeira Castello Branco e que em 1832 contava 12:467 habitantes, em 1850 cerca de 50 mil, e actualmente mais de cem mil.

MANAOS

No decurso do que já levo escripto sobre as regiões amazonicas, expuz quaes os limites do Estado do Amazonas; por isso aqui apenas repetirei brevemente que só em 1850, deixando de ser uma comarca da provincia do Pará, lhe foi dado o predicamento de provincia.

Fica ella situada entre 5°-10′ de Lat. N., e 10°-3′ de Lat. S., e entre 13°-40′ e 32° de Long. O., comprehendendo uma area de 2 milhões de kilometros quadrados. Os seus limites ficam marcados pelos territorios seguintes: ao Norte pela Guyana Ingleza, Venezuella e Columbia, ao S. pelo Estado brazileiro de Matto-Grosso e pela Bolivia, ao Oriente pelo Estado do Pará, ao Occidente pelas Republicas do Perú e Equadôr.

Antes de ser considerado Estado fazendo parte da Republica Brazileira, fôra em tempos do dominio portuguez, Capitania do Rio-Negro, em 1822 passou a fazer parte do Estado do Pará, e finalmente em 1850 foi considerado como provincia sendo installado em 1852.

Manaos é a sua capital, e a sua posição é das mais felizes a seis milhas da bocca do Rio-Negro em cuja margem esquerda está situada.

Este simples enunciado de se achar quasi na bocca de um grande rio, e tão proxima do ponto em que elle vai entroncar com o Amazonas, o rei dos rios; o ter o Rio-Negro um curso de mais de 3:000 kilometros, com affluentes como o Rio-Branco navegavel a vapor por mais 400 kilometros e o Guaupés ou Uaupés que leva suas aguas até Venezuella, é bastante para indicar qual o desenvolvimento e grandeza que o futuro lhe reserva.

O que é já hoje esta Capital do Estado do Amazonas, e o que era quando o escriptor Baena a descrevia em seu

Ensaio Corographico publicado em 1839, é o que rapidamente vou pôr sob as vistas do leitor.

Dizia Baena fallando de Manáos cabeça de comarca de Rio-Negro: «Das casas que este logar tem no seu ambito, o maior numero tem cobertura tecida de ramage: e com a mesma se acham telhados o Palacio dos antigos governadores, a Provedoria, o Quartel e os edificios de uma pequena Ribeira de construcções de canôas e batellões. São cobertos com telha a Ollaria, o Hospital militar, os Armazens da Provedoria, e os dos meios de guerra como Armas e polvora, e algumas casas dos moradores.»

«Tudo isto forma onze pequenas ruas e uma praça. Ha duas igrejas, uma pequenina, e outra que é a Matriz, cujo orago é Nossa Senhora da Conceição. Ella foi levantada em 1695 pelos Missionarios Carmelhtas que então começavam a instruir nas disciplinas da piedade catholica os Sylvicolas do Rio-Negro; o Governador Manuel da Gama Lobo e Almada a reedificou e amplificou.»

«A população consta de 347 homens brancos, 327 mulheres brancas, 415 mamelucos (¹), 450 mamelucas, 797 homens baços, 1:042 mulheres da mesma raça, 215 escravos, 164 escravas, 225 mestiços e 206 mulheres d'esta casta: todos os numeros de gente livre assommam a 3:809 e os dos escravos a 379.»

«Numero de fogos 232.»

Para bem salientar o rapido progresso d'esta nascente cidade, transcreverei a rapida noticia que sobre ella publicou em Chicago em 1893 o delegado do Amazonas Dr. Lauro B. Bettencourt; diz elle:

«As casas de Manáos são construidas com tijollo ou com pedra, e cobertas com telhas de barro. As paredes e os soalhos são das mais bellas madeiras nacionaes, e com ellas são tambem construidas as portas e as janellas.

«Entre os monumentos publicos que adornam a cidade notam-se, o Palacio do Governo, o Thesouro, o Lyceu, a

---

(¹) Mamelucos, resultado do cruzamento entre brancos e indias.

Thesouraria Federal, as Igrejas da Conceição, Remedios, S. Sebastião, o Hospital militar, o Hospital da misericordia, o Instituto de Educandas, o Instituto Benjamim Constant, os Armazens do Estado, o Mercado Publico, o Quartel de Artilheria, e o novo Deposito e mais construcções para o fornecimento de agua á Capital.»

«Em via de execução e em projecto existe um grande numero de trabalhos, taes como o novo Palacio do Governo de um traçado explendido, o Forum, a Penitenciaria, algumas pontes e jardins.»

«No principio d'este anno foi installado um observatorio meteorologico munido dos instrumentos os mais perfeitos vindos de Paris e Londres.

«Manáos possue como sede do Governo do Estado as principaes repartições estaduaes e federaes, como a Thesouraria, a Alfandega, Recebedoria, Obras Publicas, Instrucção publica, e Tribunal superior de justiça.»

«Alem d'isto tem uma Bibliotheca publica, Companhia de Bombeiros, varias instituições de caridade, um Azylo de orphãos, um Instituto mechanico, Estação telephonica, hoteis etc.... »

«A illuminação publica é feita actualmente pelo Gaz-globo, mas brevemente deve estar illuminada pela electricidade.»

Compare o leitor estas breves notas sobre o Manáos de hoje com as de Baena, recorde-se do que já atraz disse sobre as rendas d'este Estado, e reconhecerá que a pequena villa da Barra, apenas transformada em capital de Estado em 1852, que apenas tinha em 1867 seis mil habitantes, e a Provincia uma renda de cerca de 200 contos, e hoje conta 20 mil habitantes, uma renda estadual de 6 mil contos, tem caminhado e crescido rapidamente apresentando uma linda cidade moderna no local em que tiveram suas tobas os Indios Manáos e Passés, e ficará persuadido de que no fim de seculo que breve vae começar elle será uma das grandes cidades da America do Sul.

PLANTA
DA CIDADE DO PARÁ
Mandada levantar pela Vereação do Quatrienio de 1883-1886
Pelo Engenheiro da Camara
MANOEL ODORICO NINA RIBEIRO
Escala de 1: 24 000
RIO GUAJARÁ
Estrada de ferro Bragança
Linhas de Bonds bitola larga
estreita
1 Palacio do Governo
2 Palacio-Thesouro, Forum
Intendencia, Junta Commercial
Camara dos Deputados
3 Recebedoria de Rendas
4 Mercado Publico
5 Alfandega
6 Correio
7 Chefia de Segurança
8 Corpo de Infanteria
9 4º de Artilheria
10 Cadeia Publica
11 Gasometro
12 Theatro
13 Arsenal de Marinha
14 Guerra
15 Liceu Paraense Benjamin Constant
Museu
16 Escola Normal
Collegio do Amparo
17 Seminario do Carmo
18 Bolsa
19 Banco do Pará
20 Banco Emissor
de Belem
21 Banco da Republica
London and Brazilian
22 Banco Commercial
23 Hospital Ordem 3ª
24 Santa Casa
25 D Luiz 1º
26 Quartel do 15º Infanteria
27 Igreja da Sé
28 de S. Alexandre
29 do Carmo
30 Rosario dos Brancos
31 Sant Anna
32 Rosario da Campina
33 da Trindade
34 das Mercês
35 de S. Antonio
36 de Nazareth
TERRENOS BAIXOS
PRAÇA
Largo de S. Braz
Terrenos do Seminario
Terrenos de Jupalituba
Terrenos da Sacramenta
Terrenos Mata-tebeu
BOULEVARD
ESTRADA DE CIRCUMVALLAÇÃO
Pedreira
Bosque
Angulo alhervado

NOTAS

NOTAS

Nota 1 — pagina 20.

O marco collocado na foz do rio Oyapoc pelo Imperador Carlos V, a existencia do qual tem sido por alguns posta em duvida, é quanto a mim indiscutivel pois que a vemos attestada por Bernardo Pereira de Berredo, Capitão General do Estado de Maranhão, em seus annaes publicados em 1749, pagina 7 da 2.ª edição. Ainda o M. S. de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre — Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte —. O Compendio das Eras do Pará por Ladislau Monteiro Baena (1838) pag. 209, e mais especificadamente tratada pelo mesmo a pag. 7 da memoria que a mesmo Baena apresentou ao Instituto Historico do Rio de Janeiro em 1846 sobre — A intrusão dos francezes nas terras do Cabo do Norte.

Baena diz — que em 1823 expedio o Governador do Pará o Capitão João Paes do Amaral, um dos officiaes encarregados de, todos os annos em epochas proprias, observar o littoral e os rios que n'elle desemboccam, e o que n'esse territorio occorresse, acompanhado de uma escolta a descobrir o padrão ou marco que o Imperador Carlos V mandara collocar na foz do rio Oyapoc, e recolhendo-se elle de sua Guarda-costa em fins de Dezembro noticiou que vira tranchado no cabeço na Montanha d'Arjan situada ao occidente do Cabo de Orange, um padrão de marmore branco tendo uma legenda na parte immediata ao plintho datada de 1543 que declarava abalisar os dominios de Hespanha dos de Portugala o Oeste do meridiano da Ilha de Santo Antão a mais septentrional do Archipelago de Cabo Verde, segundo a

linha de demarção determinada em Tordesillas no anno de 1494 e confirmada pelo Papa Alexandre VI; e como d'este achamento não apresentara uma escriptura authentica que o provasse como convinha, o Governador incumbio d'esta diligencia o Sargento-mór Francisco de Mello Palheta, o qual, dando um desenho feito por Constantino Leal coadunado com o Termo de Vistoria, que mandou lavrar aos 13 de Maio de 1827 na presença da tropa do Guarda-costa e de um Alferes de Cayena, mostrou que em logar do padrão com as Armas de Portugal só existiam nove pedras com a superficie superior figurada pelo modo que representa a estampa adunada aos Documentos que produzo em prova de quanto refiro e vai debaixo do N.º VI. A regularidade das figuras e a sua diversidade nas ditas pedras induziram no animo do Governador Gama suspeita de que mão franceza teria operado aquelles riscos. N'esse momento lhe chegou Alexandre de Souza Freire seu successor no bastão, deu-lhe parte de tudo e de qual era verdadeiramente seu modo de pensar sobre este artigo. Partio a novo exame o Capitão Diogo Pinto de Gaya, e do que vio com toda a sua partida mandou fazer Termo de Vistoria, e desenhar as pedras pelo soldado Damaso Batiller aos 10 de Junho de 1728; como se pode ver do Documento N.º VII.

A confrontação dos dous desenhos patenteou uma dessemelhança, pela qual se ajuisou que a mesma ou outra mão practicara diverso ideal na delineação das figuras.

Note-se que esta noticia escripta por Baena merece toda a attenção, não só pelo caracter sisudo do escriptor, como porque a foi tirar dos documentos existentes nos archivos do Governo no Pará onde teve ampla permissão para pesquizar, e sabe-se que este archivo era um dos mais ricos do Brazil e tanto que n'elle achou Baena materiaes para os seus bellos trabalhos tanto das Eras do Pará, como do Ensaio Chorographico.

Nota 2 — Pagina 234.

Hoje toda a região acima e abaixo do rio Jauaperis na extensão de quarenta legoas pouco mais ou menos, é deminada pela tribu de indios conhecidos pelo nome de Jauaperis ou Uamirys, o seu numero tanto quanto parecia era crescido e suppunha-se alcançar a 3 mil.

Tem adquirido uma certa nomeada esta tribu pelos roubos e roubos que tem commettido sobre viajantes que surprehendem em numero insufficiente para lhes resistir, ou desarmados.

Em 1868 em noute de luar estive eu, quando presidente do Amazonas, em uma praia fronteira a villa de Moura chamada dos Jauaperis, não sendo atacado não obstante saber no dia seguinte estarem elles muito proximo, o que attribui a ir em uma lancha a vapôr com

bastante gente. N'esse anno atacaram elles diversas canôas, e em 1873 atacaram em força a villa de Moura, e a tomaram tendo havido bastantes mortes refugiando-se os habitantes em uma ilha fronteira.

Em 1874 atacaram novamente a villa, mas sendo prevenidos os moradores só mataram uma familia no Paraná Ayssú onde desembarcaram. Em 1875 ainda mais uma vez atacaram a villa tendo atravessado para a praia chamada do Capitão, mas foram repellidos pelo destacamento de tropa alli existente e pelos moradores, foi prolongada a lucta pois os indios batiam-se valentemente auxiliados por suas mulheres que lhes traziam flexas, retiraram finalmente com grandes perdas mas levando seus mortos e fèridos, infelizmente uma lancha a vapôr de flotilha de guerra do Amazonas cortou-lhes a retirada mettendo a pique as canôas e perseguindo as tripulações.

As suas depredações abrangem as duas margens do rio Jauaperis, e a margem esquerda do rio Branco até abaixo da praia do Jacaré quasi em frente á povoação de Moura-pinima.

Ha cerca de dez annos o sr. Barbosa Rodrigues que, como naturalista tantos serviços prestou ao Estado do Amazonas, conseguiu estabelecer communicações com esta tribu, cujo verdadeiro nome então se soube ser Crichanás, e desde então deixaram elles de hostilisar os moradores, tendo o snr. B. Rodrigues ido ás suas malocas, e apezar de algumas traições que ás vezes fazem, estão já em relações com os brancos.

Nota 3 — Pag. 342.

Ajuricala foi o chefe mais celebre dos indios Manáos que ao serviço dos hollandezes hostilisou constantemente os portuguezes, chegando a levar comsigo os indios que já estavam aldeados por estes, para os estabelecimentos hollandezes.

Baena trata este chefe indio de *façanhoso em crimes.* Não o entendo eu assim: senhor com sua tribu de uma vasta região em que vivia socegado, vio-a invadida sem motivo pelos portuguezes; de animo levantado era natural que lhes resistisse buscando auxilio n'aquelles que como elle eram inimigos dos portuguezes, tanto mais que os morticinios praticados nos indios do Amazonas pelos portuguezes com inaudita crueza, não lhe deviam aconselhar tal amizade. Deu-lhes batalhas navaes e se não fôra o auxilio de outras tribus muito sangue portuguez teria custado sua subjugação.

Vencido afinal pelo numero e carregado de grilhões, preferiu morrer atirando-se ao rio carregado de cadeias a viver escravo dos seus inimigos.

Para os invasores era um indio criminoso, para os seus será sempre um heroe, e com justa razão.

Nota 4 — pagina 382.

Em relação á data da fundação da cidade de Belem creio não dever haver duvida em que ella teve logar em 1616, pois se Berredo em seus annaes se exprime pela forma que abaixo transcrevo e que faz suppor que teve logar em 1615, mais credito me parece merecer a *Relação apresentada pelo capitão Andrés Pereira* que de ordem do general que foi ao dito descobrimento, passou a Hespanha a dar conta a S. M. de tudo quanto se deu n'aquella viagem e se narra na dita relação.

Diz Berredo no § 402: Passados poucos dias nomeou Alexandre de Moura a Jeronymo de Albuquerque por capitão-mór da conquista de Maranhão que lhe tocava como propria; e ao mesmo tempo Francisco Caldeira de Castello Branco, com egual patente para o descobrimento do Gram-Pará, famoso rio das Amazonas, de que já tinha bastantes noticias de Ravardière.

403: Para esta nova expedição e progressos d'ella, deu todas as providencias que lhe pareceram necessarias; e ajudado muito da actividade do seu commandante, se fez á vela da mesma bahia do Maranhão, avançado já o mez de Novembro, com a força de duzentos soldados, (anno de 1615), e mais petrechos, que correspondiam a uma tal empreza, a bordo tudo de um pataxo, um caravellão, e uma lancha grande, de que eram capitães Pedro de Freitas, Alvaro Neto, e Antonio da Fonseca.

406: Sem a menor opposição, no dia 3 de Dezembro, etc........

Nos paragraphos precedentes a este, já Berredo dissera que escolhera o sitio mais conveniente para praça de armas de sua conquista, a que chamara logo Grão-Pará.

Vamos a vêr o que encontramos no livro publicado pelo escriptor Marcos Ximenes de la Espada, intitulado: *Viagem do capitão Pedro Teixeira. Aguas arriba del rio de las Amazonas.*

Diz o seguinte em uma nota na primeira pagina: *Relação do que ha no grande rio das Amazonas, anno de 1616.*

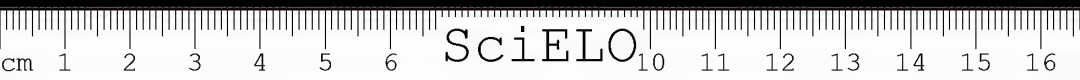
«Primeiramente depois que o capitão-mór Alexandre de Moura deu fim no Maranhão ao que tocava ao serviço del Rey em deitar fóra o inimigo como fez, e tendo a terra pacifica, e povoadas as fortalezas como lhe pareceu necessario, poz por obra mandar fazer este novo descobrimento do grande rio das Amazonas (sic), e para tambem se saber o que havia no Cabo do Norte, conforme a ordem que para isto levava do Governador Geral do Brazil, Gaspar de Souza; e assi mandou 150 homens em tres companhias e por capitão mór d'ellas a Francisco Caldeira Castello Branco em tres embarcações.

«*Partimos para esta jornada dia de Natal passado em que se deu principio a esta era de 1616, correndo sempre a costa,*» etc..........

O leitor aprecie esta affirmação precisa do dia de partida em 25

de Dezembro de 1815 que não permitte o suppor que chegasse a expedição ao Pará antes de ter começado o anno de 1616. Narração escripta na mesma occasião por um capitão Andrés Pereira que com outro emissario Antonio Martins foram mandados para apresentar a relação d'ella a El-Rey.

Não podemos suppor que fosse escolhido alguem sem importancia para uma tão honrosa commissão, nem tão pouco que commettesse o commissario que fizera parte pessoalmenie da expedição um erro tão capital com o da data da chegada em um documento que forçosamente antes de ser apresentado a El-Rey havia de ser lido por Alexandre de Moura que ordenara a expedição.

O escriptor fez parte da expedição, escreve-a no anno de 1616: forçadamente me merece mais credito sua narração de que a de Berredo, escripta mais de cem annos depois.

INDICE

CAPITULO I — A Amazonia

CAPITULO II — Os tributarios do Amazonas. Margem direita

CAPITULO III — Os Tributarios do Amazonas. Margem esquerda

CAPITULO IV — Ilhas e Lagos

CAPITULO V — Progresso e Desenvolvimento das Regiões Amazonicas

MAPPAS: